



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

LUCÉLIA NEVES DOS SANTOS

**ARRANJOS PRODUTIVOS DO COCO DE BABAÇU E QUALIDADE DE
VIDA NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO - TO**

PALMAS - TO
2012

LUCÉLIA NEVES DOS SANTOS

**ARRANJOS PRODUTIVOS DO COCO DE BABAÇU E QUALIDADE DE
VIDA NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO - TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Regional.
Orientador: Dr. Waldecy Rodrigues.

**PALMAS - TO
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins

S237a Santos, Lucélia Neves dos.
Arranjos produtivos do coco de babaçu e qualidade de vida na
Região do Bico do Papagaio –TO / Lucélia Neves dos Santos. - Palmas,
2012.

244f

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) –
Universidade Federal do Tocantins, Programa de Mestrado em
Desenvolvimento Regional, 2012.

Orientador: Waldecy Rodrigues

1. Economia ecológica - Tocantins. 2. Extrativismo vegetal - Babaçu.
3. Políticas Públicas. 4. Qualidade de vida. I. Título.

CDD 333

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

LUCÉLIA NEVES DOS SANTOS

ARRANJOS PRODUTIVOS DO COCO DE BABAÇU E QUALIDADE DE VIDA NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO - TO

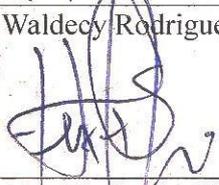
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Regional.
Orientador: Dr. Waldecy Rodrigues.

Aprovada em 21/12/2012.

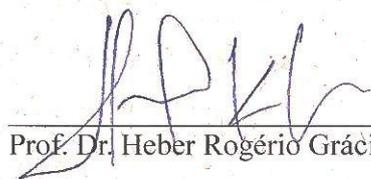
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Waldecy Rodrigues (Orientador)



Prof. Dr. Alex Pizzio da Silva (UFT/PGDR)



Prof. Dr. Heber Rogério Grácio (UFT)

Ao meu querido Avô, Arlindo Antônio da Mota Neves, pelos ensinamentos repassados sobre a natureza.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Universidade Federal do Tocantins, por ter me possibilitado à realização do curso de Pós-graduação de Mestrado em Desenvolvimento Regional.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de auxílio financeiro.

Aos meus pais, Daltro Santos e Laís Marinho, pelo amor, apoio irrestrito e incentivo.

Às minhas irmãs Laci, France, Luci-Léa e ao meu irmão Célio; às primas Vanessa – pela ajuda na aplicação dos questionários da pesquisa –, Eloiza e Tereza; às Tias Nair e Terezinha, assim como à grande amiga Laene – que também auxiliou na aplicação do questionário; ao Seu Borges, motorista da Tobasa, que desbravou toda a zona rural do Bico do Papagaio/TO.

Ao meu amor Edmond Baruque Filho, pelo apoio constante, carinho e paciência. À Tobasa Bioindustrial de Babaçu, pelo apoio logístico na execução da pesquisa e pela disponibilização de automóveis, funcionários e informações.

Aos meus colegas de mestrado da turma 2010-2, às amigas de fé Jaqueline, Wana e Telma, assim como a todos os professores, em especial ao Professor Alex Pizzio – meu Co-orientador.

Ao Professor Waldecy Rodrigues, pela orientação, fundamental ao desenvolvimento deste trabalho e ao meu desempenho no mestrado.

A Deus Pai, fonte de amor incessante, e à Nossa Senhora de Fátima, vida, doçura e esperança...

*“A vida pode ser compreendida olhando-se para trás;
mas só pode ser vivida olhando-se para frente”.*

Kierkegaard

RESUMO

A extração vegetal é a atividade mais tradicional na região do Bico do Papagaio/TO, especialmente a exploração de madeiras e a do coco de babaçu. A ocorrência da palmeira *Attalea* spp., sinonímia *Orbignya* spp., conhecida como babaçu, oferece ocupação e complemento de renda para centenas de famílias por meio do seu extrativismo. Neste estudo, utilizaram-se questionários e entrevistas para mensurar o índice de condições de vida – ICV das quebradeiras, dos catadores e dos artesãos que trabalham na atividade do coco de babaçu na referida região, com objetivo de identificar os modelos extrativistas de babaçu existentes, comparando-os, entre si, de forma a analisar e a identificar qual(is) deste(s) modelo(s) podem trazer uma melhor qualidade de vida para as comunidades envolvidas. Nos resultados e discussões deste estudo, constatou-se que, dentre os modelos de aproveitamento de babaçu analisados e comparados, o modelo do projeto Arte Norte dispõe de melhor qualidade de vida para os artesãos envolvidos.

Palavras chave: Economia ecológica, Extrativismo vegetal, Políticas Públicas, Qualidade de vida.

ABSTRACT

The extraction plant is the most traditional activity in the Bico do Papagaio/ TO, especially the exploitation of timber and babassu oil. The occurrence of palm *Attalea* spp., *Synonymy Orbignya* spp., Known as babassu, occupation and provides additional income for hundreds of families through its extraction. In this study, we used questionnaires and interviews to measure the index of living conditions - ICV of breakers, the collectors and artisans working in the babassu coconut activity in that region, aiming to identify models extractive babassu existing comparing them with each other, in order to analyze and identify which one (s) thereof (s) model (s) can bring a better quality of life for the communities involved. In the results and discussion of this study, it was found that among the models use babassu analyzed and compared, the project model Arts North, offers better quality of life for the artisans involved.

Key words: Ecological Economics, Extraction plant, Public Policy, Quality of Life.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGERP-MA: Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural do Maranhão.

APA-TO: Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins

ASMUBIP: Associação Regional Mulheres Trabalhadoras Rurais

CENTRU-MA: Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural

COAPIMA: Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas no Maranhão

EMBRAPA COCAIS-MA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBio: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

MDA: Ministério do Desenvolvimento Agrário

MMA: Ministério do Meio Ambiente

MIQCB: Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu

SEAGRO-TO: Secretaria da Agricultura, da Pecuária e do Desenvolvimento Agrário

SEPLAN: Secretaria do Planejamento do Tocantins

SETAS-TO: Secretaria de Trabalho e Assistência Social

UFT: Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1	Economia ecológica e Modelos de Desenvolvimento.....	19
2.2	Desenvolvimento Comunitário, Capital Social no Agroextrativismo.....	26
2.3	O Plano Nacional da Sociobiodiversidade.....	28
3	METODOLOGIA	33
3.1	Caracterização socioeconômica da cadeia produtiva do babaçu.....	34
3.2	Diagnóstico socioambiental dos arranjos produtivos pesquisados.....	34
3.3	Cálculo do ICV dos arranjos produtivos pesquisados.....	39
3.4	Comparação das principais dimensões dos arranjos produtivos pesquisados	43
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	44
4.1	Cadeia produtiva do coco de babaçu no Brasil.....	44
4.2	Catadores e Quebradeiras de Coco com relação comercial com a Tobasa Bioindustrial de Babaçu.....	52
4.2.1	Histórico da Tobasa Bioindustrial de Babaçu.....	52
4.2.2	Análise socioambiental dos catadores da Tobasa.....	67
4.2.3	Análise socioambiental das quebradeiras da Tobasa.....	92
4.3	Agroextrativistas do Assentamento Sete Barracas.....	116
4.3.1	Histórico do Assentamento Sete Barracas – São Miguel/TO	116
4.3.2	Análise socioambiental dos agroextrativistas do Assentamento Sete Barracas	124
4.4	Artesãs do coco babaçu do Projeto Arte Norte	150
4.4.1	Histórico do Projeto Arte Norte (inserido no Programa Talentos do Brasil)..	150
4.4.2	Análise socioambiental das artesãs do Projeto Arte Norte.....	155

4.5	Comparação da qualidade de vida das experiências de trabalho com o coco de babaçu.....	175
5	CONCLUSÃO.....	197
	REFERÊNCIAS.....	199
	ANEXOS.....	203

1 INTRODUÇÃO

A Amazônia Legal Brasileira é formada por nove Estados – Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, e parte do Maranhão (a oeste do meridiano de 44°). Possui uma área total de 5.217,423 km², representando cerca de 60% do território brasileiro, com uma população total de 25,1 milhões de habitantes, sendo 68,2% urbana e 31,8% rural, cuja densidade demográfica é de 6,02 habitantes por km² (IBGE, 2012).

A Amazônia Legal é um mosaico de fitogenias e diversidade biológica com seus 18 bilhões de árvores, adicionando-se a isto um mosaico de povos, culturas e etnias. Nela estão localizados os cocais ou babaçuais, com maior ocorrência nos estados do Maranhão, Tocantins, Mato Grosso e Pará.

As pessoas que moram nas áreas rurais, formadas em sua maioria por povos, comunidades tradicionais e agricultores familiares, dependem dos recursos naturais para a sua sustentação. Porém, suas condições de vida, muitas vezes precária, e, o analfabetismo, distanciam estas pessoas do processo de inclusão social e de oportunidades dignas para melhorar a sua qualidade de vida.

A Mesorregião do Bico do Papagaio compreende 66 municípios (25 no Pará, 16 no Maranhão e 25 no Tocantins), distribuídos em oito microrregiões, com área total de 140.109,5 km² e com população de 1.436.788 habitantes (IBGE, 2012).

A partir da década de 1960, com a construção de Brasília e a abertura da rodovia Belém–Brasília, esta Mesorregião passou a sofrer grandes modificações em sua base produtiva. Os programas governamentais implantados nos anos 1970, como o Poloamazônia e o Polocentro, promoveram o aumento da fronteira econômica, acelerando o processo de modernização agrícola com a introdução de novas tecnologias. No entanto, a despeito dessas iniciativas, esse modelo de desenvolvimento produziu algumas sequelas significativas, como a concentração fundiária e as disputas de terras e a expulsão de pequenos produtores para os centros urbanos (BRASIL, 2010).

A extração vegetal é a atividade mais tradicional na região, especialmente a exploração de madeiras e a do coco de babaçu. A ocorrência da palmeira *Attalea* spp.,

sinonímia *Orbignya* spp., conhecida como babaçu, oferece ocupação e complemento de renda para centenas de famílias por meio do seu extrativismo.

As áreas de babaçu estimadas no país estão localizadas nos seguintes estados: Maranhão 69,1%, Piauí 6,9%, Mato Grosso 8,6%, Tocantins/Goiás 4,0%, Minas Gerais 5,7% e outros estados 4,0%. Os babaçuais estão presentes principalmente nos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Ceará, somando uma área de 18,5 milhões de hectares com potencial de geração de renda para muitas famílias (MDA, 2011). Estes dados demonstram o quanto é expressiva a função das florestas de babaçu na conservação das espécies animais e vegetais, pois a presença da palmeira do coco de babaçu apresenta alta relevância nos aspectos sociais, econômicos e ambientais, pois o extrativismo do babaçu tem sua representatividade na cultura local, além de gerar ocupação e complemento de renda para as famílias localizadas nas referidas áreas de ocorrência.

O manejo do babaçu ocorre nas entressafras de outras culturas agrícolas da região, aproveitando a mão-de-obra local e reduzindo o êxodo rural.

Este contexto também favoreceu a implantação de várias indústrias de processamento de coco de babaçu, nas áreas de principal ocorrência desse fruto, como nos estados do Maranhão, Piauí e antigo norte de Goiás, hoje Tocantins.

O número de indústrias de babaçu instaladas no Maranhão, entre as décadas de 50 e 60, era de, aproximadamente, 50 empresas de médio e grande porte. Atualmente, existem menos de 10 indústrias em atividade, localizadas nos estados do Tocantins (Tobasa Bioindustrial de Babaçu S/A) e no Maranhão (Oleama, FC Oliveira, Saponóleo, Iovesa e Sabão Princesa), onde a presente realidade demonstra claramente os efeitos que a redução da produção de babaçu causou para o setor.

Atualmente, são estimadas 200 mil famílias envolvidas com a atividade de babaçu, seja na quebra e na cata do coco, vendendo para as indústrias ou atravessadores, organizadas ou não em cooperativas. Estas comunidades cumprem papel relevante de conservar as florestas de babaçu, apesar da convivência com os conflitos fundiários, do não cumprimento da Lei Nº 1.959, de 14 de agosto de 2008 – conhecida como Lei do Babaçu Livre, das queimadas descontroladas, dos desmatamentos e, em função da pecuária extensiva e da implantação de grandes empreendimentos para produção de soja, cana de açúcar, eucalipto e, ainda, das usinas hidroelétricas e termoelétricas, entre outros.

May (1990) concluiu que não reconhecer a utilidade de espécies naturais, como a palmeira de babaçu, assim como a função do extrativista, significa ignorar o potencial desses recursos no processo de desenvolvimento. É necessário ressaltar também que o babaçu é uma palmeira cujo porte possibilita o aproveitamento de espaço para o desenvolvimento de outras culturas alimentares, aumentando as possibilidades de áreas produtivas.

Portanto, as comunidades que trabalham com a cata e a quebra do coco de babaçu, através de associações, cooperativas, organizações não governamentais (entre outras), demandam acompanhamento e orientação que possam promover e fortalecer essa cadeia produtiva, com o uso racional do coco e a conservação da palmeira, pois a baixa escolaridade ainda é um fator presente nas comunidades extrativistas que interfere na compreensão dos extratores quanto aos procedimentos burocráticos que acompanham a implementação de políticas ou projetos para benefício da cadeia produtiva do babaçu.

O coco de babaçu possibilita várias alternativas de aproveitamento, que são fundamentais para o surgimento de investimentos através de instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais, comprometidas com a sustentabilidade da mesorregião do Bico do Papagaio e que, ainda favoreça o desenvolvimento dessa região com a implementação de políticas públicas considerando os aspectos culturais, sociais, econômicos e ambientais da Amazônia Legal.

Este trabalho tem como principal objetivo identificar os modelos extrativistas de babaçu existentes, comparando-os, entre si, de forma a analisar e a identificar qual(is) deste(s) modelo(s) podem trazer uma melhor qualidade de vida para as comunidades agroextrativistas.

Neste contexto, por meio dos objetivos específicos, pretende-se: i) Comparar na relação com a indústria as vantagens e as desvantagens em ser “catadores de coco” ou “quebradeiras de coco; e ii) Investigar a produção de amêndoas e algumas frações derivadas do coco de babaçu por associações e/ou cooperativas.

No Brasil, o aproveitamento integral do coco de babaçu ainda é restrito às indústrias, que o consideram viável economicamente e ambientalmente. Neste sentido, é fundamental, para as comunidades extrativistas, identificar, dentro dos modelos de aproveitamento do coco de babaçu praticados atualmente, qual destes pode proporcionar melhor qualidade de vida e, conseqüentemente, possibilitar a ampliação da conservação das florestas naturais de babaçu.

Para diagnosticar a cadeia produtiva do babaçu, foram utilizadas pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação participante e entrevistas estruturadas e semiestruturadas. Neste sentido, para mensurar o índice de condições de vida (ICV) dos extrativistas de babaçu residentes no Bico do Papagaio (tocantinense), foram aplicados questionários conforme as dimensões: ambiental, renda mensal, habitação, saúde, escolaridade e capital social.

O trabalho tem a seguinte estrutura: em primeiro lugar, é feita uma revisão bibliográfica dos principais elementos teóricos a serem utilizados ao longo do trabalho. Assim, parte-se do pressuposto que, a partir do diálogo estabelecido entre autores seminais da Economia Ecológica – Martinez Alier, Georgescu-Roegen –, do Ecodesenvolvimento – Ignacy Sachs - com autores ligados a concepções humanistas de desenvolvimento, tais como Armatya Sen e Karl Polanyi, é possível compreender como são as experiências e perspectivas de desenvolvimento a partir dos atores, seus olhares e experiências.

Posteriormente, trata-se do conceito de desenvolvimento comunitário, enquanto um elemento específico do processo mais ampliado de desenvolvimento, e sua relação com o capital social, considera a realidade específica do agroextrativismo. A seguir é apresentado o Plano Nacional da Sociobiodiversidade, onde a atividade econômica do babaçu é um elemento constitutivo. Posteriormente, é apresentado um diagnóstico da cadeia produtiva do babaçu no Brasil, em particular no Estado do Tocantins.

Nos resultados e discussões, em primeiro lugar é apresentado um diagnóstico da cadeia produtiva do babaçu, em segundo lugar, partiu-se deste diagnóstico para as análises socioambientais dos arranjos produtivos do coco de babaçu, separados em grupos de: i) catadores de quebradeiras de coco de babaçu que comercializam com a indústria Tobasa, ii) agroextrativistas da Comunidade Sete Barracas, e iii) artesãos do Projeto Arte Norte. E, em terceiro lugar, confrontar as principais dimensões dos arranjos produtivos pesquisados.

Assim a pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas: i) Caracterização socioeconômica da cadeia produtiva do babaçu, ii) Diagnóstico socioambiental dos arranjos produtivos pesquisados, iii) Cálculo do ICV dos arranjos produtivos pesquisados e iv) Comparação das principais dimensões dos arranjos produtivos pesquisados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Economia Ecológica e Modelos de Desenvolvimento

Nas décadas de 60 e 70, a questão ambiental e o desenvolvimento sustentável foram inseridos na agenda econômica mundial, originando as discussões acerca da Economia Ecológica, que Alier (2007, p.45) denomina como, “[...] um campo de estudos transdisciplinar estabelecido em data recente, em que observa a economia como um subsistema de um ecossistema físico global e finito”. Neste sentido, questionamentos sobre a sustentabilidade da economia são levantados em função dos impactos ambientais causados pela disputa por energia, recursos naturais e crescimento demográfico.

De fato, para Alier (1998, p.268) uma economia ecológica “[...] usa os recursos renováveis (água, pesca...) com um ritmo que não exceda sua taxa de renovação, que usa os recursos esgotáveis (petróleo...) com um ritmo não superior ao de sua substituição por recursos renováveis (energia fotovoltaica...)”. Compreende-se a economia ecológica como um experimento fora da economia clássica, que considera da mesma forma aspectos biofísicos e éticos, bem como valores que a sociedade possui para conservar-se o grande meio de sobrevivência que é a Terra. Dentre os princípios da economia ecológica, a conservação das diversidades biológica, silvestre e agrícola são prioridade, e, ainda, a preocupação com a quantidade de resíduos que o ecossistema pode reciclar.

Segundo Alier (1998), a economia ecológica se relaciona com várias questões, valendo ressaltar que, dentre as referidas questões, algumas têm relação direta com esta pesquisa, e outras, de forma indireta, as quais se destacam:

- ✓ Equidade com sustentabilidade – riqueza e pobreza destroem os recursos naturais, onde os conflitos distributivos são empecilhos para o alcance da economia ecológica.
- ✓ Os movimentos ecológicos – têm função relevante na luta em prol do bem estar da população [...] através de protestos cívicos.
- ✓ Os instrumentos da economia ecológica – inicialmente, mudar a estrutura de consumo e as tecnologias, estabelecendo objetivos para minimizar as emissões contaminantes e o uso dos recursos, por meio de discussões científico-políticas democráticas e acessíveis. Tais objetivos podem ser atingidos com a intervenção de: a) proibições

legais e multas ou outras sanções; b) incentivos e penalidades econômicas (o caso da poluição com garrafas de plástico), mercados de licença de contaminação, assim como a implantação de imposto sobre a extração em pedreiras. Os referidos instrumentos norteariam a economia rumo à economia ecológica.

- ✓ Política ambiental estabelecida por acordo – a administração pública, em seus vários segmentos, poderia priorizar grupos de consumidores que são abertos às mudanças no modo de vida ou já o fizeram (adeptos ao ciclismo, energia solar, consumidores de produtos ecológicos e restauração de moradias etc.).

Na década de 70, o economista romeno Nicholas Georgescu-Roegen, em sua obra “The Entropy Law and the Economic”, fez uma abordagem sobre a termodinâmica e a economia, criticando a própria economia como mecanicista, e que nesse processo esta não considera os limites dos recursos oferecidos pela natureza. Sob essa ótica, a escassez dos recursos naturais são limitadores do desenvolvimento econômico, e a humanidade precisa redefinir suas estratégias de utilização dos recursos naturais para que o planeta não entre em desequilíbrio por completo. Portanto, para a conservação dos babaquais da região do Bico do Papagaio também deve ser estabelecido um plano levando em consideração o limite desse recurso natural e o quanto o extrativismo do babaçu representa economicamente, ainda que a renda adquirida nesta atividade não supra na totalidade as necessidades das famílias.

Embora Georgescu-Roegen não utilizasse o termo economia ecológica, o alerta, em relação à natureza como um limitante do processo de desenvolvimento econômico, condiz com os princípios da economia ecológica, enquanto ser um campo que se preocupa com as relações econômicas, sociais e ambientais.

O desenvolvimento pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam, bem como ressalta Sen (2000), mas o acesso a essas liberdades, que são essenciais ao processo de desenvolvimento, ainda restrito a muitos da sociedade, e quase é inacessível à boa parte das comunidades, povos tradicionais e agricultores familiares, principalmente aquelas que estão numa localização geograficamente remota, como no caso das comunidades agroextrativistas localizadas na mesorregião do Bico do Papagaio.

Neste sentido, pode-se questionar se os serviços de habitação, saúde e educação e a inserção aos mercados de trabalho estão disponíveis a todas as classes sociais, assim como o

direito de participar de debates, discussões e avaliações de políticas públicas, ou seja, a participação nas questões sociais. E, desse modo, “[...] o mundo atual nega liberdades elementares a um grande número de pessoas – talvez até mesmo à maioria. SEN (2000, p. 18)”.

“Historicamente, [...], a ideia de desenvolvimento tem sido dissociada das estruturas sociais, ignorando as aspirações dos grupos constitutivos da sociedade, e por essa razão tem tido um caráter economicista (CECHIN, 2010, p. 175)”. No entanto, é fundamental que o processo de desenvolvimento considere a relação do homem com o meio (recursos naturais), na busca de fortalecer seus potenciais para satisfazer necessidades e ampliar perspectivas.

Martinez Alier (1998, p.101) ressalta “[...] que com grande êxito introduziram a expressão *Sustainable Development* na política internacional, [...]” e, depois, a Comissão de Brundtland das Nações Unidas queria combinar, conscientemente, essas duas ideias: desenvolvimento econômico e capacidade de sustento”. No campo teórico, combinar as ideias de desenvolvimento econômico e capacidade de sustento é algo exequível, mas encontrar experiências práticas que relacionem essas ideias é um desafio global. No contexto atual, buscar alternativas práticas e adequadas à realidade local torna-se substancial; no livro “O ecologismo dos pobres”, de Martinez Alier, indicam-se algumas alternativas:

- ✓ Em relação às águas, optar pela colheita de chuva através de pequenas represas, com a utilização de métodos tradicionais de irrigação baseados em tanques;
- ✓ Em relação às florestas, questionar-se sobre o controle das matas, pois entregá-las às comunidades locais seria uma alternativa mais justa e sustentável;
- ✓ E, ainda, o estímulo positivo à agroecologia nos países industrializados.

Atualmente, a palavra sustentabilidade possui vários significados que, dentre eles, fortaleceu o conceito que nos remete à sustentabilidade como alternativa para combater a degradação ambiental - discussão que associa a conservação dos recursos naturais para as gerações futuras e perspectivas de desenvolvimento.

Ao longo da história, a humanidade imaginou ter domínio sobre os recursos naturais, mas a ação antrópica persiste e distancia o homem da compreensão sobre as leis da natureza. Para Dale e Carter (1955 p. 155 apud Shumacher, 1997, p. 197): “O homem, civilizado ou

selvagem, é um filho da natureza — não o senhor dela. Tem de ajustar suas ações a certas leis naturais se quiser manter seu domínio sobre o ambiente”. O homem não percebe que ultrapassar os limites sinalizados pela natureza tem impacto direto na sua permanência no planeta. E, assim, utiliza o solo e a vegetação, causando a desertificação e o desaparecimento de espécies animais, e isto se traduz como o processo de civilização, todavia, gerou mais conflitos do que qualidade de vida para a população mundial.

Entretanto, para intervir na questão ambiental, dever-se-ia, primeiramente, sensibilizar as pessoas quanto ao conceito de sustentabilidade, levando-as à reflexão no que se refere à sua relação com a natureza, a qual também faz parte. Para tanto, é imprescindível compreender os pilares nos quais o desenvolvimento sustentável está estruturado e as mudanças necessárias em prol do desenvolvimento e da conservação dos recursos naturais.

Segundo Sachs (2008), os cinco pilares do desenvolvimento sustentável são: 1 - Social, é fundamental por motivos tanto intrínsecos quanto instrumentais, por causa da perspectiva de ruptura (ruptura) social que paira de forma ameaçadora sobre muitos lugares problemáticos do nosso planeta; 2 - Ambiental, com as suas duas dimensões (os sistemas de sustentação da vida como provedores de recursos e como “recipientes” para a disposição de resíduos); 3 - Territorial, relacionado à distribuição espacial dos recursos, das populações e das atividades; 4 - Econômico, sendo a viabilidade econômica a *condition sine qua non* para que as coisas aconteçam; 5 - Político, a governança democrática é um valor fundador e um instrumento necessário para fazer as coisas acontecerem; a liberdade faz toda a diferença.

Os referidos pilares estão intrinsecamente ligados e interferem, de modo simultâneo, nas condições de vida humana, mas deve-se oferecer ao pilar “ambiental” uma atenção diferenciada, em função dos recursos naturais disponibilizarem tantos meios para se viver, e ao mesmo tempo ter o papel de receptor dos resíduos. Do mesmo modo, os princípios de igualdade, equidade e solidariedade devem estar impregnados no conceito de sustentabilidade, pois são indispensáveis e, em médio ou longo prazo, podem impactar no pensamento econômico.

Por consequência, desponta a necessidade de se incorporar estratégias que impulsionem a sustentabilidade. De acordo com Sachs (2008), “[...] teremos que desenvolver e utilizar tecnologias sustentáveis; estabilizar a população global, visando o equilíbrio econômico e a sustentabilidade ambiental; e, ainda, ajudar os países mais pobres a sair dessa

condição”. Estas são metas consideradas básicas e condicionantes para o alcance da sustentabilidade, a trajetória global, na qual a humanidade está inserida, demandando mudanças essenciais às práticas de sustentabilidade, assim como ao bom desempenho ambiental, social e econômico.

Porém, a prioridade seria voltar os esforços para cooperar com as regiões mais pobres do planeta, as retirando da situação de miséria. E, por conseguinte, atacar o problema da superpopulação, por meio do uso de tecnologias sustentáveis, que busquem agregar todas as ciências, com vistas à continuidade da existência das espécies do planeta.

Nos dias atuais, essa dinâmica permanece e ganha impulso devido às demandas construídas pela própria sociedade. O uso do solo e das pessoas está sob o domínio de grandes grupos econômicos, investidores de empreendimentos (*joint ventures*) em diversos segmentos do mercado. Contudo, é indispensável modificar a forma de utilização do solo e do processo de industrialização, através de tecnologias sustentáveis adequadas à realidade local e que busquem a permanência do homem no planeta, visando compensar ou mitigar a ação antrópica na natureza.

Para Sachs (2008), necessitamos de um comprometimento global comparável para custear a P & D em tecnologias sustentáveis, tais como energia limpa, variedades de sementes resistentes à seca, criação de peixe ambientalmente segura, vacinas para doenças tropicais, aperfeiçoamento do monitoramento remoto e da conservação da biodiversidade e muito mais.

Neste sentido, promover e socializar pesquisas e tecnologias que ofereçam segurança alimentar e saúde para as populações, e, que ainda conserve a biodiversidade, será uma medida, sobretudo inclusiva para as comunidades extrativistas de babaçu (entre outras tradicionais) da mesorregião do Bico do Papagaio, pois estas mantêm uma relação estreita com sua região, com o meio em que vivem e com o seu ambiente.

Todavia, os sistemas de produção integrada carecem de adaptações conforme sua realidade, em várias escalas, iniciando pela agricultura familiar até chegar aos grandes empreendimentos, e, dessa forma, conglomerar todos na estratégia de sustentabilidade.

Nas palavras de Sachs (2008, p. 51), todos deveriam empenhar-se em busca do “[...] aproveitamento racional e ecologicamente sustentável da natureza em benefício das populações locais, levando-as a incorporar a preocupação com a conservação da

biodiversidade aos seus próprios interesses [...]”. Pela complexidade socioambiental e geográfica das comunidades extrativistas da mesorregião do Bico do Papagaio, são substanciais os mecanismos que proporcionem desenvolvimento e conservação ambiental, adequados para sua realidade e não adotar modelos aplicados em outras regiões.

Na obra “A Grande Transformação”, Karl Polany estudou e descreveu as sociedades primitivas compreendendo o homem como “um ser social”, que articula suas ações em busca de atender as necessidades coletivas e não somente individuais. Em suas pesquisas relacionadas às primeiras civilizações, concluiu que nos sistemas econômicos o homem operava através de motivações sociais e não econômicas, e que o lucro não era o objetivo principal destas sociedades.

Por isso, Polany distingue quatro princípios de comportamento econômico associados aos modelos institucionais, que são:

Quadro 1 - Classificação das formas de organização da economia

TIPOS DE ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA	DESCRIÇÃO
DOMESTICIDADE	- Consiste na produção para uso próprio ou em grupo (em grego <i>OECONOMIA</i>)
RECIPROCIDADE	- Corresponde a relação estabelecida entre muitas pessoas por uma sequência duradoura de dons. - Obtém-se em respeito, em estima ou em reconhecimento diante dos outros membros.
REDISTRIBUIÇÃO	- O produto da atividade de cada um é partilhado com as outras pessoas que vivem com ele. - Inúmeros exemplos “mostram que a redistribuição também tende a enredar o sistema econômico propriamente dito em relações sociais”.
MERCADO	- O mercado é o “local de encontro para a finalidade da permuta o da compra e venda”.

Fonte: “Livro: A Grande Transformação” – adaptado pelo autor.

O quadro acima pode ser conferido na obra “A Grande Transformação”, onde o mesmo esclarece o modo de vida das sociedades não mercantis e o quanto a implantação de uma economia de mercado, bem como o processo de industrialização, impactaram no

desenvolvimento econômico e social da sociedade. Assim, compreende-se que os princípios dessas sociedades não eram associados meramente à economia, e sim ao bem estar em comum, por exemplo, que era a meta maior.

Com o advento da indústria no século XVIII, a adoção de tecnologias sustentáveis tornou-se um impasse diante da força do mercado, visto que “[...] a produção das máquinas numa sociedade comercial envolve uma transformação que é a da substância natural e humana da sociedade em mercadorias” (POLANY, 2000, p. 61).

Polany apresenta os três estágios que, no século XVIII, se configurou a sociedade industrial: i) comercialização do solo, ii) elevação da produção de alimentos para atender nacionalmente uma produção industrial crescente e iii) ampliação do sistema de produção excedente aos demais territórios.

O mecanismo autorregulador do mercado levou o homem e a natureza a se ajustarem à lei da oferta e da procura, tornando-os mercadorias ou produtos para comercialização. Do mesmo modo, a força de trabalho foi negociada por meio de um salário, assim como a terra poderia ser usada mediante o pagamento de um aluguel.

2.2 Desenvolvimento Comunitário, Capital Social no Agroextrativismo

O desenvolvimento comunitário intercorre, sobretudo, quando os membros de determinada comunidade internalizam e praticam alguns princípios inerentes ao capital social, (participação, confiança, cooperação, solidariedade, organização e iniciativa). Conforme Bourdieu (1999, p. 65), o conceito de capital social está baseado, no: [...] o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, [...] à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns [...], mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.

Desse modo, é através de um processo de conscientização das potencialidades e recursos de uma comunidade que se institui o capital social, o qual deve ser cultivado a partir

de objetivos que visem benefícios coletivos e relevantes para o seu desenvolvimento comunitário. Para tanto, “[...] o volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado” (BOURDIEU, 1999 p. 66).

Coleman (1998) também ressalta “[...] O conceito de capital social, como um recurso para a ação, é uma forma de introduzir a estrutura social no paradigma da ação racional. As formas de organização social são examinadas: obrigações e expectativas, os canais de informação, e as normas sociais [...]”. Partindo deste princípio, o capital social é entendido como fator preponderante ao desenvolvimento das comunidades agroextrativistas, as quais encontram obstáculos para a sustentabilidade de suas atividades, possivelmente em razão da ausência de capital social.

Para Franco (1999) “Não pode haver nenhuma espécie de desenvolvimento sem desenvolvimento social, isto é, sem a geração, ampliação ou reprodução, alteração da composição, em termos de qualidade e/ou de quantidade, daquilo que se chama Capital Social”. A busca por benefícios coletivos está intrínseca aos objetivos sincronizados, o desenvolvimento comunitário, é configurado distinto das estratégias governamentais e acontece mediante a transformação de uma comunidade. Desse modo, é possível antecipar o cenário futuro conforme a gestão social, o espírito participativo e a reciprocidade entre seus membros tornando os atores sociais protagonistas da história do seu desenvolvimento.

O agroextrativismo ocorre quando atividades como a agricultura, cultivo de árvores frutíferas, pesca etc. combinam-se com atividades extrativistas gerando o que se chama de conjunto de sistemas complexos de produção agroextrativista (WWF¹, 2012). O referido sistema é bastante praticado na região do Bico do Papagaio, em função do período de entressafra do babaçu, o qual os membros das comunidades aproveitam para cultivar e comercializar outras culturas, como o feijão, arroz, milho, frutas e hortaliças, como alternativa e única forma de garantir a renda para o sustento de suas famílias.

Neste sentido, é necessário que estas comunidades agroextrativistas compreendam a relação entre sustentabilidade e desenvolvimento, e alcance o efeito das suas ações frente à

¹ O conceito do termo agroextrativismo utilizado pela ONG WWF, encontra-se Disponível em: http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/agricultura/agr_acoes_resultados/agro/ - último acesso em 23.03.2012.

sustentabilidade das florestas de babaçu do Brasil. Assim, é concernente reconhecer o sistema agroextrativista associado ao extrativismo do babaçu como alternativa para o desenvolvimento dos povos e as comunidades tradicionais da mesorregião do Bico do Papagaio, como, também, reconhecer a relevância do serviço ambiental prestado por estas comunidades (comunidade Sete Barracas e demais comunidades de Quebradeiras de coco de babaçu distribuídas no Bico do Papagaio), promovendo a ecologização do meio rural.

Na condição em que essas comunidades encontram-se, o apoio e o investimento do setor empresarial cumprindo e praticando a responsabilidade social perante as comunidades agroextrativistas onde estão inseridas as empresas, e, ainda, com a intervenção do setor público por meio de políticas públicas, voltadas para a sustentabilidade com base na realidade local, serão estes os mecanismos primordiais para alcançar implementações que contribuam efetivamente com o seu desenvolvimento sustentável, visando projetos que impulsionem o agroextrativismo. Também é importante contemplar o aproveitamento integral do coco de babaçu, não o considerando apenas como uma oleaginosa, mas, também, como uma biomassa energética e geradora de produtos tecnológicos e de alto valor agregado, capaz de contribuir com o desenvolvimento local, de elevar a qualidade de vida das referidas comunidades e de ainda manter conservadas as florestas de babaçu da região.

Não só o babaçu, mas todos os produtos florestais carecem de atendimento às suas demandas básicas, como crédito, acesso aos mercados, capacitações gerencial, comercial e técnica, assim como o acesso às tecnologias sustentáveis que promovam agregação de valor aos produtos e melhoria de qualidade de vida para as comunidades agroextrativistas.

2.3 O Plano Nacional da Sociobiodiversidade

O Governo federal participou da “Convenção de Diversidade Biológica” no ano de 2002 e aprovou a Política Nacional de Biodiversidade pelo Decreto 4.339 de 22/08/2002. E, posteriormente, alguns eventos de consultas realizados pelos ministérios que coordenam esta política (MDA, MMA e MDS) e Sociedade Civil Organizada apresentaram propostas que deram origem à primeira versão do Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da

Sociobiodiversidade (PNPSB). No decorrer do “Seminário Nacional de Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade: Agregação de Valor e Consolidação de Mercados Sustentáveis”, em julho de 2008, a versão final deste Plano foi discutida e tornou-se válida.

O PNPSB possibilita observar a inter-relação de iniciativas oriundas dos Governos Federais, Estaduais e Municipais, também de ONGs, Organizações sociais, Setor empresarial e Instituições acadêmicas, em busca de desenvolver projetos para a promoção das cadeias produtivas dos produtos extrativistas encontrados nos biomas brasileiros. Os atores sociais envolvidos enfatizam que o fortalecimento deste mercado é imprescindível para o desenvolvimento sustentável, de modo que possam através do extrativismo sustentável viabilizar projetos de geração ou complemento de renda, ocupação e conservação da biodiversidade.

O Plano Nacional para Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade é uma política pública, que tem como gestores os Ministérios do Meio Ambiente (MMA), do Desenvolvimento Agrário (MDA) e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e CONAB, entre outros parceiros do governo e Organizações Sociais. Segundo o documento oficial do PNPSB, “[...] O Plano tem como principal objetivo desenvolver ações integradas para a promoção e fortalecimento das cadeias de produtos da sociobiodiversidade, com agregação de valor e consolidação de mercados sustentáveis [...]”, e ainda promover “[...] produtos e serviços da sociobiodiversidade oriundos de territórios ocupados por povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e agricultores familiares [...]”.

Para tanto, a articulação com outras políticas públicas é fundamental, dentre elas estão: i) PAA – Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar, ii) PCTAFs – Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais e iii) PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da agricultura Familiar. Dessa forma, pretendem viabilizar a integração de ações que complementam e atendam as reais necessidades dos seus beneficiários. Os objetivos específicos colocados no Plano abrangem aspectos como:

- ✓ Promover a conservação, o manejo e o uso sustentável dos produtos da sociobiodiversidade.
- ✓ Fortalecer cadeias produtivas em cada um dos biomas agregando valor aos produtos da sociobiodiversidade.

- ✓ Fortalecer a organização social e produtiva dos povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e agricultores familiares.
- ✓ Ampliar, fortalecer e articular instrumentos econômicos necessários à estruturação das cadeias produtivas.
- ✓ Fortalecer redes de conhecimento integrado às ações de pesquisa, assistência técnica e capacitação.
- ✓ Fortalecer a articulação intra e interinstitucional e inter-setorial.
- ✓ Adequar o marco legal de maneira a atender as especificidades dos produtos da sociobiodiversidade.

Os eixos dessas ações estão estabelecidos num conjunto de linha de operações, que contemplam suas prioridades conforme a descrição apresentada no Plano, bem como atividades complementares para a valoração dos serviços da sociobiodiversidade, as quais seguem abaixo:

- ✓ Promoção e apoio à produção e ao extrativismo sustentável;
- ✓ Estruturação e fortalecimento dos processos industriais;
- ✓ Estruturação e fortalecimento de mercados para os produtos da sociobiodiversidade;
- ✓ Fortalecimento da organização social e produtiva;
- ✓ Ações complementares para a valoração dos serviços da sociobiodiversidade.

As estratégias de implementação do PNPSB trazem elementos que, do seu ponto de vista, contribuem para a eficácia e o desenvolvimento adequado de uma política pública, dentre esses, três elementos citados no Plano chamam atenção para:

- ✓ Evitar a duplicação de estruturas e iniciativas, valorizando e reforçando o que já existe.
- ✓ Articular e fortalecer os espaços, políticas e programas já existentes em torno dos produtos da sociobiodiversidade, buscando a complementariedade entre as ações.
- ✓ Buscar a gestão participativa e compartilhada, articulando os setores governamental, privado e as organizações sociais, nas escalas federal, regional, estadual, municipal, local. Ou seja, o Plano não é de responsabilidade exclusiva do Governo Federal, mas de todos os segmentos interessados no fortalecimento das cadeias produtivas de produtos da sociobiodiversidade.

O PNPSB é composto de diretrizes estratégicas que estão de acordo com as políticas públicas, com o marco regulatório nacional e os acordos internacionais, os quais o Brasil é signatário, estando ajustadas às demandas sociais apresentadas em Seminários de consulta realizadas nos biomas, Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa. Eis as diretrizes mencionadas neste Plano:

- i) Promover a conservação e o uso sustentável da biodiversidade;
- ii) Promover o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e agricultores familiares ao acesso aos recursos da biodiversidade e à repartição justa e equitativa de benefícios;
- iii) Promover a valorização e respeito da diversidade cultural e conhecimento tradicional;
- iv) Promover a segurança alimentar e nutricional a partir da alimentação diversificada;
- v) Buscar a agregação de valor socioambiental, com geração de emprego, renda e inclusão social;
- vi) Construir e consolidar mercados regidos por valores de cooperação, solidariedade e ética;
- vii) Adotar a abordagem de cadeias e arranjos produtivos, o enfoque participativo, territorial e sistêmico como elementos de concepção e implementação do Plano;
- viii) Promover o empoderamento e controle social;
- ix) Promover a articulação intra e institucional, e inter-setorial;
- x) Implementar uma estrutura de gestão com base no compartilhamento de responsabilidades entre os setores público, privado e a sociedade civil organizada. (MDA, 2011)

Para Neves, Rodrigues e Silva² (2011), a avaliação do processo de implementação do PNPSB na mesorregião do Bico do Papagaio indica alguns gargalos que devem ser dirimidos em curto prazo, para concretizar o objetivo maior do Plano, que é o fortalecimento da cadeia produtiva do babaçu na referida mesorregião.

Por consequência, da perspectiva da atividade agroextrativista, o PNPSB apresenta estratégias para compreensão de que princípios mais abrangentes possam direcionar as ações de governo, evitando, assim, a repetição de ações por vezes ineficazes e potencializando todas as iniciativas desenvolvidas pelas comunidades agroextrativistas de babaçu. Esta pesquisa

² Neves, Rodrigues e Silva. **Avaliação do Processo de Implementação do Plano Nacional da Sociobiodiversidade na Mesorregião do Bico do Papagaio**. IX Encontro Nacional da ECOECO – Brasília/DF, 2011.

revela que o Plano representa uma oportunidade para as organizações sociais colocarem suas demandas e abranger segmentos econômicos que antes não seriam contemplados.

Todavia, observa-se que a maior parte dos atores envolvidos nesta pesquisa concorda com as diretrizes e estratégias de implementação utilizadas pelo referido Plano, e ainda está aberta a diálogos que possam acelerar a implementação desta política pública e das ações voltadas para atingir seus objetivos e metas propostos, contribuindo, de fato, com o fortalecimento da cadeia produtiva do babaçu.

Diante do contexto, atender as recomendações apresentadas pelas comunidades agroextrativistas será de fundamental importância para prover e estimular os implementos essenciais ao desenvolvimento Plano do Nacional da Sociobiodiversidade.

Eis as principais recomendações apresentadas (NEVES, RODRIGUES E SILVA, 2011):

- ✓ Realizar o planejamento de comunicação que utilize vários veículos (Rádio Comunitária, Carro de som, Impressos, TV e outros).
- ✓ A diminuição da burocracia (autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA para fabricação de produtos; licença de operação - LOP junto ao Instituto Natureza do Tocantins - NATURATINS; ausência de registro para emissão de Nota Fiscal).
- ✓ Organizar a estrutura logística e ampliar o investimento em rodovias e sistemas de transportes.
- ✓ Estimular a organização social e produtiva entre os extrativistas.
- ✓ Ampliar e viabilizar o acesso às políticas públicas.
- ✓ Divulgar para a população (consumidores potenciais) os benefícios nutricionais do coco de babaçu.
- ✓ Reconhecer e promover a valorização do extrativismo do babaçu como forma de conservação ambiental.
- ✓ Definir, como ação prioritária do Governo Federal, o combate às elevadas taxas de analfabetismo que atingem muitas comunidades extrativistas.

3 METODOLOGIA

Partindo dos pressupostos da Economia Ecológica, e no diálogo com o Ecodesenvolvimento, e com visões humanistas do processo de desenvolvimento, foram desenvolvidos os procedimentos e instrumentos desta pesquisa.

Foram diagnosticados os principais arranjos produtivos da extração do coco de babaçu na região do Bico do Papagaio – TO. Neste sentido, para realizar a pesquisa, o trabalho foi dividido em três etapas, sendo que a primeira consistiu em selecionar as áreas rurais de 11 municípios (Aguiarnópolis, Tocantinópolis, Nazaré, Luzinópolis, Riachinho, Carrasco Bonito, Buriti, São Miguel do Tocantins, Araguatins e Ananás), onde estão localizadas as comunidades que praticam o extrativismo do babaçu e desenvolvem atividades significativas, com grande expressão ambiental, social e econômica para região do Bico do Papagaio.

Estabelecida a divisão de áreas, na segunda etapa selecionou-se o público alvo da pesquisa, conforme cada arranjo, com a seguinte distribuição:

- ✓ Projeto Arte Norte – artesãs residentes nas cidades de Aguiarnópolis, Tocantinópolis, Nazaré e Araguatins/TO;
- ✓ Assentamento Sete Barracas – comunidade agroextrativista localizada na zona rural de São Miguel/TO;
- ✓ Tobasa catador – homens e mulheres catadores de coco de babaçu que comercializam o coco inteiro com a indústria Tobasa, residentes da zona rural de Nazaré, Ananás, Luzinópolis/TO;
- ✓ Tobasa quebradeira – mulheres quebradeiras de coco de babaçu que comercializam sua produção de amêndoa e cascas com a indústria Tobasa, residentes na zona rural de Buriti e Carrasco Bonito/TO.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas:

- I. Caracterização socioeconômica da cadeia produtiva do babaçu.
- II. Diagnóstico socioambiental dos arranjos produtivos pesquisados.
- III. Cálculo do ICV dos arranjos produtivos pesquisados.

IV. Comparação das principais dimensões dos arranjos produtivos pesquisados.

3.1. Caracterização socioeconômica da cadeia produtiva do babaçu.

Foram levantados dados secundários da extração do coco babaçu no Brasil, em fontes especializadas, e depois os dados foram colocados em uma dimensão temporal e espacial. Os dados posteriormente foram trabalhados estatisticamente para verificar a evolução da atividade no país, nas mesorregiões e nas unidades da federação.

Através de pesquisa documental, foram levantadas informações qualitativas sobre a estrutura e as perspectivas de produção e tecnológicas no beneficiamento do coco babaçu. Também foi pesquisado um acervo fotográfico para demonstrar as rotas tecnológicas do coco de babaçu.

3.2 Diagnóstico socioambiental dos arranjos produtivos pesquisados

Através de pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas, foi realizado o histórico de cada uma das tipologias definidas: Catadores e Quebradeiras de coco com relação comercial com a indústria; artesãs do Projeto Arte Norte e agricultores familiares do Assentamento Sete Barracas.

Foi realizado o contato com os representantes da Tobasa Bioindustrial, do Projeto Arte Norte/Sebrae e do Clube Agrícola Sete Barracas, para apresentar a pesquisa em questão, assim como seus objetivos e, dessa forma, obter a autorização e o apoio para o desenvolvimento dos trabalhos, e, assim, verificar vários modelos de aproveitamento do coco de babaçu praticados pelas as comunidades extrativistas da referida região, como informado anteriormente, onde os produtos advindos desse aproveitamento proporcionam a

comercialização do coco inteiro, amêndoas, óleo, mesocarpo, carvão e artesanato com alta qualidade.

Para obter informações relacionadas às atividades da Tobasa Bioindustrial de Babaçu S/A., um questionário estruturado e um roteiro de perguntas foi aplicado aos seus representantes, aos fornecedores de matéria prima, que negociam a compra dos produtos comercializados com os extrativistas, e aos membros das comunidades que realizam as atividades de:

- ✓ Coleta do coco de babaçu;
- ✓ Produção de carvão;
- ✓ Óleo;
- ✓ Amêndoas.

As perguntas-chave buscaram responder as questões relacionadas à comercialização, produção, fornecimento, relação com a indústria, relação com fornecedores e renda mensal, conforme abaixo descritas:

- i) Quem são os componentes da cadeia produtiva do babaçu?
- ii) Onde estão localizados ou residem?
- iii) O que produzem por meio da extração do coco de babaçu?
- iv) O quanto fornecem de matéria prima ou produtos para indústrias químicas, siderúrgicas, cerâmicas (entre outros)?
- v) Como é a relação dos fornecedores com a indústria ou outros segmentos de empresas que comercializam?
- vi) Como acontece a relação entre fornecedores e extrativistas?
- vii) Qual a renda mensal advinda do extrativismo do babaçu?

Foram aplicados 155 questionários e realizadas 03 entrevistas estruturadas e semiestruturadas distribuídas, territorialmente, na zona rural de 10 municípios (Aguiarnópolis, Tocantinópolis, Nazaré, Luzinópolis, Riachinho, Carrasco Bonito, Buriti, São Miguel do

Tocantins e Ananás), junto aos membros das comunidades extrativistas e representantes de indústrias da mesorregião do Bico do Papagaio, para levantar as condições de vida dessa população, assim como a situação atual da cadeia produtiva do babaçu na região.

Quadro 02. Por tipologia, os questionários e entrevistas tiveram a seguinte distribuição.

Tipologia	Quantidade de questionários	Quantidade de entrevistas	Locais (Municípios) de Aplicação dos Instrumentos de Pesquisa	Tamanho da População
Catadores de coco com relação comercial indireta com a Indústria	49	02	Nazaré, Ananás e Lulinópolis/TO	1.500
Quebradeiras de coco com relação comercial indireta com a Indústria	48	03	Buriti e Carrasco Bonito/TO	500
Artesãs do Projeto Arte Norte	34	03	Aguiarnópolis, Tocantinópolis, Nazaré e Araguatins/TO	80
Agricultores familiares do Assentamento Sete Barracas	27	02	São Miguel/TO	50

Posteriormente, os dados foram tabulados, utilizando-se o pacote estatístico SPSS (*Statistical Package for Social*), versão 15.0, e os dados por tipologia estudados foram agrupados nas seguintes dimensões, com seus respectivos indicadores como demonstrado no quadro abaixo.

Quadro 03. Dimensões e indicadores do ICV

Dimensões	Indicadores
Fatores que favorecem o desenvolvimento (intitulentos).	Relacionamento com os proprietários de fazendas por parte dos extratores
	Condições educacionais das famílias dos extratores de babaçu
	Avaliação das condições educacionais por parte dos extratores
	Acesso a bens por parte dos extratores de babaçu
	Avaliação das condições de moradia
	Indicadores das condições de moradia
Políticas Públicas	Avaliação das condições gerais de comercialização
	Participação em programas do Governo Federal
	Avaliação dos extratores em relação às regras de participação em programas do Governo
	Avaliação dos extratores em relação à Assistência Técnica
	Avaliação dos extratores e atuação das instituições na região
Características do Desenvolvimento (elementos de conversão)	Avaliação da quantidade de pessoas da família trabalhando com babaçu
	Avaliação dos pesquisados sobre as fontes da renda familiar
	Avaliação das condições gerais de trabalho por parte dos extratores
	Avaliação dos extratores em relação à sua renda
	Avaliação dos entrevistados em relação às suas condições gerais de produção
Ambiental	Avaliação da distância até aos babaçuais
	Avaliação do acesso aos babaçuais
	Percepção da variação das distâncias nos últimos 5 anos

	Avaliação das fontes de água por parte dos extratores
	Avaliação da conservação da floresta por parte dos extratores
Efeitos do Desenvolvimento (capacitações e funcionamentos)	Avaliação dos extratores em relação às condições gerais de alimentação e nutrição
	Avaliação dos extratores sobre danos da atividade com o babaçu sobre a saúde
	Avaliação dos extratores sobre as condições gerais de saúde
	Percepção dos extratores sobre a evolução de sua situação econômica nos últimos 5 anos
	Percepção dos extratores sobre a evolução da situação ambiental vivenciada nos últimos 5 anos
Capital Social	Avaliação dos extratores sobre sua participação em organizações associativas e comunitárias
	Avaliação dos extratores sobre sua participação política
	Avaliação dos extratores sobre sua participação em atividades culturais
	Indicadores de capital social
	Percepção dos extratores e aspectos de sua participação comunitária
	Motivação dos extratores em continuarem filiados em organizações associativas e comunitárias
	Motivação dos extratores para se tornarem filiados em organizações associativas e comunitárias

O interesse é conhecer a fundo as diversas experiências que as comunidades agroextrativistas têm com o babaçu, e avaliar as melhores formas de se conviver de forma sustentável com a biodiversidade existente.

3.3 Cálculo do ICV dos arranjos produtivos pesquisados.

Para verificar qual modelo de aproveitamento do coco de babaçu é considerado sustentável do ponto de vista socioambiental, econômico, e que ainda contribua com a melhoria das condições de vida das comunidades extrativistas, foram aplicados questionários para estimar o Índice de Condições de Vida – ICV, inicialmente [...] Desenvolvido pela Fundação João Pinheiro, [...], para estudar a situação de municípios mineiros, que foi logo depois adequado, em consórcio com o IPEA, o IBGE e o PNUD, para a análise de todos os municípios brasileiros (IPEA/IBGE/FJP/PNUD, 1998).

Para MINAYO, HARTZ, BUSS³ (2000) o ICV é um composto de 20 indicadores em cinco dimensões: 1) renda (familiar *per capita*, grau de desigualdade, percentagem de pessoas com renda insuficiente, insuficiência média de renda e grau de desigualdade na população de renda insuficiente); 2) educação (taxa de analfabetismo, número médio de anos de estudo [...]); 3) infância (percentagem de crianças que trabalham; [...] crianças que não frequentam escola [...]); 4) habitação (percentagem da população em domicílios com densidade média acima de duas pessoas por dormitório; [...] população que vive em domicílios duráveis e [...] que vive em domicílios com instalações adequadas de esgoto) e 5) longevidade (esperança de vida ao nascer e taxa de mortalidade infantil). O ICV é sintetizado por meio de vários artifícios metodológicos [...], resultado da colaboração entre FJP/IPEA/IBGE/PNUD (1998).

Entretanto, para mensurar as condições de vida das artesãs, quebradeiras e dos catadores de coco de babaçu no Bico do Papagaio tocantinense, foi elaborado um questionário com base no Índice de Condições de Vida - ICV do Programa Territórios Rural da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT/MDA). O questionário trabalhou os aspectos subjetivos e foi aplicado conforme a realidade local, o que, dessa forma, possibilitou saber quais são as suas expectativas para o futuro, o modo como estão se organizando e se existem instrumentos que favoreçam a sustentabilidade social, ambiental e econômica dessas comunidades.

³ MINAYO, Maria Cecília S., HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8123200000100002&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 09 de mar. 2012.

O ICV “ é um indicador que tem como propósito reproduzir as mudanças demonstradas pelas condições de vida, pois trata-se de um instrumento de acompanhamento e análise dessas condições nos territórios rurais (Documento, Sistema de Gestão Estratégica – Índice de Condições de Vida, da Secretaria de Desenvolvimento Territorial – SDT/MDA/2011)”. Para realizar a pesquisa e compreender as especificidades que envolvem a realidade das artesãs e dos extrativistas do coco de babaçu localizados no Bico do Papagaio tocaninense, o ICV foi adaptado e reconstituído em 06 (seis) instâncias, cada uma associada aos seus respectivos indicadores, conforme abaixo:

Quadro 04 – Instâncias e Indicadores de Desenvolvimento e das Condições de Vida das Comunidades Extrativistas de Babaçu

Fatores que favorecem o desenvolvimento (intitamentos).	1. Mão-de-obra familiar em atividade dentro ou fora da unidade
	2. Área da unidade de produção familiar
	3. Escolaridade
	4. Condições da moradia
	5. Acesso a mercados
Políticas	6. Acesso a políticas públicas (Pronaf, Bolsa-família, etc.)
	7. Acesso a crédito e assistência técnica
	8. Presença de instituições que favorecem o desenvolvimento rural
Características do Desenvolvimento (elementos de conversão)	9. Renda familiar
	10. Produtividade do trabalho
	11. Produtividade da terra
	12. Diversificação da produção agrícola
	13. Pluriatividade, diversificação nas fontes de renda familiar
Ambiental	14. Uso e preservação dos recursos naturais: água

	15. Uso e preservação dos recursos naturais: solo
	16. Uso e preservação dos recursos naturais: vegetação nativa
Efeitos do Desenvolvimento (capacitações e funcionamentos)	17. Estar bem alimentado / nutrido
	18. Ter boa saúde
	19. Permanência dos membros da família da unidade de produção
	20. Percepção sobre as mudanças na situação econômica da família
	21. Percepção sobre as mudanças na situação ambiental da unidade
Capital Social (disposição para cooperar)	22. Participação social (cooperativas e associações)
	23. Participação política (eleições, conselhos e assembleias)
	24. Participação cultural (grupos de expressão cultural, outras atividades).

Os indicadores mencionados basearam a elaboração do questionário que foi utilizado para o cálculo do ICV das artesãs e dos extrativistas de babaçu.

Para tanto, o ICV foi calculado conforme a orientação do documento de referência, “Sistema de Gestão Estratégica – Índice de Condições de Vida”, da Secretaria de Desenvolvimento Territorial – SDT/MDA/2011, o qual determina que os referidos indicadores sejam avaliados numa escala de 05 (cinco) pontos, iniciando por 01 (hum) = péssimo até 05 (cinco) = ótimo, onde assim se obtêm a média aritmética dos indicadores de cada instância.

O referido documento recomenda que, para se alcançar o ICV de um Território, deve-se seguir três etapas, nas quais são utilizadas as informações dos questionários aplicados na pesquisa.

Primeira etapa – calcular a média aritmética de cada indicador (m_j), em cada instância:

$$m_i = \frac{\sum_{k=1}^{k_{max}} i_{ik}}{k_{max}}, i = 1 \text{ a } 8 \text{ (instância 1)}; i = 9 \text{ a } 16 \text{ (instância 2)}; i = 17 \text{ a } 24 \text{ (instância 3)}, \text{ sendo } k_{max}$$

A quantidade de questionários aplicados com respostas válidas do indicador i .

Segunda etapa – calcular a média aritmética dos indicadores de cada instância (d_i).

$$d_1 = \frac{m_1 + m_2 + m_3 + m_4 + m_5 + m_6 + m_7 + i_8}{8}$$

$$d_2 = \frac{m_9 + m_{10} + m_{11} + m_{12} + m_{13} + m_{14} + m_{15} + i_{16}}{8}$$

$$d_3 = \frac{m_{17} + m_{18} + m_{19} + m_{20} + m_{21} + m_{22} + m_{23} + i_{24}}{8}$$

Terceira etapa – média harmônica das instância (ICV).

$$ICV = \frac{3}{\frac{1}{d_1} + \frac{1}{d_2} + \frac{1}{d_3}}$$

Os níveis de ICV estão classificados em, i) baixo, ii) médio baixo, iii) médio, iv) médio alto e v) alto índice, de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 1. Classificação do ICV

ICV				
ALTO	MÉDIO ALTO	MÉDIO	MÉDIO BAIXO	BAIXO
5	5-4	4-3	3-2	1-2

3.4 Comparação das principais dimensões dos arranjos produtivos pesquisados.

Qual é a forma de trabalho com o coco de babaçu que oferece maior qualidade de vida para as comunidades envolvidas? Visando responder a esta pergunta central para o trabalho, serão feitas as seguintes comparações entre os casos estudados.

Em primeiro lugar, serão comparados os ICV's de cada caso – Quebradeiras, Catadores, Agroextrativistas e Artesãos.

Depois, separadamente, serão comparadas as dimensões, i) Fatores que favorecem o desenvolvimento, ii) Políticas Públicas iii) Características do Desenvolvimento, iv) Ambiental, v) Efeitos do Desenvolvimento e vi) Capital Social, do ICV nos casos analisados.

Por fim, alguns indicadores chave serão comparados, com o intuito de destacar as especificidades na situação de cada arranjo produtivo, conforme abaixo:

- Escolaridade;
- Renda;
- Alimentação/nutrição;
- Saúde;
- Capital social.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Cadeia produtiva do coco de babaçu no Brasil

A área de ocorrência dos babaçuais no Brasil é estimada em 12 milhões de hectares, distribuída, principalmente, nos Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Pará, dentre outros de menor ocorrência.

Figura 1 - Mapa da Área de Ocorrência do Babaçu



Fonte: Mapa de ocorrência do babaçu, sítio da Faculdade de Engenharia Agrícola-FEAGRI-UNICAMPI.

O mapa ilustrado acima demonstra que o estado do Maranhão é o de maior ocorrência de florestas nativas de babaçu, com uma área atual estimada de 8 milhões de hectares, sendo a de maior incidência a região da Baixada Maranhense; em seguida, tem-se o estado do Tocantins, com uma área estimada de 1 milhão de hectares, onde a região do Bico do Papagaio (norte do estado) é a que apresenta a maior incidência de florestas de babaçu. Os estados do Piauí e do Pará contemplam o 3º e 4º lugares em área de florestas, cuja soma deve

ser em torno de 1,5 milhão de hectares. Os estados remanescentes de menor incidência, como Ceará, Amazonas, Mato Grosso, Bahia e Minas Gerais apresentam, em conjunto, uma área estimada em 1,5 milhão de hectares.

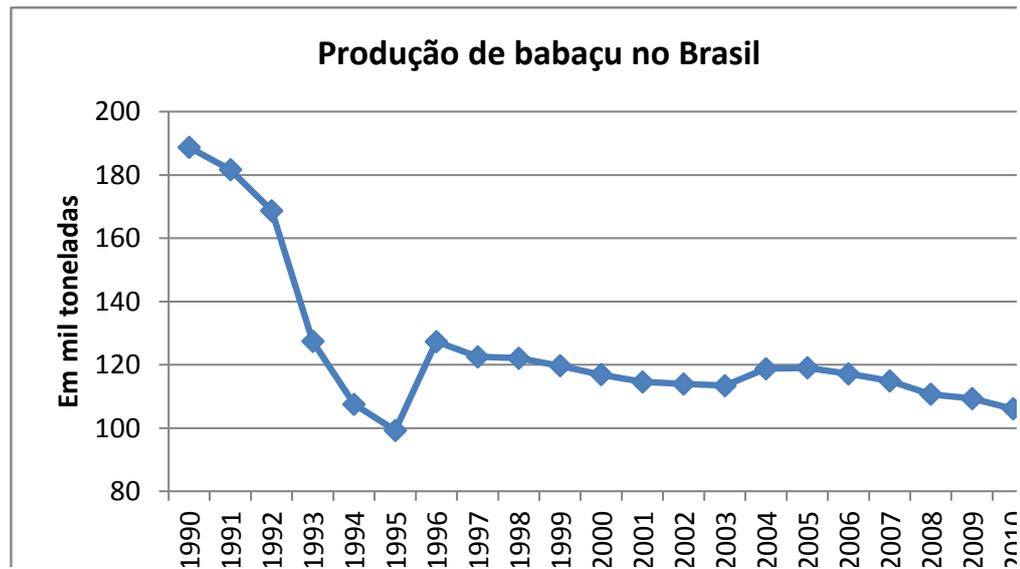


Gráfico 01. Produção de amêndoas de babaçu no Brasil - Fonte: IBGE - Produção da Extração

Vegetal e da Silvicultura

Verifica-se, a partir do gráfico 01 (um), que a produção de amêndoas de babaçu no Brasil atingia no ano de 1990 um valor aproximado de 200.000 toneladas. Ressalta-se que, a partir do Governo Collor, as alíquotas de importação do óleo de palmiste, denominado PKO (Palm Kernel Oil), o qual é concorrente direto do óleo de babaçu na indústria saboeira, foram reduzidas a um valor extremamente baixo, em torno de 5%, o que possibilitou a importação deste óleo vegetal pelo mercado comprador no Brasil a preços históricos bem abaixo dos quais o mercado nacional costumava praticar.

Deste modo, iniciou-se uma queda acentuada da produção de amêndoas de babaçu no país, uma vez que a indústria de fabricação do óleo de babaçu foi obrigada a praticar preços de compra abaixo do valor histórico de mercado, no sentido de viabilizar sua operação comercial, o que desestimulou, fortemente, as mulheres quebradeiras de coco de babaçu, diminuindo o contingente de extrativistas dispostos a permanecerem na atividade, fazendo parte desta mão-de-obra rural migrar para outras culturas agrícolas mais rentáveis,

culminando em produções atuais, em torno de 100.000 toneladas/ano, bem abaixo do que àquelas registradas nos anos de 1970 a 1990.

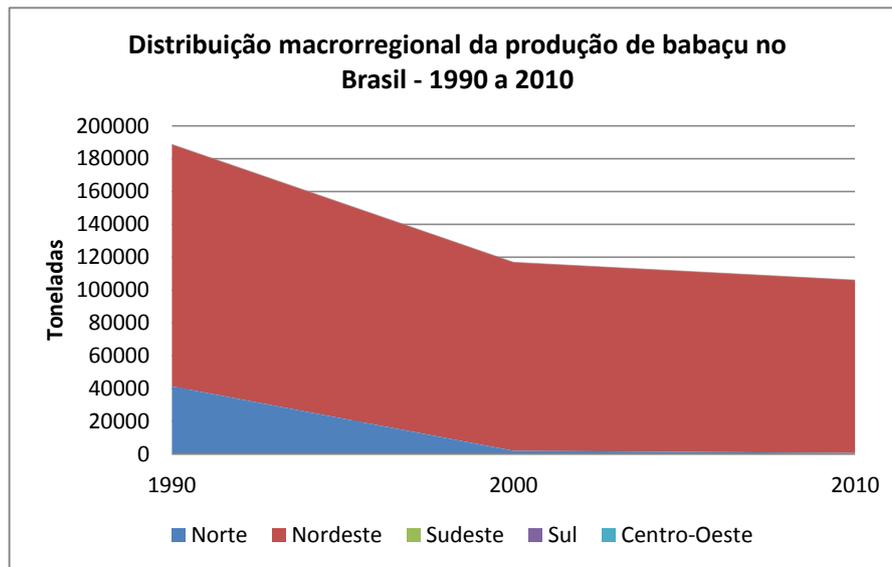


Gráfico 02. Distribuição da produção de babaçu nas regiões do Brasil - Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura

Ao analisar o gráfico acima, observa-se que a produção de amêndoas de babaçu no Brasil sempre foi concentrada na região nordeste, compreendendo na sua grande maioria, o estado do Maranhão e, em menor parte, o estado do Piauí. O estado de Goiás/Tocantins representa praticamente 100% da macrorregião norte, sendo que sua produção vem caindo ano a ano, de forma que, a partir do ano 2000, ela se tornou bem inferior em comparação àquela apresentada na região nordeste.

Tabela 02. Principais estados extratores do coco babaçu no Brasil

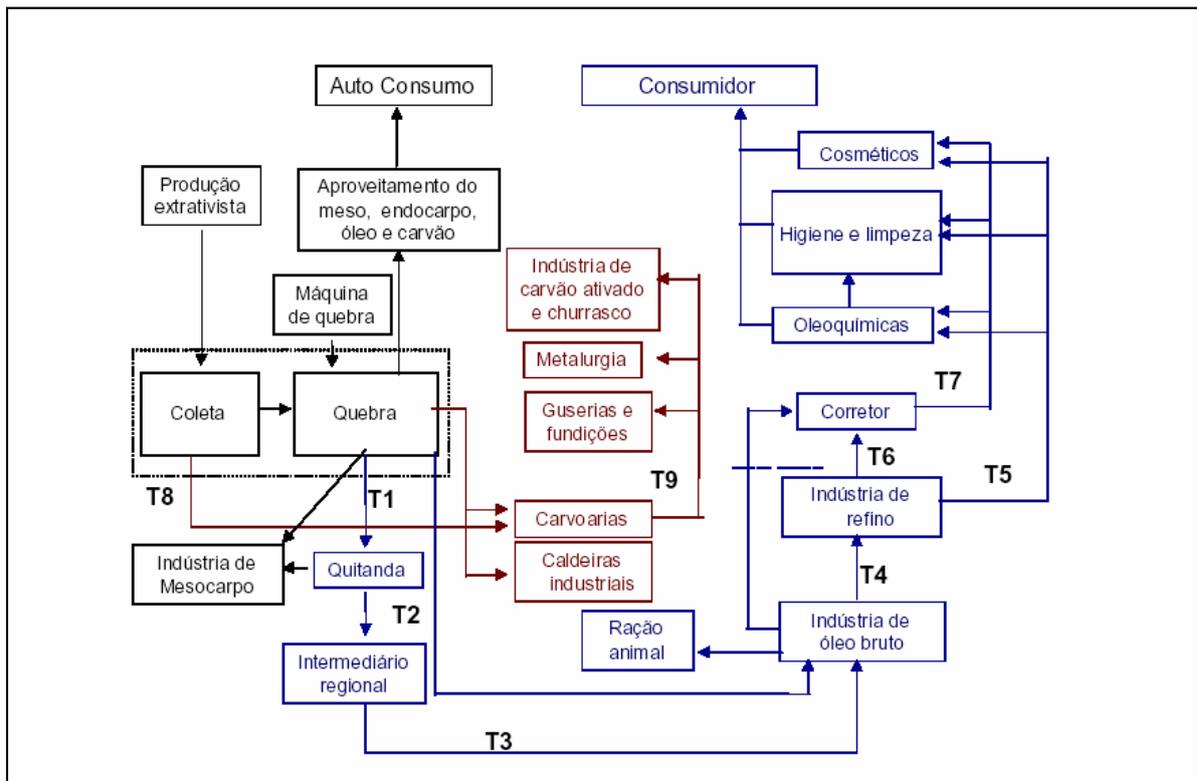
	1990	1995	2000	2005	2010
Amazonas	-	-	1	11	12
Pará	42	8	19	23	28
Tocantins	41189	4074	1953	967	626
Maranhão	132.577	87.956	108.043	11.173	9.946
Piauí	12.241	5.451	6.013	5.562	5.223
Ceará	2.109	133	416	368	354
Paraíba	-	-	-	-	-
Bahia	554	441	443	369	352
Minas Gerais	7	3	-	-	-

Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – adaptada pelo autor

A tabela acima mostra que a região Norte é responsável por metade da produção de amêndoas de babaçu no Brasil, lembrando que grande parte da produção do Nordeste está concentrada no estado do Maranhão, que também compõe a Amazônia legal, possuindo suas florestas de babaçu localizadas nessa área de abrangência. Assim, o potencial para investimentos em projetos voltados para o fortalecimento da agricultura familiar, por meio da produção agroextrativista, é plenamente possível, a partir da estruturação da sua cadeia produtiva do babaçu e de sua valorização, por ser este produto advindo da sociobiodiversidade. Todavia, percebe-se, nitidamente, a queda acentuada de produção de amêndoas em todos os estados extratores, revelando, de forma expressiva, o desinteresse crescente pela atividade extrativista por parte das mulheres quebradeiras de coco de babaçu, além de uma nítida ausência quanto à sucessão e à renovação do respectivo quadro desta mão-de-obra extrativista.

Conforme o estudo exploratório da cadeia do babaçu apresentado pelo DESER e MDA (Convênio MDA 112/2006), as possíveis rotas de industrialização de produtos e sub-produtos do babaçu podem ser verificados no fluxograma abaixo:

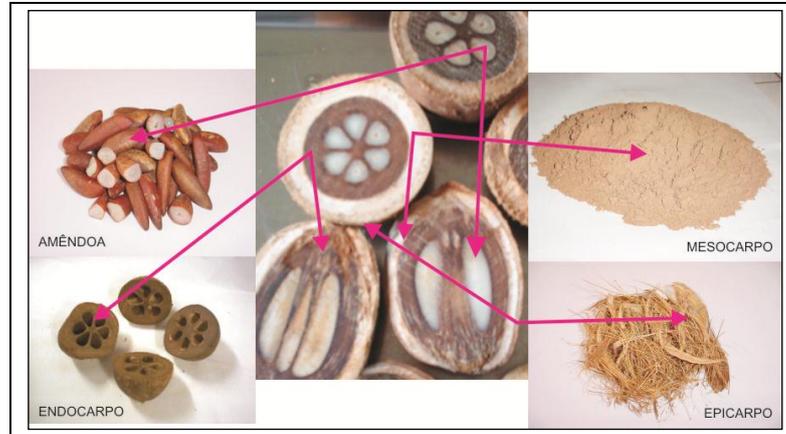
Figura 2 - Fluxograma da cadeia produtiva do coco babaçu



Fonte: Estudo Exploratório da Cadeia do Babaçu - DESER e MDA, apud PENSA, 2000.

Os produtos e subprodutos que podem ser obtidos e comercializados com a industrialização integral do coco de babaçu, e com o beneficiamento de suas quatro frações constituintes, estão demonstrados a seguir:

Figura 3. Coco babaçu: frações constituintes



Fonte: Tobasa Bioindustrial de Babaçu S/A – 2011

- ✓ Amêndoa: o óleo é vendido para indústria de higiene e limpeza (sabão, sabonete etc.) e indústria cosmética.
- ✓ Torta: é rica em proteína (24%), sendo utilizada para ração animal (bovino e suíno).
- ✓ Endocarpo: produz-se o carvão ativado bruto, produto intermediário para a fabricação do carvão granulado; carvão ativado granulado, bastante utilizado para tratamento de água potável (decloração), tratamento de água industrial e de saneadora, tratamento de efluentes (retirada de substâncias poluidoras), tratamento de gases, aplicação médica, farmacêutica, indústria aeronáutica, enfim, várias aplicações quando se necessita adsorver alguma substância que está contida em um fluido líquido ou gasoso.
- ✓ Mesocarpo: a farinha amilácea, matéria-prima rica em amido (50%) é aplicada nas seguintes áreas - ração animal, indústrias químicas, produção de álcool combustível e farmacêutico, fabricação de destilados (aguardente, whisky etc.);
- ✓ Epicarpo: o material fibroso, sua principal aplicação é no uso como biocombustível, de alto poder calorífico, na alimentação de caldeiras e secadores industriais e, ao substituir lenha e derivados de petróleo, contribui para reduzir a emissão de gases que contribuem para o “efeito estufa”, sendo considerado, portanto, um combustível que gera “energia limpa”, sendo renovável e ecológico; há também algum emprego no estofamento de bancos de automóveis (Mercedes Benz).

Figura 3. Processamento da farinha do coco babaçu

Farinha orgânica



Fonte: Tobasa Bioindustrial de Babaçu S/A - 2011

- ✓ Farinhas orgânicas 01 e 02: material rico em endocarpo e amêndoa (celulose e óleo) gerando um biocombustível de alto poder calorífico, é utilizado principalmente em fornos de cerâmica, sendo também considerado “energia limpa”, onde há, também, aplicação na área de bovinos como ração animal;

Este conceito de industrialização é sustentável no longo prazo, à medida que o coco de babaçu não seja somente considerado uma matéria-prima oleaginosa (produção apenas de amêndoas), que, desta forma, se situa sem competitividade quando comparada a outras oleaginosas concorrentes de mais alta produtividade agrícola (como a palma e o coco copra ou coco da Bahia); contrariamente, torna-se competitiva ao ser considerada uma biomassa energética e geradora de produtos tecnológicos e de alto valor agregado, como carvão ativado, álcool extrafino e bioetanol, amidos alimentício e industrial, óleo de babaçu e biodiesel.

Para o desenvolvimento de seus processos, as indústrias estão apoiadas na articulação com os fornecedores, que garantem a aquisição de amêndoas, muitas vezes por meio de outros intermediários chamados de “cantinas”. E também para garantir o óleo bruto, tanto na comercialização e/ou como matéria-prima, algumas indústrias maiores adotam a estratégia de comprar este óleo de outras indústrias menores.

A torta de babaçu é extraída do processo de prensagem da amêndoa para a retirada do óleo, onde este subproduto é bastante comercializado com as indústrias de rações para bovinos, aves e suínos. Recentemente, no estado do Tocantins, a demanda pelo “endocarpo”

ou cascas quebradas, vem aumentando e algumas comunidades já estão fornecendo estas cascas para a indústria, considerando, essa alternativa, uma forma de ampliar a comercialização do coco de babaçu e, conseqüentemente, a renda familiar.

É importante ressaltar que uma alternativa simples para apoiar a produção agroextrativista, assim como o extrativismo do babaçu, pode ocorrer através da “... realização de licitações sustentáveis nas compras públicas dos programas de alimentação escolar, que tem se revelado uma importante ferramenta estratégica de DRS” (CARVALHO, 2009). Esta medida é uma realidade em vários municípios do Brasil e tem promovido inclusão social, ativando a economia local ao gerar emprego e renda, fortalecendo e, ainda, fortalece as potencialidades dos pequenos e médios empreendimentos regionais e da agricultura familiar.

4.2 Catadores e Quebradeiras de Coco com relação comercial com a Tobasa Bioindustrial de Babaçu

4.2.1. Histórico da Tobasa Bioindustrial de Babaçu

A Tobasa foi fundada em 1969 pela família Baruque, um grupo empresarial de Minas Gerais que na época dirigia uma fábrica de sabão de coco, instalada em Belo-Horizonte, cuja marca denominava-se “sabão libanês”. Pelas dificuldades de abastecer esta empresa com o óleo de coco de babaçu, matéria-prima principal na fabricação do sabão de coco, o líder do grupo, engenheiro Edmond Baruque, então empresário e professor da Escola de Engenharia da antiga Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, saiu em busca de estabelecer parcerias para o fornecimento com os principais produtores de óleo de babaçu, que se localizavam nos estados do Piauí, Maranhão e Tocantins (na época, extremo norte de Goiás). Foi, então, neste giro comercial pelo Norte e Nordeste que o empresário se impressionou com os milhões de hectares de florestas nativas de palmeiras de babaçu, promovendo, a partir deste cenário, a fundação da indústria Tobasa com o apoio da Sudam, no município de Tocantinópolis, uma vez que a região do Bico do Papagaio já era, reconhecidamente, a terceira maior região produtora de amêndoas do Brasil.

Neste contexto, em seus primeiros 20 anos de atividade, a empresa processava apenas a amêndoa produzida, via “gume do machado”, pelas “mulheres quebradeiras de coco”, a partir do extrativismo tradicional existente nos três maiores estados produtores do país, referidos anteriormente, produzindo, desta forma, em sua fábrica, apenas o óleo e a torta de babaçu. Todavia, com o passar dos anos, a Tobasa visualizou que a maior parte do fruto era desperdiçada, pois as amêndoas representam apenas 7% do peso do coco, o que levou a empresa a investir nas tecnologias de processamento integral do coco de babaçu, as quais pudessem permitir o aproveitamento dos 93% do restante da riqueza do coco para a geração de novos produtos industriais, como as biomassas energéticas, as farinhas amiláceas, o álcool

e o carvão ativado, a partir das três frações remanescentes do coco (epicarpo, mesocarpo e endocarpo).

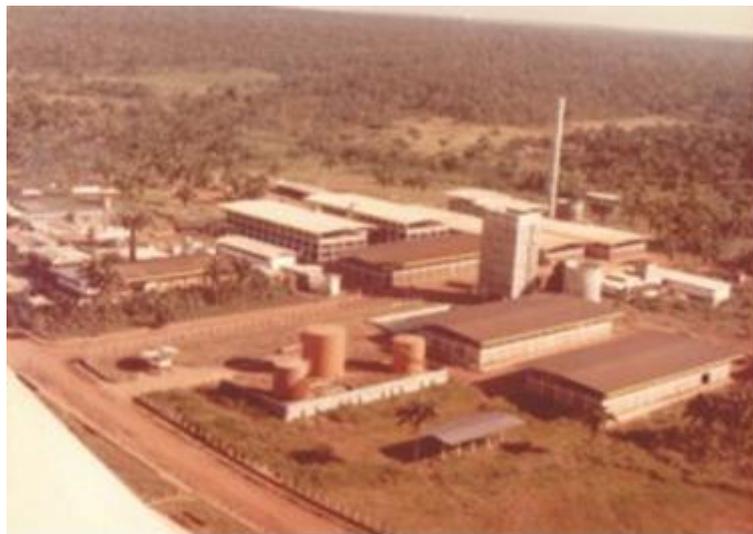
De modo, o empreendimento Tobasa passou a tornar-se referência no Brasil como projeto empresarial único e pioneiro, a partir da consolidação de suas tecnologias inovadoras para o aproveitamento integral do coco de babaçu, gerando em consequência, patente, teses de mestrado e doutorado, em parcerias com universidades e instituições de pesquisa, com trabalhos publicados no Brasil e no exterior.

Atualmente, a Tobasa Bioindustrial dispõe de um complexo industrial implantado desde 1969, estando instalada e operando há 42 anos desde o antigo Goiás e hoje estado do Tocantins, na cidade de Tocantinópolis, microrregião do Bico do Papagaio, gerando 160 empregos diretos no complexo industrial e em torno de 1.500 empregos indiretos (extrativistas) na área florestal.

Além de todos os benefícios sociais estabelecidos por lei, a Tobasa fornece moradia gratuita à maioria de seus funcionários em sua vila residencial. Estimula o esporte entre colaboradores através do time, Tobasa Futebol Clube, campeão da Copa do Trabalhador Sesi/Senai em 2008, municipal, estadual e regional, participando, inclusive, de competições nacionais até 2011.

No campo da educação, participa do comitê gestor da Escola de Informática e Cidadania de Tocantinópolis, que tem como objetivo desenvolver cursos de informática e de formação psicossocial em cidadania às comunidades carentes da cidade. Também apoia as associações de bairros e artesãos de Tocantinópolis por meio do Projeto Arte Norte (através do fornecimento de babaçu fatiado e carvão granulado da casca do babaçu para confecção das peças de artesanato) em parceira com o SEBRAE como membro mantenedor no desenvolvimento do artesanato na região norte do Tocantins.

Vista Aérea do Complexo Industrial:



Fonte: Tobasa Bioindustrial S/A – 2012

Na sua estrutura industrial, possui uma logística de processamento integrado para o aproveitamento completo do coco de babaçu, desde silos armazenadores de coco, máquinas e equipamentos mecânicos de descorticagem e de processamento de corte transversal do fruto, até a distribuição mecanizada em suas fábricas de óleo, sabão, álcool, carvão ecológico e carvão ativado, com uma capacidade de produção projetada para apresentar um crescimento sustentado, com um nível de tecnologia industrial que permite garantir qualidade físico-química compatível, ou até mesmo superior, aos melhores carvões ativados disponíveis nos mercados nacional e internacional – conforme reforçou o representante da empresa entrevistado nesta pesquisa.

Sob o ponto de vista de instalações inovadoras, pioneiras e patenteadas, destaca-se o processo de extração mecânica das amêndoas do coco por “via seca” (máquina de corte transversal do coco), considerado revolucionário por descortinar um universo técnico e socioeconômico totalmente inovador para a economia babaçueira no Brasil, pois rompe com o processo tradicional do extrativismo do babaçu via “gume de machado”, neste caso inviável para a indústria. Os representantes da Tobasa ressaltaram o respeito e a consideração pelo

trabalho das centenas de quebradeiras de coco da região e ainda informaram que não realizam coleta de coco nas áreas onde desenvolvem suas atividades.

A empresa também é detentora da primeira destilaria de álcool de babaçu em escala industrial, onde os processos biotecnológicos de desenvolvimento contaram, parcialmente, com a assistência técnica do Instituto Nacional de Tecnologia (INT) e com a parceria científica da COPPE/UFRJ, gerando inclusive tese de doutorado em engenharia química (Baruque Filho, 2000), sendo a concepção do projeto básico de engenharia, bem como de sua execução e montagem, coordenada pela equipe técnica da própria empresa.

Relações institucionais e parcerias com os setores público e privado:

- ✓ Embrapa Cocais e Planícies Inundáveis (com sede em São Luís/MA)

A Tobasa, por assumir a responsabilidade por projetos de P&D da cadeia produtiva do babaçu, apoia e investe, como líder, num projeto de desenvolvimento de mudas de palmeiras de babaçu no Sítio Cocal, de sua propriedade, localizado em Tocantinópolis. Trata-se de um estudo piloto de avaliação da capacidade de sequestro de carbono da atmosfera, com vistas a identificar a contribuição da floresta de babaçu na redução do efeito estufa, em parceria com a Embrapa Cocais e o Instituto RIA. Os principais beneficiados com a implantação deste projeto serão as comunidades extrativistas envolvidas na cadeia produtiva do coco de babaçu, população em geral e o bioma amazônico.

A parceria com instituições de pesquisa e desenvolvimento se estende a projetos acadêmicos, como o Projeto Rede Babaçu, que tem, como objetivo principal, implantar uma rede nacional de pesquisa sobre o babaçu, de modo que se estabeleçam ações de cooperação entre a Embrapa Cocais/MA, TOBASA/TO, GCT Bio/MG e UFT/Programa de Desenvolvimento Regional, sobre a sustentabilidade quanto ao aproveitamento extrativista do coco de babaçu sob o ponto de vista econômico, social e ambiental.

Recentemente, Embrapa Cocais, Tobasa e UFT reforçaram sua parceria com o desenvolvimento de um novo e longo projeto intitulado “Melhoramento Genético do Babaçu/Embrapa Cocais”, focado no melhoramento genético do coco, que terá a duração de,

aproximadamente, 20 anos, o qual envolverá várias unidades da Embrapa. As etapas do Projeto serão: i) identificação e seleção das áreas e das populações naturais, ii) avaliação e seleção dos indivíduos/palmeiras nas populações, iii) formação de mudas e aquisição de 03 áreas de 20 hectares para experimento e iv) avaliação do experimento de progênies de meio-irmãos.

✓ Ministério do Desenvolvimento Agrário/MDA

Dentre os programas e políticas públicas que o MDA desenvolve na mesorregião do Bico do Papagaio, a Tobasa participa e apoia, em suas ações, o Plano Nacional da Sociobiodiversidade, cujo objetivo é promover e fortalecer as cadeias dos produtos da sociobiodiversidade brasileira, com agregação de valor e consolidação de mercados sustentáveis. A participação da empresa em workshops, em reuniões do Grupo de Trabalho (GT) do babaçu, que foi implantado no estado do Tocantins pela Secretaria Estadual de Agricultura, bem como em reuniões na Secretaria de Agricultura Familiar/SAF-MDA em Brasília, visa buscar a sua contribuição para os estudos e as leis que visem à sustentabilidade ambiental, social e econômica do babaçu.

Este apoio é reforçado à Secretaria de Agricultura Familiar/SAF-MDA através do Programa Talentos do Brasil⁴, que [...] promove e estimula a troca de conhecimentos, valorizando a identidade cultural, proporcionando a geração de emprego e renda, assim como agregando valor à produção de grupos de artesãos rurais. É oportuno lembrar que a estruturação desses grupos produtivos é focada na gestão participativa; deste modo, a Cooperativa Nacional Marca Única (Coopeunica) foi criada justamente para viabilizar a emancipação financeira e a comercialização da produção artesanal com maior regularidade.

Na região do Bico do Papagaio Tocantinense, a Coopbabaçu integra a Coopeunica através do Projeto Arte Norte (inserido no Programa Talentos do Brasil), que envolveu inicialmente, aproximadamente oitenta artesãos dos municípios de Aguiarnópolis, Tocantinópolis, São Bento, Luzinópolis, Nazaré e Araguatins, tendo como gestor o SEBRAE/TO. Neste contexto, a Tobasa apoia o projeto Arte Norte, fornecendo (i) “fatiados

⁴ Fonte: <http://www.mda.gov.br/portal/saf/programas/talentosdobrasil/2297450> - último acesso 15 de set. 2012.

do coco de babaçu” (fatia de coco obtida pelo corte do fruto no sentido transversal) e (ii) carvão granulado para a confecção de artesanatos como biojóias e peças de decoração, lembrando que a Coopbabaçu tem, entre seus clientes, o Grupo Pão de Açúcar e Lojas Tok Stok, e ainda, estão vislumbrando um possível apoio da empresa TAM Linhas Aéreas no desenvolvimento de um projeto para aquisição e implementação das máquinas utilizadas na confecção das peças.

✓ Federação das Indústrias do Estado do Tocantins/FIETO

A Tobasa é uma empresa filiada à FIETO, enquanto indústria que se encontra instalada e em operação no estado Tocantins; além de sua frequência nas atividades da Federação, participa, constantemente, de editais do SENAI-TO, os quais promovem prêmios e apoios financeiros às empresas que apresentem projetos inovadores de desenvolvimento tecnológico industrial, com vistas à contribuição na inovação da indústria brasileira. Assim, a Tobasa, disputando com centenas de empresas espalhadas por todo o Brasil, ganhou por duas oportunidades o apoio financeiro para seus dois projetos industriais, quais sejam, (i) Cogeração de Energia Térmica no Processo de Carbo-ativação do Endocarpo do Coco de Babaçu, em 2009 e (ii) Fabricação de Carvão Ativado de Alta Performance, por processo termodinâmico inovador, a partir do endocarpo do coco de babaçu, em 2011.

A Tobasa foi a primeira e única empresa do estado do Tocantins a aprovar e ganhar, em disputa nacional de 2009, um projeto em parceria com o Senai, garantindo ao Tocantins, pela primeira vez e de forma inédita, marcar a sua presença no cenário brasileiro de inovação industrial. Neste contexto tecnológico, além de a empresa promover o avanço da tecnologia industrial para o estado, com geração de patente e modernização industrial, há, também, os benefícios econômicos, sociais e ambientais, uma vez que a planta industrial modernizada possibilitará a empresa aumentar sua escala de produção, gerando, em consequência, mais empregos diretos e indiretos, maior circulação de riqueza nas áreas florestais, bem como ampliação do raio de conservação florestal das palmeiras de babaçu. No que tange ao mercado consumidor de seus produtos industriais, mormente o carvão ativado, existe um benefício colateral ao país, uma vez que a Tobasa, com a execução de seu segundo projeto inovador,

produzirá carvão ativado de alta performance, permitindo a substituição de carvões ativados importados para diversos segmentos deste mercado consumidor.

✓ Universidade Federal do Tocantins/UFT

A Tobasa, por sua tradição de investimento em P&D, vem intensificando suas parcerias acadêmicas com a UFT, podendo-se enumerar os seguintes projetos em andamento:

- i) Curso de Zootecnia, campus de Araguaína, onde diversos projetos científicos de inserção das farinhas amiláceas do mesocarpo de babaçu, em substituição aos tradicionais cereais utilizados, como milho e sorgo, na alimentação de bovinos, com excelentes resultados comprovados por testes de campo na universidade e nas fazendas da região, resultando em teses de mestrado e publicações científicas especializadas no tema;
- ii) Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional - instituiu a Rede Babaçu aprovada pelo CNPq em 2010 (parceria com a Embrapa/Cocais, a Tobasa e a GCT/Bio), tem o objetivo de interligar pesquisas relacionadas à cadeia produtiva do babaçu, de modo que estabeleça ações de cooperação entre a Embrapa Cocais, Universidade Federal do Tocantins e empresas sobre sua sustentabilidade econômica, social e ambiental. As referidas pesquisas estão possibilitando levantar dados e parâmetros que estão contidos e analisados em artigos e dissertações de mestrado;
- iii) Curso de graduação de engenharia de alimentos, relativo ao Projeto EcoNutrição, em parceria com a Embrapa/Agroindústria de Alimentos, cujo objetivo será estudar e identificar as propriedades do mesocarpo do coco de babaçu, visando fortalecer a cadeia de alimentos da sociobiodiversidade por meio de sua valorização sustentável.

✓ Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ:

A Tobasa também está presente em trabalhos científicos desenvolvidos no Rio de Janeiro, os principais em desenvolvimento, são, (i) com o Grupo de Biocatálise, do Instituto de Química e da COPPE/UFRJ, que objetiva a produção de enzimas proteolíticas a partir da torta do coco de babaçu (subproduto da prensagem da amêndoa na produção do óleo de

babaçu) para o tratamento biológico de águas e efluentes residuais com alto teor de proteína e (ii) com a Faculdade de Farmácia, cuja pesquisa científica objetivará a produção de um fitoterápico, a partir do óleo do coco de babaçu, para o auxílio no tratamento de redução do volume aumentado da próstata (tumor benigno), encontrando-se em fase inicial.

Relação com fornecedores de coco de babaçu – Estrutura

A matéria prima é recebida pela Tobasa através da emissão de nota fiscal de entrada. A seguir, apresenta-se a discriminação da coleta de coco de babaçu, com as definições de modelos de fornecedores com os seus respectivos percentuais relativos à coleta do ano de 2011:

- i) Fornecedores Fazendeiros - proprietários de terras que, com seus próprios empregados, coletam o coco inteiro e o fornecem, depositando diretamente nos “containers” da Tobasa, com a periodicidade, anual ou bienal (representa 5,33% do fornecimento) ;
- ii) Fornecedores Fazendeiros - proprietários de terras que contratam empregados especificamente para a coleta do coco inteiro e o fornecem depositando diretamente nos “containers” da Tobasa, com a periodicidade, anual ou bienal (representa 3,55% do fornecimento);
- iii) Fornecedores Chacareiros - proprietários ou arrendatários de terras (pequenos), onde, com seus próprios familiares, coletam o coco inteiro e o fornecem depositando diretamente nos “containers” da Tobasa, ou, com seu próprio transporte, o entregam na indústria: periodicidade anual ou bienal (representa 0,59% do fornecimento);
- iv) Fornecedores de Coco (A) - pessoa física com turmas de catadores que, com caminhão, vão de região em região comprando o coco inteiro, já retirado dos cocais, transportando-os até os “containers” da Tobasa, com a periodicidade de julho a fevereiro (representa 14,42% do fornecimento);

v) Fornecedores do Coco (B) - pessoa física com turmas de catadores que, com caminhão, vão de região em região comprando das fazendas ou propriedades o coco inteiro, retirando-o dos cocais e transportando-o até os “containers” da Tobasa, com a periodicidade de julho a fevereiro (representa 38,38% do fornecimento);

vi) Fornecedores Independentes do Coco - pessoas físicas que vão, de região em região, trabalhando em fazendas e propriedades para limpar o “coco inteiro”, retirando-o dos cocais e transportando-o até os “containers” da Tobasa, ou vendendo-o aos fornecedores do coco, periodicidade de julho a fevereiro (representa 20,64% do fornecimento); e

vii) Compradores Independentes do Coco - pessoas físicas que vão, de região em região, comprando das fazendas e propriedades o coco inteiro, retirando-o dos cocais e transportando-o até os “containers” da Tobasa, ou vendendo-o aos fornecedores do coco, com a periodicidade de julho a fevereiro (representa 17,09% do fornecimento).

A matéria-prima é também recebida pela Tobasa através da emissão de nota fiscal de entrada. A discriminação da coleta e da compra da amêndoa do coco de babaçu advém da própria quebradeira de coco tradicional, como, também, dos mercados de “secos e molhados” localizados nos assentamentos, nas cidades e nas comunidades de produção.

A área de abrangência da Tobasa compõe as comunidades extrativistas de quebradeiras e catadores de coco de babaçu, circundantes e situadas na região do Bico do Papagaio, estado do Tocantins, incluindo, neste caso, as comunidades indígenas e ribeirinhas da Amazônia Legal, estando situadas nos seguintes municípios: Aguiarnópolis, Luzinópolis, Nazaré, Santa Terezinha, Cachoeirinha, Araguatins, São Miguel, Axixá, Buriti, Esperantina, Sítio Novo, Itaguatins, Ananás, Riachinho, São Bento, Maurilândia, Sampaio, Carrasco Bonito, São Sebastião, Praia Norte, Angico e Augustinópolis.

As quebradeiras e catadores de babaçu, além da venda do coco e da amêndoa, em algumas comunidades extraem, artesanalmente, azeite in natura e mesocarpo, como, também, produzem carvão para consumo próprio, e ainda confeccionam artesanato. Além de fornecerem 20.000 toneladas de coco inteiro e 600 toneladas de amêndoa anualmente para a Tobasa, algumas associações fornecem outros produtos como azeite in natura, mesocarpo, artesanato e carvão em feiras e exposições, sendo que, pontualmente, vendem diretamente, para algumas indústrias de babaçu, o óleo de babaçu.

Por meio de uma relação comercial, porém, cooperativa conforme as considerações do engenheiro Marco Antônio Leime, gestor da área florestal da empresa, a relação comercial é baseada na compra e venda, onde os fornecedores utilizam veículos para transportar a produção e vendê-la para a indústria e/ou cooperativas.

Tabela 03. Comparação de ganhos das atividades extrativas relacionadas com o babaçu – Fornecedores da Tobasa - Tocantins – 2012.

Atividade	Produtividade diária média	Preço médio praticado	Ganho médio diário	Ganho médio mensal	Ganho médio anual *
Catador	2 m ³ / dia	R\$ 25,00 / m ³	R\$ 50,00	R\$ 1.000,00	R\$ 7.000,00
Quebradeira	10 kg / dia	R\$ 1,60 kg	R\$ 16,00	R\$ 384,00	R\$ 2.688,00

Fonte: Tobasa Bioindustrial de Babaçu S/A.

(*) A atividade em regra se desenvolve em 7 meses por ano.

Segundo informações da Tobasa Bioindustrial, um catador ganha, mantendo sua atividade em média sete meses por ano com uma regularidade na cata de 2 m³/dia (dois metro cúbicos por dia) e 5 dias por semana, com preço de venda do coco de R\$ 25,00/m³ = R\$ 50,00/dia, equivalendo a R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) por semana, uma média de R\$ 1.000/mês (hum mil reais por mês). Uma quebradeira ganha por mês, mantendo em média uma regularidade de quebra e fornecimento de 10 Kg/dia, 6 dias por semana, preço de venda R\$ 1,60 = R\$ 16,00/dia, equivalendo a R\$ 96,00 por semana, uma média de R\$ 384/mês.

A partir de suas duas matérias primas, a amêndoa e o coco inteiro de babaçu, a Tobasa gera os seguintes produtos industriais:

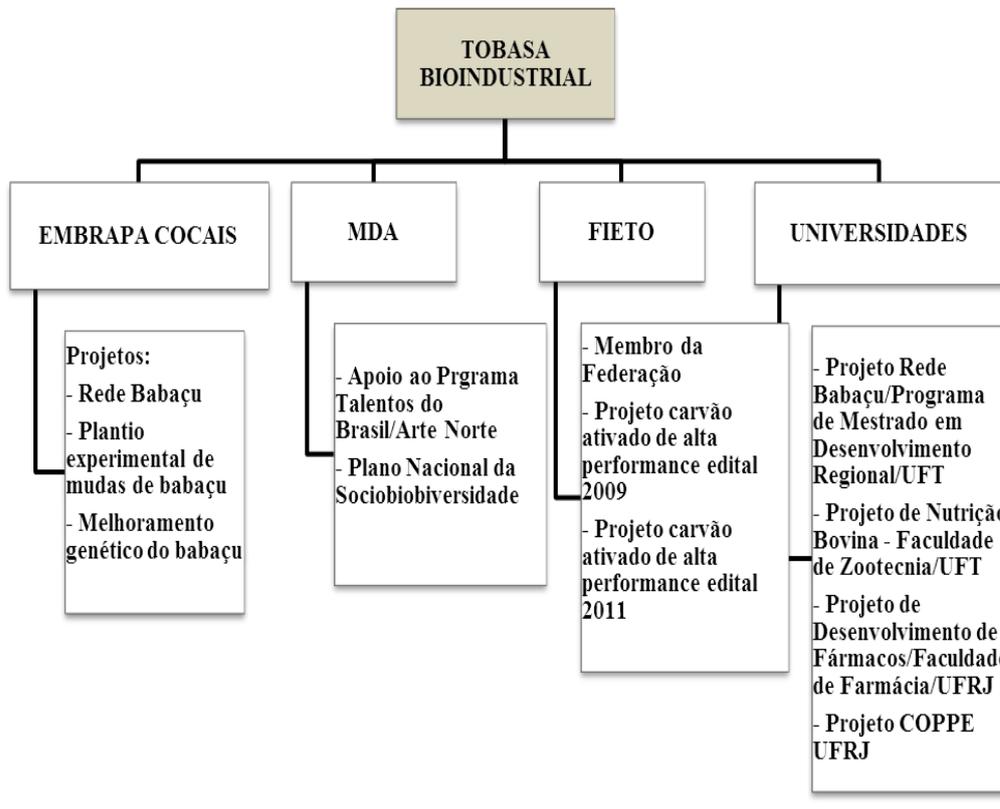
- ✓ Óleo e torta (derivados do processo de prensagem das amêndoas produzidas por quebradeiras e pela máquina de cortar coco inteiro pelado) o óleo é comercialmente destinado às indústrias de fabricação de sabão e sabonetes, a torta é utilizada como ração de bovinos e suínos;
- ✓ Farinhas amiláceas (derivadas do mesocarpo) as farinhas amiláceas podem ser aplicadas no setor de ração de bovinos, em alimentação humana, nas indústrias químicas e na fabricação de álcool e de bebidas finas;
- ✓ Fibra (derivada do epicarpo) utilizada como biocombustível sólido de caldeiras e equipamentos de secagem, substituindo lenha de cerrado e derivados de petróleo;
- ✓ Farinhas orgânicas (derivadas do corte do coco pelado) as farinhas orgânicas podem ser comercializadas nos segmentos de ração de bovinos;
- ✓ Carvão ativado (derivado do processo de carbo-ativação do endocarpo) é um insumo nobre, largamente utilizado nos mais diversos segmentos industriais, inclusive em aplicações clínicas, destacando-se a empresa como fornecedor líder, pela alta qualidade de seu carvão ativado, no mercado de filtros e purificadores residenciais de água para consumo humano.

Tabela 4. Análise Swot da Tobasa Bioindustrial

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<ul style="list-style-type: none"> - Experiência de mais de 40 anos na industrialização do coco de babaçu; - <i>know-how</i> da rede de fornecimento de amêndoa e de coco de babaçu (relações pessoais e institucionais, tecnologia de coleta, respeitabilidade junto às comunidades extrativistas); - Domínio da tecnologia industrial de aproveitamento integral do coco de babaçu, pioneira no Brasil e no mundo; - Domínio dos processos industriais inovadores de produção de álcool e de carbo-ativação; - Marca forte nos mercados em que atua, principalmente nos de óleo e de carvão ativado, sendo classificada, pelos respectivos segmentos; - É um dos três mais tradicionais fornecedores de óleo de babaçu do país; - Considerada a marca líder do Brasil em qualidade dos carvões ativados especiais comercializados no setor de filtros e purificadores de água residencial. 	<ul style="list-style-type: none"> - Matéria prima da Tobasa é totalmente proveniente das terras de terceiros (pequenos, médios e grandes fazendeiros) e do trabalho dos extrativistas, levando a empresa a ser relativamente dependente destes dois segmentos populacionais;
Oportunidades	Vulnerabilidades
<ul style="list-style-type: none"> - É uma empresa que industrializa produto da Sociobiodiversidade (coco 	<ul style="list-style-type: none"> - A concorrência predatória e ilícita das siderúrgicas na compra do coco de babaçu para

<p>de babaçu) e pelas necessidades que nosso país e o mundo inteiro necessitam de conservar as suas florestas naturais e de fomentar e praticar o desenvolvimento sustentável;</p> <ul style="list-style-type: none"> - No Brasil uma política forte de incentivos fiscais, científicos e tecnológicos, mercadológicos; - O Plano Nacional da Sociobiodiversidade (PNPSB), o que cria excelentes oportunidades para a Tobasa, no que tange à segurança de seu empreendimento, no sentido de lograr êxito quanto às projeções estratégicas de seu crescimento sustentado ao longo dos próximos anos. - É parceira da Embrapa Cocais (MA) no projeto de pesquisa e desenvolvimento em biotecnologia vegetal para produção de mudas de babaçu que possam vir a apresentar propriedades de maior precocidade e elevada produtividade agrícolas, para, num prazo aproximado de 10 a 15 anos. 	<p>fins de “substituição” do carvão vegetal;</p> <ul style="list-style-type: none"> - A concorrência do óleo de palmiste importado da Malásia (“PKO”) que derruba as cotações do mercado de óleo de babaçu, reduzindo, em consequência, o preço de aquisição da amêndoa pela indústria beneficiadora, o que desestimula a atividade da “mulher-quebradeira” de coco pela baixa remuneração obrigatória a ser paga pelas amêndoas; - O fato de as atividade extrativistas da quebra e da cata do coco de babaçu não se configurarem, ainda, como um arranjo produtivo local-APL, o que impede aos extrativistas de obterem linhas de crédito de bancos para o fomento de suas atividades produtivas; - Este conjunto de fatores acima descrito pode trazer riscos ao projeto de expansão da empresa no médio e/ou longo prazo.
--	--

Figura 4: Tobasa Bioindustrial: quadro demonstrativo das relações institucionais



Fonte: Pesquisa de campo

4.2.2 Análise socioambiental dos catadores de coco de babaçu que comercializam indiretamente com a Tobasa

Os Gráficos abaixo apresentam os resultados das análises da pesquisa socioambiental, com os catadores que indiretamente vendem o coco de babaçu para a indústria Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins 2012:

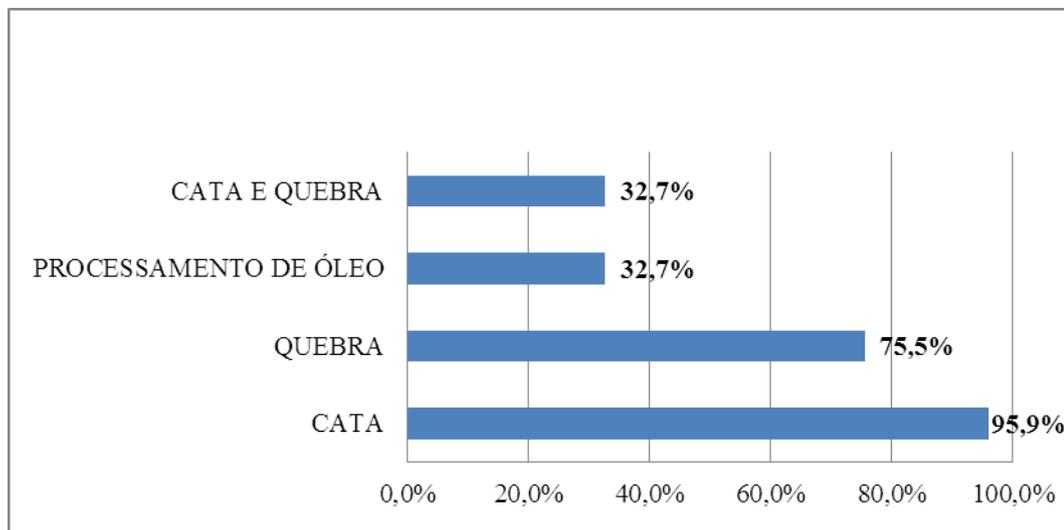


Gráfico 03. Atividades econômicas com o Babaçu - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio/Tocantins 2012

No gráfico 03 (três), os catadores informaram sobre o modo como aproveitam o coco de babaçu: i) cata e quebra, ii) processa óleo, iii) quebra e iv) cata. A grande maioria trabalha apenas na atividade da cata do coco de babaçu, entretanto, a atividade da quebra do coco também é bastante praticada entre os catadores, pois 75,5% deste grupo trabalham nesta atividade, que é bastante realizada na região pelas mulheres conhecidas como quebradeiras de coco.

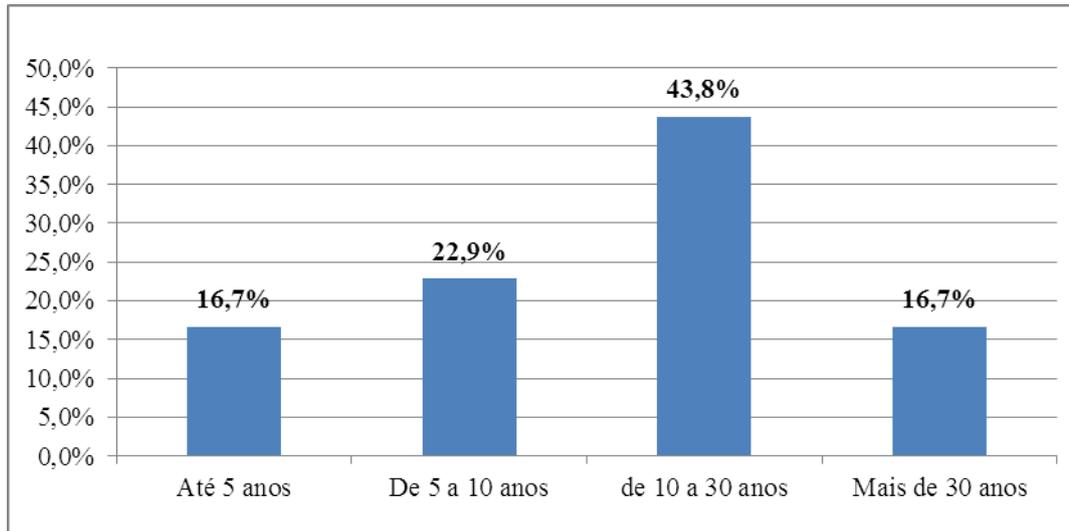


Gráfico 04. Tempo de experiência dos entrevistados em atividades com o Babaçu - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Em relação ao tempo de experiência dos catadores na atividade com o babaçu, o gráfico 4 (quatro) apresenta mais de 50% dos entrevistados com acima de 10 (dez) anos de experiência com a atividade, tratando-se de um período considerável para se manter num trabalho que exige tanta resistência física para praticá-lo, assim como manter a saúde.

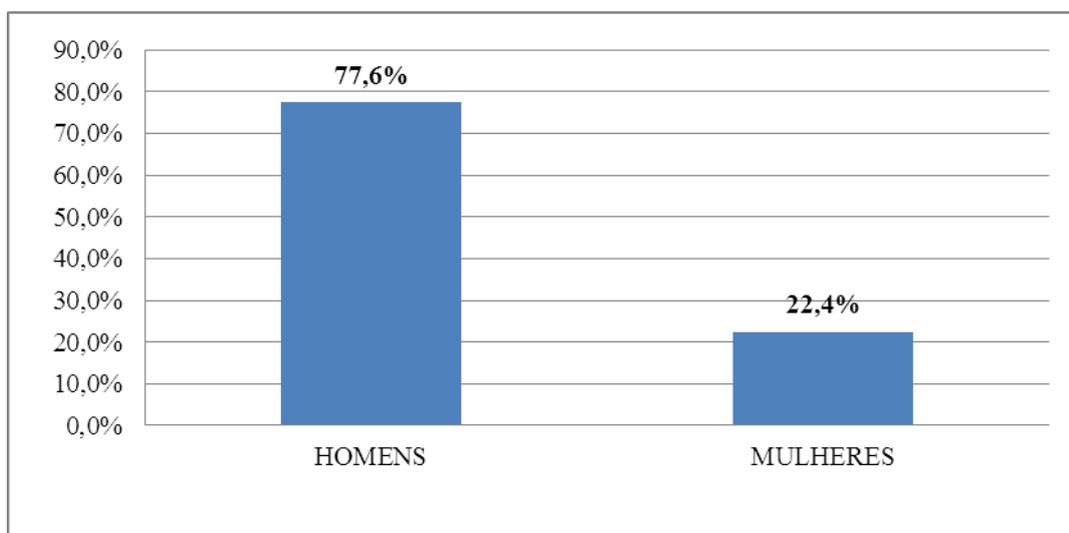


Gráfico 05. Gênero dos envolvidos em atividades com o Babaçu - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

No gráfico 5 (cinco), verifica-se que a atividade da cata do coco de babaçu na região do Bico do Papagaio é predominantemente praticada por homens, mas alguns fatores como, o valor pago pelo coco *in natura*, que o torna mais rentável do que a atividade com a quebra do coco e o próprio manuseio com o coco oferecer menos riscos, fazem um percentual de 22,4% desse grupo ser composto por mulheres que, além de vender as amêndoas do babaçu, também vendem o coco *in natura*.

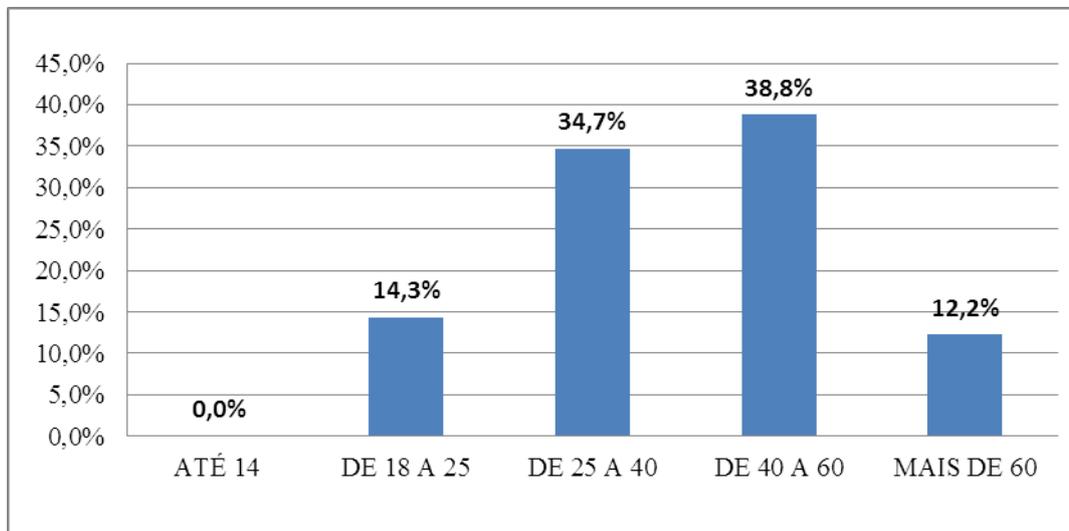


Gráfico 06. Estrutura etária dos envolvidos em atividades com o Babaçu - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Em relação à estrutura etária dos entrevistados, no gráfico 6 (seis) foi verificada que nos últimos cinco anos grande parte dos extratores de babaçu estão procurando a atividade da cata acima dos 18 anos de idade e, um dos principais motivos, é a falta de oportunidade devido à baixa escolaridade dos jovens da região.

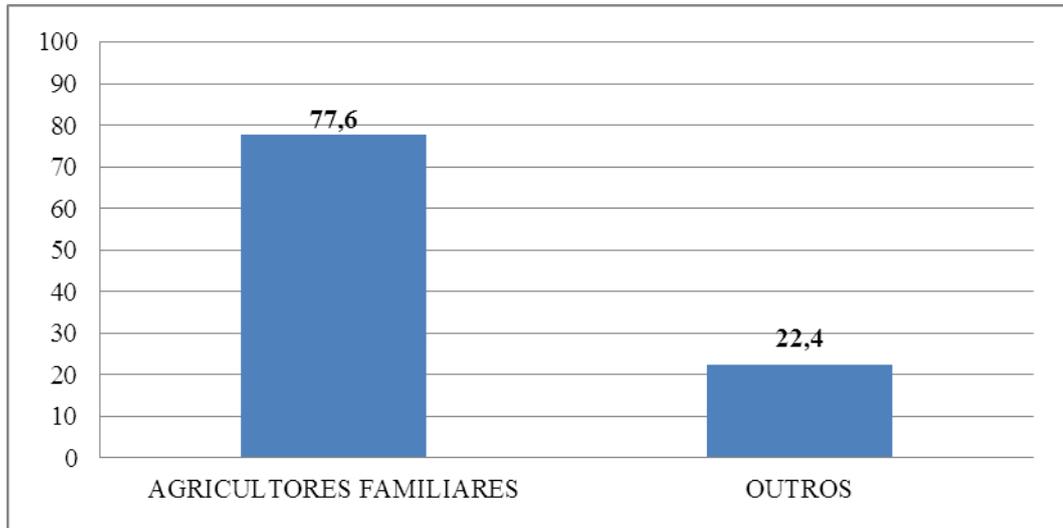


Gráfico 07. Participação dos agricultores familiares em atividades com o Babaçu - Catadores Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 7 (sete), mais de 70% dos entrevistados são agricultores familiares, demonstração da presença forte do agroextrativismo na região do Bico do Papagaio, onde os extrativistas desenvolvem uma atividade mista, a cata ou quebra do coco de babaçu, associada às práticas da agricultura.

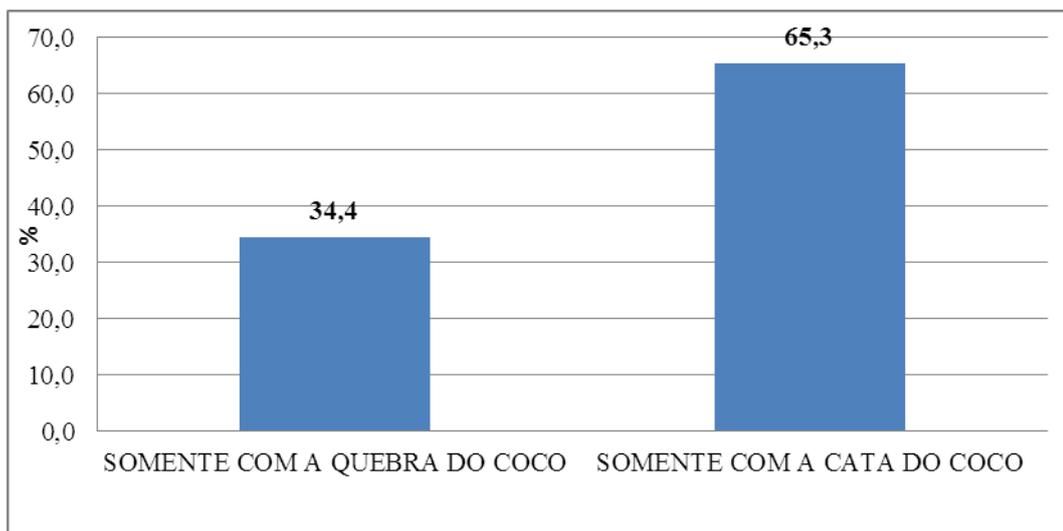


Gráfico 08. Preferência de manejo dos envolvidos em atividades com o Babaçu Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Desse modo, o referido grupo revelou no gráfico 8 (oito) a sua preferência de manejo com o coco de babaçu, demonstrando que aproximadamente 65% dos entrevistados preferem

trabalhar somente com a atividade da cata do coco, alegando motivos como o valor do metro cúbico do coco inteiro que é maior do que o valor da amêndoa e o próprio manuseio ser mais fácil, pois não necessitam usar ferramentas de corte como o machado.

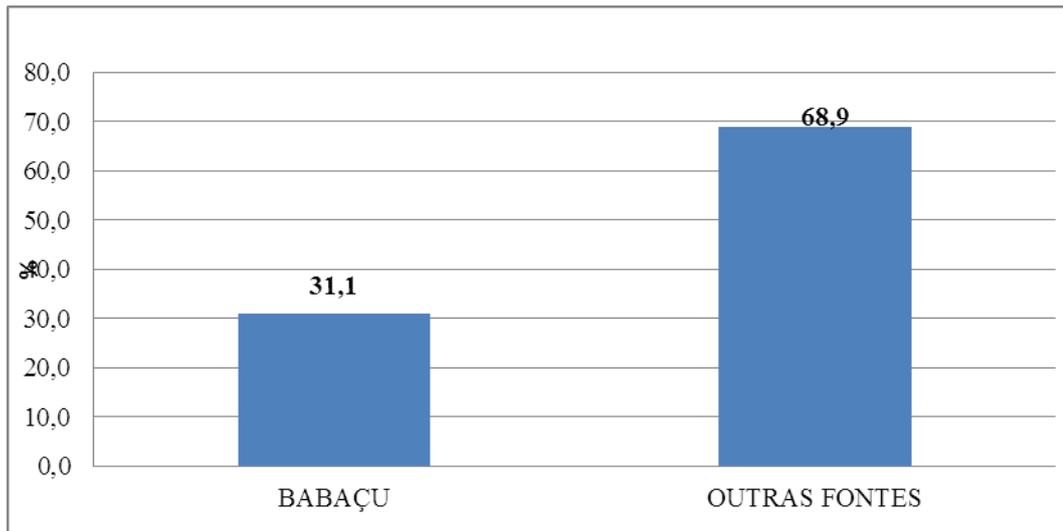


Gráfico 09. Principal fonte de renda dos envolvidos em atividades com o Babaçu - Catadores Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 9 (nove), verifica-se que a principal fonte de renda das famílias dos catadores de coco de babaçu não tem origem somente na atividade com o a cata do coco, pois a renda familiar também é adquirida com a produção agrícola e com programas de transferência de renda, trabalho não agrícola e trabalho agrícola como safrista.

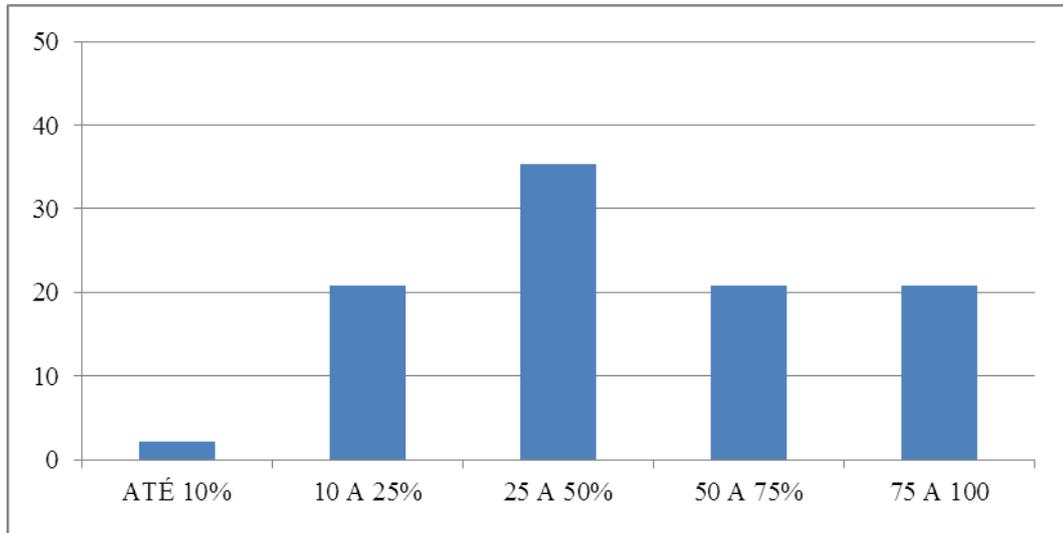


Gráfico 10. Percentual da renda familiar advindo das atividades com o Babaçu - Catadores Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

O gráfico 10 (dez) apresenta 40% dos entrevistados com um percentual na renda familiar, que varia de 50 a 100%, com origem na atividade com o babaçu, confirmando-se que esta atividade é um complemento de renda.

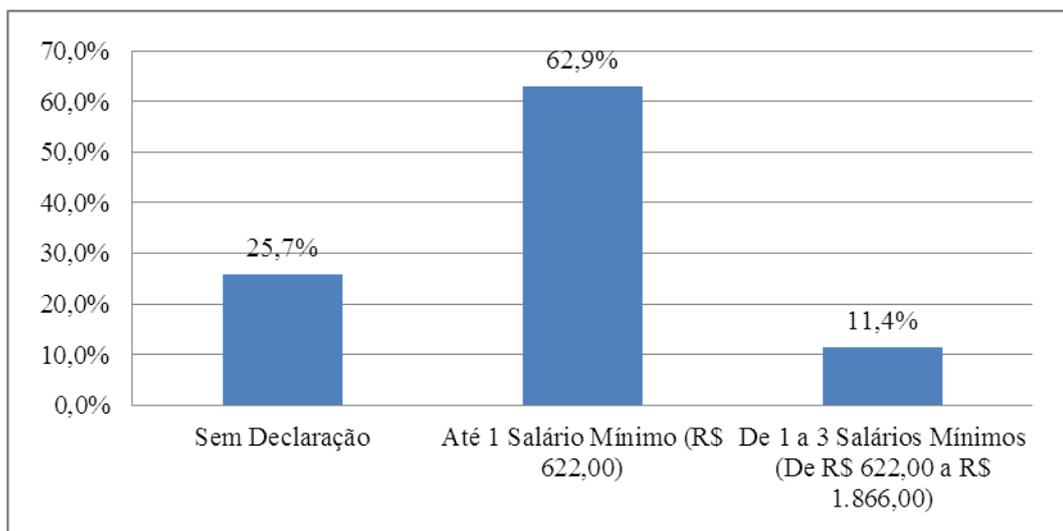


Gráfico 11. Renda familiar mensal - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Dentre os catadores de coco de babaçu que comercializam com a indústria Tobasa, o gráfico 11 (onze) mostra um percentual muito baixo de famílias de catadores vivendo com

mais de um salário mínimo, apenas 11%, e a grande maioria desses extrativistas dispõe de valores de até um salário mínimo para as despesas das suas famílias.

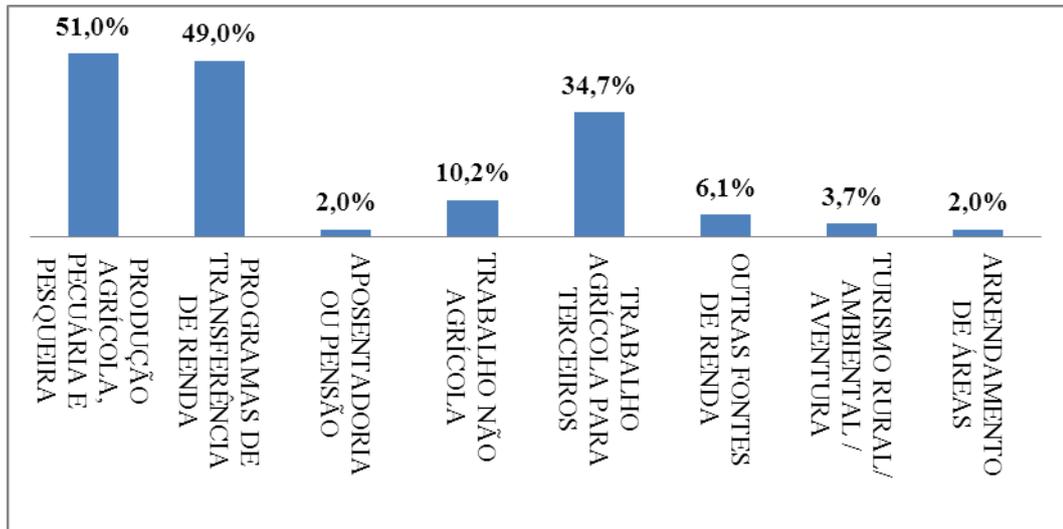


Gráfico 12. Outras fontes de renda familiar - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A renda familiar dos catadores de coco de babaçu também é adquirida através de outras atividades, sendo que as mais citadas por estes entrevistados foram: i) Produção agrícola 51%, ii) Programas de transferência de renda 49%, iii) Trabalho não agrícola 10%, e iv) Trabalho agrícola para terceiros, como visto no gráfico 12 (doze). Neste sentido, o complemento de renda, gerado pelos programas de transferência de renda, faz parte da realidade de quase metade das famílias dos mencionados catadores, onde na região do Bico do Papagaio essa contribuição do governo é significativa para o sustento dessas famílias.

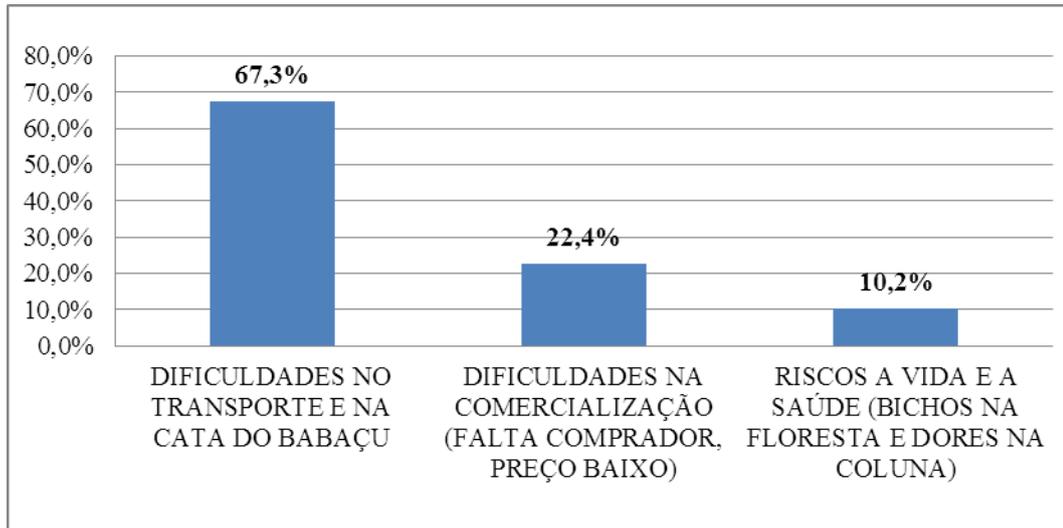


Gráfico 13. Principais desafios levantados pelos envolvidos em atividades com o Babaçu - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A referida pesquisa conferiu os principais desafios enfrentados pelo grupo de catadores de coco de babaçu para realizar o seu trabalho; no gráfico 13 (treze) verifica-se que, dentre os obstáculos mencionados pelos catadores, as dificuldades no transporte e na realização da cata do coco são os fatores que causam maior empecilhos ao bom desenvolvimento do trabalho, principalmente devido ao acesso às florestas de matas fechadas que dificultam o trajeto até o local onde estão os sacos de coco de babaçu, que são levados por animais (jumentos) até os *cotainers* da indústria Tobasa, localizados em pontos estratégicos às margem das estradas, de forma a fazer a coleta e o transporte até a fábrica.

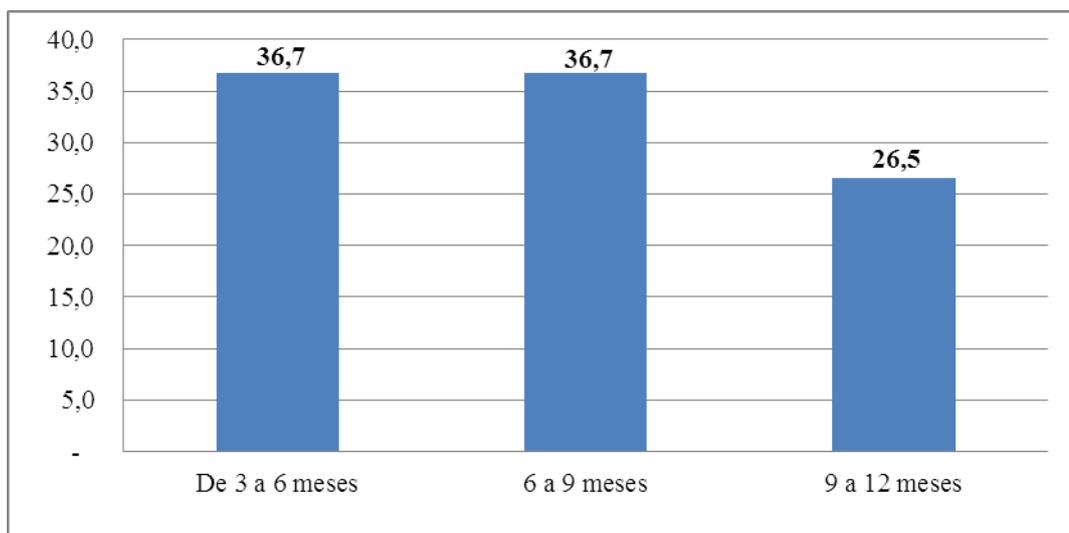


Gráfico 14. Frequência da atividade extrativa com o babaçu no ano - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Nas entrevistas realizadas com o grupo de catadores, foram levantadas as informações relacionadas à frequência da atividade com a cata; assim, no gráfico 14 (quatorze), é apresentada uma divisão em três períodos, chamando a atenção para apenas 26% dos catadores que praticam a atividade no decorrer no ano.

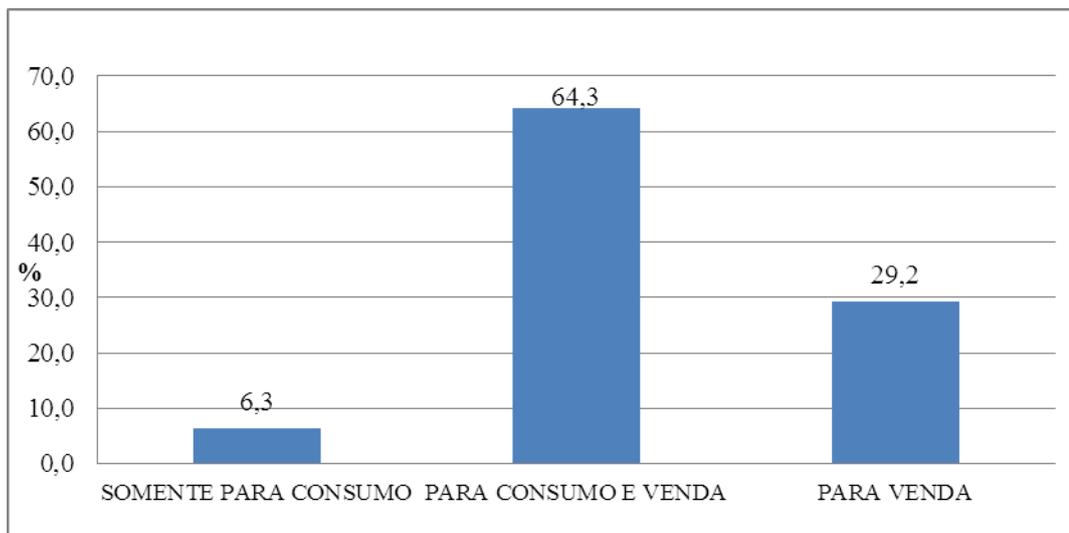


Gráfico 15. Destino do babaçu extraído - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Quanto ao destino do coco de babaçu, no gráfico 15 (quinze) foi verificado que aproximadamente 60% dos catadores vendem o coco de babaçu para a indústria Tobasa e também consomem os produtos extraídos como o carvão das cascas e o óleo das amêndoas, onde, segundo os extrativistas, a utilização doméstica desses produtos contribui para a diminuição das despesas com a compra de gás de cozinha e óleo para cozinhar os alimentos.

Na região do Bico do Papagaio, a presença de conflitos entre fazendeiros e extrativistas de coco de babaçu permaneceu por décadas até que a aprovação da Lei do Babaçu Livre (Lei 1.959 de 14 de agosto de 2008) proporcionou o desempenho da atividade da cata e da quebra de forma mais segura para os extrativistas do coco de babaçu.

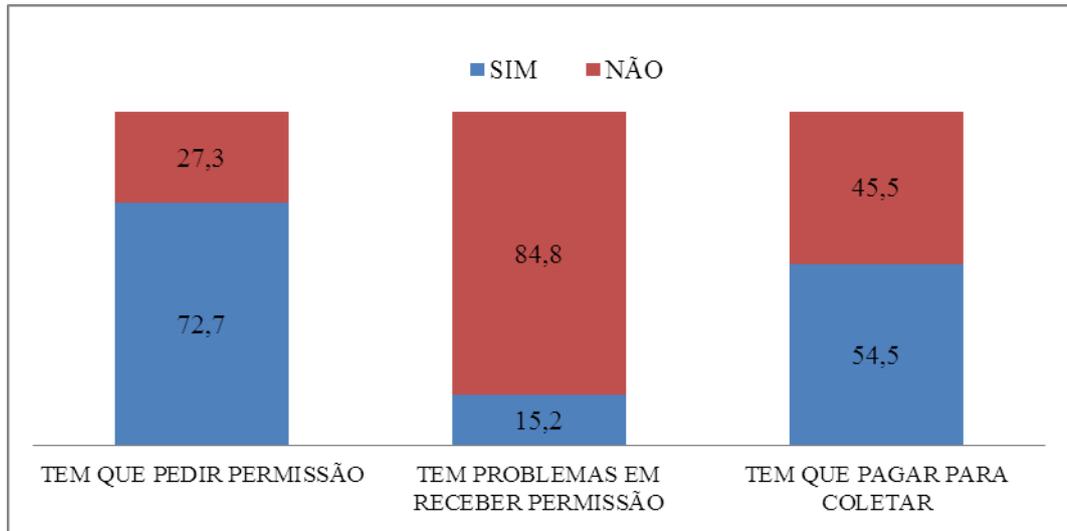


Gráfico 16. Aspectos relacionados com a extração do babaçu Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins 2012

Desse modo, o trabalho investigou sobre a permissão para os catadores entrarem nas fazendas, que no gráfico 16 (dezesseis) apresentou um percentual no qual 15% destes não conseguem a permissão para catar coco de babaçu nas fazendas. Existem algumas questões relacionadas à falta de permissão por parte dos fazendeiros, onde estes alegam que a atividade da quebra do coco deixa algumas cascas nos pastos e os animais podem machucar as patas ao pisar neste local. Outra problemática seria a queima do coco de babaçu para fazer carvão, que oferece risco de incêndio para a fazenda.

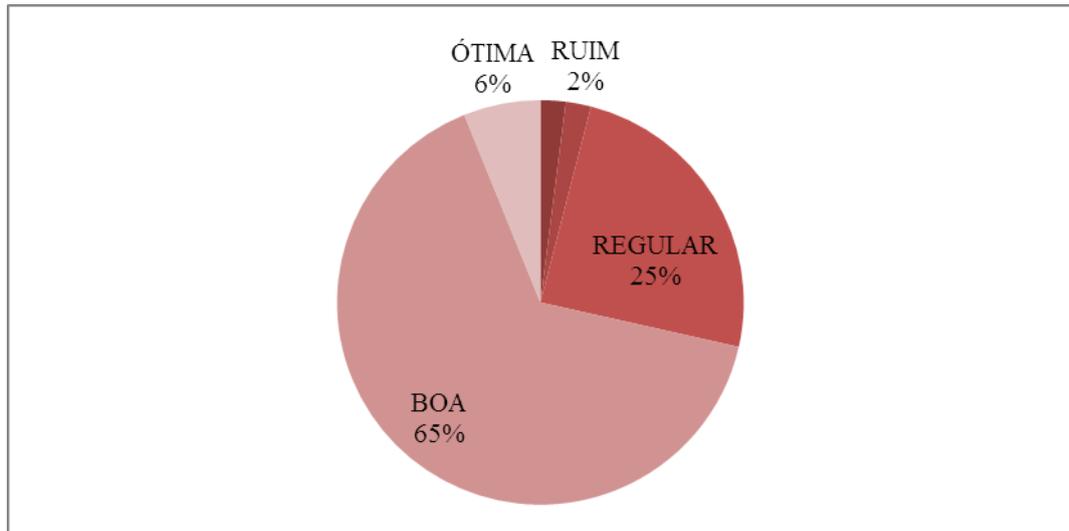


Gráfico 17. Avaliação da quantidade de pessoas trabalhando com babaçu - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Quanto à forma de comercialização do coco de babaçu, observa-se que no gráfico 17 (dezessete) o resultado foi de 93% dos extrativistas comercializando com a Tobasa Bioindustrial, onde o representante da indústria, em entrevista, informou que os catadores são livres para venderem para Tobasa ou para outras indústrias ou associações/cooperativas que desejarem.

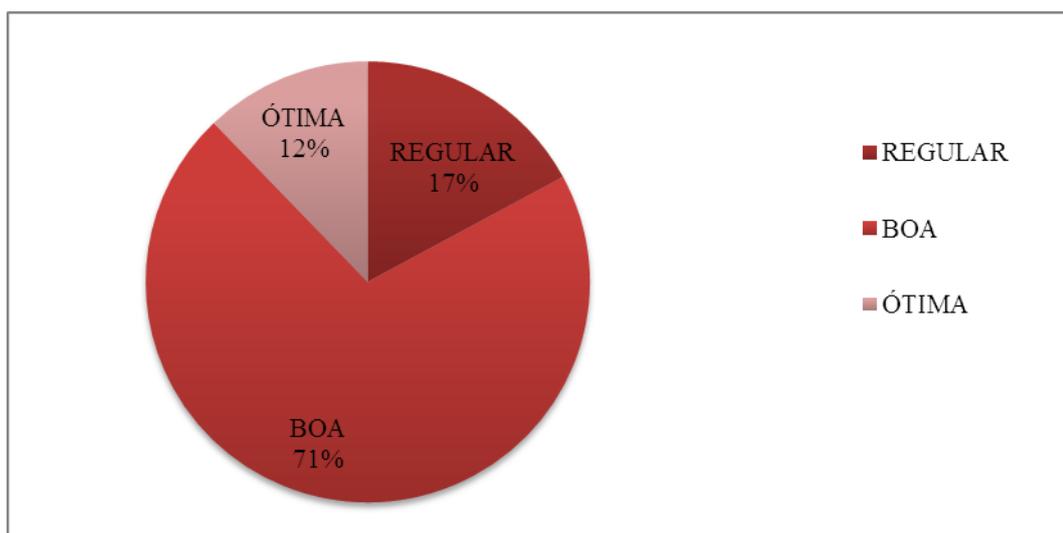


Gráfico 18. Avaliação da relação com os proprietários por parte dos extratores Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 18 (dezoito), é possível verificar o grau do relacionamento entre os proprietários/fazendeiros e os catadores de coco de babaçu, observando-se que a grande maioria mantém uma relação satisfatória com os donos das terras onde catam o coco, no entanto, um grupo de 17% dos mencionados catadores demonstraram uma relação regular, onde para estes essa ligação comercial não é boa nem ruim.

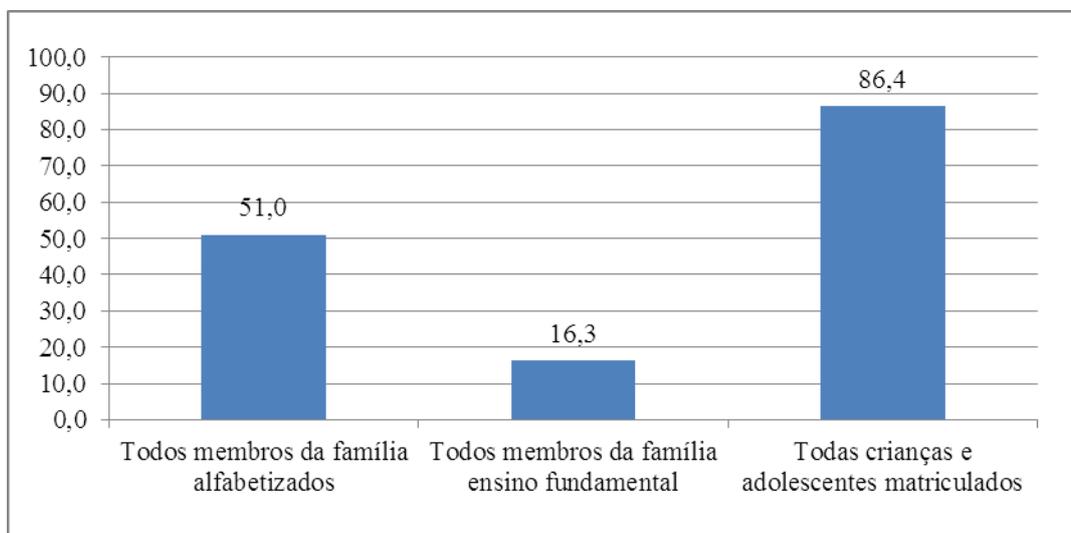


Gráfico 19. Condições educacionais das famílias dos extratores de babaçu - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto às condições educacionais, o gráfico 19 (dezenove) traz o resultado apontado pelo grupo de catadores, no qual apenas 16% possuem o ensino fundamental, onde, conforme os seus depoimentos, a falta de continuidade dos estudos até o ensino médio os impediu de alcançar melhores oportunidades de trabalho.

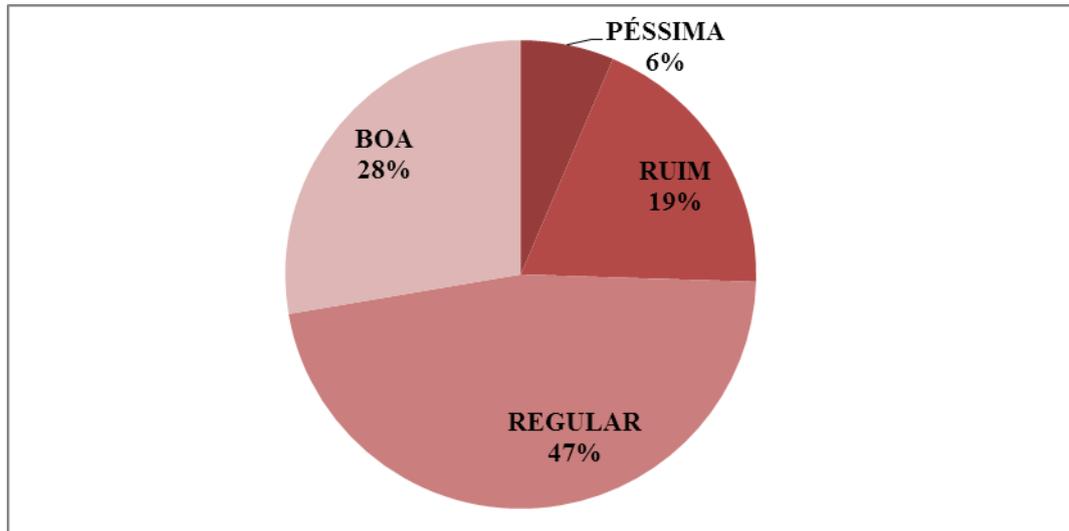


Gráfico 20. Avaliação das condições educacionais por parte dos extratores - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Contudo, na percepção desses catadores, apenas 19% destes consideram ruim ou péssima as condições educacionais (ano ou série dos ensinos infantil, fundamental ou médio que estudaram), como apresentado no gráfico 20 (vinte) e mais de 70% dos participantes desta pesquisa entendem que a escolaridade de suas famílias está regular ou boa.

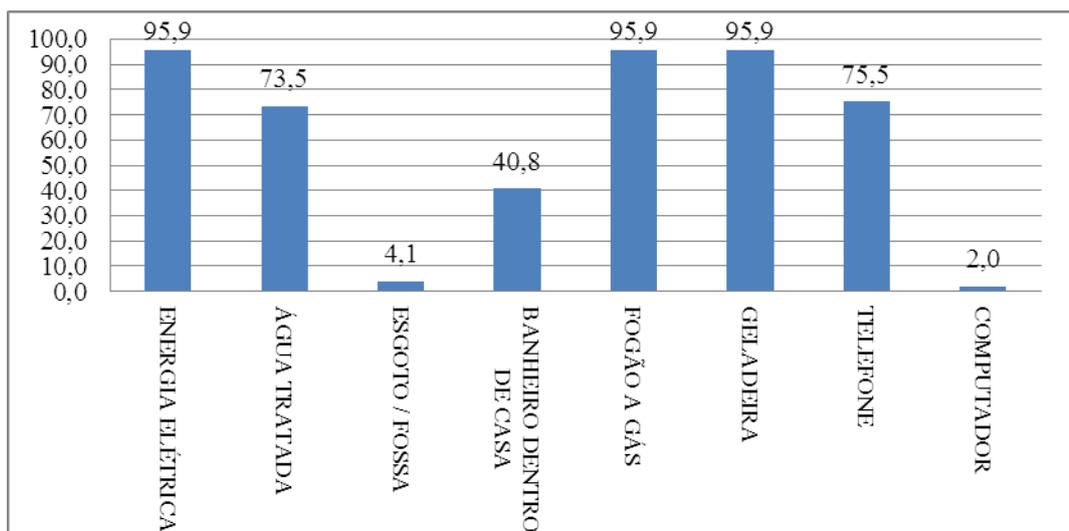


Gráfico 21. Acesso a bens por parte dos extratores de babaçu Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Os resultados do gráfico 21 (vinte e um) demonstram que um percentual de 5% dos catadores de coco de babaçu não tem energia elétrica em suas residências, apesar dos programas e dos incentivos do governo para levar a eletrificação rural às comunidades mais deistantes. Além disso, verificou-se na pesquisa que o acesso a bens como, fogão a gás, geladeira e telefone celular é uma realidade para mais de 75% famílias de catadores. Entretanto, o processo de inclusão digital, acesso a cursos de informática e a aquisição de bens como o computador é uma realidade distante, pois apenas 2% desse grupo possui algum tipo de conhecimento em informática e o contato com computador.

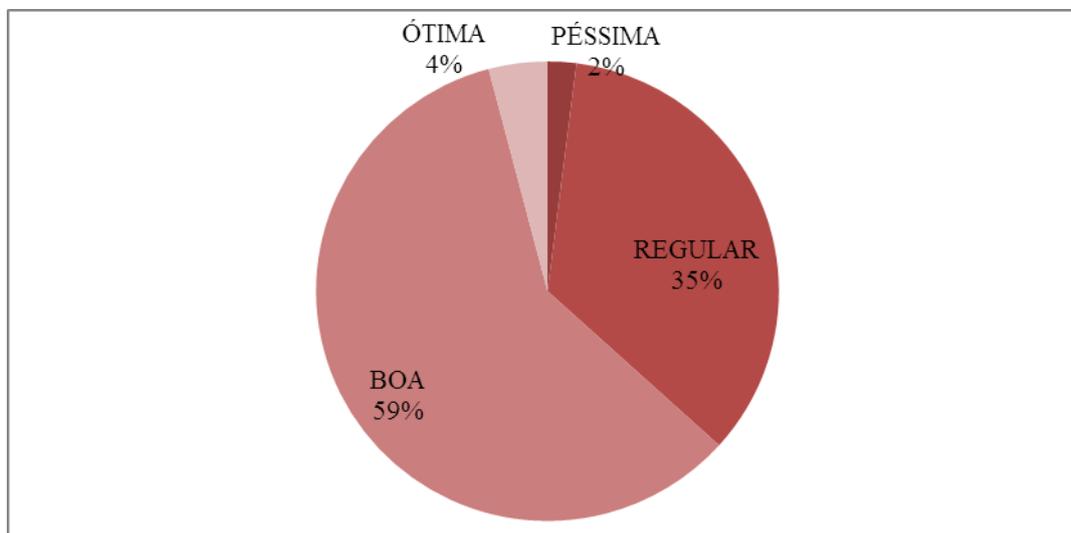


Gráfico 22. Avaliação das condições de moradia Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins- 2012

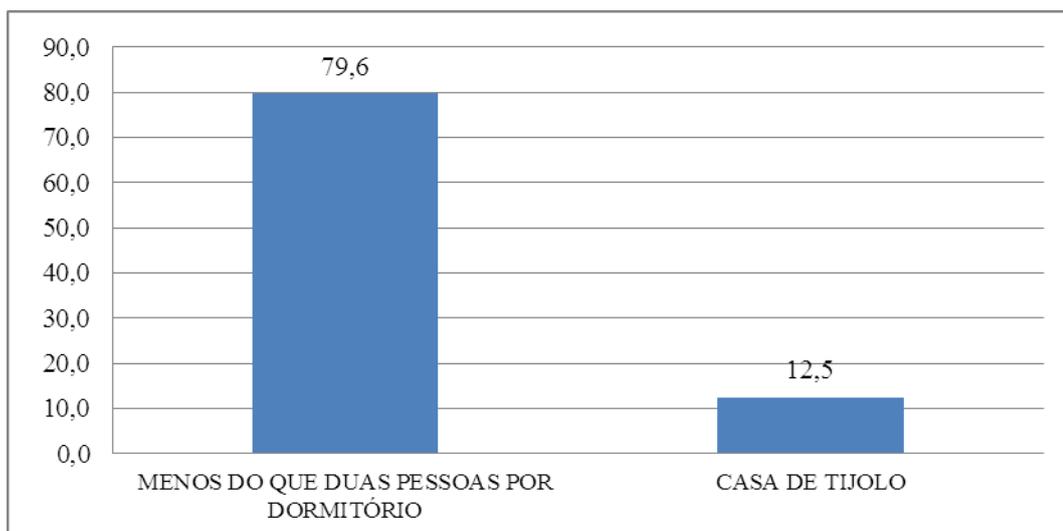


Gráfico 23. Indicadores das condições de moradia Catadores Tobasa - Bico do Papagaio – Tocantins – 2012

Nos gráficos 22 (vinte e dois) e 23 (vinte e três), a pesquisa abordou o grupo de catadores sobre suas condições de moradia, como pode ser visualizado nos gráficos, onde, na percepção desse grupo, as suas famílias encontram-se bem instaladas e acomodadas em relação à moradia. A região do Bico do Papagaio possui clima quente e úmido, onde é bastante comum na zona rural as casas construídas serem de paredes de barro e cobertas com palha de coco de babaçu, que, segundo depoimentos dos moradores, atenua o calor e proporciona uma melhor circulação do ar. Portanto, ter boas condições de moradia, na percepção dos extrativistas, não é morar numa casa de tijolo, como visto nos gráficos citados, pois apenas 12% dessas famílias vivem em casas construídas com tijolo e telha.

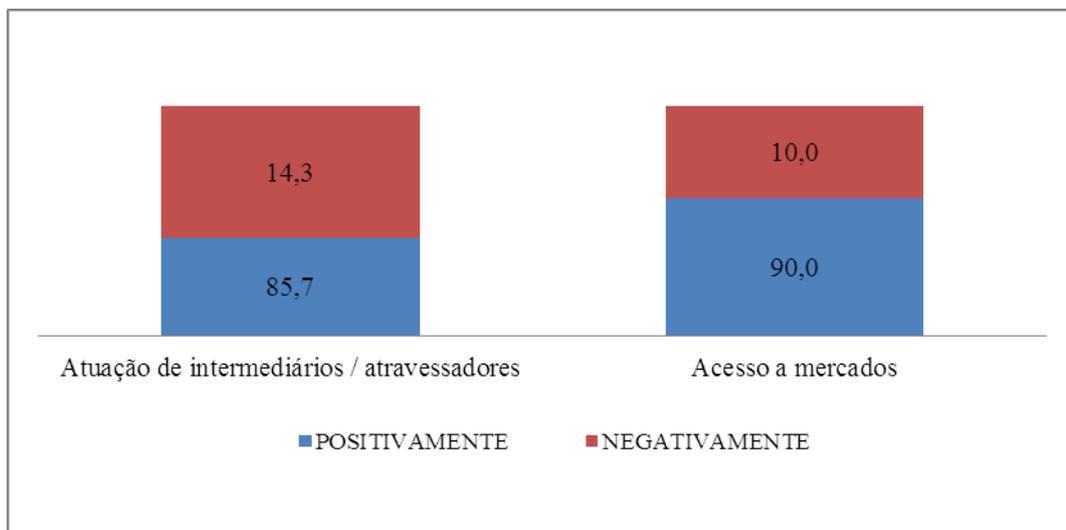


Gráfico 24. Avaliação das condições gerais de comercialização Catador Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

No gráfico 24 (vinte e quatro), aproximadamente 85% dos extrativistas compreendem a atuação dos intermediários da indústria como um fator positivo para garantir a venda do coco de babaçu, onde informaram que estes também facilitam o processo de transporte do coco, pois coletam os cestos cheios de cocos nos babaçuais, os colocam num caminhão e os levam até os *containers* da indústria Tobasa.

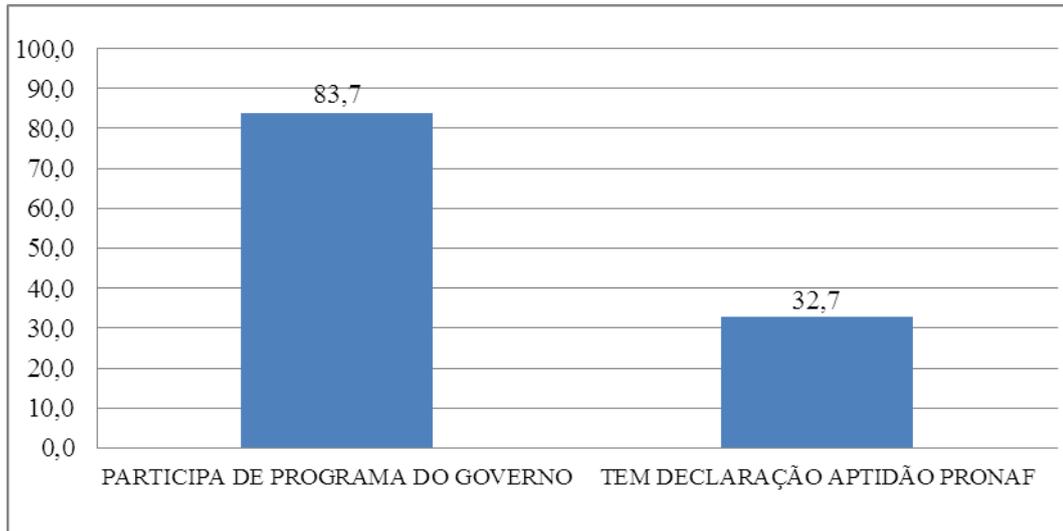


Gráfico 25. Participação em programas do Governo Federal Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A participação em programas do governo federal abrange mais de 80% dos extrativistas, como visto no gráfico 25 (vinte e cinco), entretanto, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf contempla um baixo percentual de famílias que se mantém da agricultura familiar.

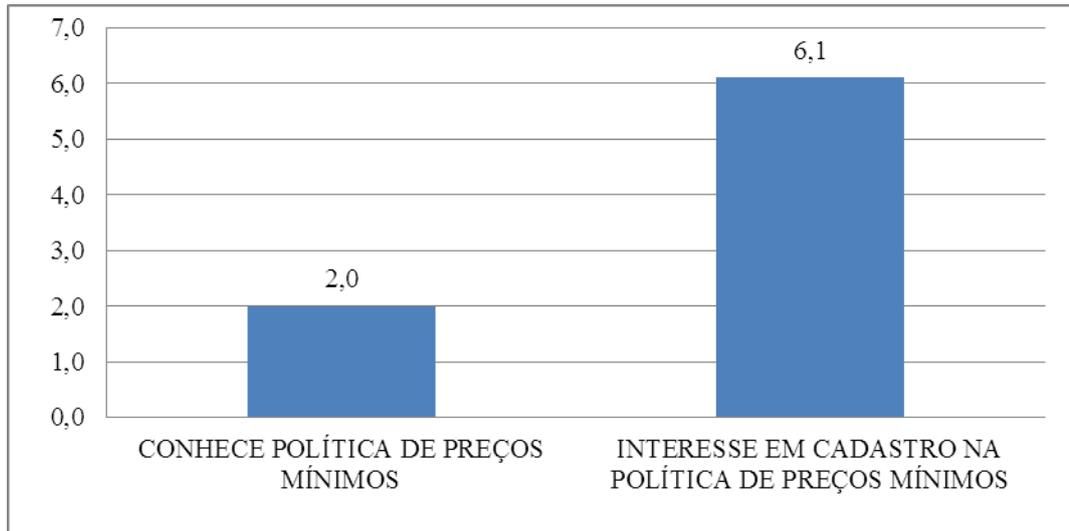


Gráfico 26. Nível de conhecimento e interesse na Política de Garantia de Preços Mínimos - Tobasa catador - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 26 (vinte e seis), o nível de conhecimento sobre a Política de Garantia de Preços Mínimos – PGPM ainda está restrito a um percentual de 2% dos extrativistas e o grau de interesse em acessá-la é de apenas 6%, onde essa realidade demonstra que o governo federal deve re-estruturar o planejamento de divulgação da PGPM, pois trata-se de uma política específica para impulsionar as cadeias produtivas de produtos como o coco de babaçu (entre outros). Na região do Bico do Papagaio, algumas políticas voltadas para estimular a cadeia produtiva do babaçu estão em execução, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Plano Nacional da Sociobiodiversidade (PNPSB).

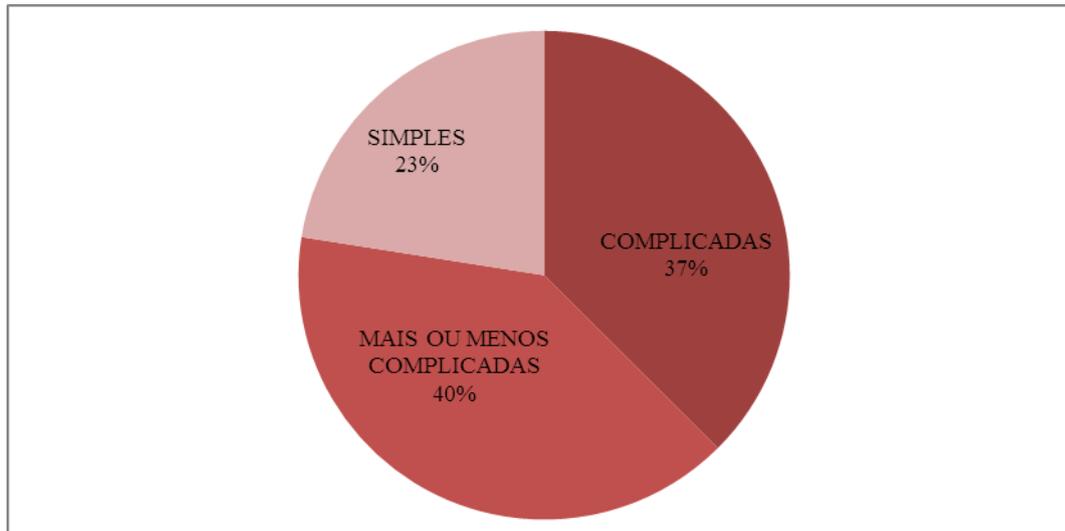


Gráfico 27. Avaliação dos extratores em relação as regras de participação em programas do Governo Federal - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Quanto às regras para participar de programas do governo, o grupo de catadores apresentou no gráfico 27 (vinte e sete) um percentual de aproximadamente 70%, informando que as condições para acessar as políticas são razoáveis e boas. O grupo informou que, em muitos casos, a falta de documentos pessoais é um empecilho para o acesso às políticas que alguns órgãos governamentais, como o INCRA e a SETAS-TO, poderiam fazer mutirões nas comunidades para que as pessoas adquirirem RG, CPF e CTPS.

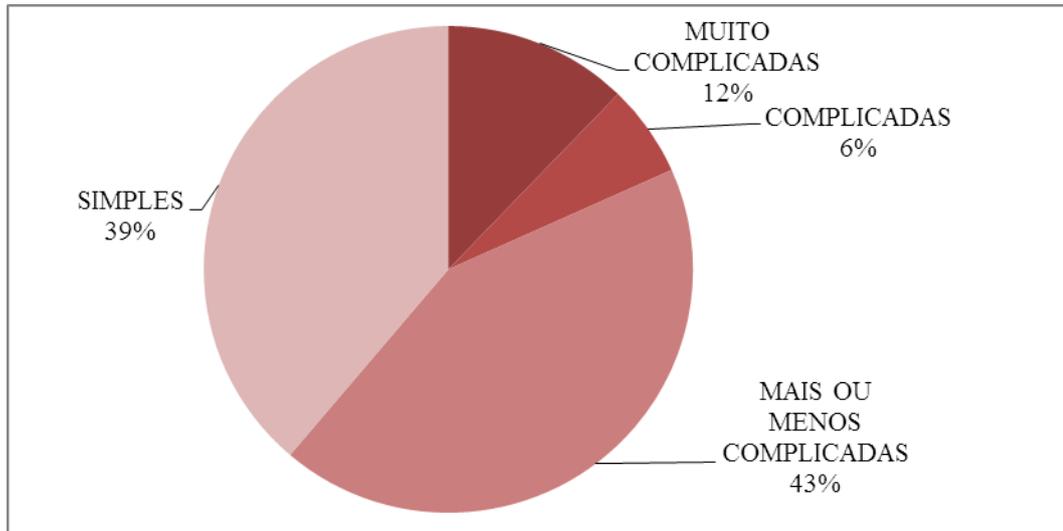


Gráfico 28. Avaliação dos extratores em relação a Assistência Técnica - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins- 2012

E quanto às questões relacionadas à assistência técnica as mesmas ainda são muito complexas para 20% desses extrativistas, como apresentado no gráfico 28 (vinte e oito), e a atuação das organizações da região, responsáveis pelo apoio dos arranjos produtivos locais, é considerada péssima e/ou ruim para 23% dos catadores de babaçu do Bico do Papagaio, que alegam ausência de informações e, sobretudo, a falta de acompanhamento dessas organizações nos empreendimentos da agricultura familiar.

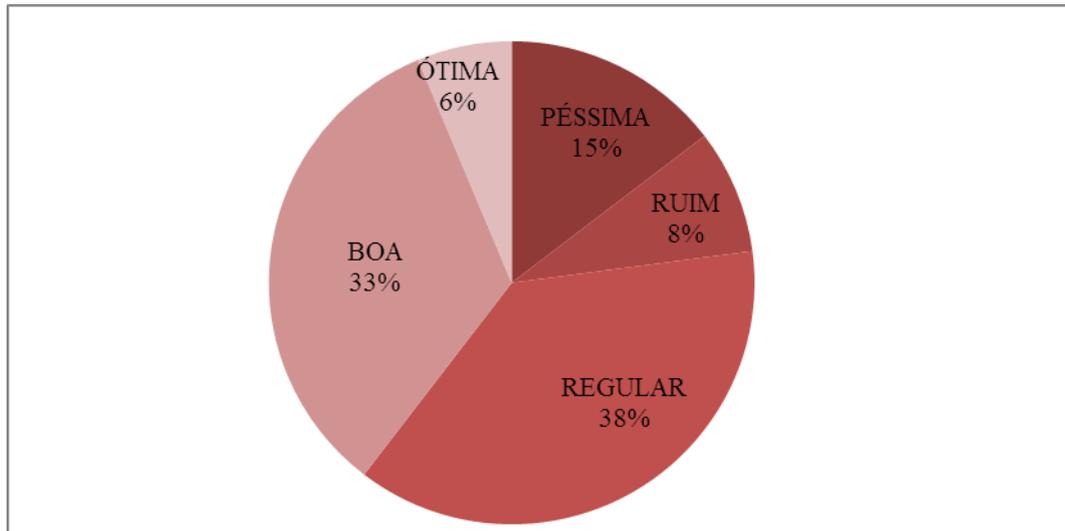


Gráfico 29. Avaliação dos extratores a atuação das instituições na região - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Quanto à atuação das instituições representantes dos interesses dos extrativistas na região, para aproximadamente 39% dos catadores essas entidades exercem um bom papel diante das questões relacionadas ao extrativismo e à agricultura familiar. E para 15% do grupo, a ação das referidas instituições é determinada como péssima e na percepção de 38% é regular, pois não apresentam resultados relevantes para esta categoria.

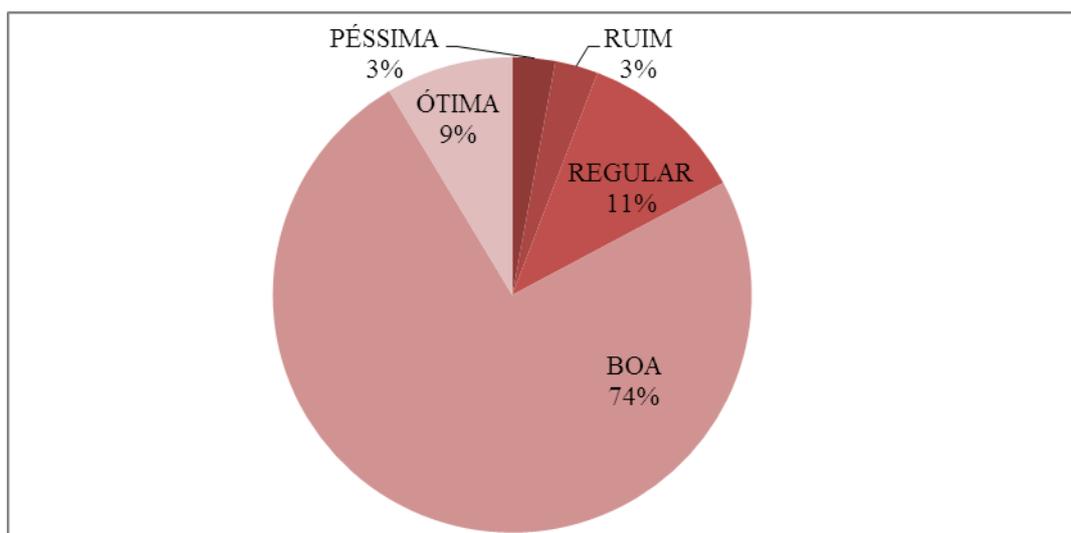


Gráfico 30. Avaliação das condições gerais de trabalho por parte dos extratores - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Para verificar as características do desenvolvimento de uma comunidade, os indicadores que envolvem as condições gerais da atividade com o babaçu foram verificados no gráfico 30 (trinta), apresentando um percentual de 74% considerando boas e de 9% como ótimas as condições para trabalhar com a cata do coco de babaçu.

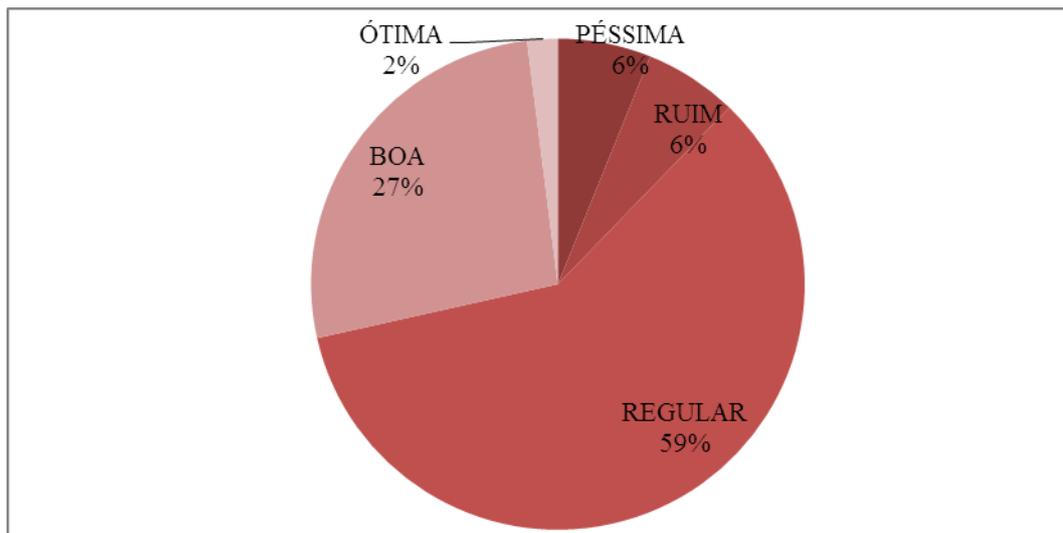


Gráfico 31. Avaliação dos extratores em relação a sua renda Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

No gráfico 31 (trinta e um), a renda com a atividade da cata do coco é compreendida como boa para 27% dos participantes e regular para 59%, o que remete que a atividade com o babaçu proporciona uma condição regular de renda para as famílias.

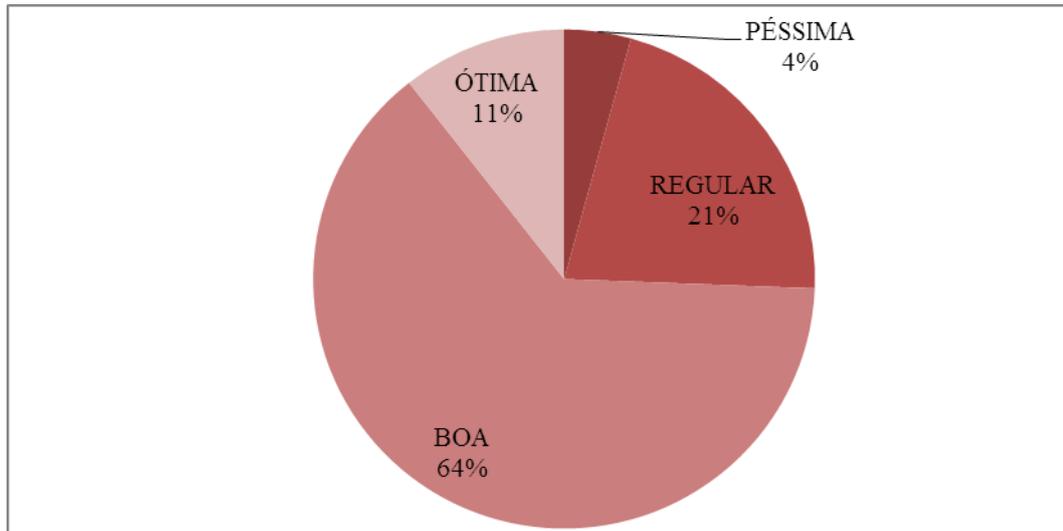


Gráfico 32. Avaliação dos entrevistados em relação às suas condições gerais de produção - Catadores Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

As condições de produção, conforme o gráfico 32 (trinta e dois), estão boas para 64% e ótimas para 11% na percepção dos catadores, pois a atividade da cata do coco garante a limpeza dos babaquais, facilitando o acesso dos catadores e favorecendo o aumento da produtividade das palmeiras de babaçu.

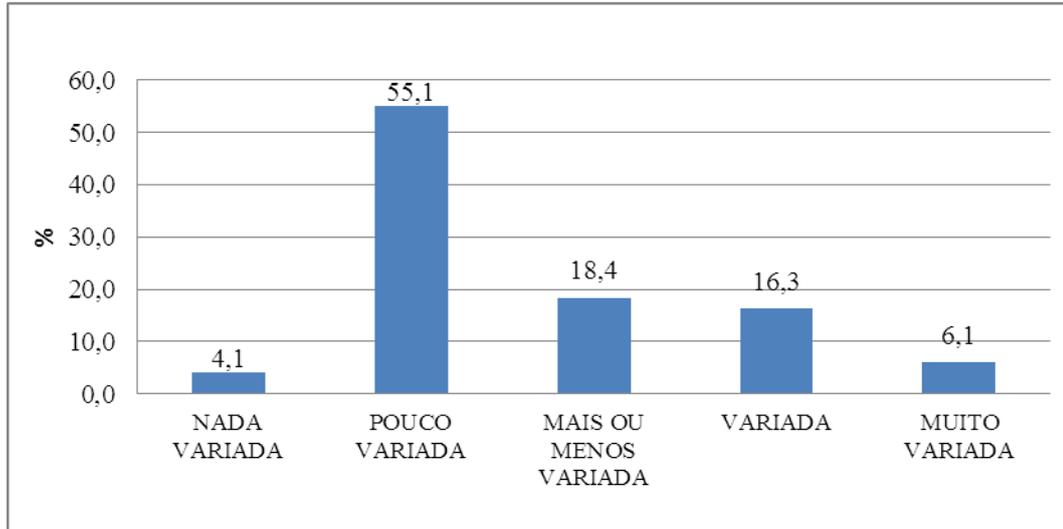


Gráfico 33. Avaliação dos pesquisados sobre as fontes da renda familiar - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Em relação às fontes de renda, os catadores apresentaram um resultado no gráfico 33 (trinta e três) no qual 55% compreendem como pouco variada as referidas fontes, apesar de trabalharem na agricultura, no extrativismo e como safristas.

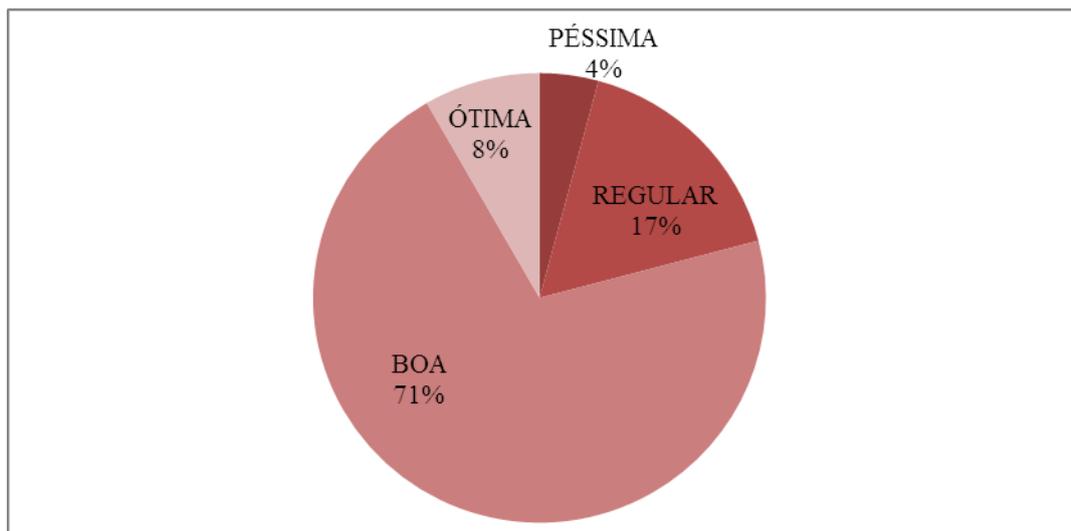


Gráfico 34. Avaliação das fontes de água por parte dos extratores - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

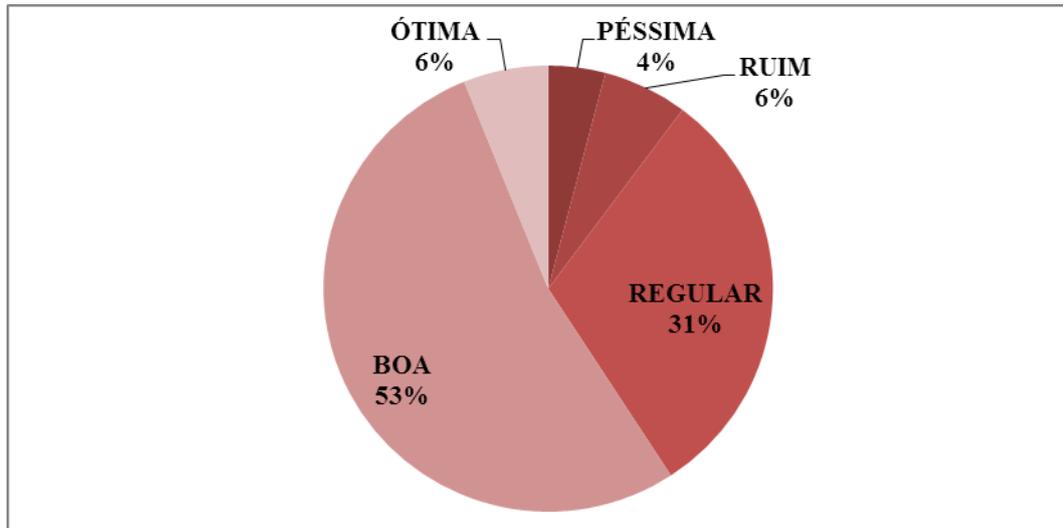


Gráfico 35. Avaliação da conservação da floresta por parte dos extratores - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Nos gráficos 34 (trinta e quatro) e 35 (trinta e cinco), o grupo de catadores de babaçu considera satisfatório o grau de conservação principalmente das fontes de água e dos cocais.

Em depoimentos, os catadores informaram que, nos últimos dez anos, algumas medidas do governo federal (Leis ambientais) contribuíram para a melhoria da conservação dos recursos naturais da região e a forma de uso desses recursos foi modificada pelos fazendeiros, que tiveram o apoio dos extrativistas de coco de babaçu através da limpeza dos pastos e a atividade manteve os babaçuais, pois as palmeiras oferecem sombra para os animais e mantêm a vegetação rasteira que protege o solo, conservando a sua umidade e os nutrientes.

Neste sentido, a agricultura familiar vem se fortalecendo na região, com o solo nutrido, onde os catadores de babaçu também trabalham na entressafra com as culturas do arroz, milho, feijão, mandioca, abacaxi, melancia e hortaliças, consumindo essa produção e vendendo os produtos excedentes nas feiras de agricultores locais.

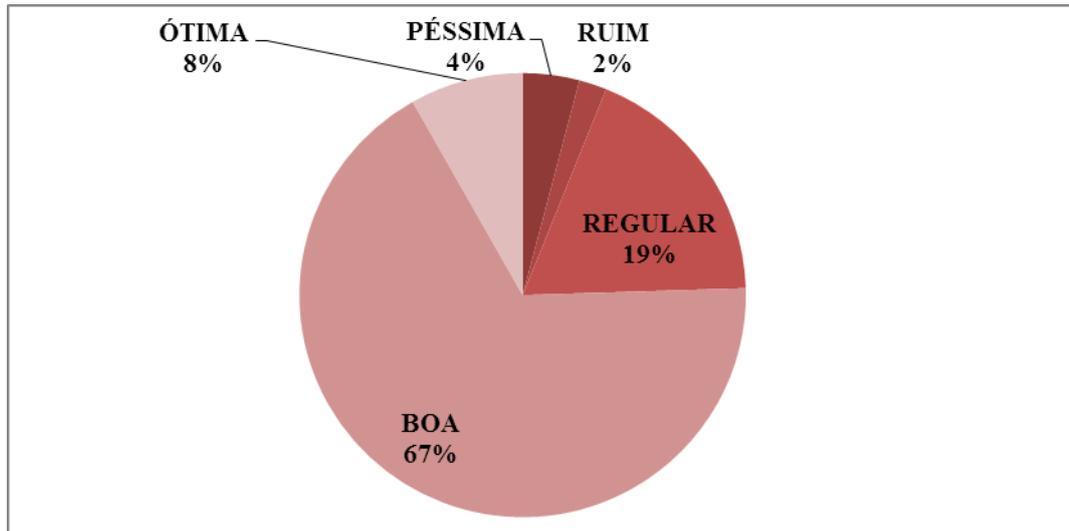


Gráfico 36. Avaliação dos extratores em relação às condições gerais de alimentação e nutrição Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Os indicadores relacionados à quinta instância verificam os efeitos do desenvolvimento em uma comunidade, analisam se seus membros estão com uma boa saúde e se a alimentação é suficiente e nutre as pessoas. As mudanças na situação econômica e ambiental também estão vinculadas aos referidos efeitos.

No gráfico 36 (trinta e seis) estão apresentados os resultados sobre as condições de alimentação e nutrição, indicando que um percentual de aproximadamente 25% das famílias desses extrativistas vivem sem alimentação suficiente e com a nutrição comprometida, realidade que interfere no bom desempenho dessas pessoas em relação ao seu trabalho e aos estudos das crianças.

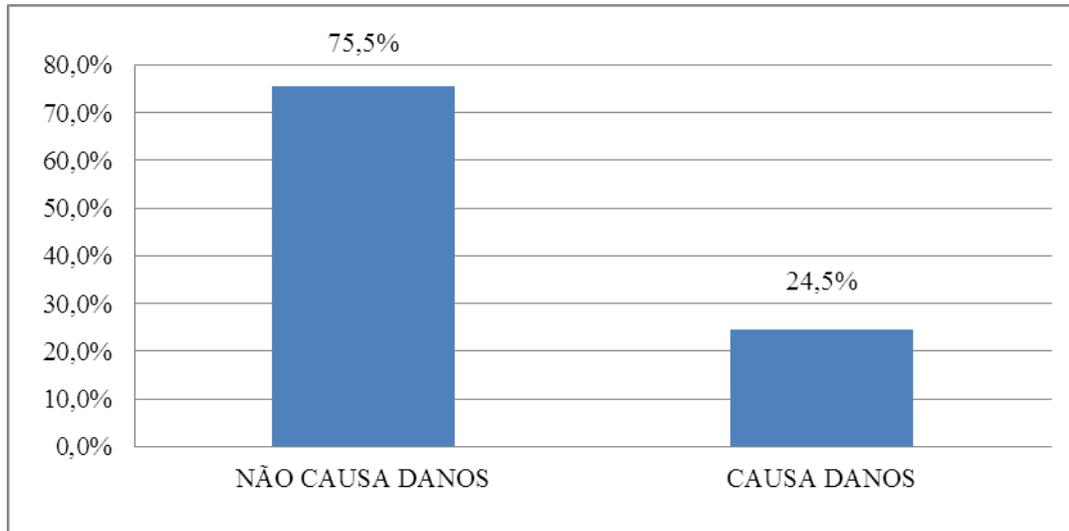


Gráfico 37. Avaliação dos extratores sobre danos da atividade com o babaçu sobre à saúde - Catadores Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

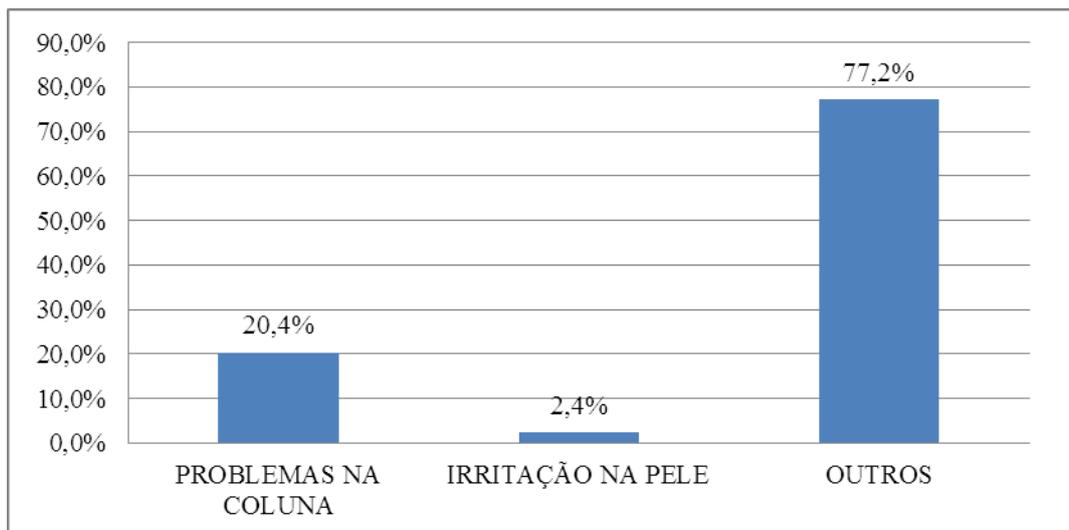


Gráfico 38. Principais problemas de saúde relacionados a atividade com o babaçu levantados pelo extratores Catadores Tobasa Bico do Papagaio Tocantins - 2012

A atividade com a cata do babaçu exige bastante esforço físico, muitas vezes não recomendado pelos especialistas em saúde, no gráfico 37 (trinta e sete) e 38 (trinta e oito) é possível verificar os danos causados por esta atividade, que atingem aproximadamente 25% de extrativistas, causando problemas principalmente na coluna, onde, também, 77% relataram pequenos acidentes de trabalho decorrentes do manuseio com o coco (cortes, perfurações, picadas de insetos etc.).

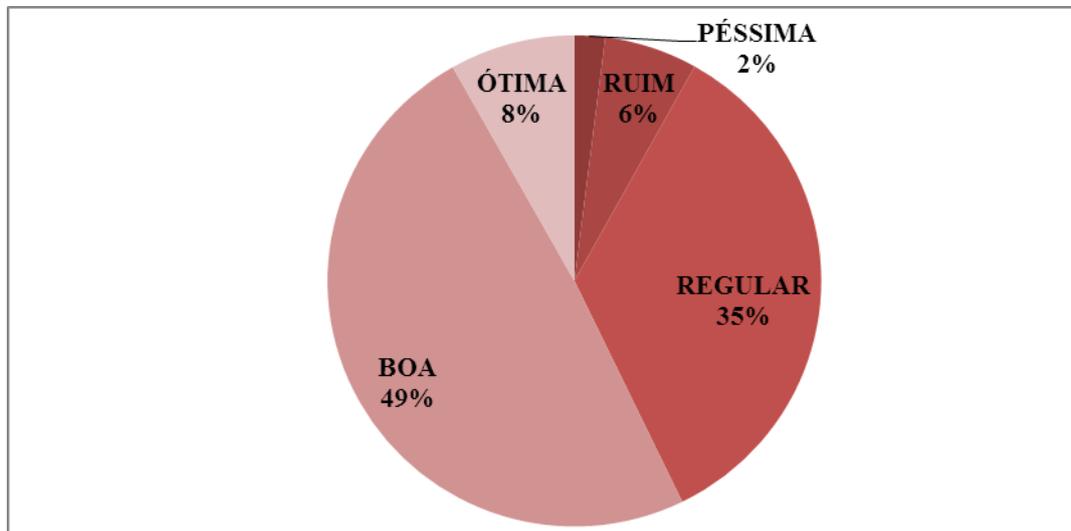


Gráfico 39. Avaliação dos extratores sobre as condições gerais de saúde - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Apesar dos riscos à saúde, causados pela atividade com o babaçu, a percepção de 50% dos extrativistas em relação à saúde é considerada boa, como apresentado no gráfico 39 (trinta e nove). Porém, existe uma parcela, ainda que pequena de extrativistas, trabalhando sem condições adequadas de saúde para esta atividade.

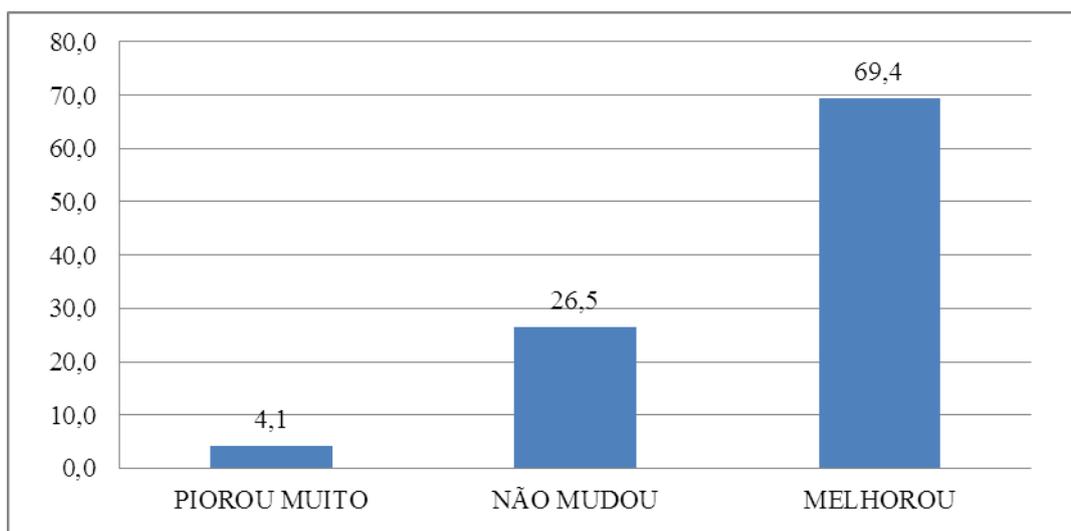


Gráfico 40. Percepção dos extratores sobre a evolução de sua situação econômica nos últimos 5 anos Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

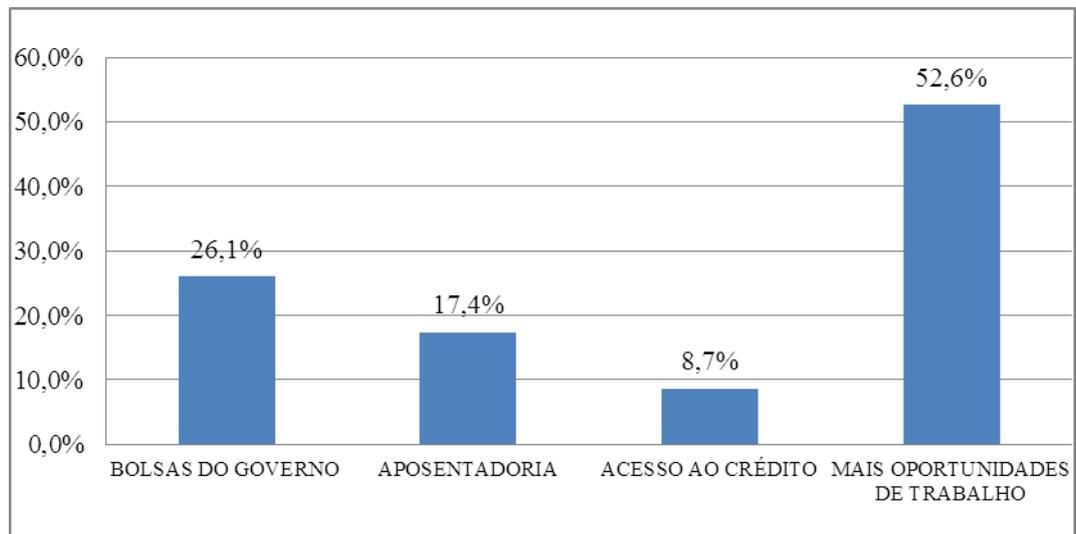


Gráfico 41. Percepção dos entrevistados dos motivos que levaram sua evolução econômica nos últimos 5 anos Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Neste contexto, foi averiguada a percepção dos catadores sobre mudanças na economia local, onde, desse modo, os gráficos 40 (quarenta) e 41 (quarenta e um) apresentam um resultado de 69% dos extrativistas, considerando que sua situação econômica melhorou e que os motivos estão ligados às novas oportunidades de trabalho na região (surgimento de empreendimentos, usinas hidroelétricas, ampliação de rodovias, frigoríficos e outros) e, também, 24% dos participantes informaram que as bolsas do governo (bolsa família, vale gás, programa estadual pioneiros mirins) contribuíram para melhorar a economia na região.

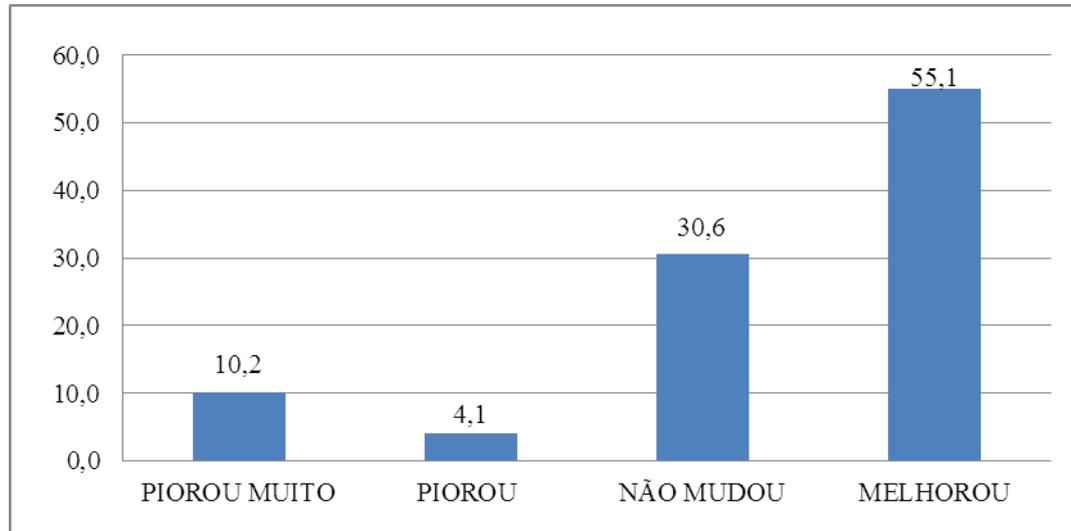


Gráfico 42. Percepção dos extratores sobre a evolução da situação ambiental vivenciada nos últimos 5 anos Bico do Papagaio - Tocantins – 2012

Os efeitos do desenvolvimento e a evolução da situação ambiental foram questionados ao grupo de catadores, devido estes estarem ligados diariamente às atividades com o solo e às florestas da região. No gráfico 42 (quarenta e dois), 55% dos extrativistas compreendem que a situação ambiental melhorou e para 30% destes a situação não mudou nos últimos cinco anos, onde a degradação ambiental não avançou, mas não houve redução nas queimadas, nos desmatamentos e no uso de agrotóxicos.

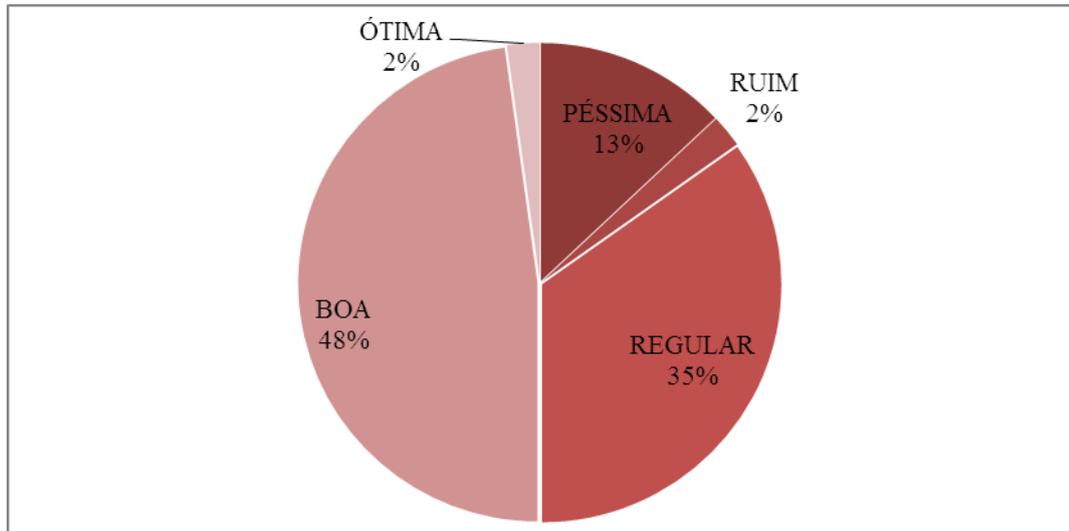


Gráfico 43. Avaliação dos extratores sobre sua participação em organizações associativas e comunitárias - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Os indicadores analisados nos gráficos acima estão relacionados ao nível de capital social que o grupo de catadores de babaçu manifesta. No gráfico 43 (quarenta e três), os participantes dessa pesquisa apontaram como se encontra o seu nível de participação em organizações associativas, onde para 50% a presença e o envolvimento nas organizações é considerado bom, no entanto, os demais extrativistas informaram não participar de maneira adequada dessas iniciativas.

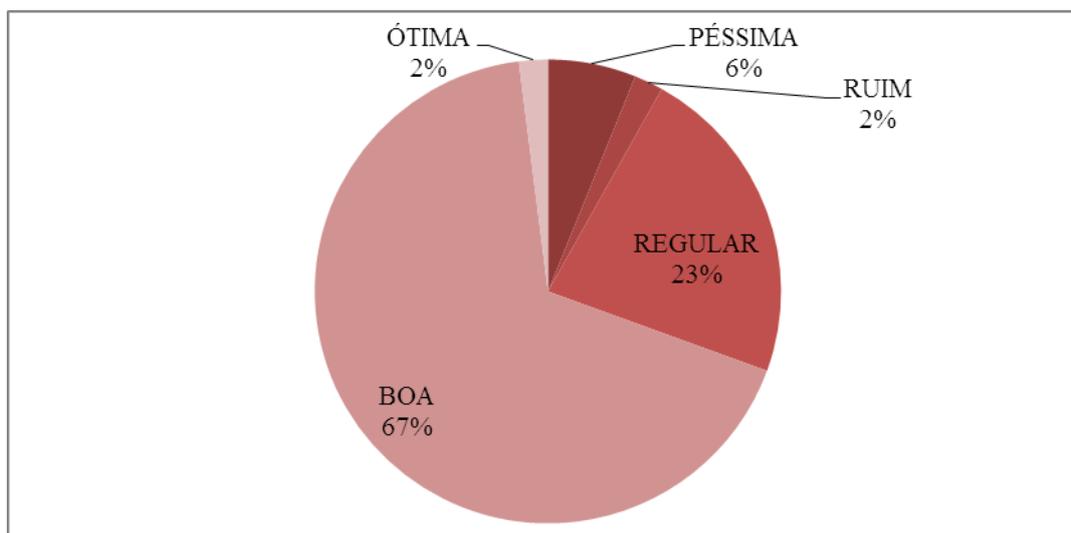


Gráfico 42. Avaliação dos extratores sobre sua participação política - Catadores Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto à participação política, que envolve o voto obrigatório e a participação em conselhos de segurança, como o Conselho Tutelar, que é bastante conhecido na região e que atua em favor dos direitos da criança da mulher (entre outros), o gráfico 44 (quarenta e quatro) apresenta um resultado elevado, de 67%, no nível de participação.

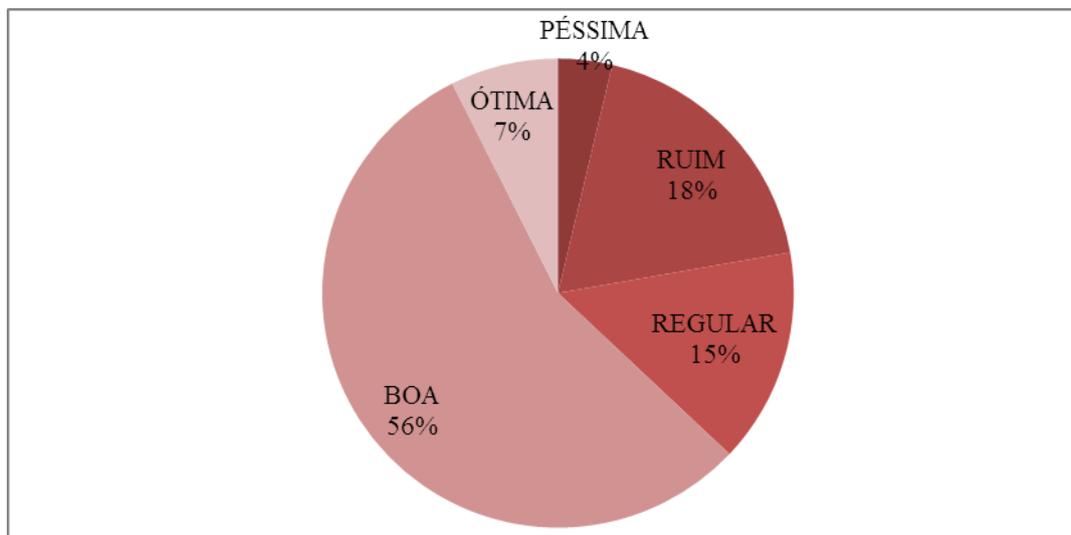


Gráfico 45. Avaliação dos extratores sobre sua participação em atividades culturais Catadores Tobasa Bico do Papagaio Tocantins – 2012

No gráfico 45 (quarenta e cinco), observa-se que aproximadamente 40% das famílias dos extrativistas não se envolvem nas atividades da cultura local e informaram que o tempo para entretenimento é pouco, preferindo, assim, pois o trabalho com a agricultura e com o extrativismo exige bastante esforço físico e disposição.

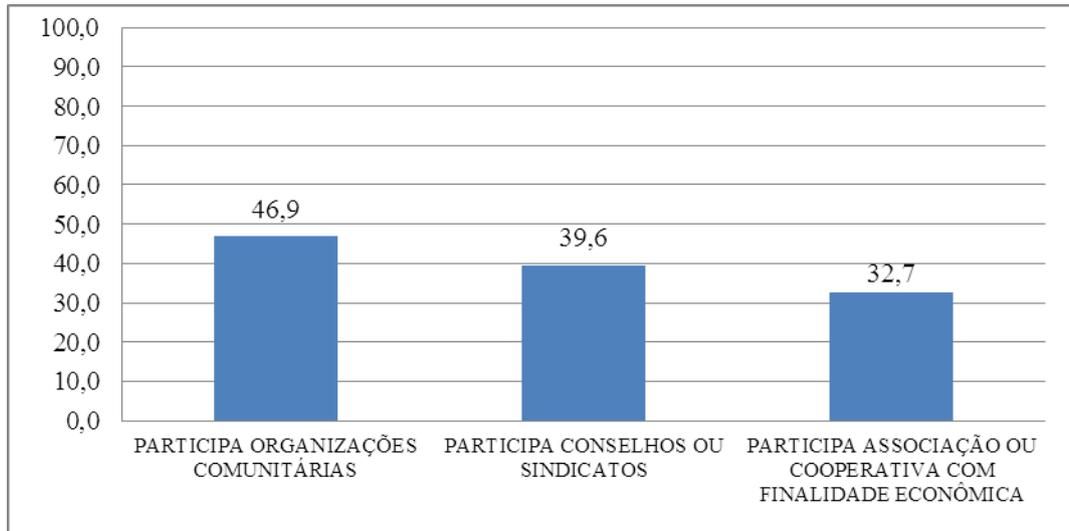


Gráfico 46. Indicadores de capital social - Catadores Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto ao gráfico 46 (quarenta e seis), a realidade dos indicadores de capital social trabalhados nessa pesquisa demonstram que 50% dos catadores de coco de babaçu, bem como suas famílias, estão desligados ou nunca participaram de organizações associativas, políticas e culturais.

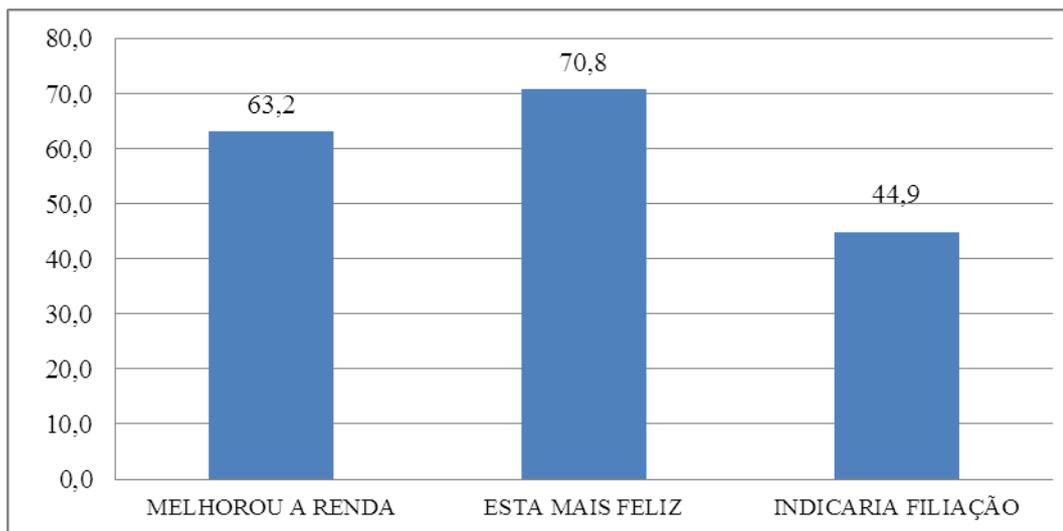


Gráfico 47 - Percepção dos extratores aspectos de sua participação comunitária - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Os indicadores de capital social do grupo de catadores no gráfico 47 (quarenta e sete) mostram que, na percepção de 70% dos participantes, estes ficaram mais felizes após entrarem numa organização associativa, a melhoria na renda de 63% dos catadores também foi revelada na pesquisa, porém, a indicação para alguém se filiar numa associação partiria de menos de 50% desses catadores associados.

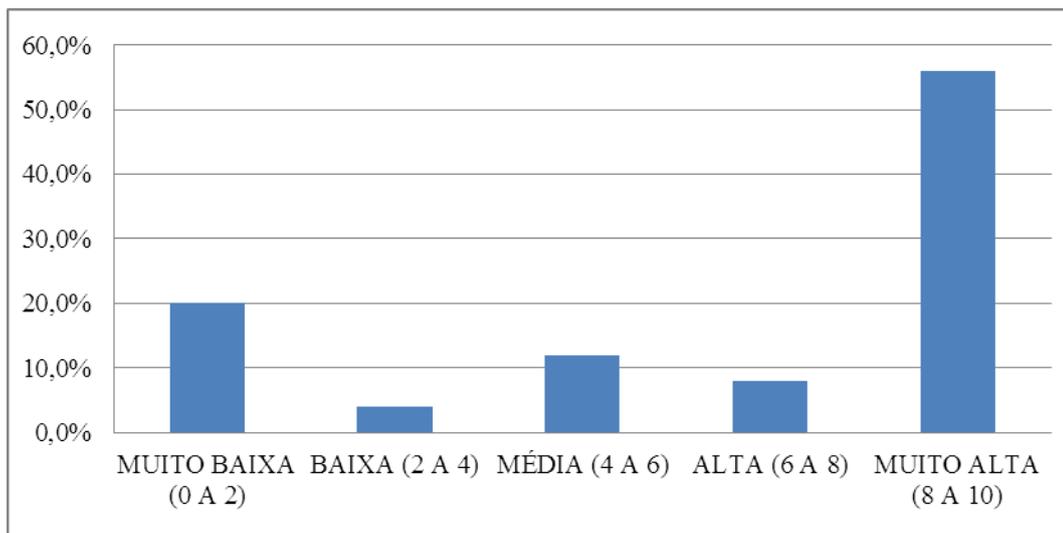


Gráfico 48. Motivação dos extratores em continuarem filiados em organizações associativas e comunitárias Catadores Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

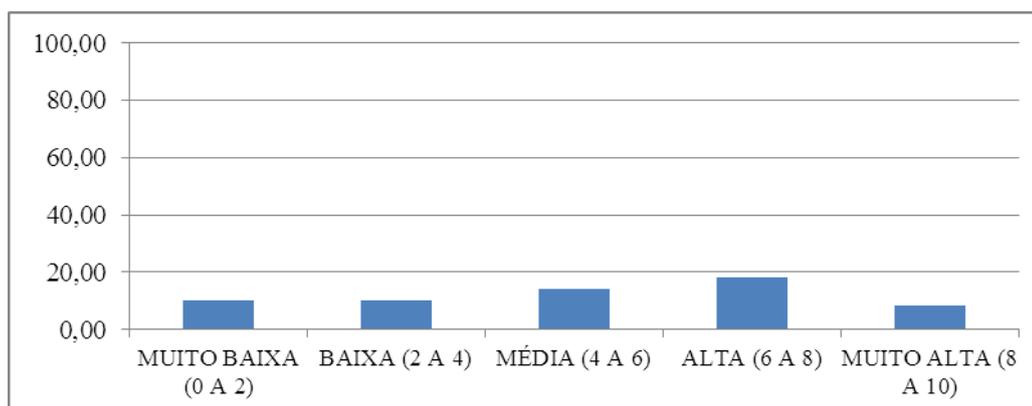


Gráfico 49. Motivação dos extratores para se filiarem em organizações associativas e comunitárias - Catadores Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins

No gráfico 48 (quarenta e oito) e 49 (quarenta e nove), 70% dos catadores revelaram que existe uma motivação bastante elevada para continuarem filiados em suas organizações, enquanto um percentual de 26% dos catadores, que não estão vinculados a nenhuma associação, sentem-se motivados para se tornarem filiados nas organizações associativas da região.

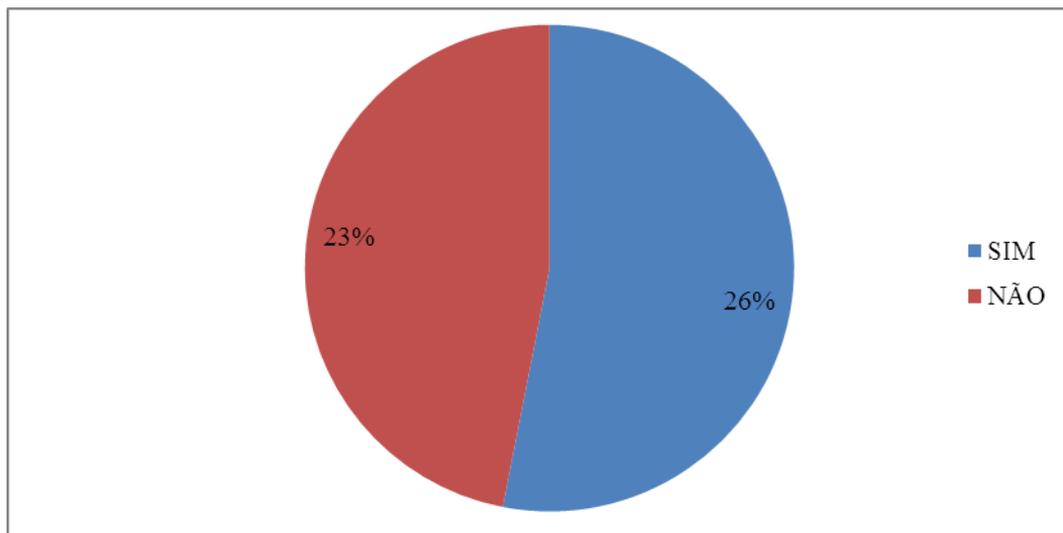


Gráfico 50. Motivação para se tornar filiado em organizações associativas e comunitárias - Catadores Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins

Em entrevistas, os catadores de coco de babaçu alegaram que estão fora das organizações associativas da região, por falta de orientação dos seus próprios representantes, pois, quando procuram as pessoas para se filiarem, não esclarecem os objetivos da associação, e por este motivo não se sentem seguros para assinar documentos e se comprometerem – conforme resultados do gráfico 50.

4.2.3 Análise socioambiental das quebradeiras coco de babaçu que comercializam indiretamente com a Tobasa

Os Gráficos abaixo apresentam os resultados das análises da pesquisa socioambiental com as quebradeiras que vendem para indústria Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins 2012:

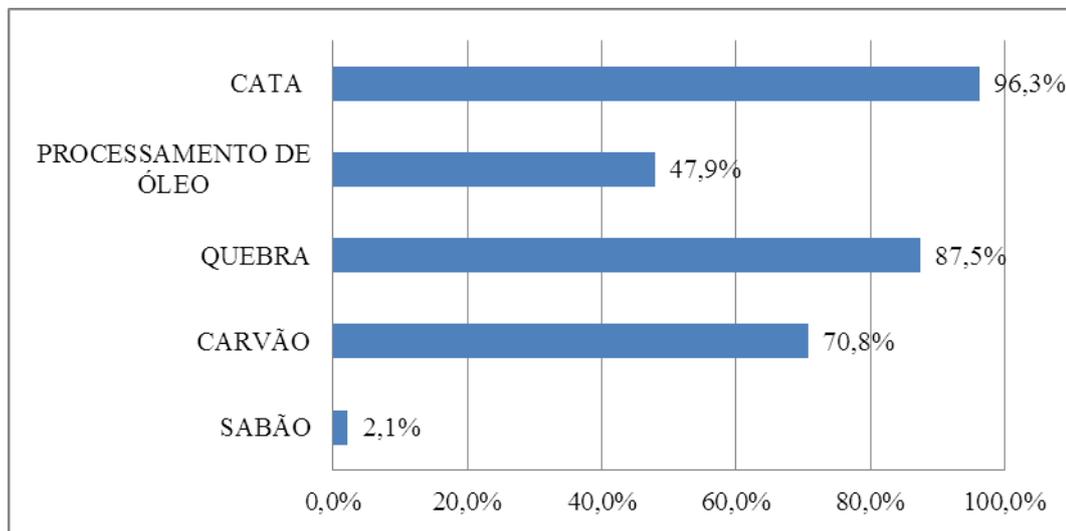


Gráfico 51. Atividades econômicas com o Babaçu Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A pesquisa em questão investigou as quebradeiras de coco como é praticada a atividade com o babaçu no seu grupo, no gráfico 51 (cinquenta e um), assim observa-se que 96% do grupo de quebradeiras também praticam a atividade da cata do babaçu, onde a atividade da quebra do coco também envolve 87% de extrativistas.

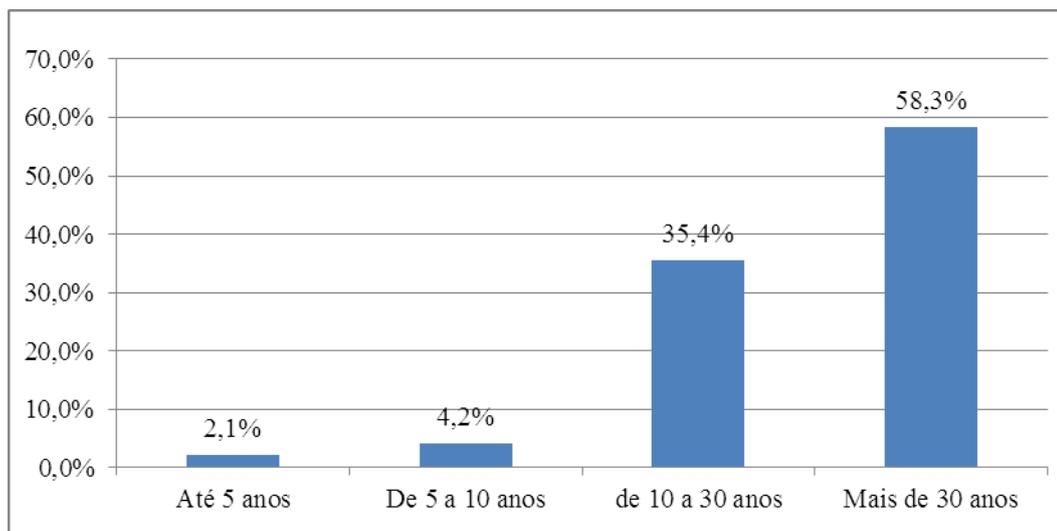


Gráfico 52. Tempo de experiência dos entrevistados em atividades com o Babaçu Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

O tempo de experiência com a quebra do coco é revelado no gráfico 52 (cinquenta e dois), o qual aponta que mais de 50% do grupo têm mais de 30 anos de experiência, onde isto seria uma demonstração de que a atividade com o coco atualmente envolve mulheres numa faixa etária acima de 40 anos de idade, e que, diante das dificuldades, as mulheres mais jovens em geral não sucedem as mães neste trabalho.

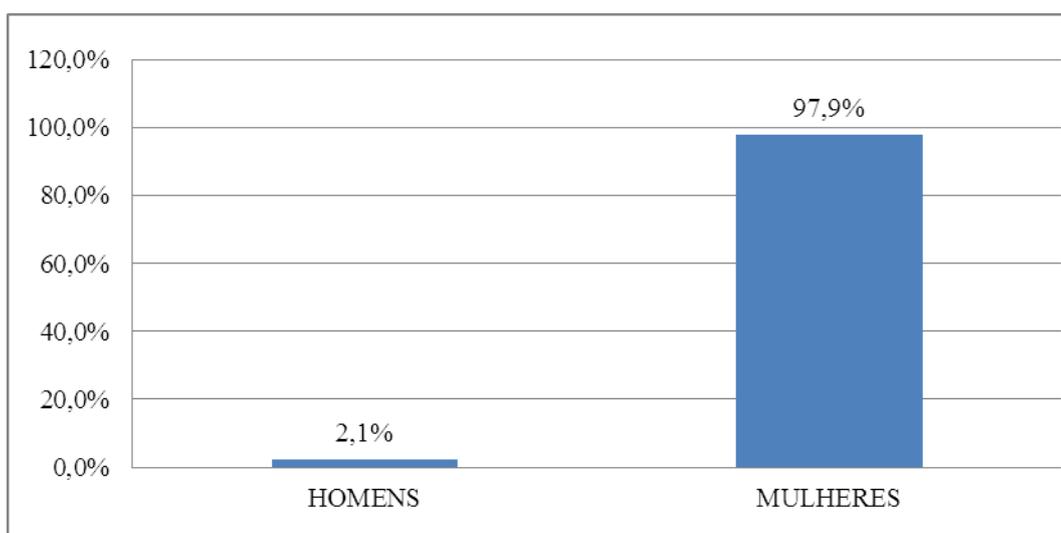


Gráfico 53. Gênero dos envolvidos em atividades com o Babaçu Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A atividade da quebra do coco por vários anos foi restrita às mulheres, devido às atribuições domésticas que permitiam ser conciliadas com o trabalho da quebra, entretanto, esta pesquisa mostrou que um percentual de homens, embora baixo, tem manifestado o interesse pela referida atividade, onde no gráfico 53 (cinquenta e três) identificou-se 2,1% do grupo pesquisado como homens.

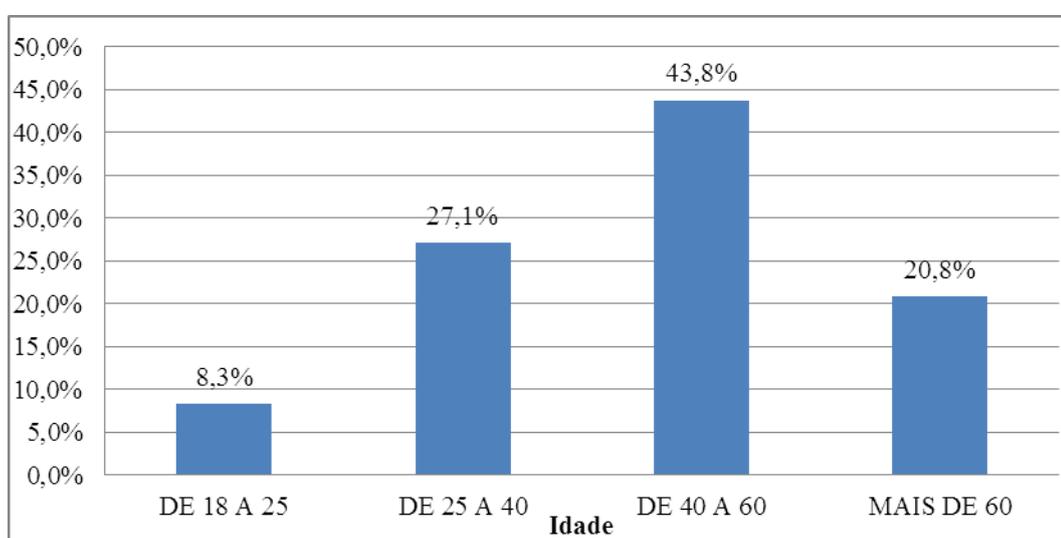


Gráfico 54. Estrutura etária dos envolvidos em atividades com o Babaçu Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A estrutura etária das quebradeiras é composta em sua maioria por mulheres acima de 40 anos de idade, como pode ser visto no gráfico 54 (cinquenta e quatro), pois a atividade da quebra é muito arriscada e não motiva as mulheres mais jovens a dar continuidade ao trabalho, onde essa realidade é confirmada pela diminuição da produção de amêndoas de babaçu nos últimos 10 anos.

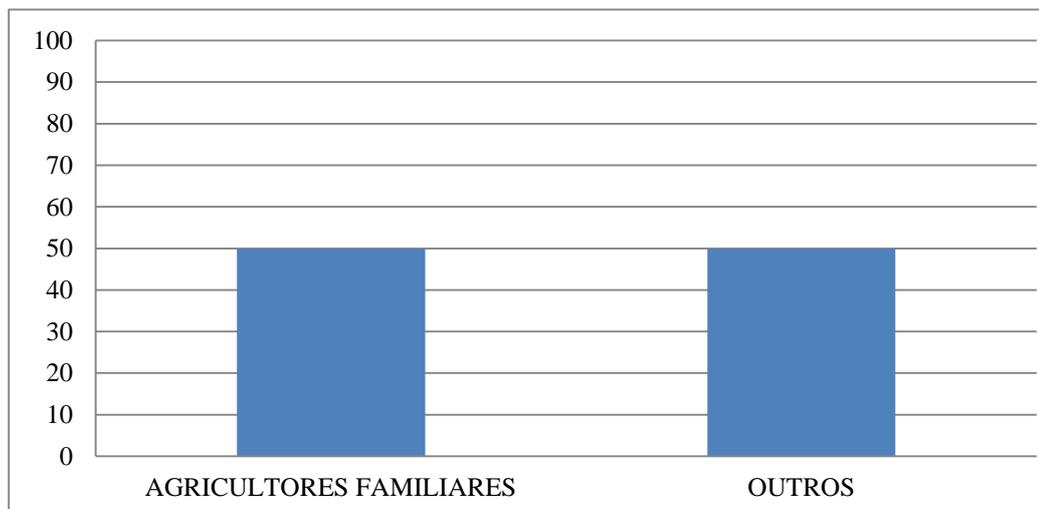


Gráfico 55. Participação dos agricultores familiares em atividades com o Babaçu -Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

O gráfico 55 (cinquenta e cinco) traz um resultado no qual 50% do grupo de quebradeiras praticam também a agricultura familiar, que é uma atividade essencial para compor a renda familiar. Na região do Bico do Papagaio, nos intervalos entre o trabalho doméstico e a quebra do coco, as mulheres ajudam os companheiros nas pequenas plantações de mandioca, milho, arroz e feijão, que servem principalmente para o consumo da família.

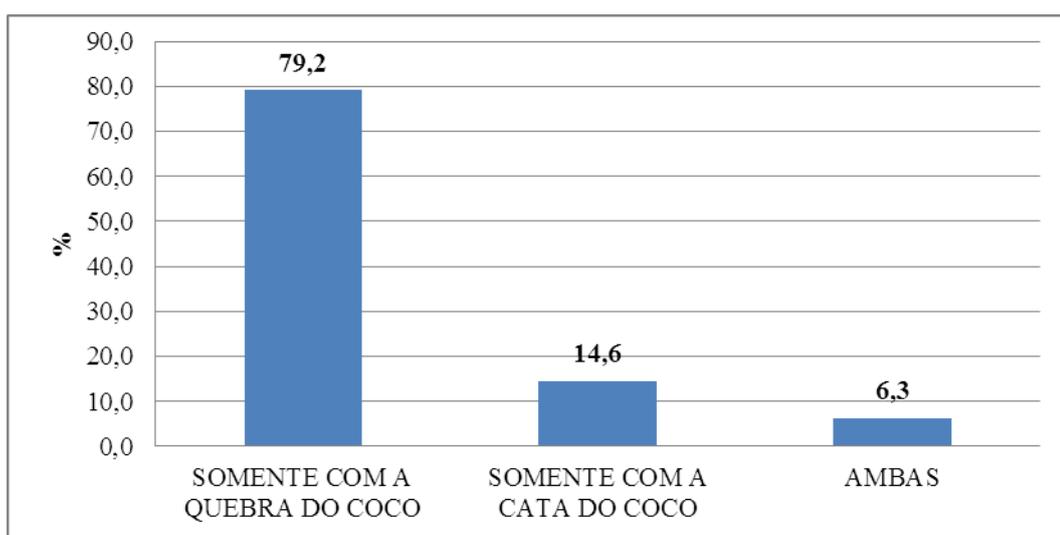


Gráfico 56. Preferência de manejo dos envolvidos em atividades com o Babaçu - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Entre o grupo pesquisado, a preferência pelo manejo da quebra do coco é informada por 79%, como pode ser averiguado no gráfico 56 (cinquenta e seis), mesmo com as dificuldades para transportar o babaçu, pois há esforço físico e muitas vezes não recomendado pelos riscos de acidentes na floresta.

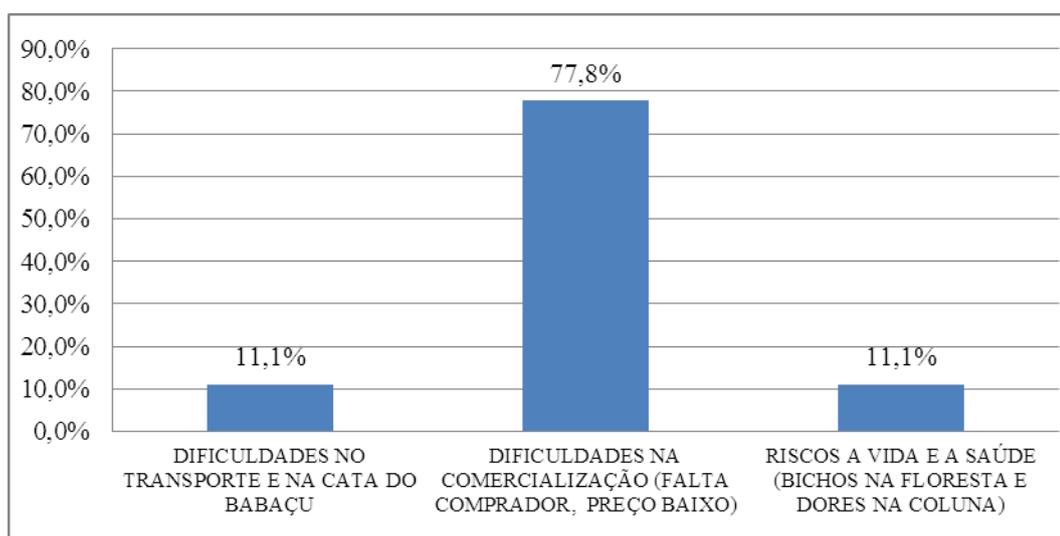


Gráfico 57. Principais desafios levantados pelos envolvidos em atividades com o Babaçu - Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins – 2012

Nesta pesquisa, os desafios encontrados na atividade com a quebra do coco de babaçu foram relatados pelo grupo de quebradeiras que, apesar das dificuldades, permanecem nesse trabalho que se incorporou à cultura local. Dentre muitas dificuldades, o valor estipulado pelo mercado local, para venda de amêndoa de babaçu, ainda é considerado pelo grupo de quebradeiras muito baixo, como pode ser visto no gráfico 57 (cinquenta e sete). Porém, 11% das quebradeiras apontaram que problemas para transporte e os riscos à saúde são os maiores empecilhos.

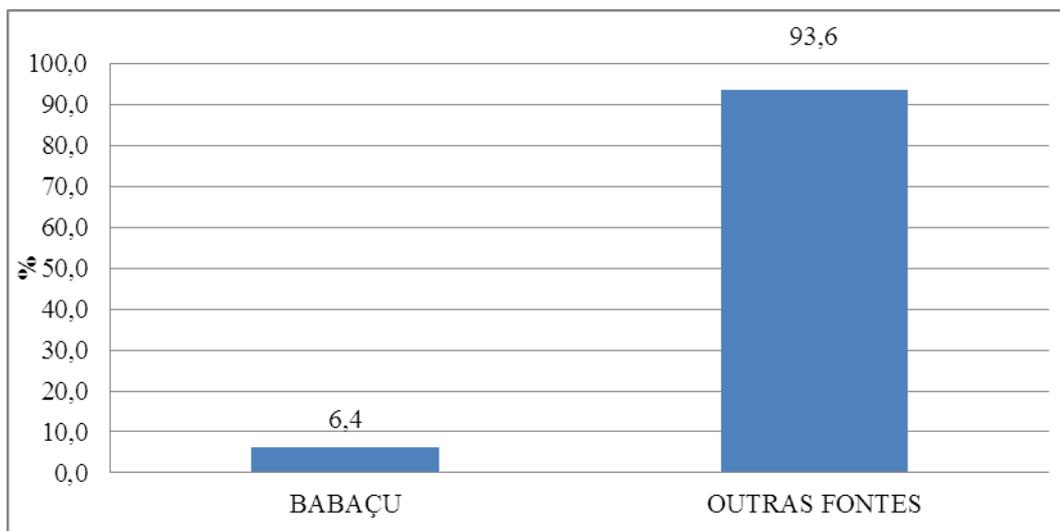


Gráfico 56. Principal fonte de renda dos envolvidos em atividades com o Babaçu - Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Neste contexto, verificou-se a principal fonte de renda dessas quebradeiras no gráfico 58 (cinquenta e oito), a qual demonstra que apenas 6% do grupo pesquisado têm como fonte de renda principal a venda das amêndoas de babaçu, as demais mantêm e suprem as necessidades de suas famílias com a renda obtida através do programa bolsa família e de aposentadoria rural.

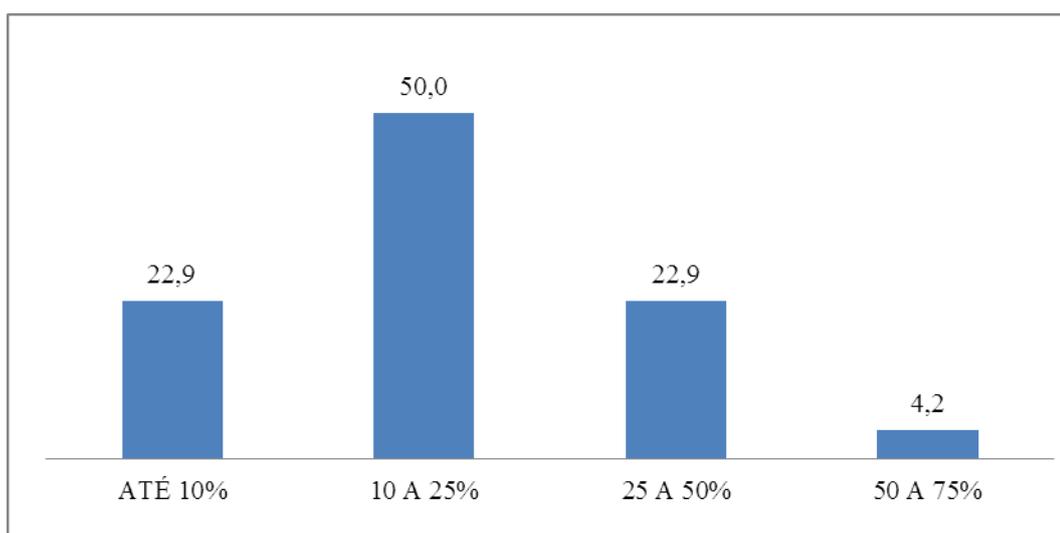


Gráfico 59. Percentual da renda familiar advindo das atividades com o Babaçu - Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Como citado anteriormente, a atividade com o coco de babaçu na região do Bico do Papagaio ainda representa um complemento na renda mensal das famílias dos extrativistas, assim, os resultados no gráfico 59 (cinquenta e nove) indicam o percentual que a referida atividade compõe na renda familiar, onde, como pode ser visto, apenas 4% dessas pessoas contam com o percentual de 50 a 75% na renda representado pelo babaçu. Uma parcela de 50% do grupo informou que os ganhos com o babaçu representam entre 10 a 25% na renda mensal, o que reflete na economia das despesas com gás de cozinha, óleo para preparar alimentos, sabão e na compra de materiais escolares.

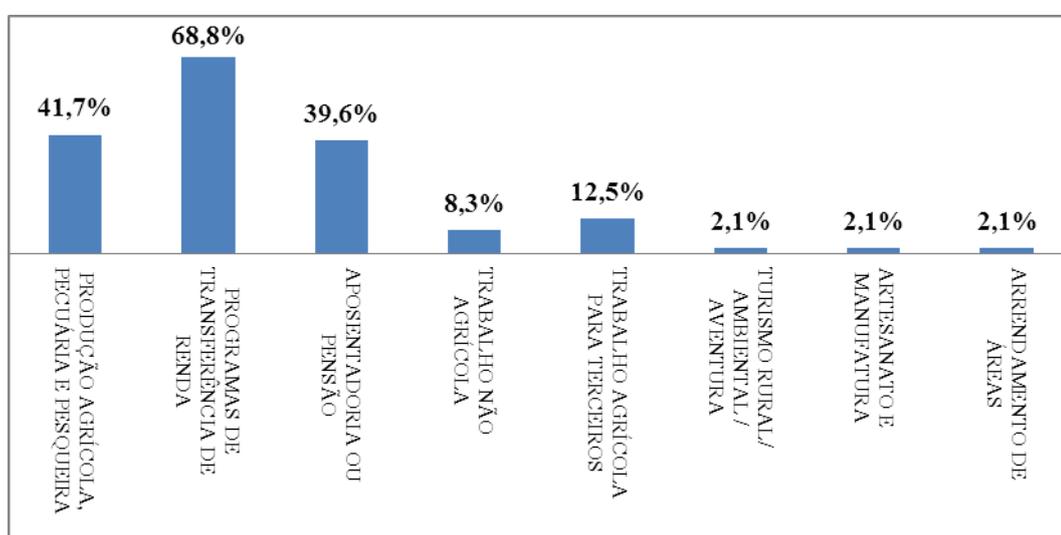


Gráfico 60. Outras fontes de renda familiar - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Nos resultados do gráfico 60 (sessenta), compreende-se o quanto os programas de transferência de renda têm alta relevância na vida das famílias das quebradeiras de coco da região do Bico do Papagaio, pois 60% contam com o auxílio dos programas bolsa família (governo federal) e pioneiros mirins (governo estadual). Não obstante, a produção agrícola é a principal fonte de renda para 40% do grupo de quebradeiras que, além de vender para indústria Tobasa, também participa das feiras de produtores rurais levando arroz, mandioca, milho e hortaliças para comercializar.

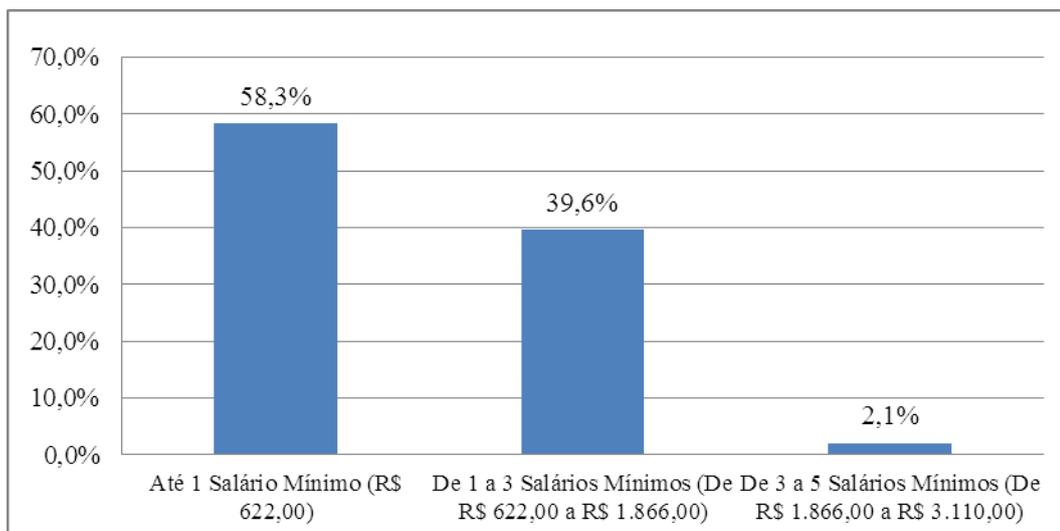


Gráfico 61. Renda familiar mensal - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Contudo, mesmo com todo esforço dessas quebradeiras de coco para garantir o sustento para suas famílias, o resultado apresentado no gráfico 61 (sessenta e um) indica que aproximadamente 60% do grupo de quebradeiras vivem com uma renda de até R\$ 622,00 (salário mínimo).

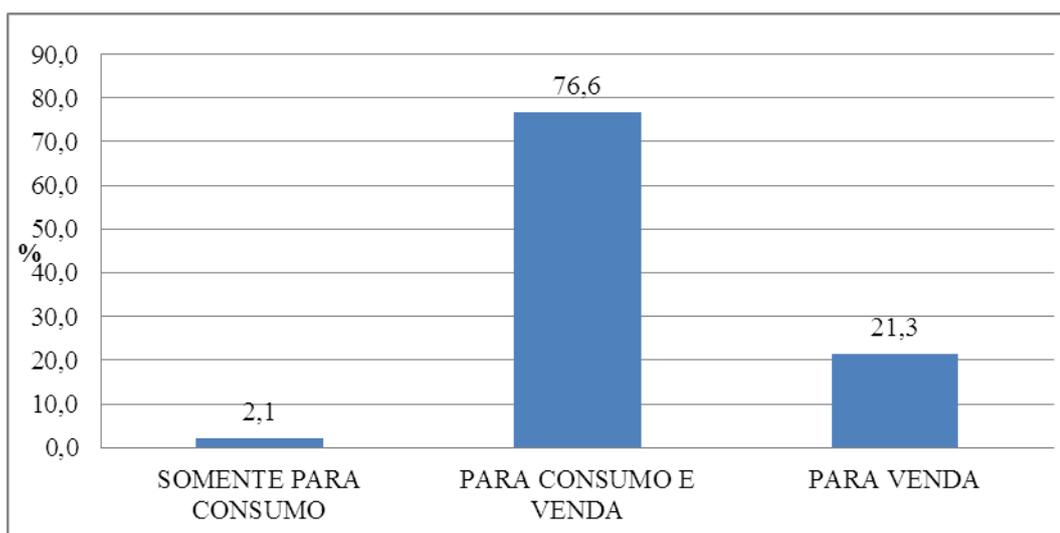


Gráfico 62. Destino do babaçu extraído - Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A pesquisa em questão revela no gráfico 62 (sessenta e dois) que a atividade com o babaçu representa um complemento de renda e também fonte de consumo humano para 76% do grupo. O grupo de quebradeiras informou que a atividade com o babaçu representa a economia das despesas com óleo de soja e gás de cozinha, pois os produtos como o óleo de coco e o carvão não faltam.

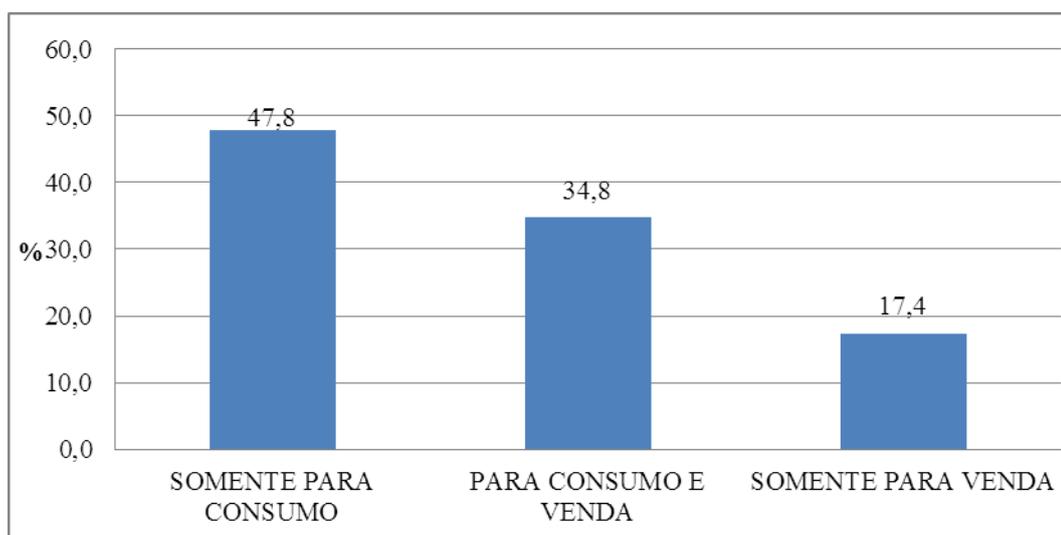


Gráfico 63. Destino da produção agropecuária Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Como citado anteriormente, 50% do grupo pesquisado pertencem à agricultura familiar, desse modo pesquisou-se sobre o destino da produção agropecuária no gráfico 63 (sessenta e três), que apresenta um percentual de 34% desse grupo utilizando a produção para consumo e venda, outros 47% informaram somente consumir os produtos agropecuários.

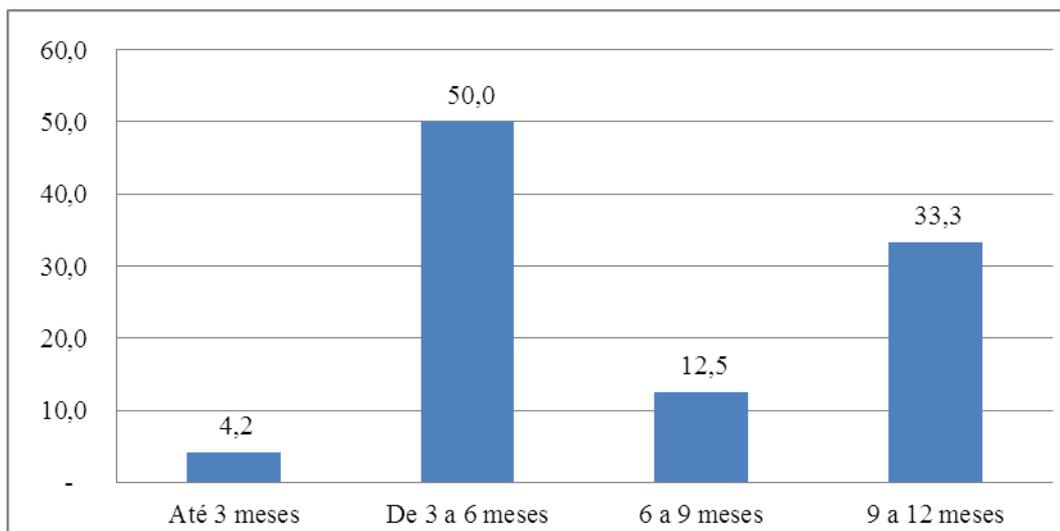


Gráfico 64. Frequência da atividade extrativa com o babaçu no ano - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

No gráfico 64 (sessenta e quatro), as quebradeiras foram investigadas sobre a frequência na atividade com a quebra do coco e o resultado foi de 33% do grupo trabalhando num período de 9 a 12 meses, os demais mantêm uma frequência inferior nessa atividade, onde os motivos alegados são que, além das dificuldades com transporte, em algumas épocas do ano é mais rentável trabalhar na cultura dos produtos agrícolas.

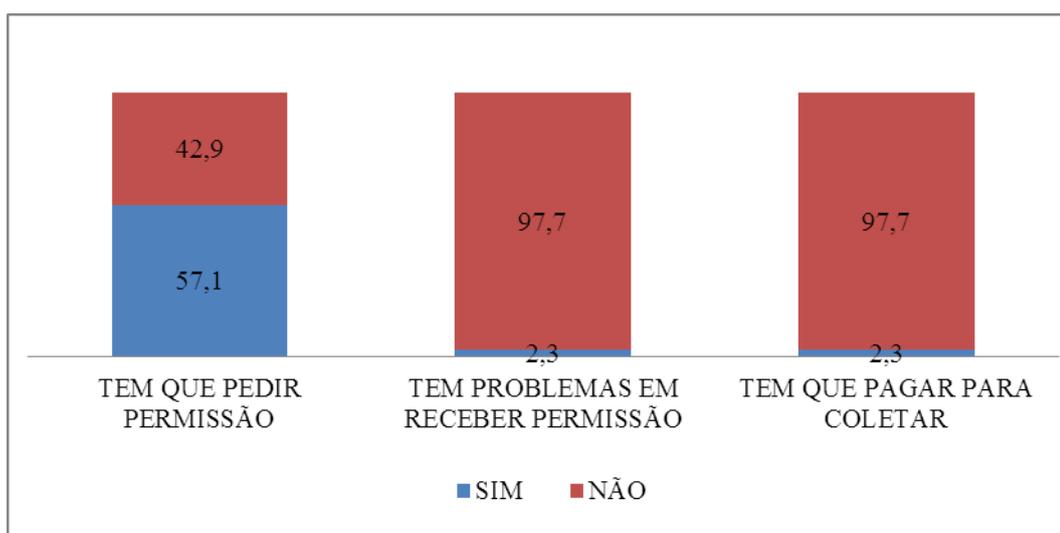


Gráfico 65. Aspectos relacionados com a extração do babaçu Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Quanto à permissão para entrar nas propriedades particulares e quebrar o coco de babaçu, o gráfico 65 (sessenta e cinco) apresenta um resultado no qual 97% do grupo informou que não precisa de permissão para realizar sua atividade e nem pagar qualquer importância monetária para os proprietários.

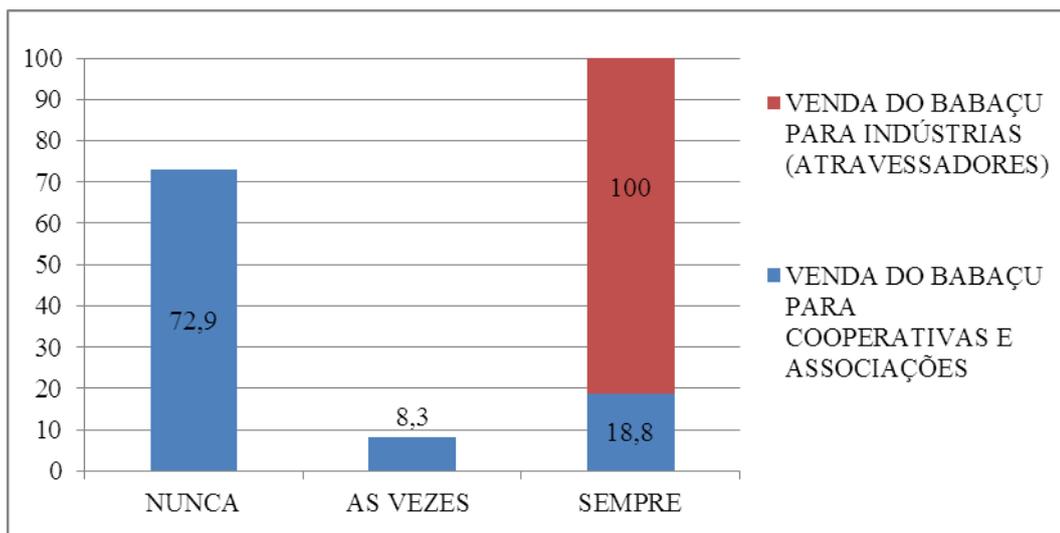


Gráfico 66. Formas de venda do babaçu - Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio Tocantins 2012

Desse modo, pode ser observado no gráfico 66 (sessenta e seis) que 100% do grupo informou que vende sua produção de coco para a indústria Tobasa e um pequeno percentual de 18% dessas pessoas, além de vender para a indústria, vende também para associações da região.

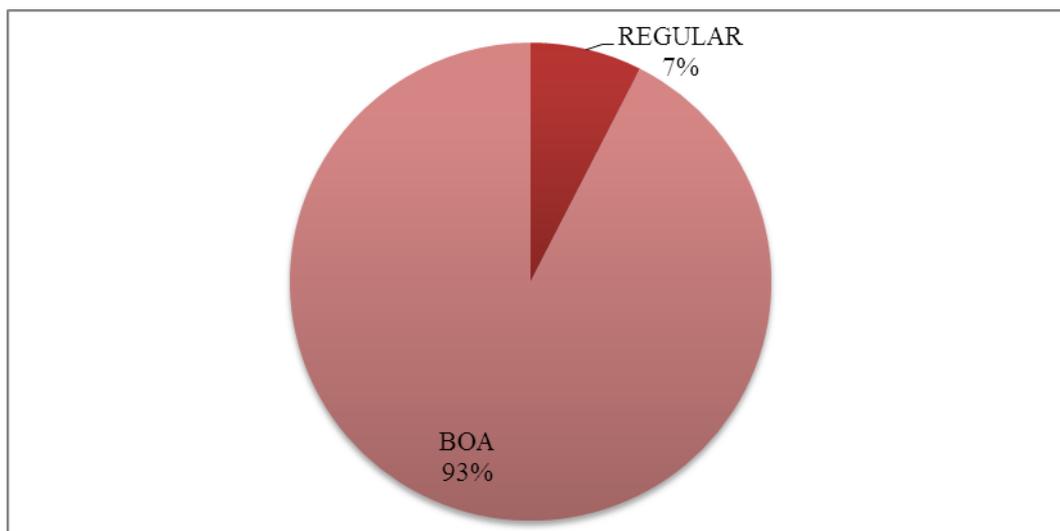


Gráfico 67. Avaliação da relação com os proprietários por parte dos extratores - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 67 (sessenta sete) foi questionado às quebradeiras qual a sua percepção sobre o relacionamento com os proprietários das fazendas onde precisam entrar para catar e quebrar o coco de babaçu, onde para 93% do grupo a relação é considerada como boa e os conflitos existentes no passado diminuíram significativamente, após a criação da Lei do Babaçu Livre.

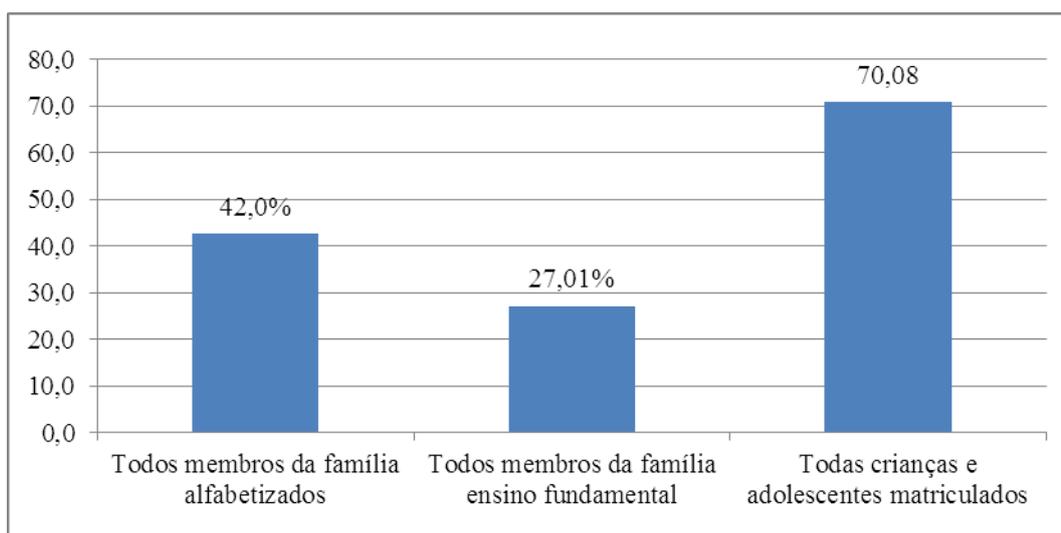


Gráfico 68. Condições educacionais das famílias dos extratores de babaçu - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A educação das famílias das quebradeiras foi conferida no gráfico 68 (sessenta e oito) que apresentou um resultado no qual menos de 50% dos membros das famílias são alfabetizados e 30% das crianças em idade escolar estão fora da escola. Esta realidade é consideravelmente negativa para o desenvolvimento das comunidades de quebradeiras de coco e implica na destinação de investimentos em iniciativas locais, uma vez que a própria população não têm formação escolar suficiente para acompanhar a implantação de eventuais projetos e recursos a serem implementados na região.

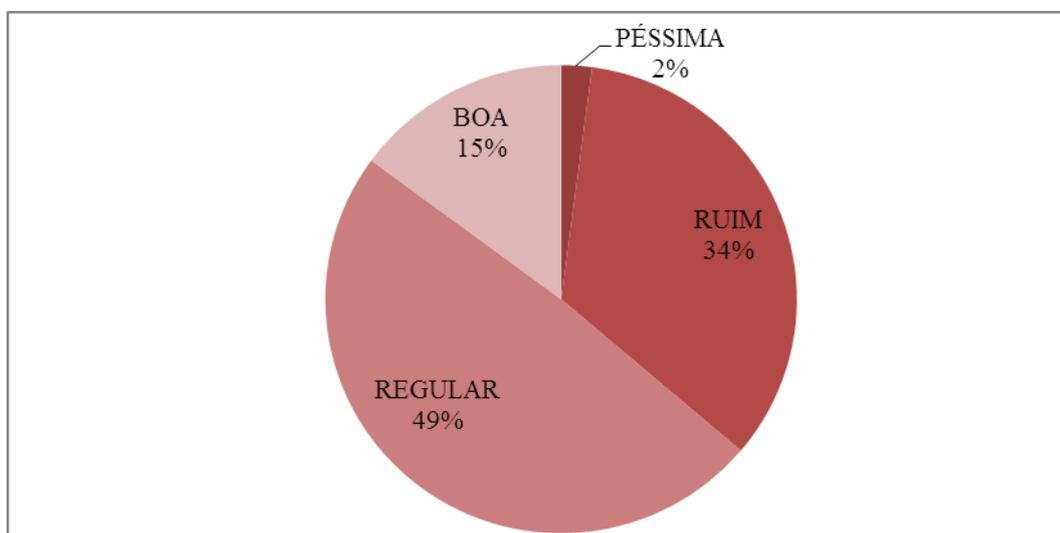


Gráfico 69. Avaliação das condições educacionais por parte dos extratores - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 69 (sessenta e nove) é possível verificar a percepção das quebradeiras sobre as condições educacionais de suas famílias que para, aproximadamente, 50% é considerada regular e para outros 34% é compreendida como ruim.

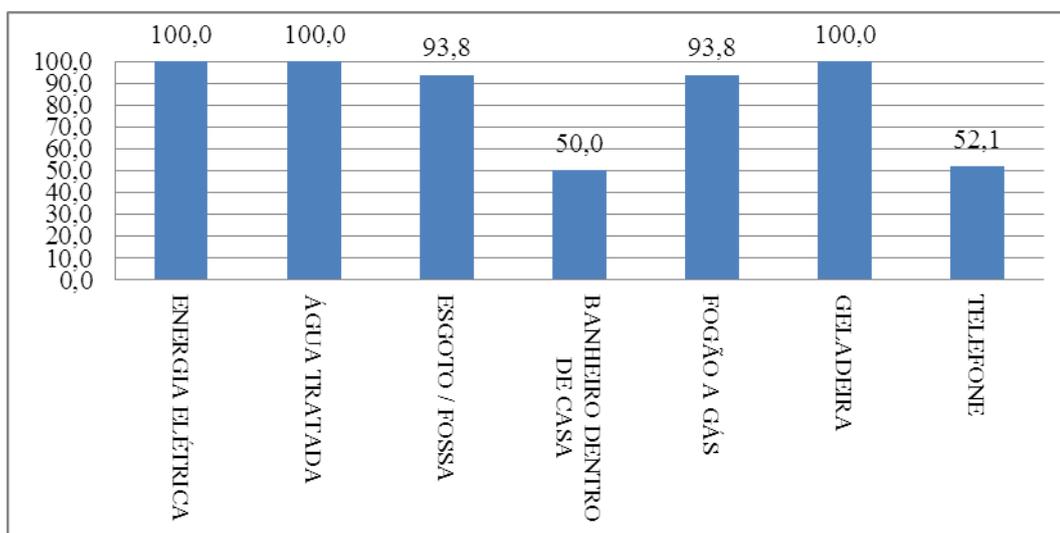


Gráfico 70. Acesso a bens por parte dos extratores de babaçu Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

O acesso a bens também está ligado à estrutura da moradia das famílias das quebradeiras, assim o gráfico 70 (setenta) apresenta que 100% das casas têm energia elétrica, geladeira e água tratada, 93% esgoto e fogão a gás, como, também, 52% dos domicílios possuem telefone celular rural. Este contexto ainda está distante dos padrões de moradia, escolaridade desejáveis, mas, segundo relatos das quebradeiras, o acesso aos bens citados foi permitido, em função das políticas públicas como: programa luz para todos, bolsa família e vale gás.

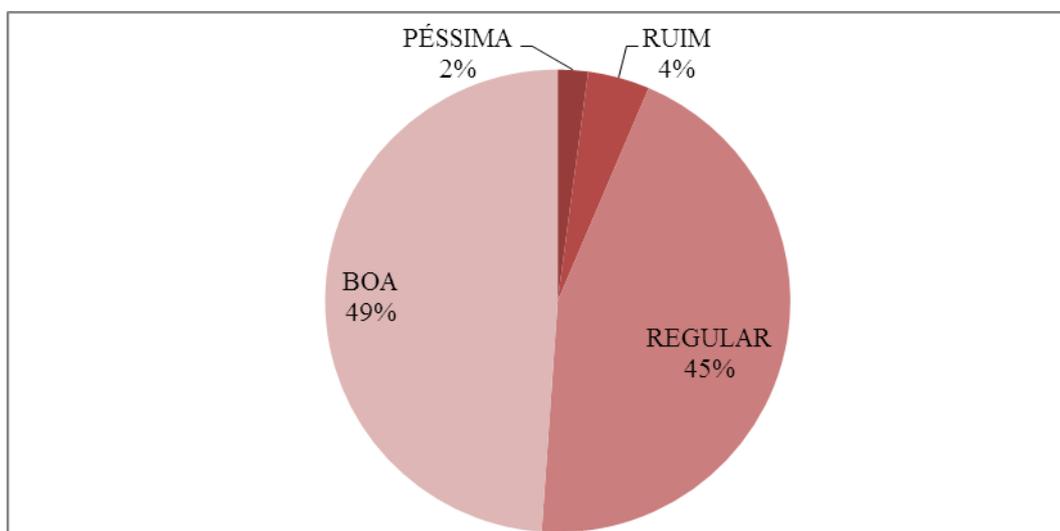


Gráfico 71. Avaliação das condições de moradia Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

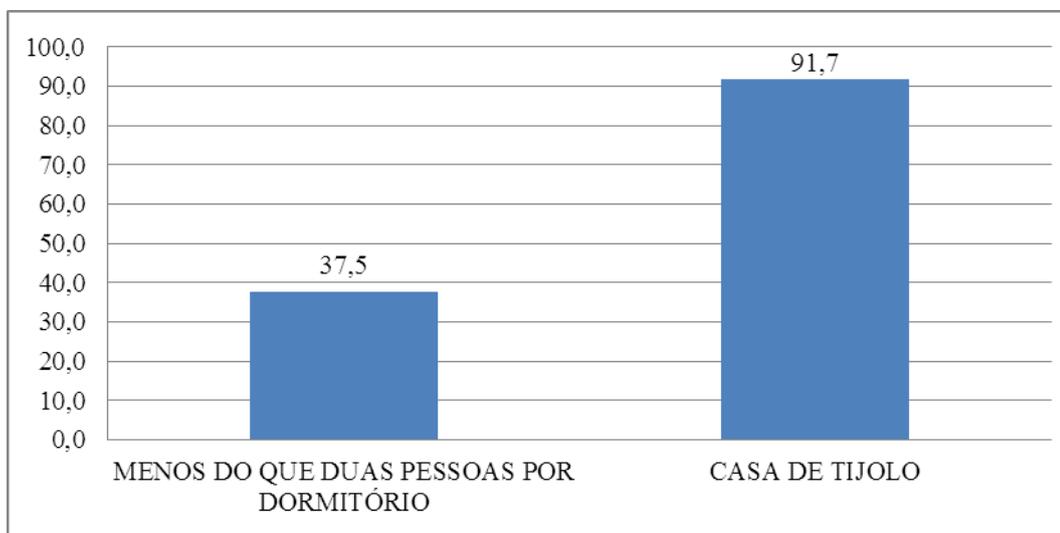


Gráfico 72. Indicadores das condições de moradia Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Em relação à moradia das famílias das quebradeiras, conforme resultados dos gráficos 71 (sessenta e um) e 72 (setenta e dois), a percepção de 49% do grupo informou como boa e cerca de 50% consideraram sua moradia regular. As casas de 91% das quebradeiras são construídas com tijolo e cobertas com telha e em 70% dos domicílios dormem mais que duas pessoas por dormitório.

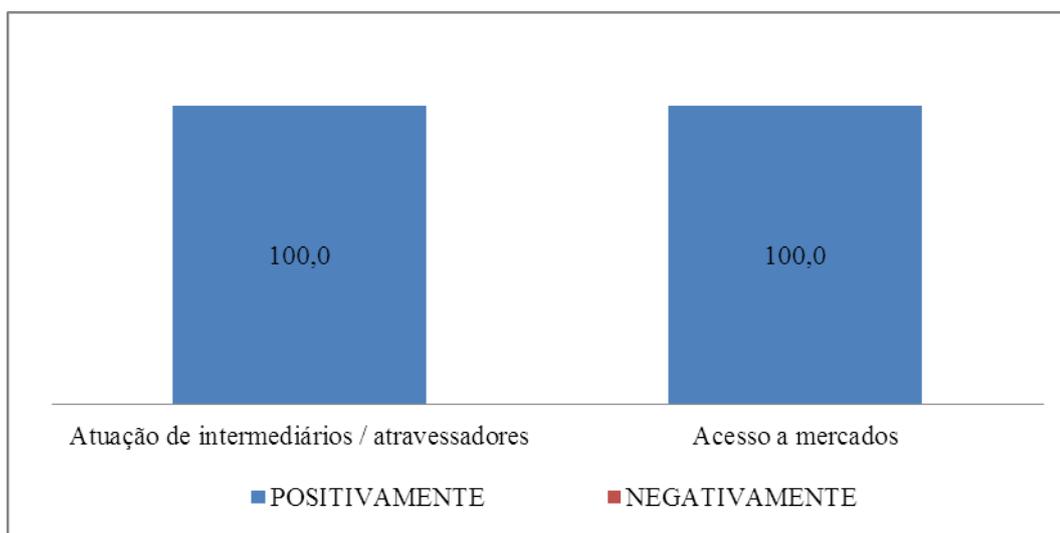


Gráfico 73. Avaliação das condições gerais de comercialização Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 73 (setenta e três), o resultado sobre o processo de comercialização do babaçu, assim como a forma de atuação dos intermediários na comercialização do coco, são compreendidos como positivo por 100% das quebradeiras. O grupo enfatizou que os intermediários resolvem um dos maiores obstáculos que é o transporte dos sacos de amêndoas até à indústria.

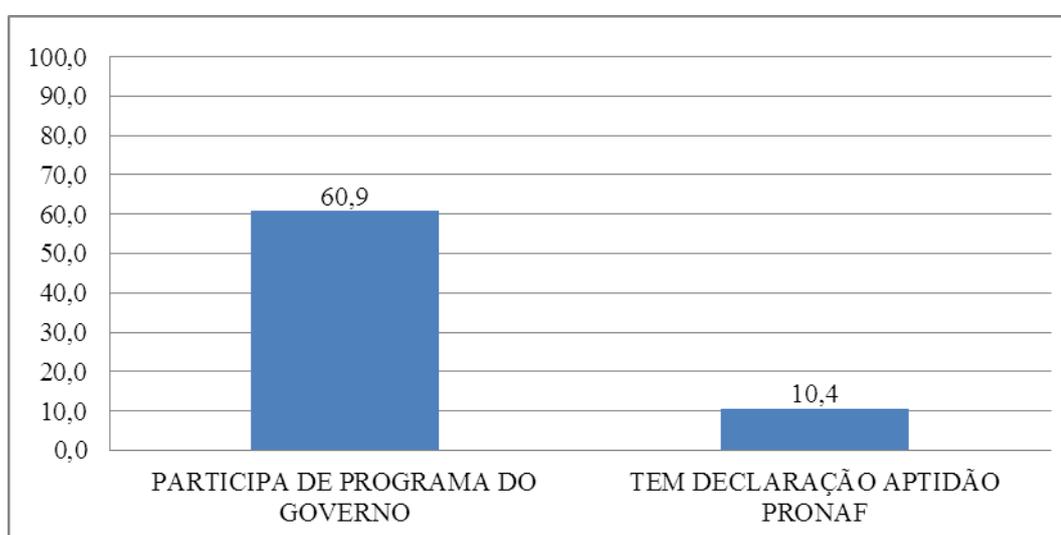


Gráfico 74. Participação em programas do Governo Federal - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Nos resultados do gráfico 74 (setenta e quatro), pode-se verificar que 50% do grupo de quebradeiras participam de programas do governo, entretanto, apenas 10% dessas extrativistas estão inseridas no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) que por meio da DAP (documento de aptidão ao Pronaf) conseguem acessar financiamentos junto às instituições financeiras para investimento nos empreendimentos da agricultura familiar.

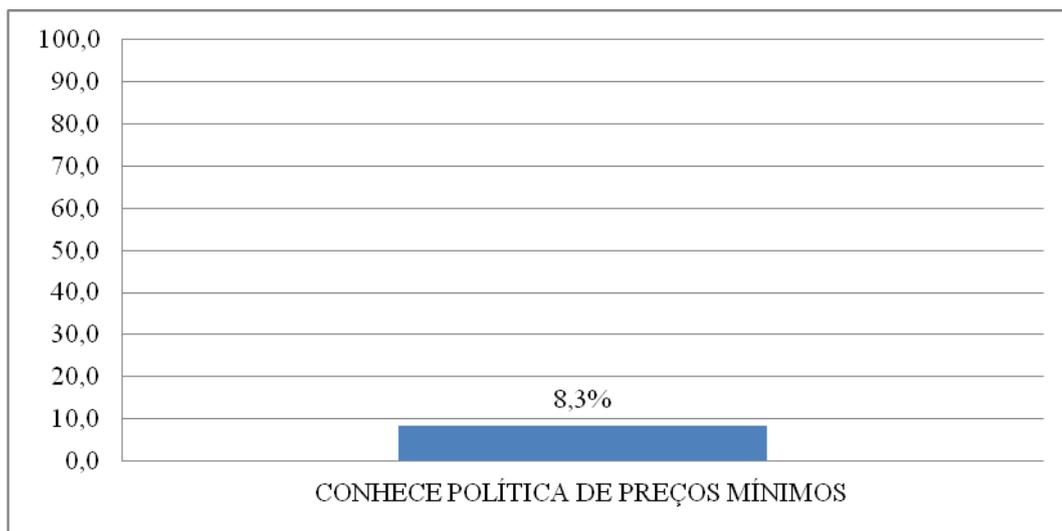


Gráfico 75. Nível de conhecimento e interesse na Política de Preços Mínimos - Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A política de garantia de preços mínimos (PGPM) também seria outro mecanismo para as quebradeiras garantirem a comercialização das amêndoas de babaçu com preço mais justo, no entanto, um pequeno percentual de 8% dessas mulheres conhece e tem interesse nessa política, como pode ser observado do gráfico 75 (setenta e cinco).

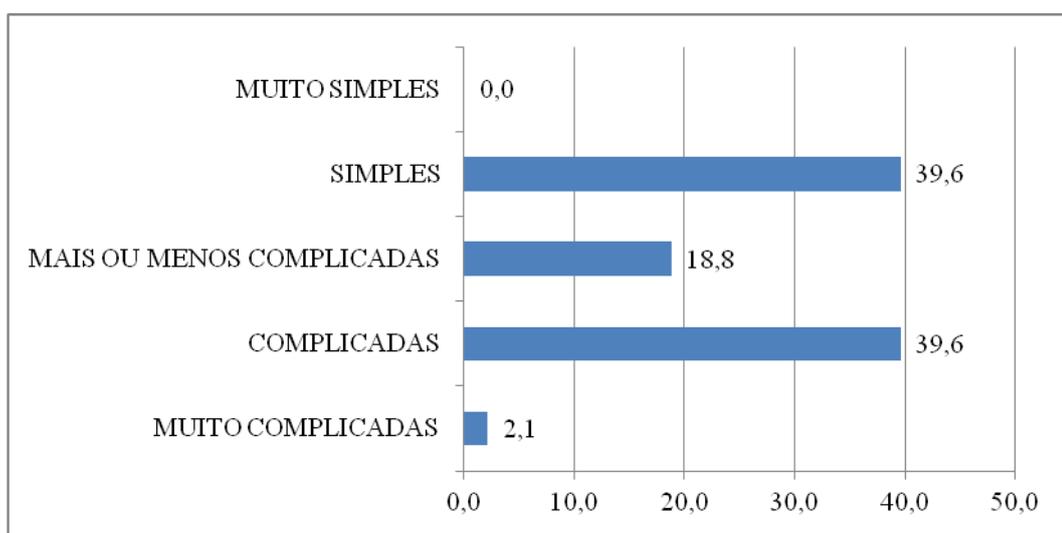


Gráfico 76. Avaliação dos extratores em relação as regras de participação em programas do Governo Federal - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

As condições para participar dos programas do governo, na percepção das quebradeiras, foi considerada simples para 39% do grupo e, mais ou menos complicada, para 18% dos participantes. E na realidade de 39% das quebradeiras, os programas do governo dificultam o acesso com burocracias, pois, em relatos, as quebradeiras colocaram as dificuldades encontradas, como a falta de informações sobre os critérios para participação e de orientação quanto à documentação exigida pela instituição – segundo resultados do gráfico 76 (setenta e quatro).

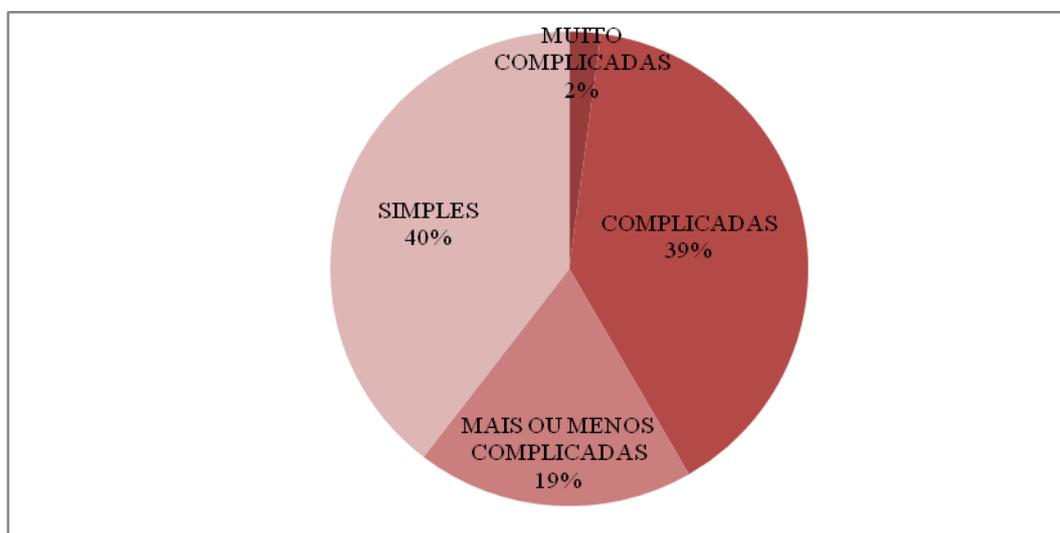


Gráfico 77. Avaliação dos extratores em relação à Assistência Técnica - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

As questões relacionadas à assistência técnica foram levantadas, conforme o gráfico 77 (setenta e sete), no qual mostra que, para aproximadamente 60% das quebradeiras, o acesso a ela é complicado ou mais menos complicado. Na região do Bico do Papagaio, alguns arranjos produtivos estão com as atividades paradas por falta de manutenção e/ou recuperação de equipamentos para processar o coco de babaçu, como é o caso da micro-usina de processar óleo instalada na comunidade de Sete Barracas e a fábrica de fazer sabão da ASMUBIP.

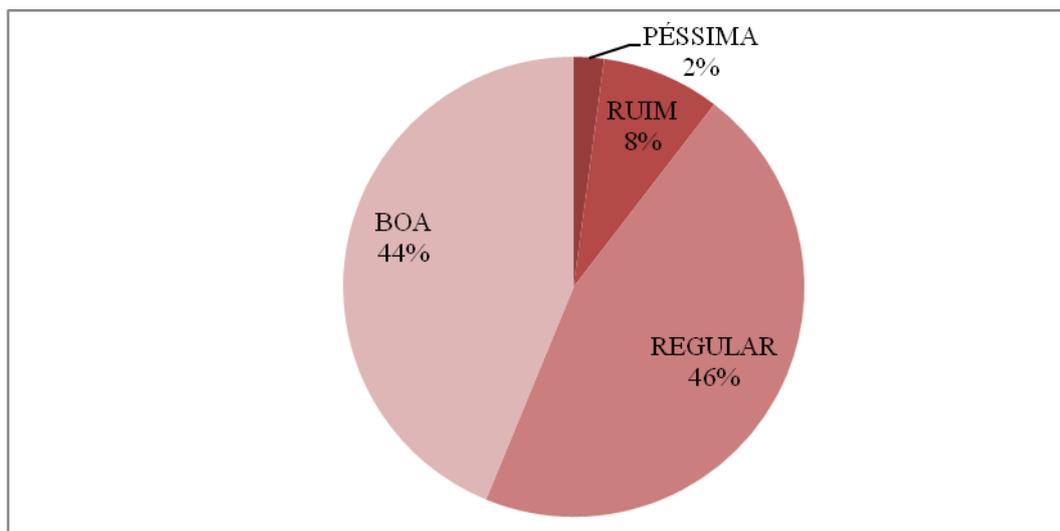


Gráfico 78. Avaliação dos extratores sobre a atuação das instituições na região - Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A presença das instituições que favorecem o desenvolvimento rural na região do Bico do Papagaio ainda é percebida pelo grupo e quebradeiras de coco com opiniões bastante divididas, onde no gráfico 78 (setenta e seis) é possível observar que para mais de 50% das quebradeiras essas instituições tem um nível de atuação regular e/ou ruim, outra parcela de 44% compreendem essa atuação como boa. Na realidade, essa região necessita da presença constante principalmente das instituições que estão com o compromisso de implantar e/ou implementar programas visando o desenvolvimento local (MDA, MDS, MMA etc.); a falta de regularidade nas ações desses programas é bastante enfatizada pelos representantes das associações agroextrativistas, onde estes relataram na pesquisa que muitas vezes são sabem como orientar os demais filiados quanto aos critérios para acessar uma determinada política pública.

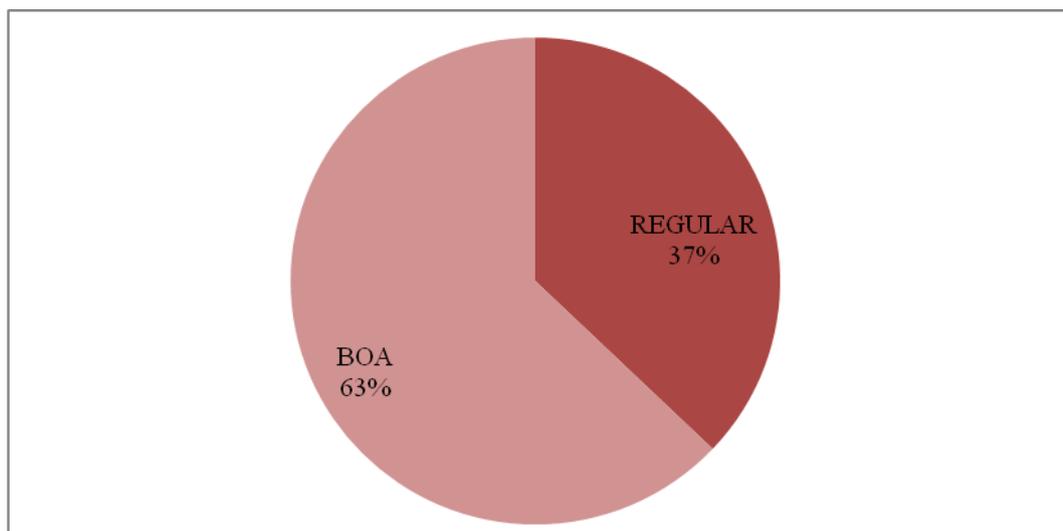


Gráfico 79. Avaliação das condições gerais de trabalho por parte dos extratores - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

As características do desenvolvimento são compostas por indicadores que foram levantados nesta pesquisa, como pode ser visto no gráfico 79 (setenta e nove), o qual apresenta a percepção das quebradeiras sobre como estão as condições gerais de trabalho, que para 63% compreendem como uma boa condição para o desempenho de suas atividades.

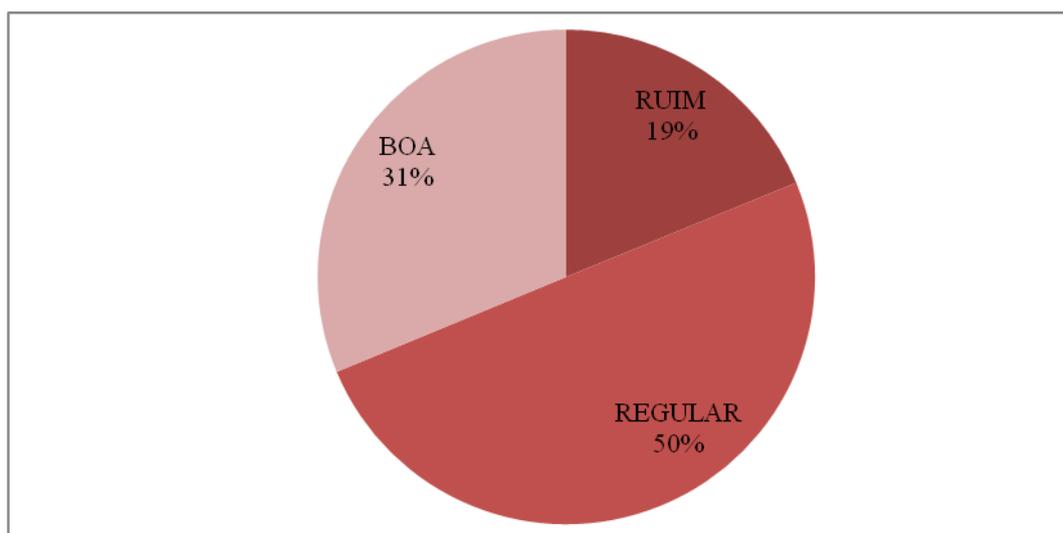


Gráfico 80. Avaliação dos extratores em relação a sua renda - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

A avaliação sobre a renda do grupo de quebradeiras foi averiguada no gráfico 80 (oitenta), o qual indica um percentual de 50% das quebradeiras informando que ela é regular e, em relatos para esta pesquisa, disseram que logo após a segunda quinzena do mês os produtos para alimentação acabam, sendo necessário comprar a prazo nas mercearias locais e, para 18% dessas mulheres, os alimentos não são suficientes para a família toda, passam dificuldades com a falta de alimentos e não têm como comprar.

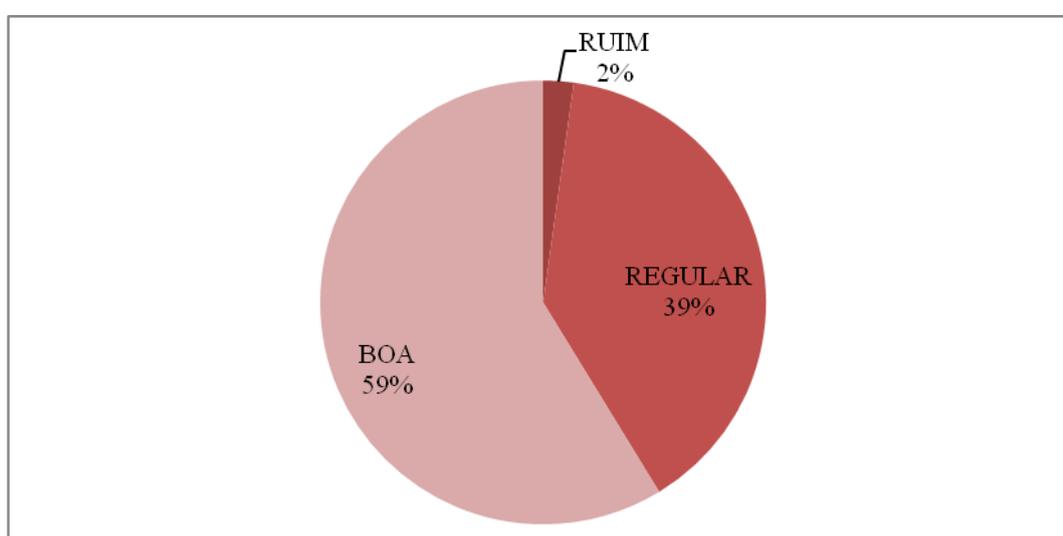


Gráfico 81. Avaliação dos entrevistados em relação às suas condições gerais de produção - Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto à produção, conforme o gráfico 81 (oitenta e um), o grupo informou que as condições são consideradas boas, para 59% das quebradeiras as demais consideram regulares as condições gerais para produzir, onde alegam que, principalmente, os problemas de saúde e a quantidade pequena de pessoas trabalhando interferem no rendimento das atividades.

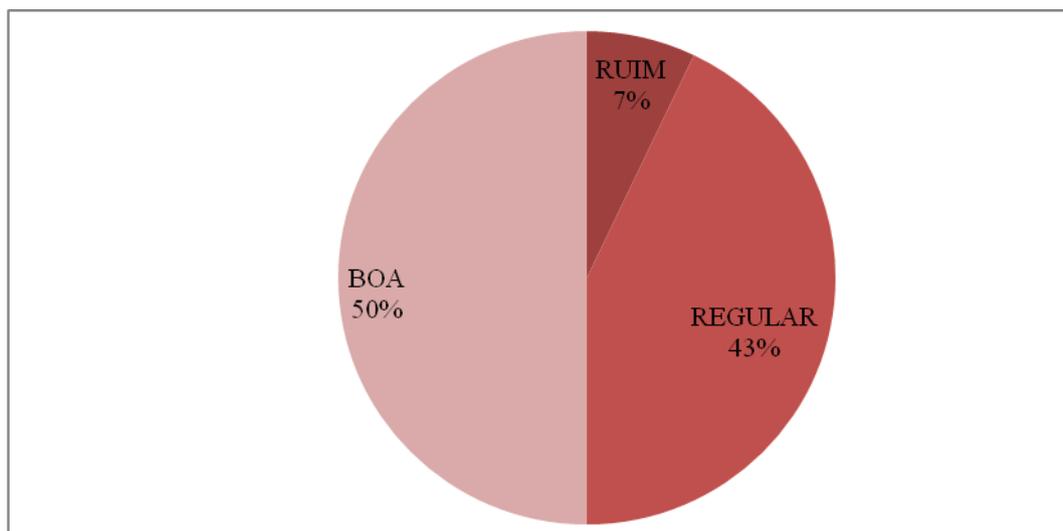


Gráfico 82. Avaliação das fontes de água por parte dos extratores - Quebradeiras – Tobasa - Bico do Papagaio-Tocantins - 2012

A região do Bico do Papagaio é conhecida pela luta das quebradeiras de coco em prol da conservação dos recursos naturais, neste sentido a pesquisa levantou junto ao grupo de quebradeiras qual a percepção sobre a conservação das fontes de água na região, a qual pode ser observada no gráfico 82 (oitenta e dois) que traz respostas bem divididas, pois 50% consideram num bom nível de conservação e 43% entendem como regular.

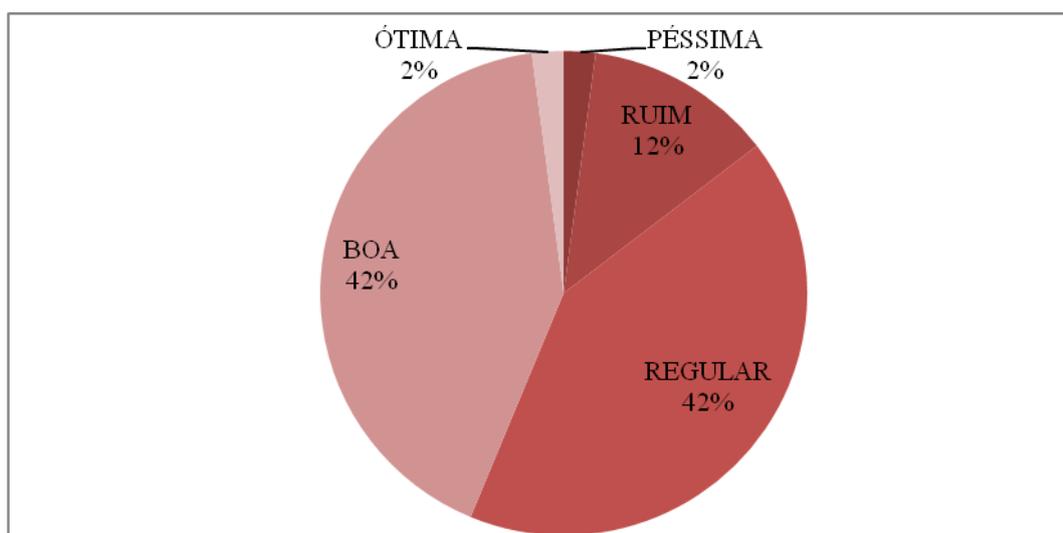


Gráfico 83. Avaliação da conservação da floresta por parte dos extratores - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A conservação dos cocais também foi abordada com o grupo de quebradeiras no gráfico 83 (oitenta e três), observando-se que as opiniões estão bem divididas; ocorre que 42% das quebradeiras, que avaliaram como boas as condições de conservação dos cocais, vivem em áreas da região do Bico do Papagaio onde as comunidades dispõem maior atenção para as questões ambientais e o monitoramento pelos órgãos responsáveis é mais intenso. Em contrapartida, as comunidades localizadas na zona rural dos municípios próximos à divisa com o estado do Pará são impactadas pelas queimadas descontroladas e desmatamento para implantação de projetos de grupos empresariais nacionais e estrangeiros (florestas de Eucalipto, de Teca, carvoarias, entre outros).

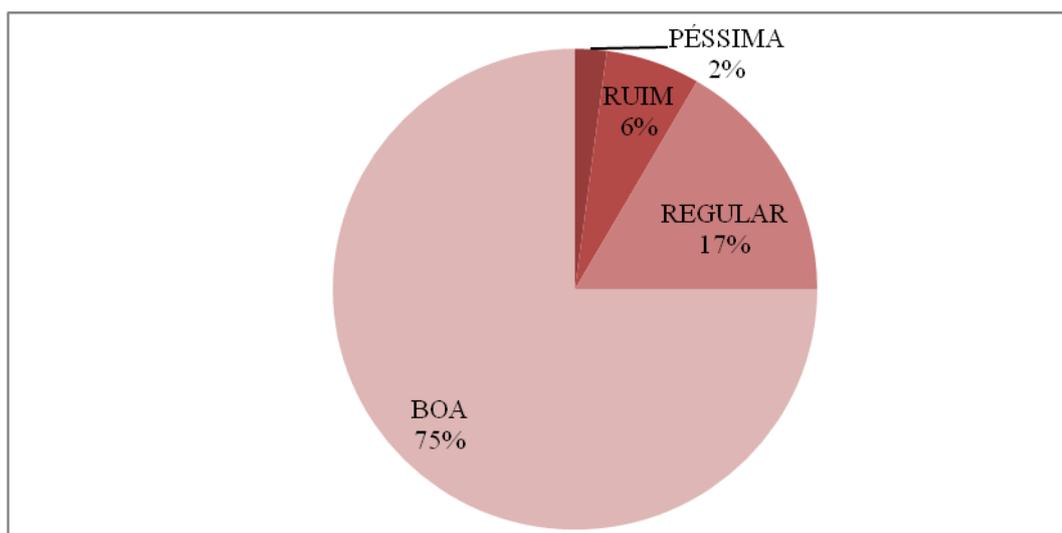


Gráfico 84. Avaliação dos extratores em relação às condições gerais de alimentação e nutrição - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

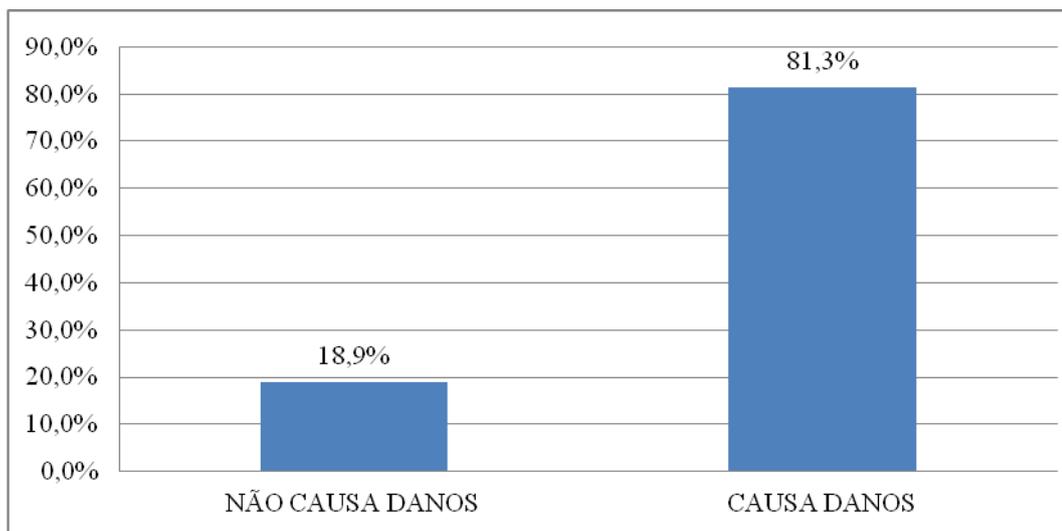


Gráfico 85. Avaliação dos extratores sobre danos da atividade com o babaçu sobre a saúde - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Os efeitos do desenvolvimento foram levantados através de indicadores que revelam qual a percepção das quebradeiras sobre as condições de saúde, nutrição, mudanças na situação econômica e ambiental. Para tanto, segundo o gráfico 84 (oitenta e quatro), 75% dos participantes dessa pesquisa responderam que têm boas condições de alimentação e nutrição, entretanto, 81% revelaram que a atividade com o babaçu lhes causou algum dano, mesmo que temporário, como pode ser verificado no referido gráfico. E quanto às condições de saúde, no gráfico 85 (oitenta e cinco), 67% das extrativistas informaram estar com bom nível de saúde.

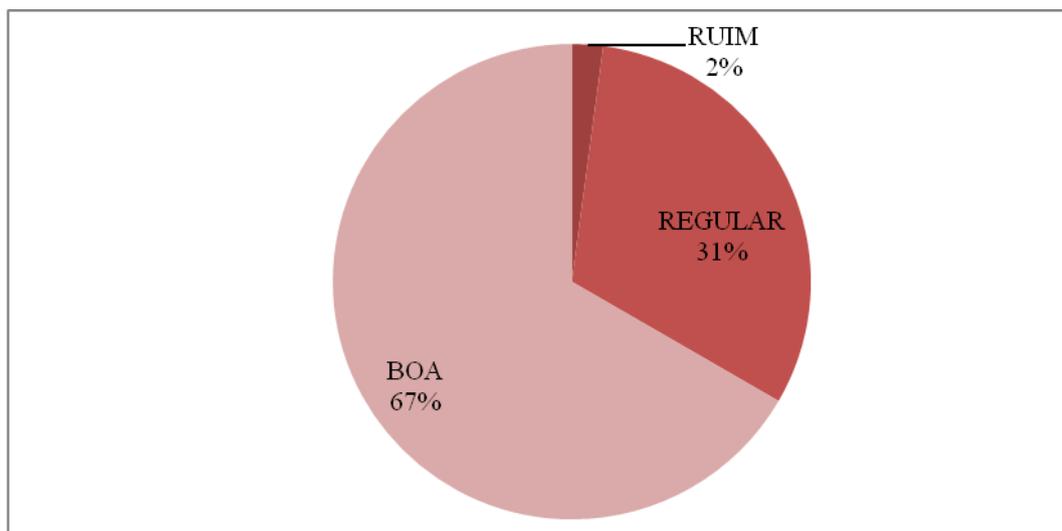


Gráfico 86. Avaliação dos extratores sobre as condições gerais de saúde - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

As quebradeiras de coco avaliaram a sua saúde e a dos seus familiares como boa, pois, para um percentual relativamente alto de envolvidas, 67% estão satisfeitas em relação à saúde, como pode ser verificado no gráfico 86 (oitenta e seis).

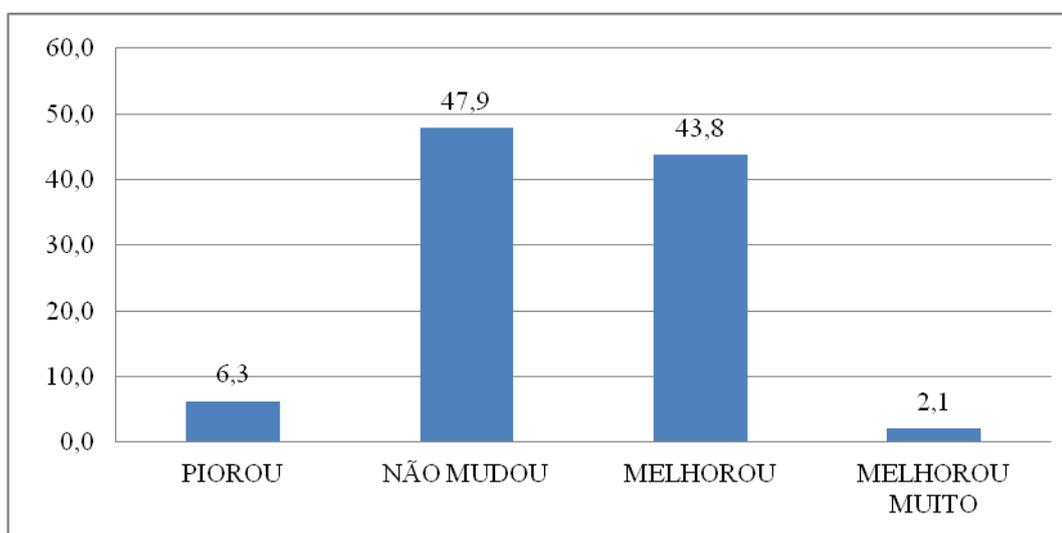


Gráfico 87. Percepção dos extratores sobre a evolução de sua situação econômica nos últimos 5 anos Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins 2012

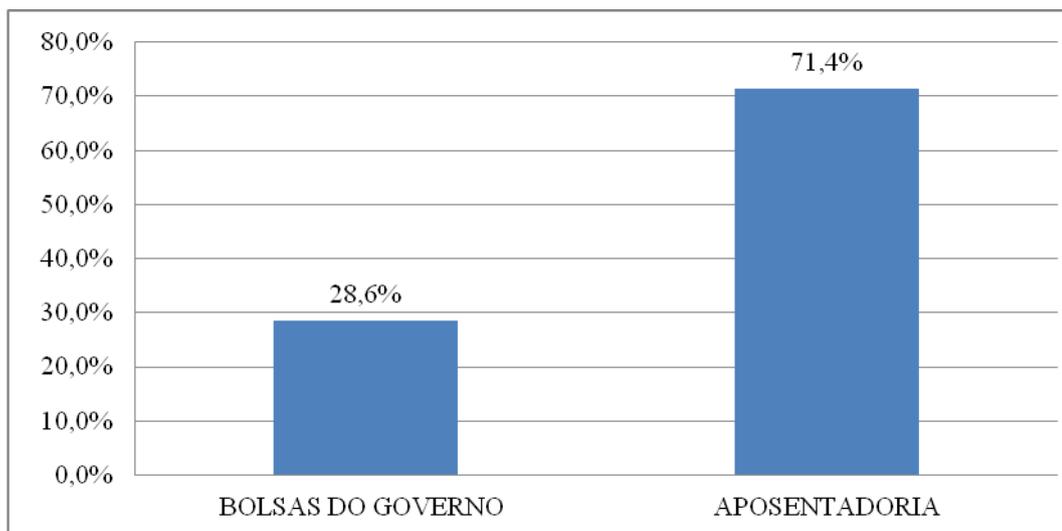


Gráfico 88. Percepção dos entrevistados dos motivos que levaram sua evolução econômica nos últimos 5 anos Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

A percepção sobre as mudanças na situação econômica da família foi questionada às quebradeiras, como visto no gráfico 87 (oitenta e sete), onde 43% informaram terem melhorado, sendo que os motivos mais citados foram as bolsas do governo e o acesso à aposentadoria rural - gráfico 88 (oitenta e oito), pois a pesquisa revelou que cerca de 30% destas quebradeiras estão em idade de aposentadoria.

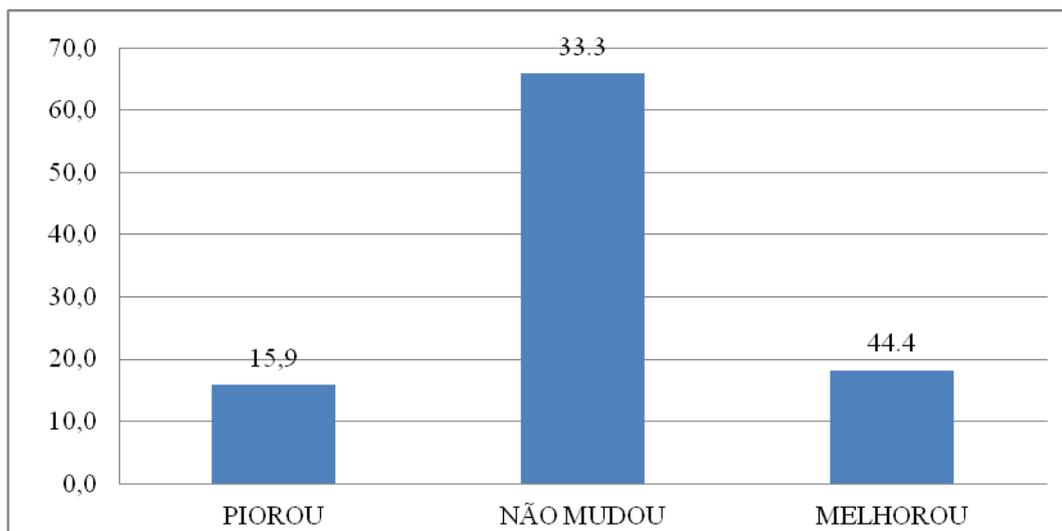


Gráfico 89. Percepção dos extratores sobre a evolução da situação ambiental vivenciada nos últimos 5 anos Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A situação ambiental vivenciada nos últimos cinco anos também foi conferida junto às quebradeiras; as respostas estão relacionadas às áreas rurais da região do Bico do Papagaio com maior ou menor degradação ambiental, como pode ser observada no gráfico 89 (oitenta e nove), onde na percepção de 44% do grupo respondeu que melhorou a situação ambiental e 33% deste grupo dizem que nada mudou em relação à conservação das florestas, às fontes de água e ao uso do solo.

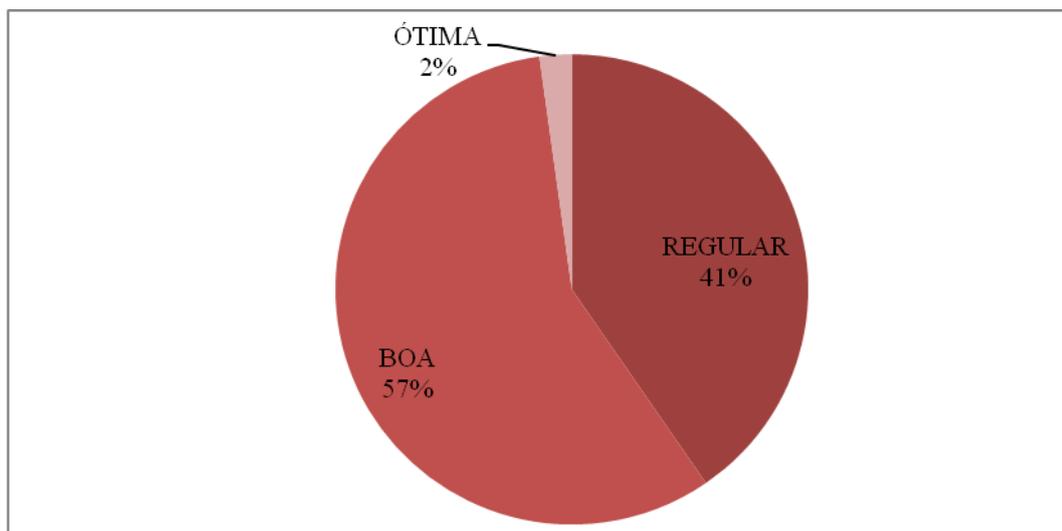


Gráfico 90. Avaliação dos extratores sobre sua participação em organizações associativas e comunitárias - Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio Tocantins - 2012

A percepção das quebradeiras em relação à sua participação nas atividades das organizações sociais as quais são filiadas foi questionada, onde a maior parte desse grupo informou que são participativas e estão sempre à disposição de sua organização para buscar benefícios coletivos. No entanto, 41% dessas mulheres ainda consideram a participação, em questão, de modo regular, alegando os compromissos demandados pelas suas famílias – como pode ser analisado no gráfico 90 (noventa).

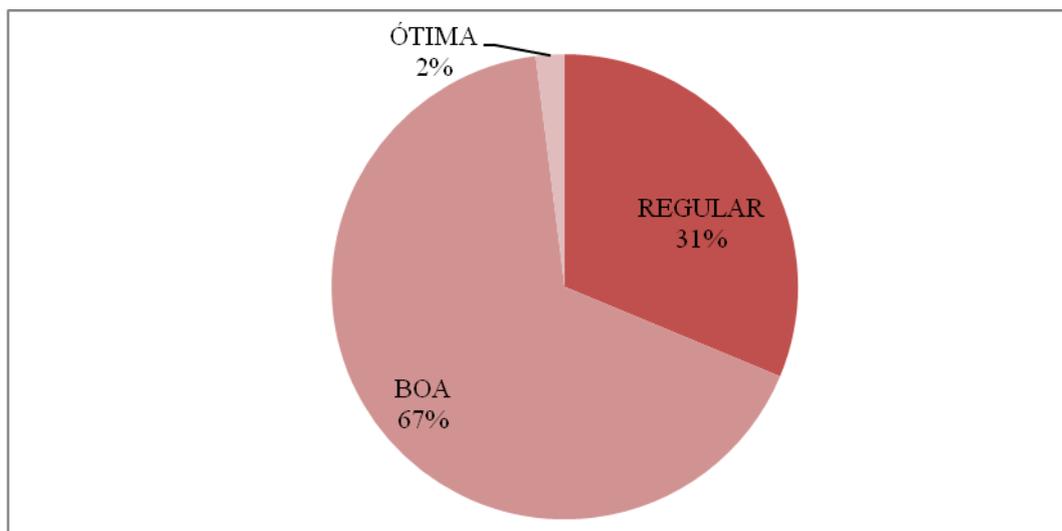


Gráfico 91. Avaliação dos extratores sobre sua participação política - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A participação política de cada membro da comunidade é fundamental para o alcance de melhorias nos aspectos de educação, saúde, habitação, dentre outros. Para tanto, 69% do grupo de quebradeiras avaliou essa participação como “boa”, informando que as escolhas políticas determinam o desenvolvimento da região e do País.

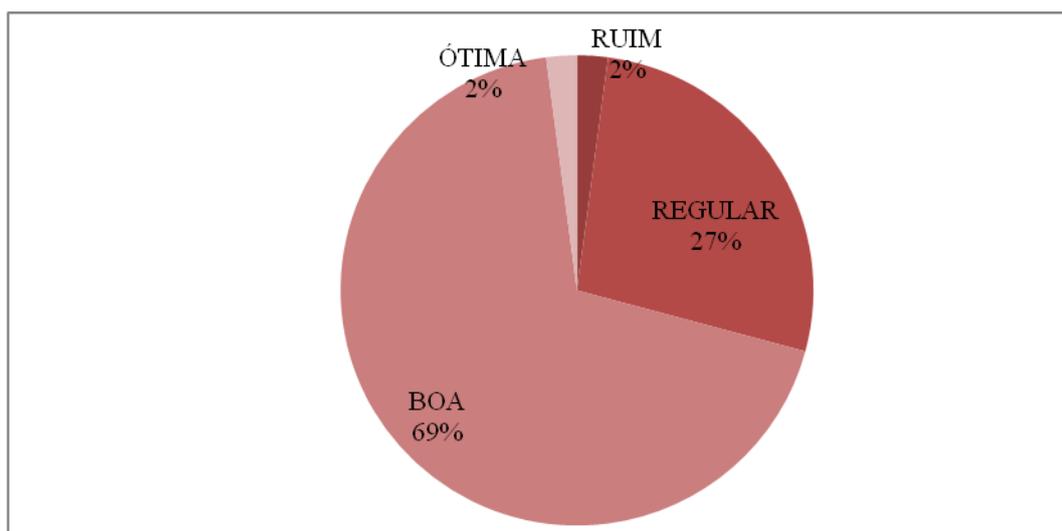


Gráfico 92. Avaliação dos extratores sobre sua participação em atividades culturais - Quebradeiras Tobasa Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

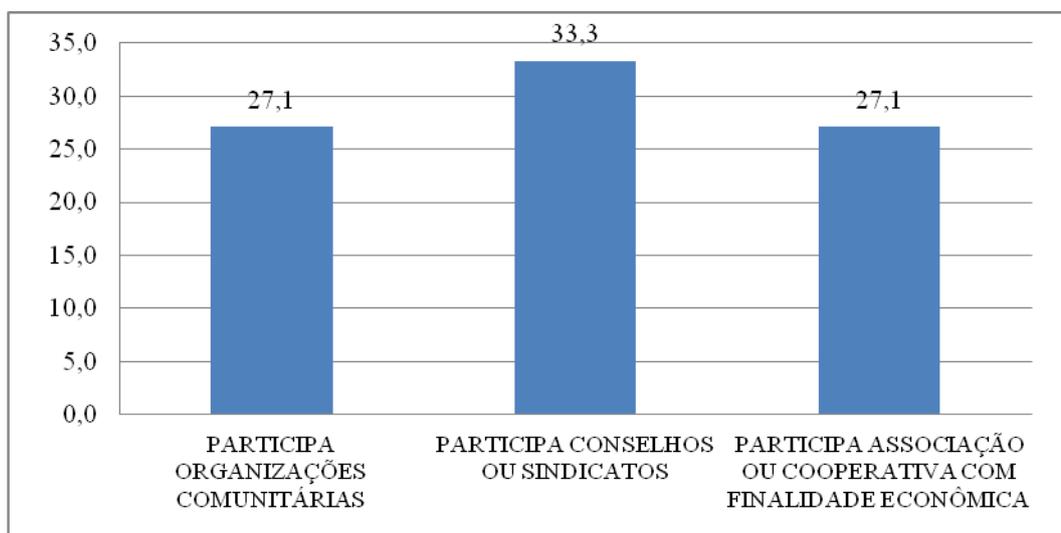


Gráfico 93. Indicadores de capital social Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Contudo, nos indicadores de capital social as respostas apresentadas no gráfico 93 (noventa e três) revelam que 87% do grupo de quebradeiras participam de algum tipo de organização social e aproximadamente 80% estão ligadas às entidades que representam os interesses de atividade extrativista e/ou agricultores familiares.

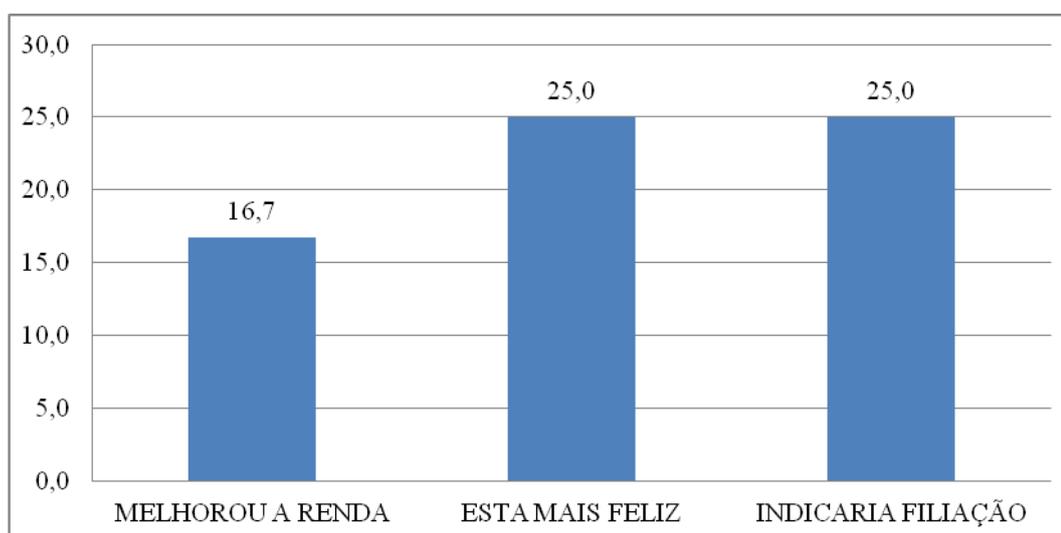


Gráfico 94 - Percepção dos extratores aspectos de sua participação comunitária - Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Alguns aspectos relacionados à melhoria na renda, ao nível de satisfação enquanto associado, e à disposição para indicar e motivar outras quebradeiras a serem associadas foram

levantados no gráfico 94 (noventa e quatro), o qual mostra que, no universo dos 30% de associadas, 16% melhoraram a renda; 25% tornaram-se mais felizes; 25% manifestaram a intenção de indicar à filiação numa organização às outras quebradeiras de coco não filiadas.

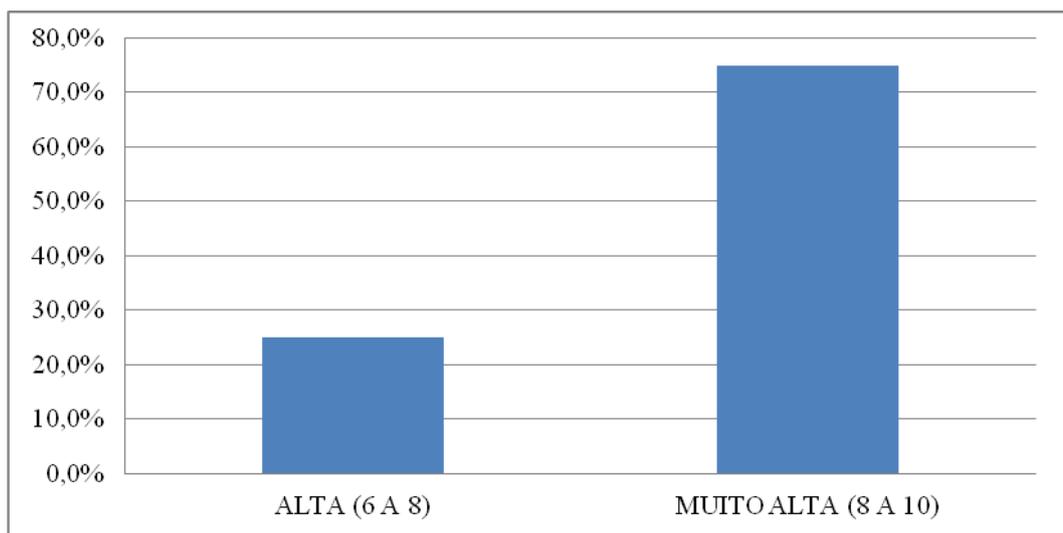


Gráfico 95. Motivação dos extratores em continuarem filiados em organizações associativas e comunitárias Quebradeiras Tobasa - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 95 (noventa e cinco) é possível averiguar que 75% das quebradeiras estão motivadas para continuarem filiadas nas organizações da região. Contudo, do grupo de quebradeiras não vinculadas às organizações associativas, apenas 8% manifestaram um interesse em nível médio e/ou bom para tornarem filiadas, estas alegaram os motivos de falta de esclarecimento sobre os objetivos da associação, má fé por parte dos representantes e falta de tempo, pois precisam cuidar dos filhos.

4.3 Agroextrativistas do Assentamento Sete Barracas

4.3.1 Histórico do Assentamento Sete Barracas – São Miguel/TO

O Assentamento Sete Barracas foi criado a partir da articulação de um grupo de agroextrativistas no município de São Miguel/TO, onde, em 1986, a antiga Fazenda Pontal foi dividida em 27 lotes de, aproximadamente, 22 hectares para cada família de assentados.

Neste contexto, foi fundado o Clube Agrícola Sete Barracas – CASB, em 1989, associação pela qual os projetos e os programas governamentais e não governamentais são implementados e buscam atender os assentados beneficiários. Atualmente, a comunidade de Sete Barracas abriga os 27 assentados e mais 33 famílias de não assentados, filhos e netos destes.

O presidente da CASB, o Senhor Antônio, conhecido por Quiriba, se orgulha ao dizer “[...] o nosso assentamento é histórico aqui na região, desde a criação que preservamos o meio ambiente, sempre participamos dos eventos no país inteiro, levando o extrativismo da nossa comunidade para o Brasil conhecer [...]”.

A atividade preponderante no Assentamento é o agroextrativismo, através do cultivo principalmente de mandioca, milho, arroz, abóbora, feijão, fava, amendoim (entre outros), incluindo o aproveitamento do coco de babaçu de forma tradicional; assim, outras fontes de renda advêm de trabalhos para terceiros (safrista), benefícios (bolsa família e aposentadoria rural pelo INSS) dos governos, federal e estadual.

Vale ressaltar, que, no momento, a utilização do coco de babaçu para fins comerciais representa pouco economicamente para esta comunidade, pois estão comercializando os produtos (óleo e carvão) apenas nas feiras locais, porém, o uso para consumo doméstico é frequente, os agroextrativistas aproveitam de maneira tradicional as amêndoas para extração do óleo e, das cascas do babaçu, produzem o carvão.

A comunidade de Sete Barracas se destaca por ter, entre seus moradores, a Dona Raimunda, quebradeira de coco de babaçu reconhecida internacionalmente pelo seu trabalho em favor das causas das mulheres quebradeiras, da educação para as crianças e dos

extrativistas da região do Bico do Papagaio, além ter ajudado a fundar a Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (ASMUBIP), a qual também presidiu. Neste cenário, ela também contribuiu de forma veemente para a criação da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Tocantins (FETAET) e a Secretaria da Mulher Extrativista do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), onde nesta foi titular por 10 (dez) anos.

Na década de 90, a Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS) instalou uma micro-usina de processamento do coco de babaçu em Sete Barracas, cujo objetivo principal seria produzir energia elétrica, óleo, farelo protéico, mesocarpo e carvão, para atender a referida comunidade. A micro-usina foi estruturada numa área de 422,80 m², da seguinte forma:

- ✓ Cinco galpões de processamento de amêndoas (185,90 m²);
- ✓ Caldeira (25,00 m²);
- ✓ Turbo-gerador (21,70 m²);
- ✓ Compressor (6,10 m²); e
- ✓ Bancadas para a quebra dos cocos (184,10 m²).

Conforme a direção da CASB, a micro-usina funcionou, aproximadamente, por cinco anos, entre momentos de paralização e operação, mas desde 2005 o projeto está parado. No ano de 2008, o Instituto de Desenvolvimento Rural do Tocantins – Ruraltins assumiu a gestão e nomeou de Projeto de Desenvolvimento Socioeconômico das Quebradeiras de Coco, com o compromisso de montar os equipamentos, ministrar cursos, entregar à comunidade a pequena usina em funcionamento e acompanhar o projeto.

Para tanto, foram instalados novas máquinas, computadores, realizou-se a reforma do galpão, disponibilizou-se um caminhão para transporte do coco de babaçu, no entanto, a estrutura física e as máquinas estão se deteriorando e o caminhão está parado. O Ruraltins informou a direção da CASB que o motivo da paralização da usina é a falta de recurso

financeiro suficiente para o desenvolvimento das atividades e que estão buscando apoio junto aos governos, estadual e federal.

A direção da CASB ressaltou que não pode buscar o apoio de outras instituições públicas ou do setor privado, devido à gestão do projeto ainda permanecer vinculada ao Ruraltins. Conforme o presidente da associação, a documentação da CASB está atualizada e com pouco esforço e vontade política dos gestores públicos será possível reativar o projeto com o babaçu e levar oportunidade de melhoria na renda mensal dos agricultores familiares de Sete Barracas.

Programas e Projetos:

Na história da CASB estão relacionados alguns programas e projetos em parceria com governos, federal e estadual, e ainda com organizações do terceiro setor, que, segundo o seu representante, o retorno dos cursos oferecidos, por programas como o Pró-Ambiente, foi positivo e estão visíveis na conservação das florestas de babaçu, no solo e nas águas da região. A referida associação já teve membros beneficiários dos programas:

- ✓ Agência de Fomento do Estado do Tocantins⁵ – Financia projetos de desenvolvimento no Estado do Tocantins, que promovam benefícios econômicos e/ou sociais às áreas de sua influência, em consonância com o Plano do Governo e levando em consideração as necessidades e potencialidades locais.
- ✓ PROCERA - Programa de Crédito Especial para Reforma Agrária, criado pelo Conselho Monetário Nacional em 1985, com o objetivo de aumentar a produção e a produtividade agrícola dos assentados da reforma agrária, visando a sua inserção no mercado e a emancipação;
- ✓ Pronaf “A”, Pronaf Mulher e Pronaf Família;

⁵ Fonte: site da FOMENTO, Disponível em: <http://www.fomento.to.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=24> Acesso em: 15 out. 2012.

- ✓ Projeto Cortei – o projeto foi voltado para o plantio de mandioca e os recursos foram disponibilizados pelo Banco da Amazônia;
- ✓ Pró-Ambiente – o projeto tinha como objetivo a redução de agrotóxico nas plantações, o incentivo ao reflorestamento e a redução de queimadas; assim, foram 23 assentados cadastrados para participar e receber cursos sobre as questões ambientais frequentes na região. Inicialmente o referido projeto desenvolveu suas ações por aproximadamente por dois anos com recursos de uma ONG da Holanda e, após esse período, o Ministério do Meio Ambiente – MMA assumiu a coordenação, estendendo às ações por mais dois anos;
- ✓ Projeto de Apicultura – a Associação e Apicultores do Bico do Papagaio – ABIPA ofereceu cursos de capacitação em apicultura e acompanhou a implantação das “Casas do Mel”, as quais foram criadas para promover a comercialização do mel na região, em outros estados e fortalecer a sua cadeia produtiva. Neste sentido, o Banco do Brasil disponibilizou recursos financeiros para os agroextrativistas desenvolverem essa atividade.

Nos dias atuais, a CASB utiliza, como estratégia de comercialização de seus produtos, a parceria com o setor público em esfera municipal, estadual e federal para levar novas oportunidades de mercado aos agroextrativistas da comunidade de Sete Barracas, através de programas como a Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, que compra os produtos da agricultura familiar por meio da associação e a transforma em beneficiária de produtos que não cultiva, ou seja, a CASB poderá comercializar seus produtos com a CONAB e também tornar-se beneficiária de produtos que não têm condições de cultivar.

Outra estratégia da CASB é buscar o apoio da Prefeitura municipal de São Miguel, no sentido de disponibilizar um veículo para transportar os produtos da comunidade até a cidade para a feira de produtores rurais que acontece aos domingos, onde os agroextrativistas comercializam os produtos oriundos da agricultura local, bem como o óleo e o carvão do coco de babaçu.

Recentemente, a CASB conseguiu implementar o projeto de apicultura (Casas do Mel) na comunidade através da ABIPA e do Banco do Brasil, que disponibilizará financiamentos de projetos para apicultores comercializarem o mel.

Para a comunidade de Sete Barracas não só as estratégias econômicas de sobrevivência são relevantes, como as tradições culturais do seu povo também são consideradas. Ao longo de sua história, a comunidade vem preservando algumas atividades culturais e perpetuando-as de geração em geração. Dentre estas, o principal evento é, sem dúvida, a comemoração do aniversário do Assentamento, no dia 28 de junho, festa que tem alta relevância para os moradores.

As comemorações iniciam com uma missa reunindo principalmente os moradores mais antigos, em seguida é servido um almoço para todos os presentes, no período da tarde as comemorações continuam com um jogo de futebol e a noite a festa prossegue com uma quadrilha e a famosa “Dança da Mangaba”, a qual reúne 12 pares para dançarem juntos.

Relações institucionais e parcerias com setores público e privado:

- ✓ INCRA: responsável pela criação e estruturação do assentamento; construção de casas e água encanada.
- ✓ RURALTINS (Instituto de Desenvolvimento Rural): órgão estadual responsável por disponibilizar assistência técnica e extensão rural aos agricultores familiares residentes no Assentamento.
- ✓ CASB (Clube Agrícola Sete Barracas): é a associação dos agricultores familiares de Sete Barracas, a qual viabiliza o acesso aos programas e projetos governamentais.
- ✓ FETAET (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Tocantins): É uma entidade sindical que compreende os trabalhadores rurais permanentes ou eventuais, bem como extrativistas, aposentados e pensionistas do setor rural.
- ✓ CNS (Conselho Nacional de Seringueiros): representa trabalhadores agroextrativistas organizados em associações, cooperativas e sindicatos, é formado por 27 lideranças agroextrativistas da Amazônia. O representante do CNS é o Senhor Cipriano, líder comunitário do assentamento Sete Barracas.
- ✓ ASMUBIP (Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio): organiza os núcleos de mulheres, mediante a produção, a comercialização e

a conservação dos babaçuais, possuindo aproximadamente 750 sócias e dentre essas as quebradeiras de coco de Sete Barracas. A ASMUBIP é vinculada ao Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco (MIQCB), outra instituição bastante representativa nas causas das quebradeiras de coco.

- ✓ ABIPA (Associação dos Apicultores do Bico do Papagaio): mais de 50% dos assentados (homens) de Sete Barracas desenvolvem a atividade de apicultura e são filiados a esta instituição, embora esclareçam que a contribuição desse trabalho represente pouco na renda mensal.

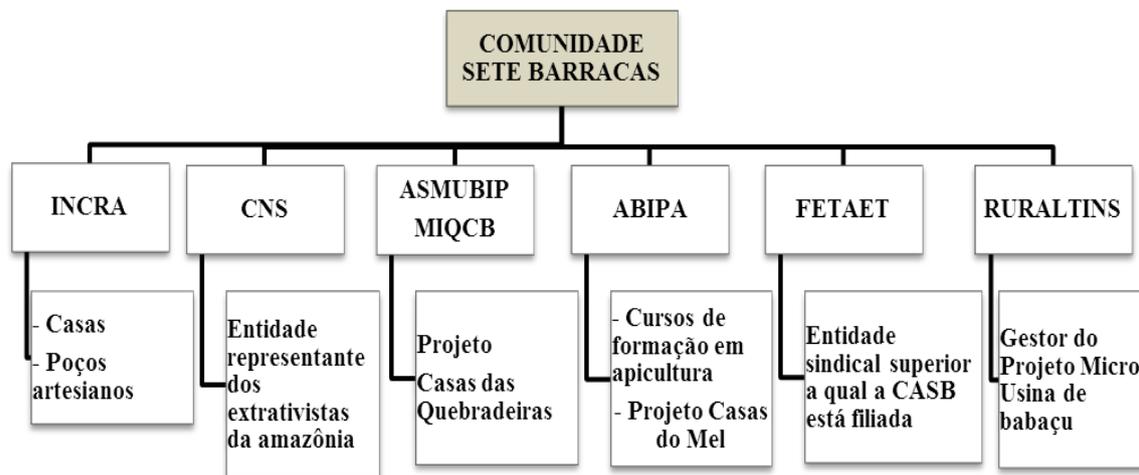
Quadro 03. Análise SWOT do Assentamento Sete Barracas

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<ul style="list-style-type: none"> - Respeito pela própria história de criação do Assentamento gera nos homens e mulheres de Sete Barracas a motivação para continuarem em busca de melhorias coletivas, a identificação com a atividade agroextrativista; - O comprometimento com a conservação ambiental mencionado com frequência entre os moradores, quando falam da motivação para participar das ações de programas como o Pró-Ambiente; - A presença da chamada resiliência definida pela “[...] capacidade que um indivíduo ou população apresenta, após momentos de adversidades conseguindo se adaptar ou evoluir positivamente frente à situação”; - Resistência das famílias de 	<ul style="list-style-type: none"> - A descontinuidade do projeto para funcionamento da micro usina de processamento de coco de babaçu, foi um fator que impactou negativamente no aproveitamento do coco de babaçu, abundante nos cocais da região; - A comercialização do principal produto extrativista da Comunidade, que é o babaçu, ficou restrita à pequena feira de produtos agrícolas de São Miguel, isto influenciou na qualidade de vida das famílias, já que perderam essa renda ou complemento de renda mensal para garantir seu sustento; - A ausência de um posicionamento definido por parte das instituições governamentais responsáveis pelo referido projeto, interfere nas decisões que a CASB pretende priorizar, que seria buscar apoio

<p>agroextrativistas de Sete Barracas demonstram boas perspectivas em curto ou médio prazo para sua comunidade.</p>	<p>de outras instituições públicas ou do setor empresarial para reativar a usina e envolver as famílias nos trabalhos, visando garantir uma renda ou complemento de renda mensal.</p>
<p style="text-align: center;">Oportunidades</p>	<p style="text-align: center;">Vulnerabilidades</p>
<ul style="list-style-type: none"> - A reativação da micro-usina de processamento de babaçu; - A retomada do Projeto Casas do Mel, com apoio da ABIPA e Banco do Brasil; - O apoio do governo municipal no sentido de disponibilizar um transporte para levar a produção agroextrativista para a feira de produtos agrícolas aos Domingos; - A permanência da parceria com a CONAB nos programas de compra direta e como beneficiários daqueles produtos agrícolas que não cultivam. - Proximidade com o núcleo urbano de Imperatriz - MA 	<ul style="list-style-type: none"> - O impasse dos órgãos governamentais responsáveis em relação à reativação do projeto da micro-usina, para definir quais encaminhamentos serão direcionados para resolver a questão. - As possíveis modificações nas diretrizes das políticas públicas que visam fortalecer os projetos de desenvolvimento local por meio da agricultura familiar, tais como PGPMBio, PAA, PNAE e PNPSB.

Fonte: Pesquisa de campo

Figura 5 - Comunidade Sete Barracas: quadro das relações institucionais



Fonte: Pesquisa de campo

4.3.2 Análise socioambiental dos agroextrativistas do Assentamento Sete Barracas

Os Gráficos abaixo apresentam os resultados das análises socioeconômicas dos agroextrativistas da Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins – 2012

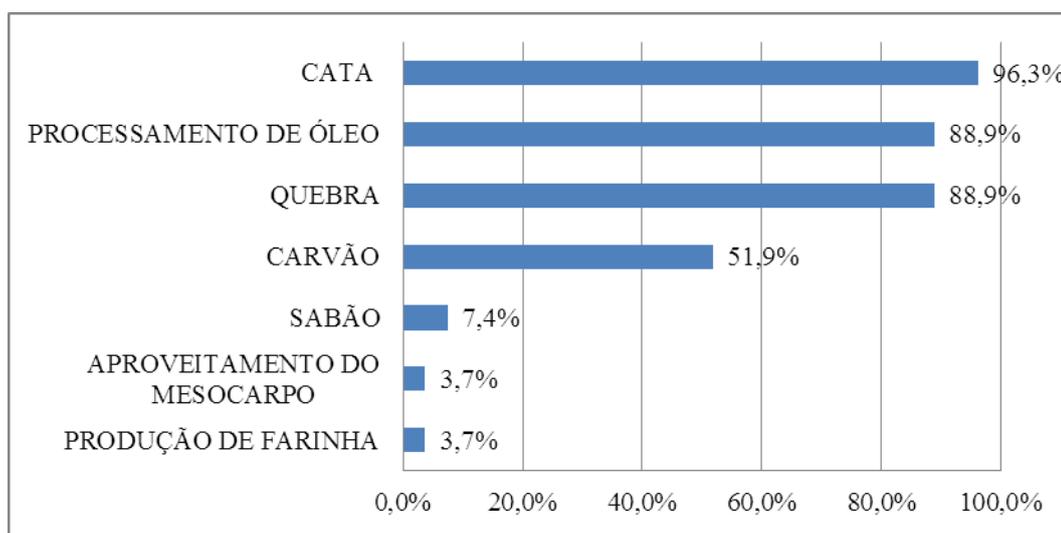


Gráfico 96. Atividades econômicas com o Babaçu - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Os agroextrativistas da comunidade de Sete Barracas trabalham na atividade com o babaçu através do processamento manual do coco, onde atualmente a sua utilização é basicamente doméstica, com a finalidade de substituir o gás de cozinha pelo carvão e o óleo de soja pelo azeite. Desse modo, os agroextrativistas participaram desta pesquisa relatando as suas experiências e respondendo alguns questionamentos relacionados à atividade.

Quanto às atividades econômicas desenvolvidas por meio do babaçu, os agroextrativistas informaram, como podem ser observadas no gráfico 96 (noventa e seis), as formas de aproveitamento mais praticadas, quais sejam, a cata do coco 96,3%, o processamento do mesocarpo e a quebra do coco 88% e o processamento do carvão 51%.

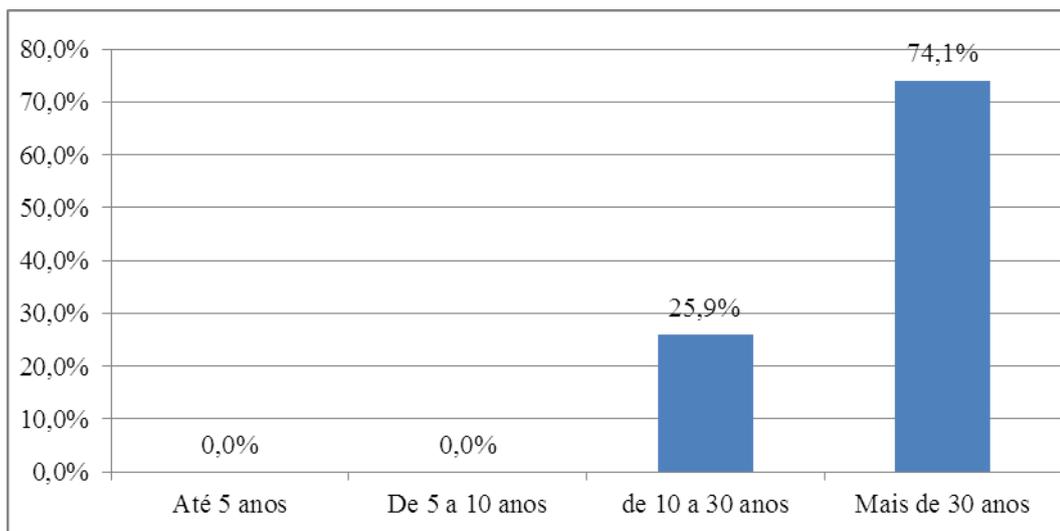


Gráfico 97. Tempo de experiência dos entrevistados em atividades com o Babaçu - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 97 (noventa e sete), observa-se que 74% desses agroextrativistas trabalham na atividade com o babaçu há mais de 30 anos.

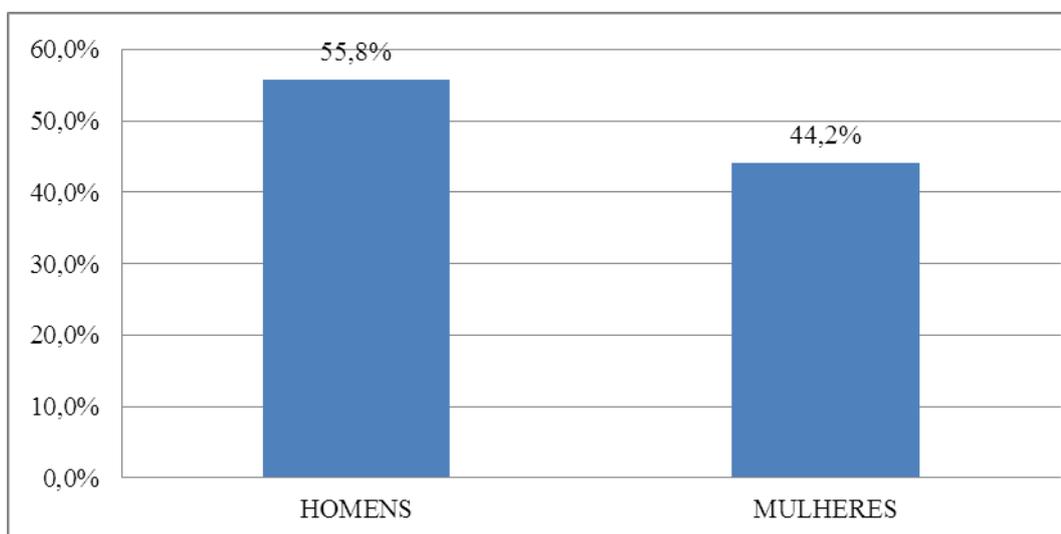


Gráfico 98. Gênero dos envolvidos em atividades com o Babaçu - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

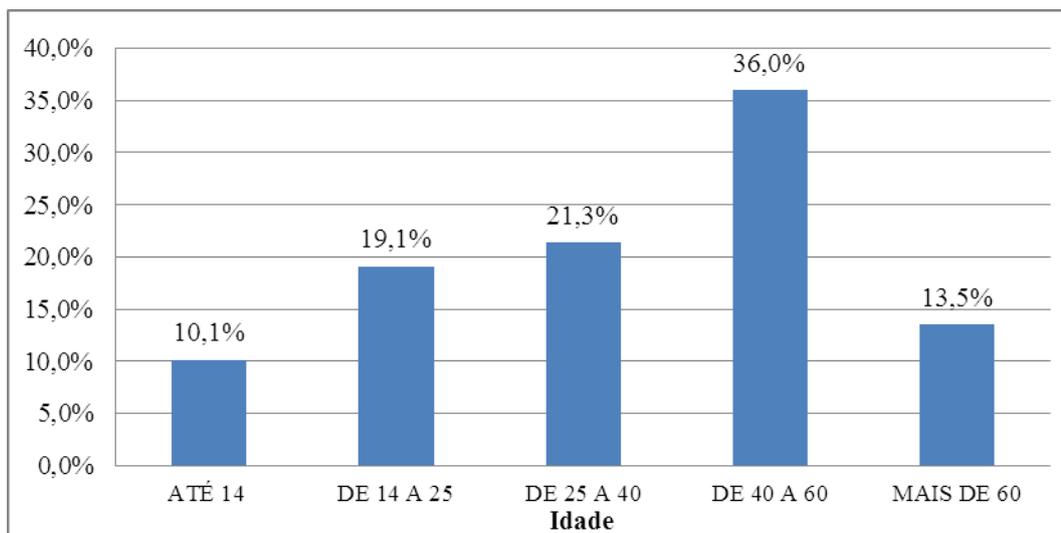


Gráfico 99. Estrutura etária dos envolvidos em atividades com o Babaçu Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Na comunidade de Sete Barracas, a presença e a contribuição das mulheres são constantes em todas as atividades, pois, segundo o gráfico 98 (noventa e oito), 44,2% dos agroextrativistas são mulheres. No gráfico 99 (noventa e nove), a estrutura etária dos envolvidos na atividade com o babaçu é composta em sua maioria por pessoas da faixa etária entre 40 a 60 anos de idade, somando 36%, outros moradores pertencem à faixa etária de 25 a 40 anos de idade, somando 21%.

Dentre os envolvidos na atividade com o babaçu, 10% são crianças que acompanham principalmente as mães e lhes oferecem algum auxílio no trabalho, estas mães esclareceram que as tarefas realizadas pelos filhos não exige esforço físico e nem interferem nas atividades escolares ou mesmo no próprio rendimento escolar.

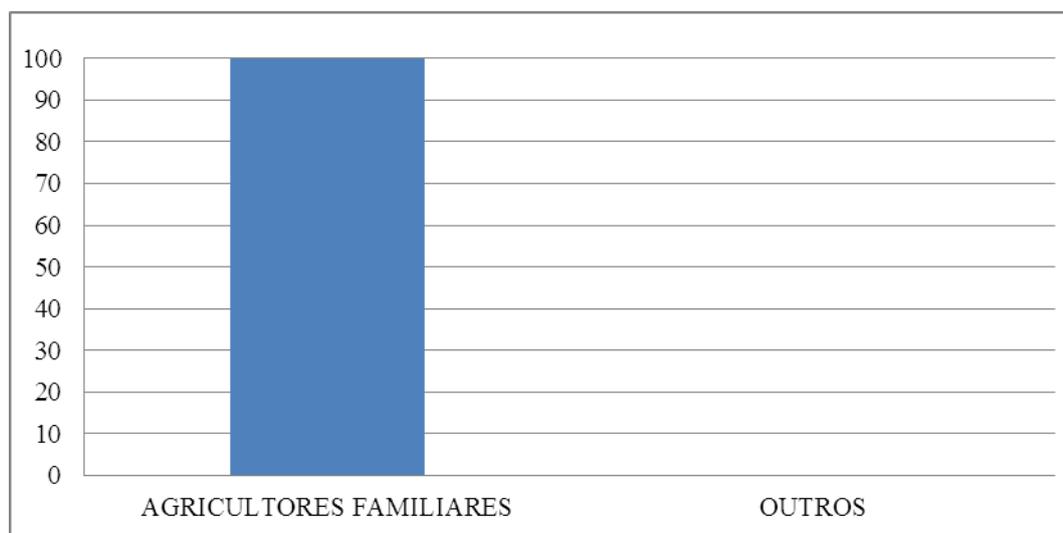


Gráfico 100. Participação dos agricultores familiares em atividades com o Babaçu - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

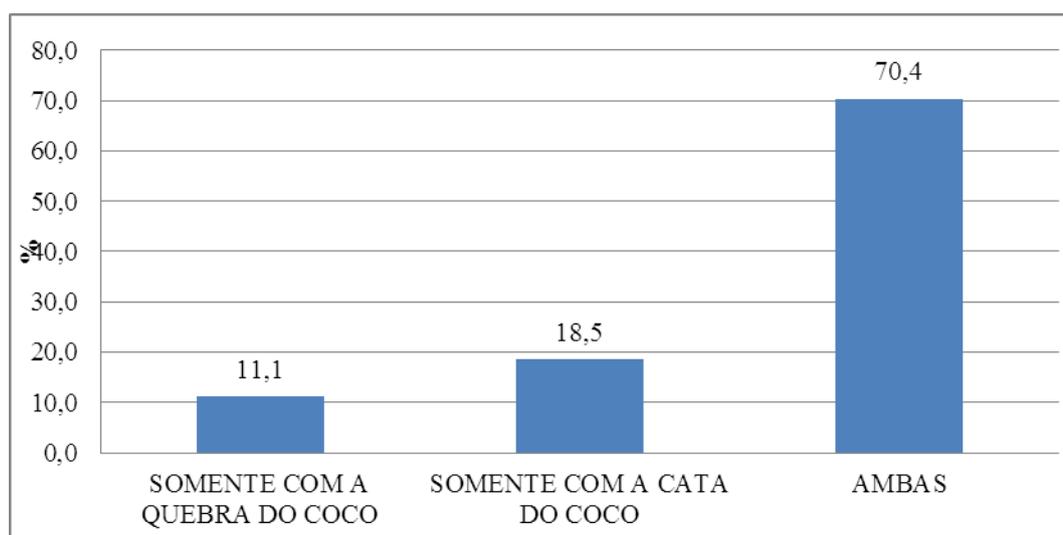


Gráfico 101. Preferência de manejo dos envolvidos em atividades com o Babaçu - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A agricultura familiar é uma prática adotada por 100% da comunidade, como pode ser verificado no gráfico 100 (cem), é uma característica de Sete Barracas que desde a sua criação (1986) reside os assentados. A pesquisa revelou que 70% dos agroextrativistas preferem conciliar o manejo da cata e da quebra do coco de babaçu em virtude do aproveitamento ser maior e comercialmente mais rentável – segundo resultados do gráfico 101 (cento e um).

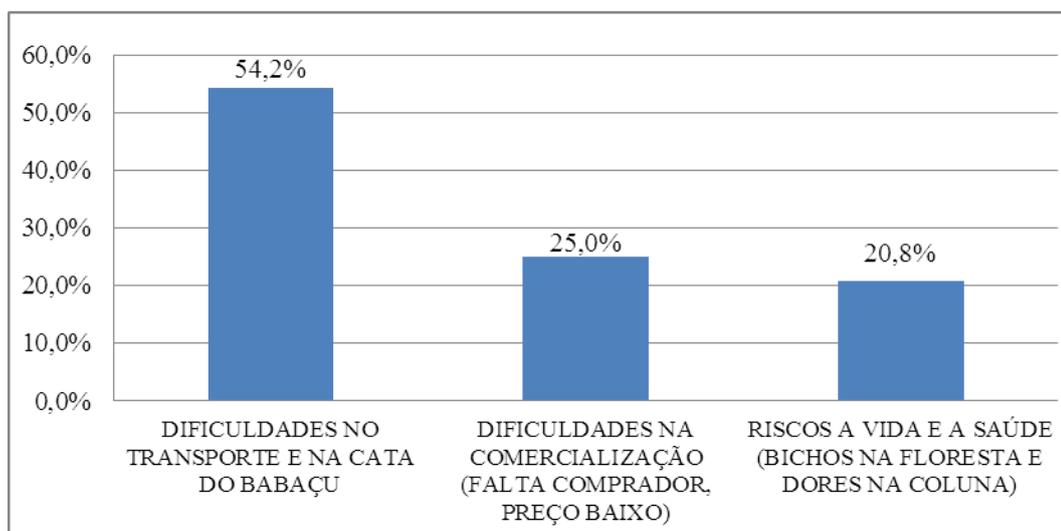


Gráfico 102. Principais desafios levantados pelos envolvidos em atividades com o Babaçu - Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Dentre os desafios existentes na atividade com o babaçu, os agroextrativistas de Sete Barracas 54% mencionaram a falta de transporte para levar o coco até o local de processamento, 25% relataram as dificuldades para comercializar o babaçu e seus produtos, devido aos preços baixos e, na sequência, citaram os riscos à vida e os danos à saúde com o trabalho nas florestas, como pode ser verificado no gráfico 102 (cento e dois).

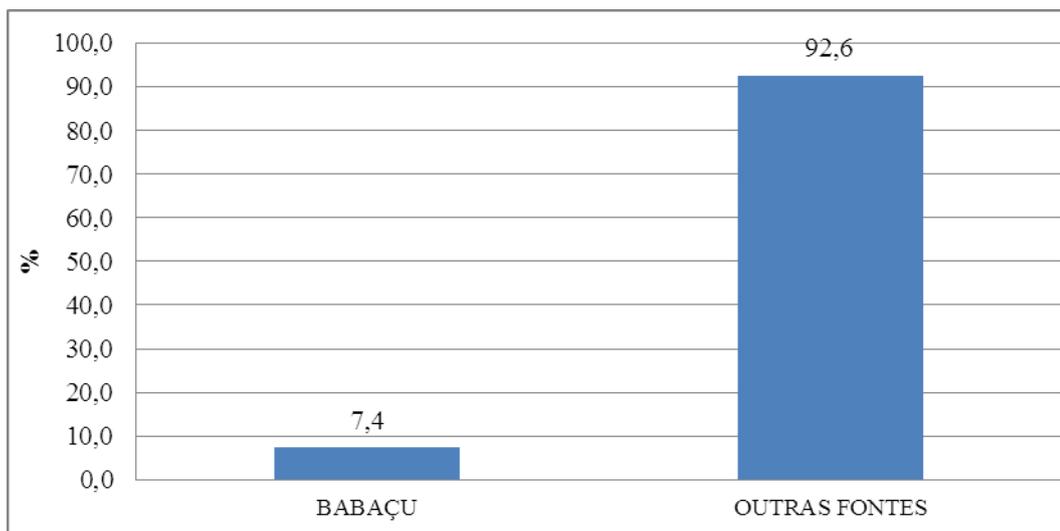


Gráfico 103. Principal fonte de renda dos envolvidos em atividades com o Babaçu - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A atividade com o coco de babaçu é a principal fonte de renda para apenas 7,4% das famílias da comunidade, como dito anteriormente, a utilização do babaçu em Sete Barracas é para fins domésticos, desse modo, observa-se no gráfico 103 (cento e três) que mais de 90% das famílias garantem sua renda principalmente em atividades de produção agrícola, pecuária e ainda nos programas de transferência de renda.

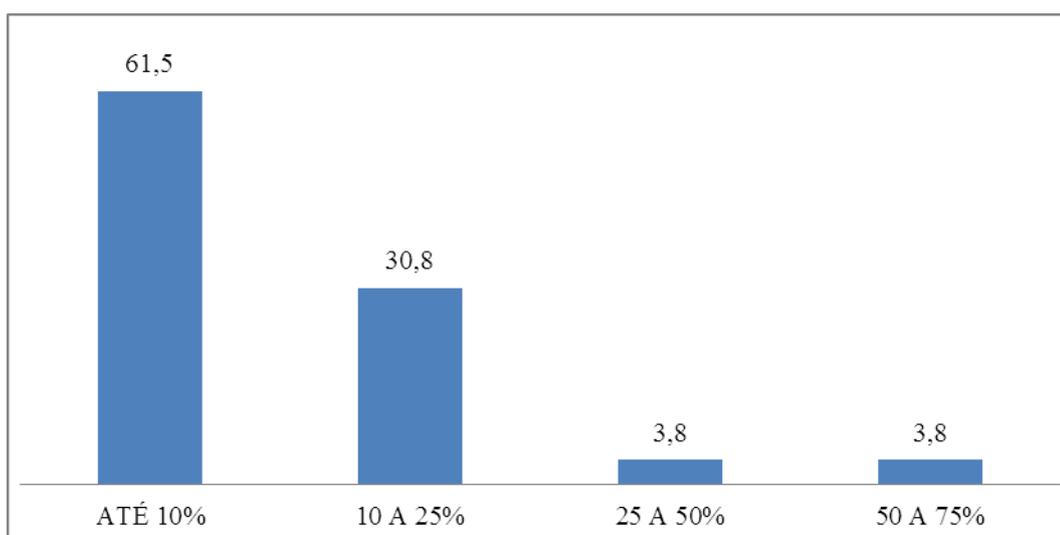


Gráfico 104. Percentual da renda familiar advindo das atividades com o Babaçu - Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Neste sentido, foi questionado ao grupo sobre o percentual na renda representado pelo babaçu, 61% dos envolvidos responderam que representa até 10% na renda mensal e 30% destes envolvidos informaram que a atividade com o babaçu compõe entre 10 a 25% de suas rendas, gráfico 104 (cento e quatro).

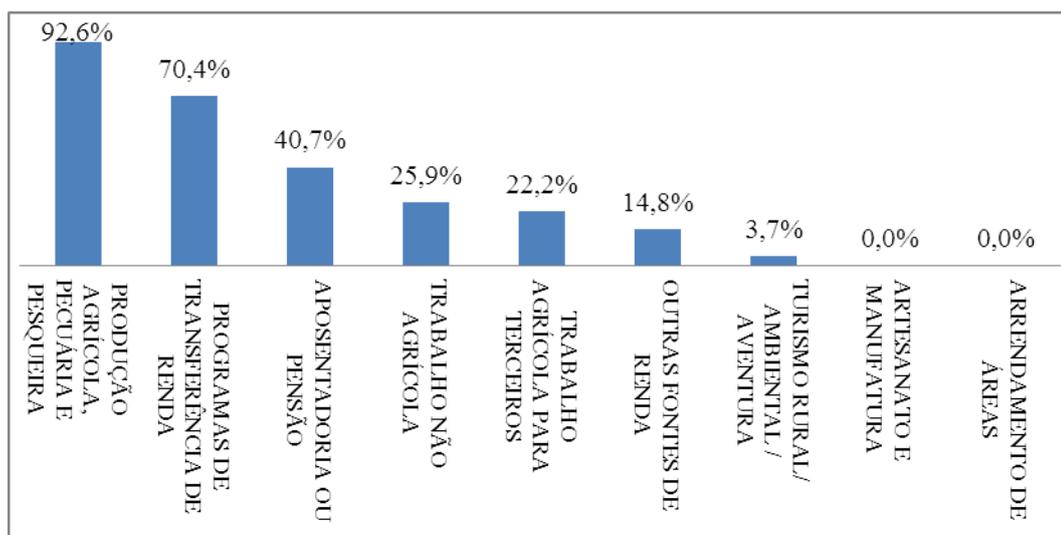


Gráfico 105. Outras fontes de renda familiar - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins 2012

Na comunidade de Sete Barracas, as fontes de renda mais representativas para os agroextrativistas são: produção agropecuária 92%, programas de transferência de renda 70%, aposentadorias 40%, trabalho não agrícola e o trabalho como safrista 22%, como pode ser observado no gráfico 105 (cento e cinco).

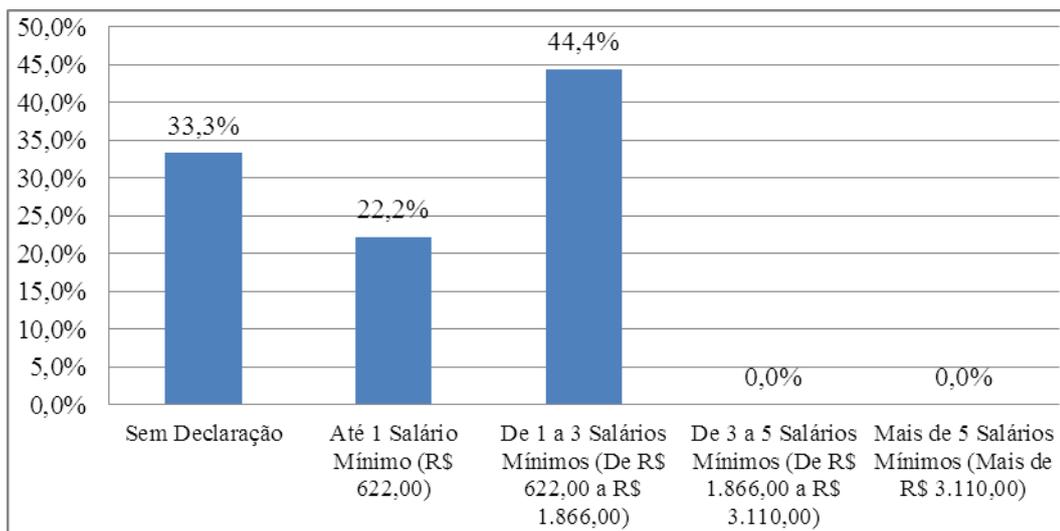


Gráfico 106. Renda familiar mensal - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

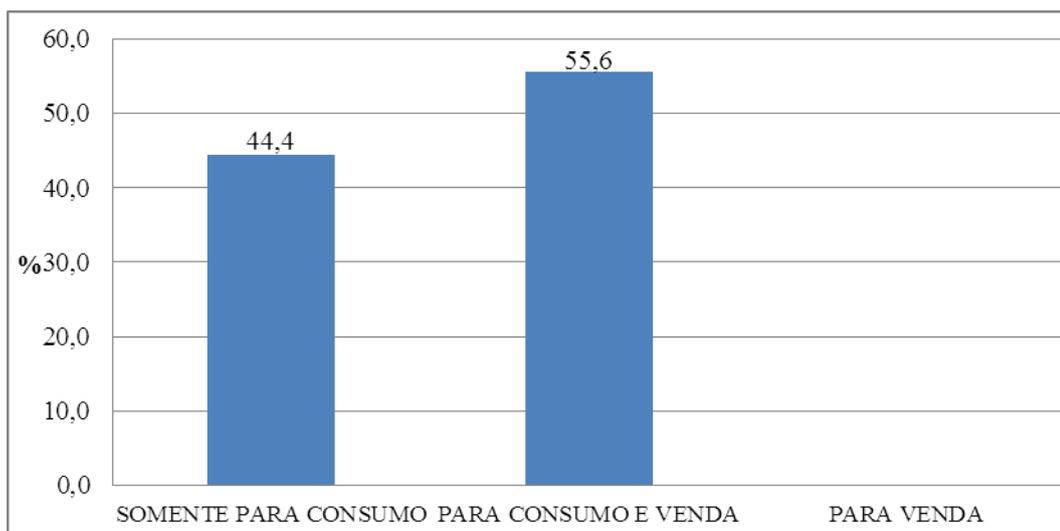


Gráfico 107. Destino do babaçu extraído - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto à renda mensal dos agroextrativistas, dentre os que declararam 22% ganham R\$ 622,00 (salário mínimo) e para 44% os ganhos são entre R\$ 622,00 até R\$ 1.860,00 – como pode ser analisado no gráfico 106 (cento e seis). A destinação do coco de babaçu utilizado pelo grupo de extrativistas também foi averiguada nesta pesquisa, que no gráfico 107 (cento e sete) o resultado é de 44% do babaçu para o consumo das famílias e 55% do babaçu para consumo e venda nas feiras de produtos agrícolas aos finais de semana nas cidades de São Miguel/TO e Imperatriz/MA.

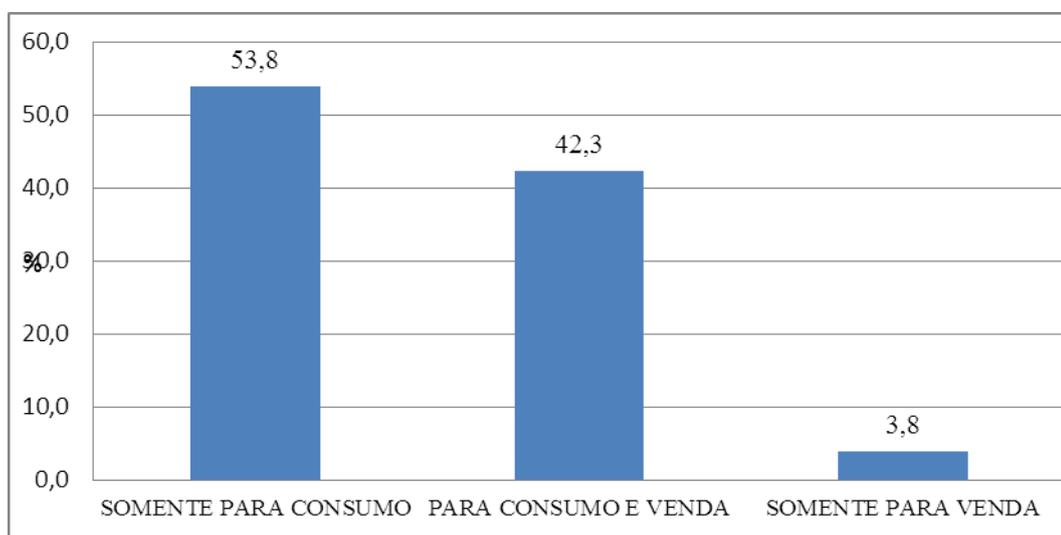


Gráfico 108. Destino da produção agropecuária - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

A produção agropecuária da referida comunidade para 53% dos agroextrativistas é somente para o consumo, em geral esta realidade se aplica a aqueles ou aquelas que são aposentados ou pensionistas. Para 42% dos envolvidos, o babaçu serve para consumo e para comercialização, principalmente do carvão por ser um produto que tem alta demanda na região do Bico do Papagaio para as indústrias de ferro gusa instaladas nos estados do Maranhão e Pará, outro grupo menor apenas vende os produtos do babaçu e não consomem – como pode ser visto no gráfico 108 (cento e oito).

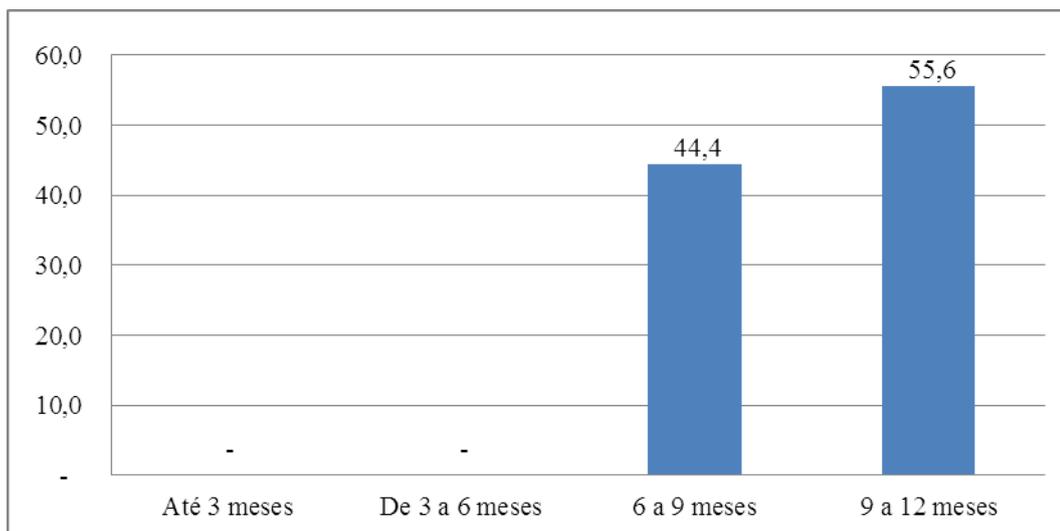


Gráfico 109. Frequência da atividade extrativa com o babaçu no ano - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A atividade com o babaçu depende do período de safra e do período chuvoso, portanto, a produtividade é maior nos meses de junho até novembro, mas para 55% dos agroextrativistas a frequência da atividade é mantida entre 9 a 12 meses, outros 44% dos envolvidos informaram que praticam a cata do coco apenas no período da safra, conforme o resultado do gráfico 109 (cento e nove).

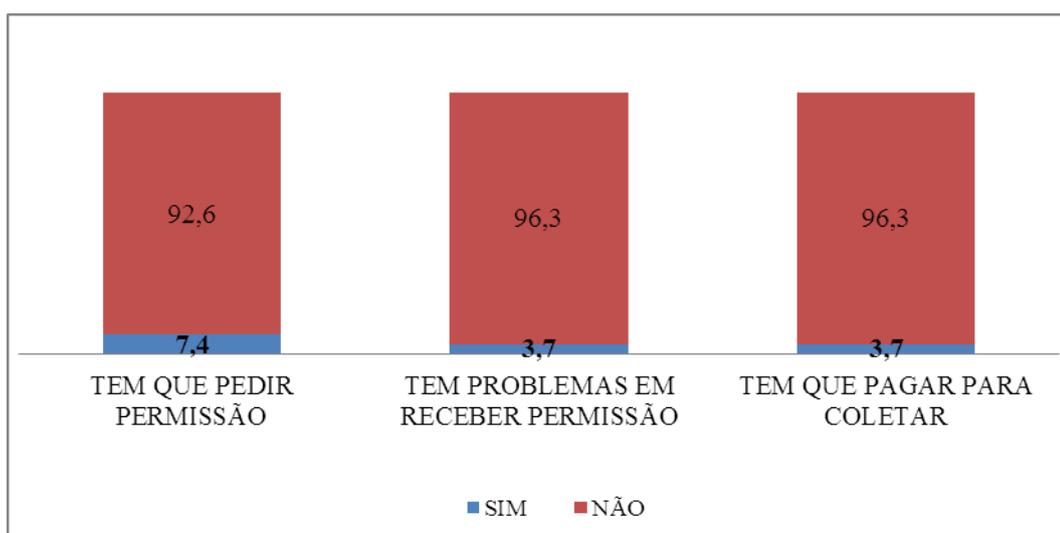


Gráfico 110. Aspectos relacionados com a extração do babaçu - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Dentre muitos aspectos que envolvem a atividade com o babaçu, a permissão para realizar a cata do coco em outras propriedades faz parte da realidade também deste grupo de extrativistas, a pesquisa de campo, investigou como acontece o relacionamento entre catadores e fazendeiros, que no gráfico 110 (cento e dez) pode-se verificar que 92% dos catadores não precisam pedir permissão para catar babaçu e também para 96% dos catadores não existe problema para conseguir essa permissão e nem é necessário pagar ao proprietário da fazenda para catar coco.

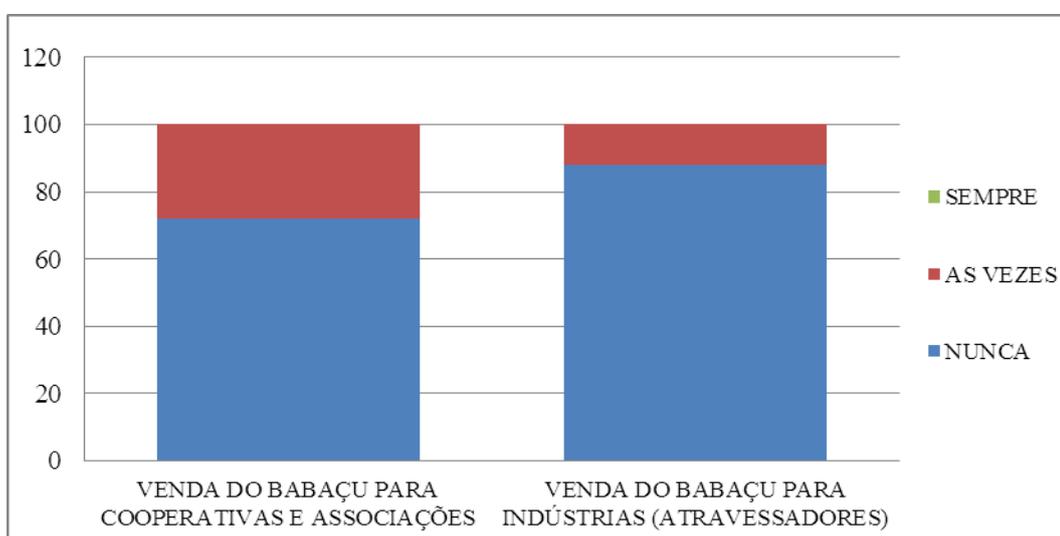


Gráfico 111. Formas de venda do babaçu - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A comunidade de Sete Barracas, embora enfrentando vários obstáculos para continuar na atividade com o babaçu, está sempre buscando estratégias para comercializar os produtos do coco de babaçu, assim os agroextrativistas se articulam para participar das feiras de produtos agrícolas nas cidades mais próximas, pois no gráfico 111 (cento e onze) é possível verificar que 70% dos agroextrativistas nunca venderam seus produtos para cooperativas ou associações e também 90% destes nunca venderam coco in natura ou amêndoas para as indústrias.

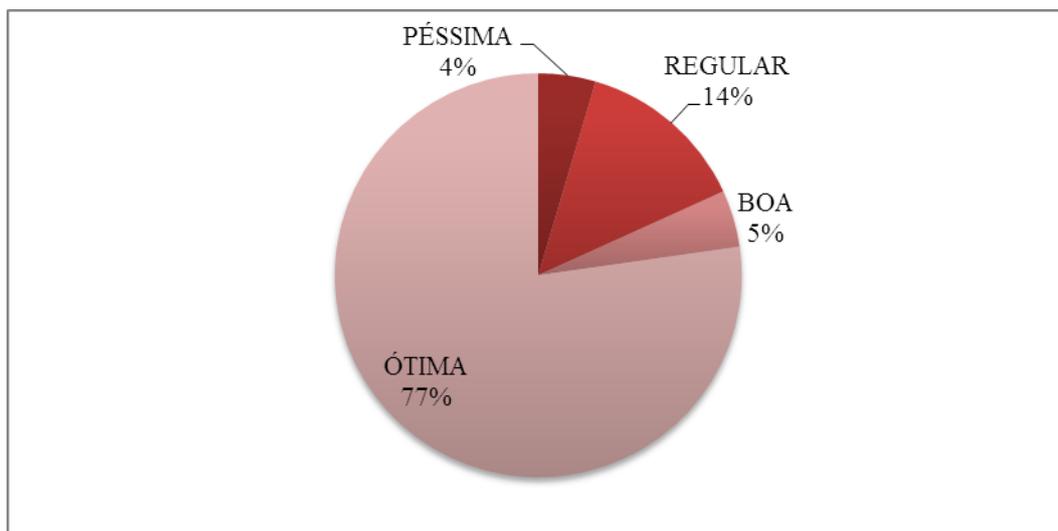


Gráfico 112. Avaliação da relação com os proprietários por parte dos extratores - Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A percepção dos agroextrativistas sobre o nível da relação com os proprietários de fazendas onde catam babaçu foi verificada e, como pode ser observada no gráfico 112 (cento e doze), para 15% do grupo a relação está regular ou péssima, pois os fazendeiros ainda colocam empecilhos para a realização da cata do coco. Todavia, 77% dos extrativistas informaram ser ótima essa relação.

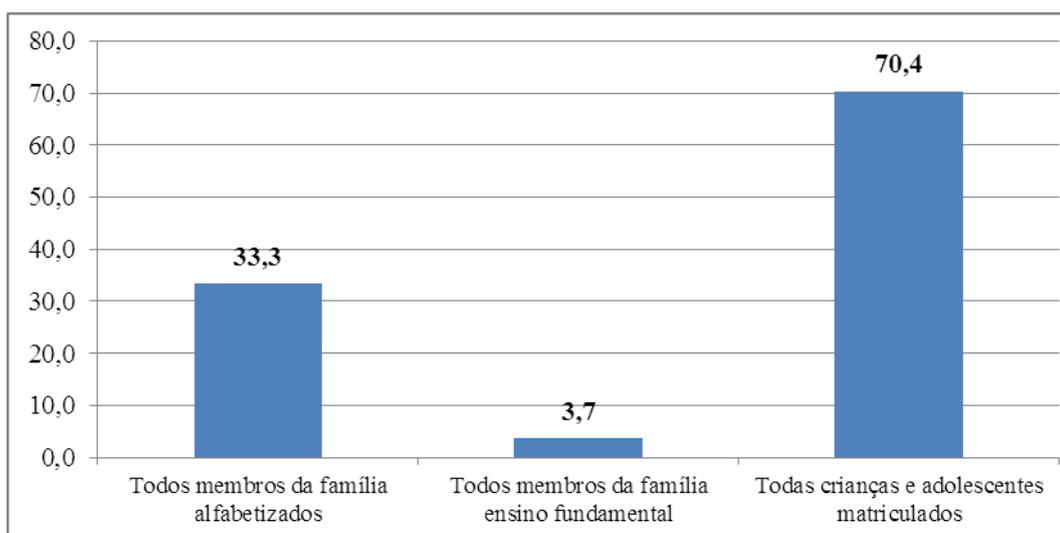


Gráfico 113. Condições educacionais das famílias dos extratores de babaçu - Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

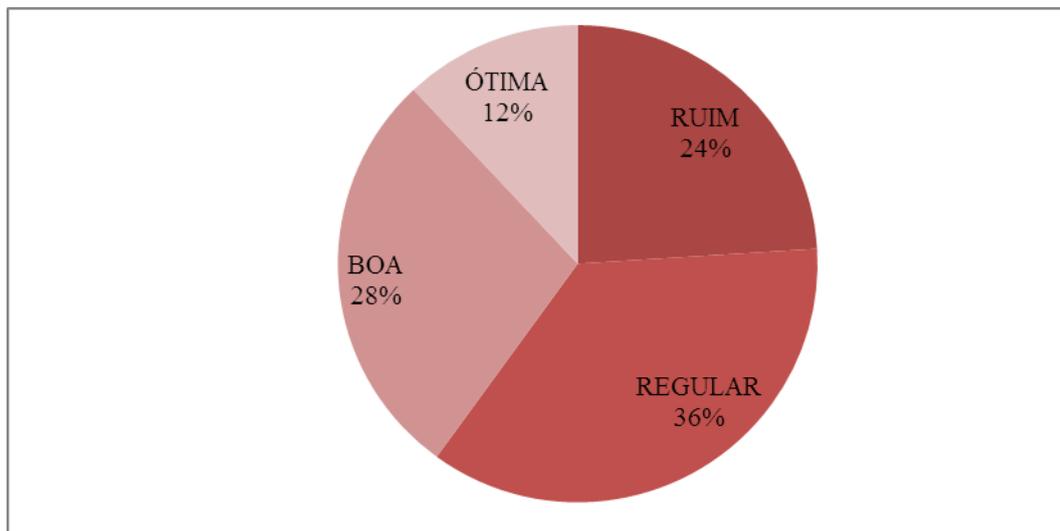


Gráfico 114. Avaliação das condições educacionais por parte dos extratores Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Nos resultados dos gráficos 113 (cento e treze) e 114 (cento e quatorze) é possível verificar que o nível de escolaridade dos agroextrativistas ainda é baixo, pois 33% são apenas alfabetizados, entretanto, na percepção de 40% dos envolvidos as condições educacionais estão com nível bom e/ou ótimo.

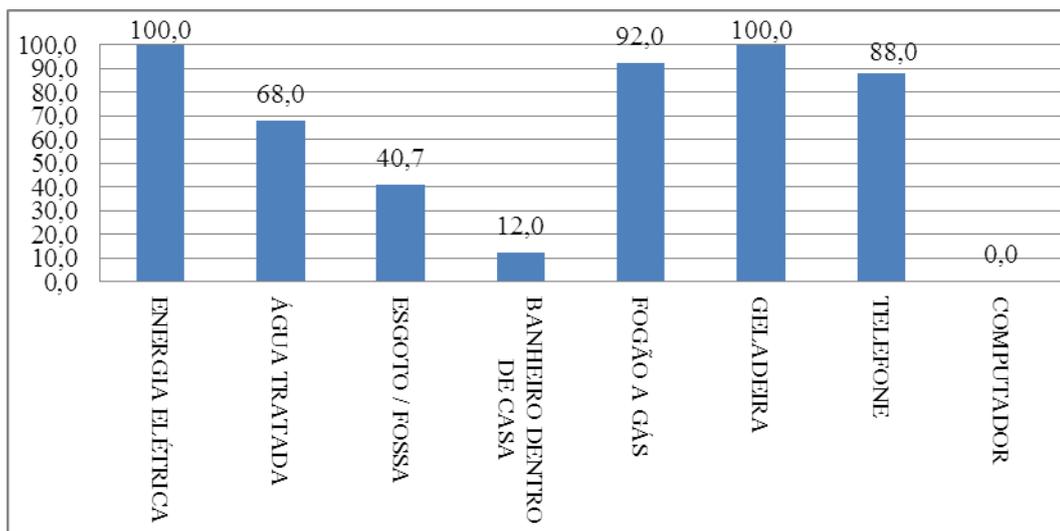


Gráfico 115. Acesso a bens por parte dos extratores de babaçu - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto ao acesso a bens, na comunidade de Sete Barracas 100% dos moradores possuem energia elétrica e geladeira em suas casas, 92% utilizam o fogão a gás e o celular rural é outro bem o qual 88% da comunidade têm acesso, contudo, um bem essencial para boa saúde das famílias, que é a água tratada, pouco mais da metade da comunidade possui, sendo de 68%, conforme o resultado no gráfico 115 (cento e quinze).

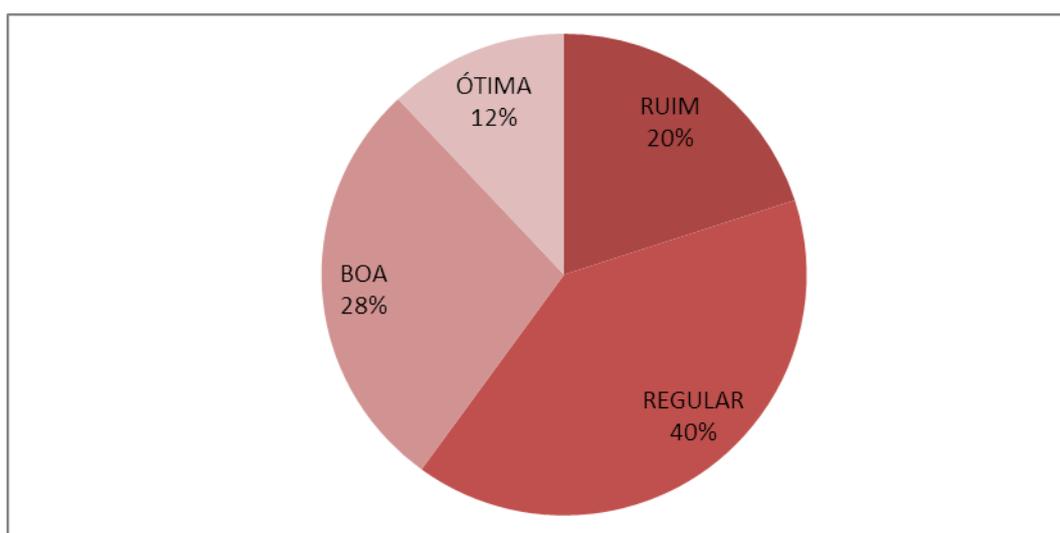


Gráfico 116. Avaliação das condições de moradia Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio – Tocantins - 2012

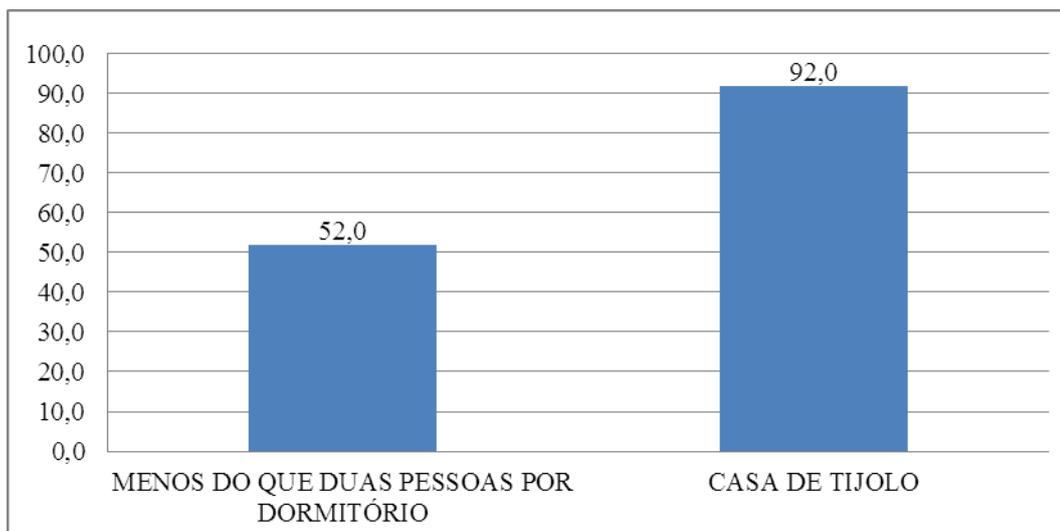


Gráfico 117. Indicadores das condições de moradia Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

No gráfico 116 (cento e dezesseis), a percepção dos agroextrativistas de Sete Barracas sobre as suas condições de moradia foi considerada como boas e/ou ótimas para 40% e outros 40% dos envolvidos consideraram regulares a estrutura de suas moradias. E no gráfico 117 (cento e dezessete), foram levantados os indicadores das condições de moradia dos agroextrativistas, o qual apresenta um resultado de 92% das residências construídas com tijolo e, em 52% destas, até duas pessoas por dormitórios.

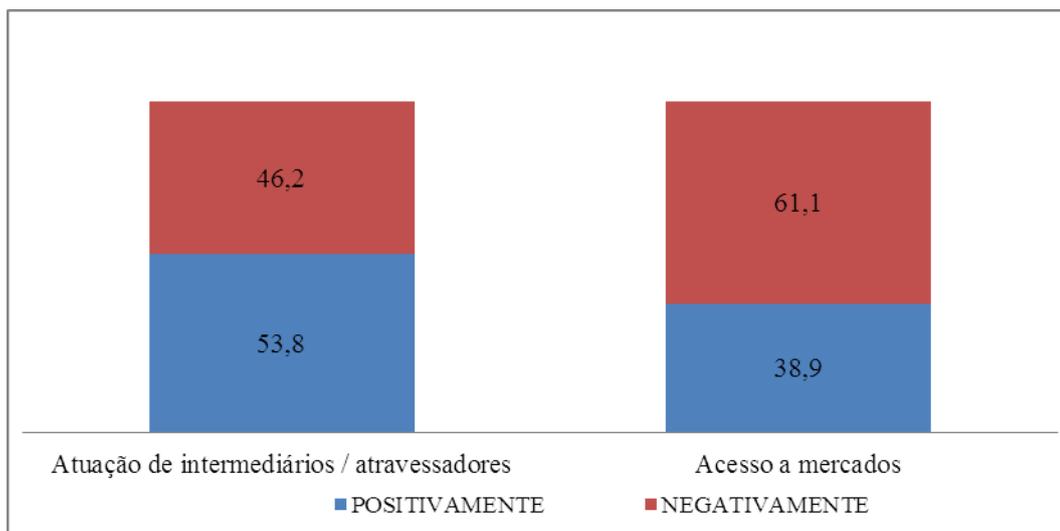


Gráfico 118. Avaliação das condições gerais de comercialização Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Foi averiguado, junto aos agroextrativistas da comunidade Sete Barracas, como está o acesso da população às políticas públicas, bem como a atuação das instituições que têm a função de favorecer o desenvolvimento rural na região do Bico do Papagaio. Desse modo, no resultado do gráfico 118 (cento e dezoito), observa-se que embora os agroextrativistas não comercializem o babaçu e seus produtos com indústrias, existe um percentual de 53% desse grupo que considera positiva a atuação dos intermediários numa possível negociação, onde a pesquisa de campo também revelou que para aproximadamente 40% dos agroextrativistas o acesso aos mercados de comercialização do coco de babaçu encontra-se numa condição negativa. A diretoria do Clube Agrícola Sete Barracas (CASB), associação a qual os assentados são filiados, informou em relatos para a pesquisa que a prefeitura do município de São Miguel disponibiliza um automóvel para os agricultores familiares transportarem seus produtos até à feira de produtores agrícolas que acontece na referida cidade sempre aos domingos, mas às vezes o veículo não comporta a produção de todos e alguns perdem a oportunidade de vender sua produção nesta feira.

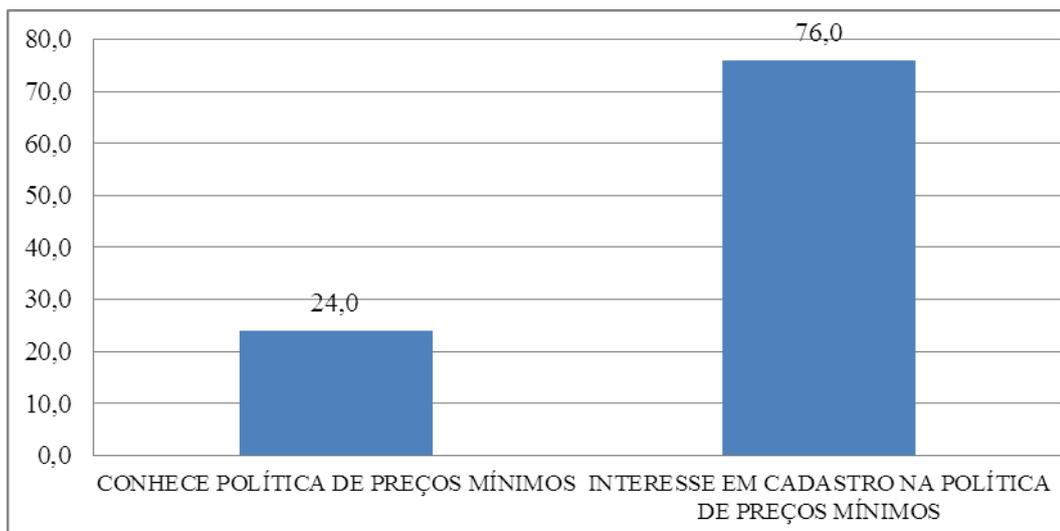


Gráfico 119. Nível de conhecimento e interesse na Política de Preços Mínimos - Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto ao nível de conhecimento sobre a PGPM (política de garantia de preços mínimos), 24% dos agroextrativistas informaram que a conhecem e 76% desejam participar – conforme resultados do gráfico 119 (cento e dezenove), mas ressaltaram que faltam maiores esclarecimentos sobre os critérios de participação desta política e que a Conab deve procurar as comunidades interessadas e fazer reuniões, pois o deslocamento desses agricultores é difícil e ainda tem os gastos com a viagem até a unidade mais próxima da Conab.

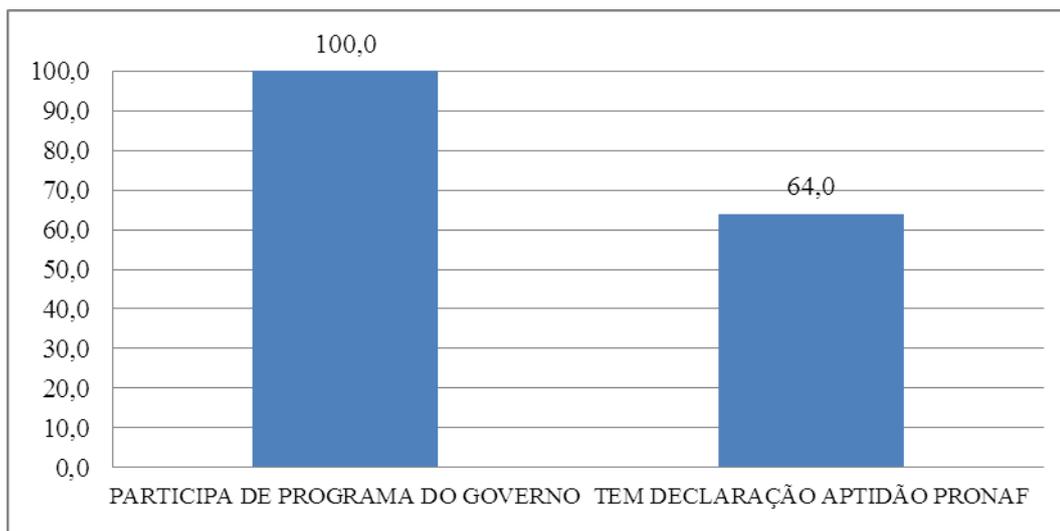


Gráfico 120. Participação em programas do Governo Federal - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

A participação em programas do governo (federal e/ou estadual) envolve 100% dos agroextrativistas, a comunidade é assistida pelos programas: bolsa família, luz para todos, vale gás e pioneiros mirins – como pode ser conferido no gráfico 120 (cento e vinte), e ainda o programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar (Pronaf) atende 64% dos agroextrativistas que demonstram bastante interesse em aplicar o recurso disponibilizado na ampliação da produção agrícola e também na pecuária.

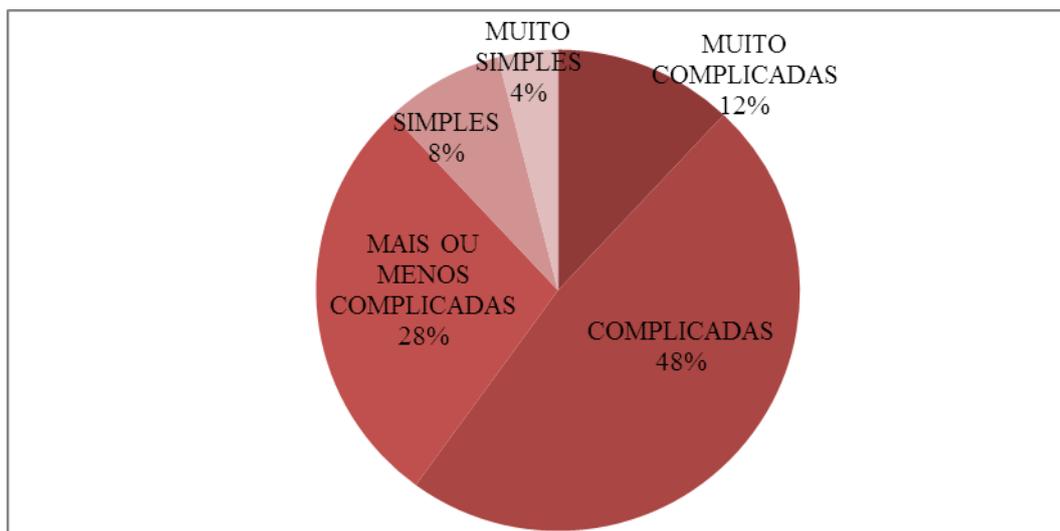


Gráfico 121. Avaliação dos extratores em relação às regras de participação em programas do Governo Federal Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A atual situação econômica da comunidade de Sete Barracas instiga os agroextrativistas permanecerem em busca de apoio do governo (federal e estadual) para fortalecer seus pequenos empreendimentos, contudo, as regras para participação em programas do governo foram consideradas complicadas e/ou muito complicadas por aproximadamente 60% dos agroextrativistas – conforme resultados no gráfico 121 (cento e vinte e um) e, mesmo diante de tantas adversidades, é nítida a capacidade de resiliência dos membros desta comunidade.

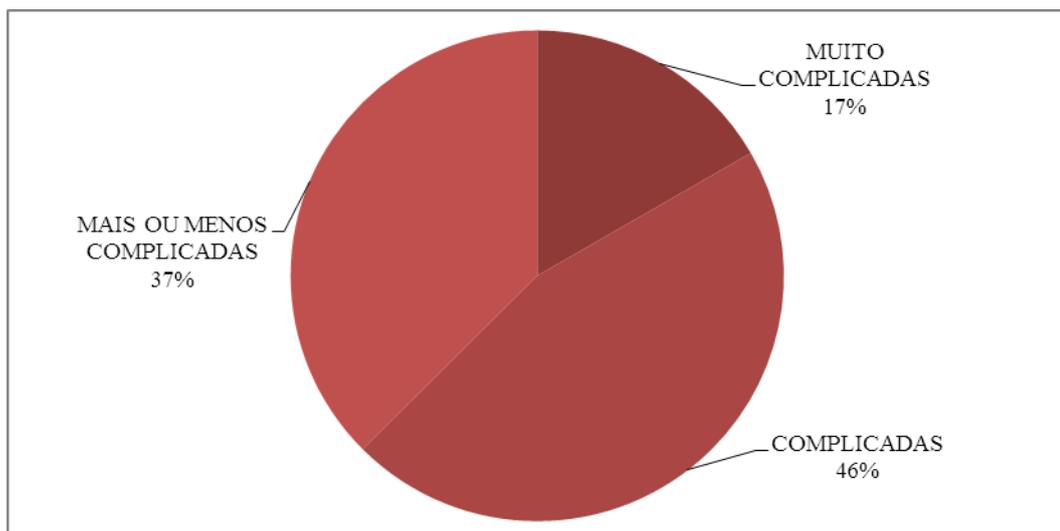


Gráfico 122. Avaliação dos extratores em relação à Assistência Técnica Comunidade de Sete Barracas- Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Dentre os arranjos produtivos envolvidos nesta pesquisa, os agroextrativistas de Sete Barracas foram os mais penalizados, devido à sua falta de assistência técnica ter sido realizada de forma inadequada ao projeto micro-usina de processamento de babaçu, e, assim, este empreendimento desativou suas operações impedindo o referido grupo ter oportunidades de trabalho e geração de renda fixa com a comercialização do óleo de babaçu, que atualmente apresenta demandas relevantes no mercado de cosmético e na indústria química – como pode ser verificada nos resultados do gráfico 122 (cento e vinte e dois), onde 63% dos envolvidos consideram complicado e muito complicado o acesso à assistência técnica.

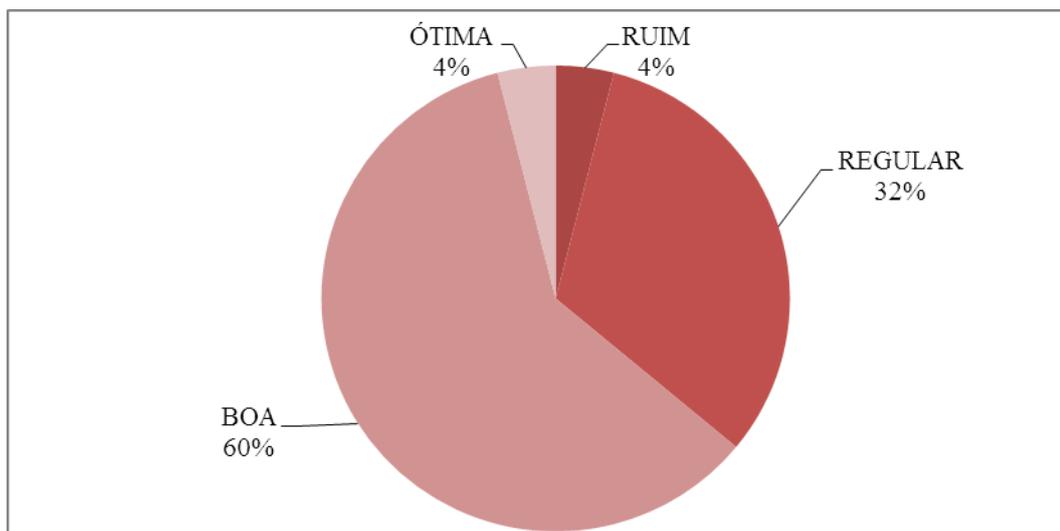


Gráfico 123. Avaliação dos extratores a atuação das instituições na região- Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Em relação à atuação das instituições com o propósito de favorecer o desenvolvimento rural na referida região, na percepção de 64% dos agroextrativistas está entre boa e/ou ótima – segundo resultados do gráfico 123 (cento e vinte e três). Nos relatos para pesquisa, o presidente da CASB ressaltou que estas instituições são bastante receptivas e apoiam as iniciativas locais da maneira possível.

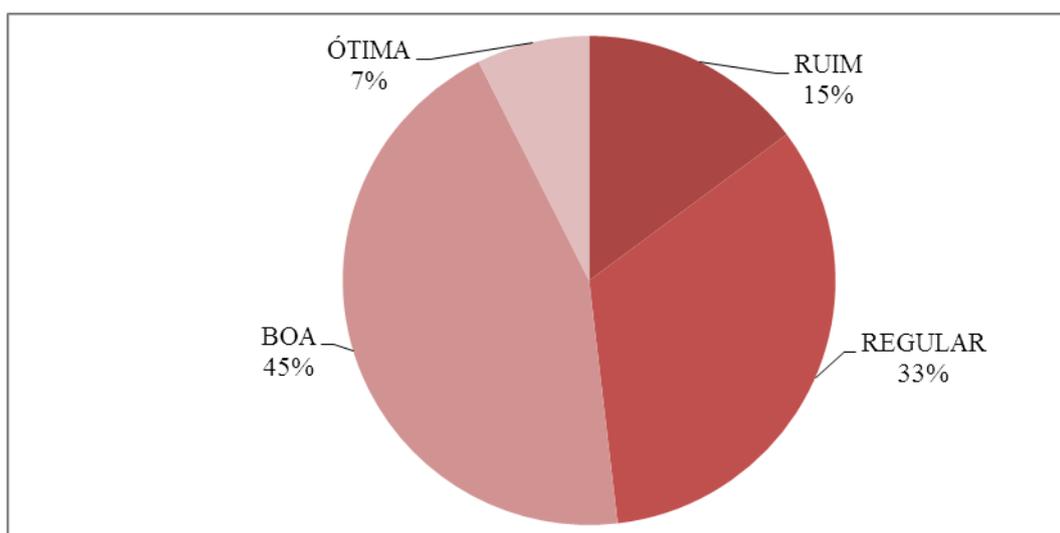


Gráfico 124. Avaliação da quantidade de pessoas da família trabalhando com babaçu - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A pesquisa verificou a percepção dos agroextrativistas em relação à quantidade de pessoas em suas famílias trabalhando na atividade com o coco de babaçu, as opiniões divergiram, pois 52% dos entrevistados demonstraram satisfação com o número de familiares

envolvidos na atividade do babaçu – segundo resultados do gráfico 124 (cento e vinte e quatro).

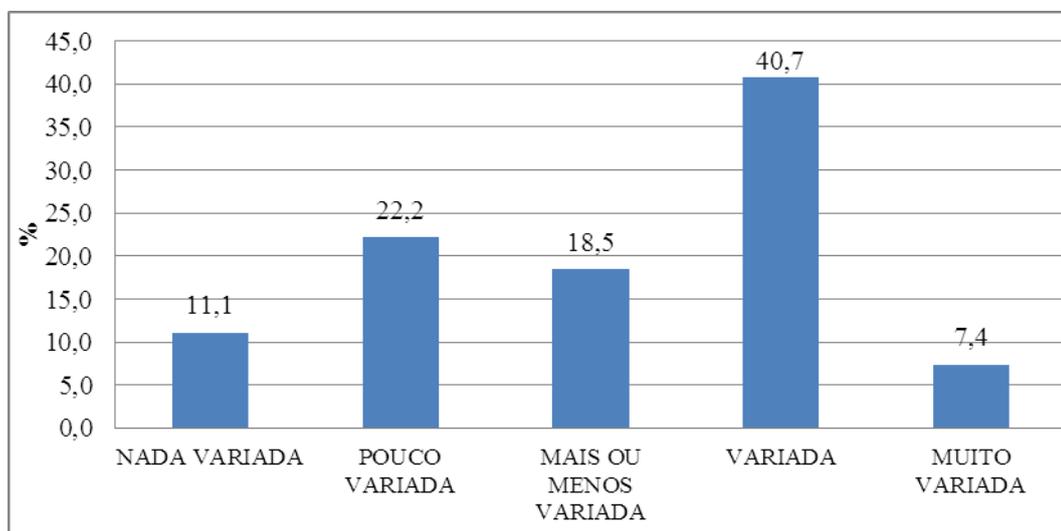


Gráfico 125. Avaliação dos pesquisados sobre as fontes da renda familiar - Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

As fontes de renda na percepção de 40% dos agroextrativistas são consideradas variadas, pois ressaltaram que durante o ano trabalham com várias culturas (mandioca, feijão vinagre, fava, milho...) aproveitando a safra de cada uma, sendo que no extrativismo dos frutos regionais (buriti, bacaba e bacuri) e nas entressafras procuram desenvolver atividades não agrícolas e como safristas – conforme resultados do gráfico 125 (cento e vinte e cinco).

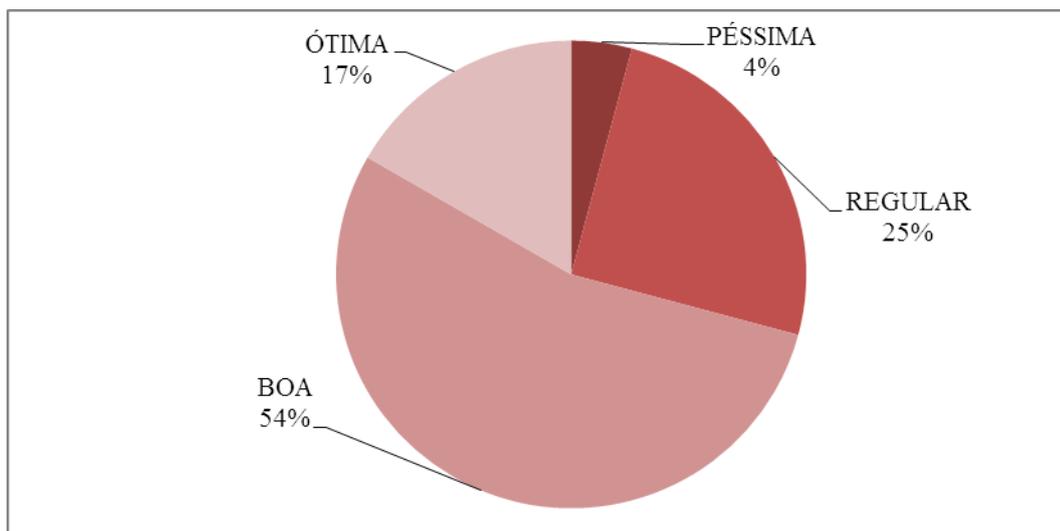


Gráfico 126. Avaliação das condições gerais de trabalho por parte dos extratores - Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

O grupo de agroextrativistas foi questionado na pesquisa sobre suas condições de trabalho, que na percepção de 73% estão boas e/ou ótimas – como apresentado no gráfico 126 (cento e vinte e seis). Os assentados manifestaram em seus relatos bastante satisfação em realizar as atividades, seja no extrativismo ou na agricultura, onde os trabalhos são executados em grupo gerando uma atmosfera harmônica no mesmo.

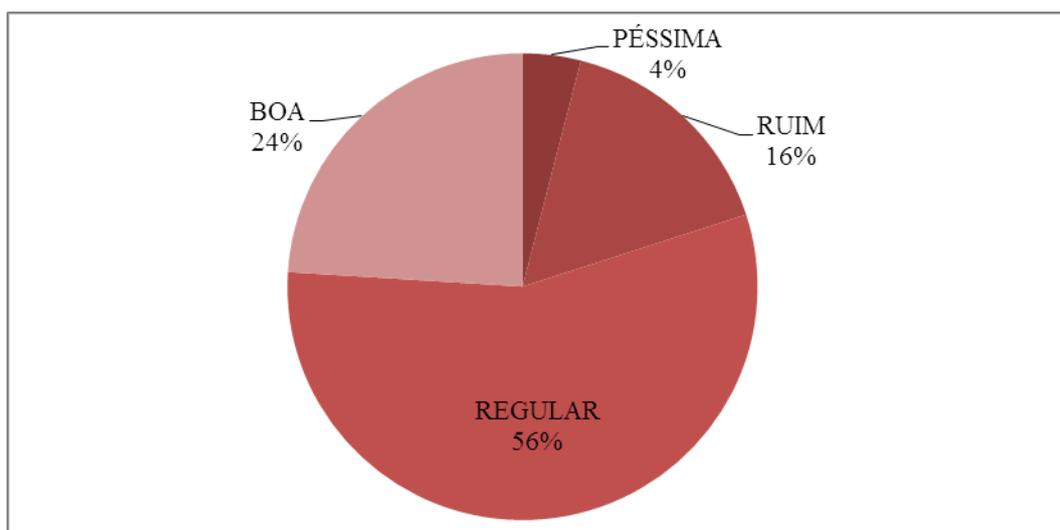


Gráfico 127. Avaliação dos extratores em relação a sua renda - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Em relação à renda mensal, o nível de satisfação de aproximadamente 70% dos agroextrativistas não foi considerado bom, como nos resultados do gráfico 127 (cento e vinte

e sete), estes alegaram que, além de suas próprias famílias, seus filhos estão constituindo famílias e dependem de alguma forma de contribuição/ajuda nas despesas.

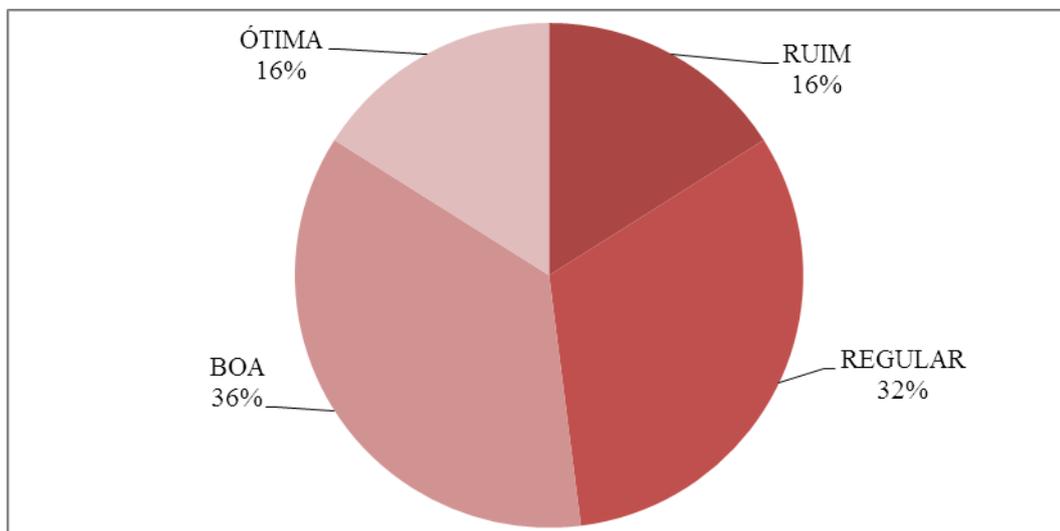


Gráfico 128. Avaliação dos entrevistados em relação às suas condições gerais de produção - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto às condições de produção, 52% dos agroextrativistas as considera com nível bom ou ótimo, entretanto, para outra metade do grupo a quantidade e a qualidade da produção requerem ajustes como orientação e assistência técnica rural para melhorar – segundo resultados do gráfico 128 (cento e vinte e oito).

Gráfico 129. Avaliação da distância até aos babaçuais - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

O grupo de extrativistas foi questionado quanto à distância até os babaçuais e, como pode ser visto nos resultados do gráfico 129 (cento e vinte e nove), 60% dos agroextrativistas avaliaram essa distância como boa ou ótima, mas esta é a realidade apenas de quem tem sua propriedade rural próxima da vila de residências do assentamento, onde a outra parte dos

assentados ficou com suas propriedades mais distantes e por este motivo levam mais tempo para chegarem aos babaçuais.

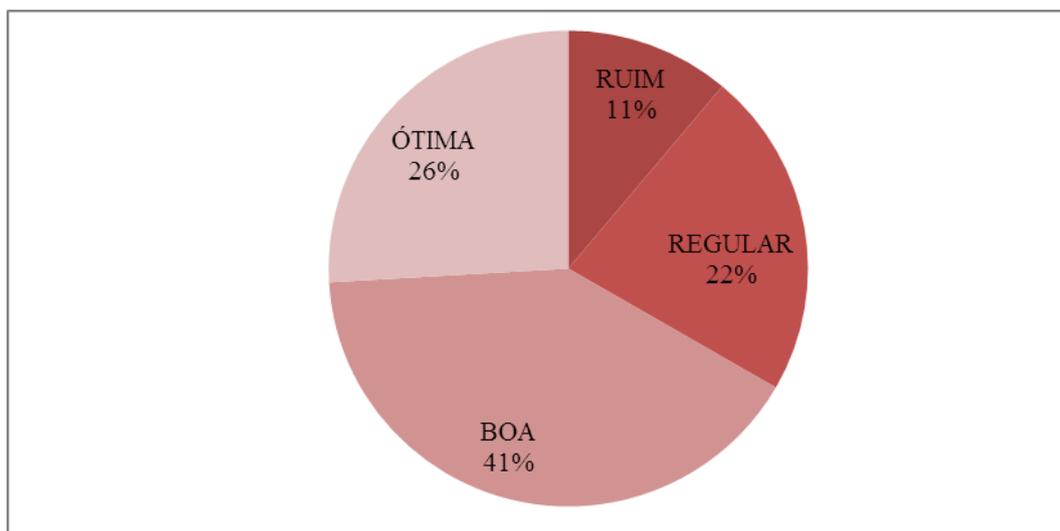


Gráfico 130. Avaliação do acesso aos babaçuais Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

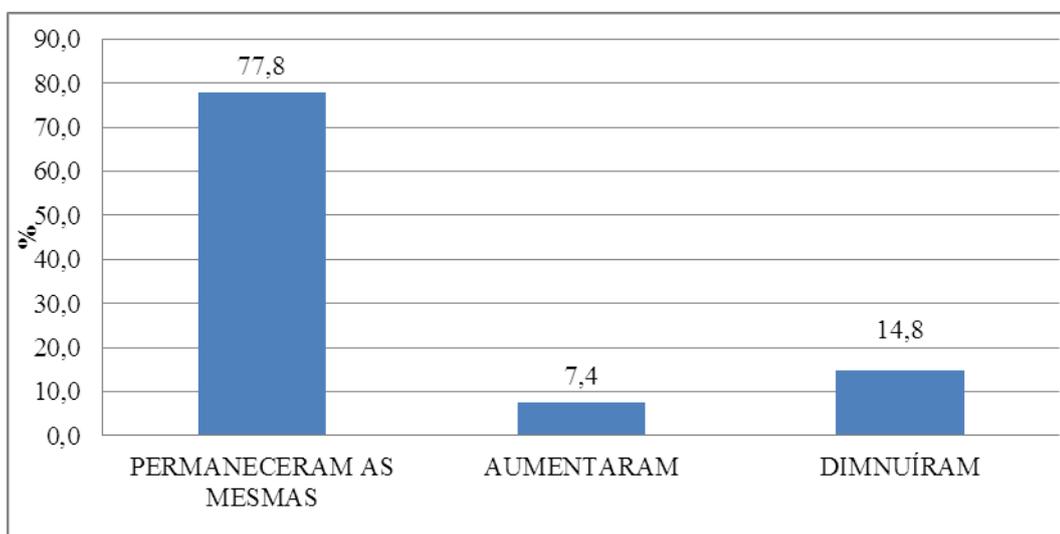


Gráfico 131. Percepção da variação das distâncias nos últimos 5 anos Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Em depoimentos para esta pesquisa, os agroextrativistas informaram que o acesso aos babaçuais do assentamento Sete Barracas é bom, pois as florestas estão bem conservadas e os

pastos limpos, os caminhos que permitem o acesso até o babaçu estão bem estruturados – segundo resultados dos gráfico 130 (cento e trinta). Na percepção de 77% dos agroextrativistas nos últimos cinco anos, não houve variação nas distâncias até os babaçuais – conforme gráfico 131 (cento e trinta e um). O presidente da CASB, Senhor Antônio Quiriba, ressaltou que os recursos naturais da região estão num bom estado devido aos benefícios alcançados com o Pró-Ambiente, projeto que capacitou o grupo de agroextrativistas para atuar em prol da conservação ambiental da região do Bico do Papagaio.

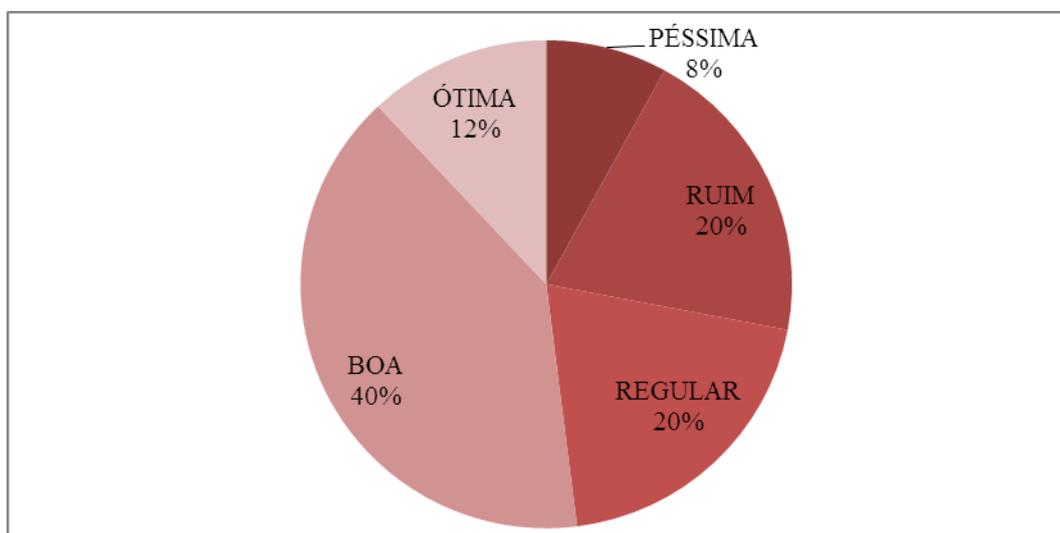


Gráfico 132. Avaliação das fontes de água por parte dos extratores - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

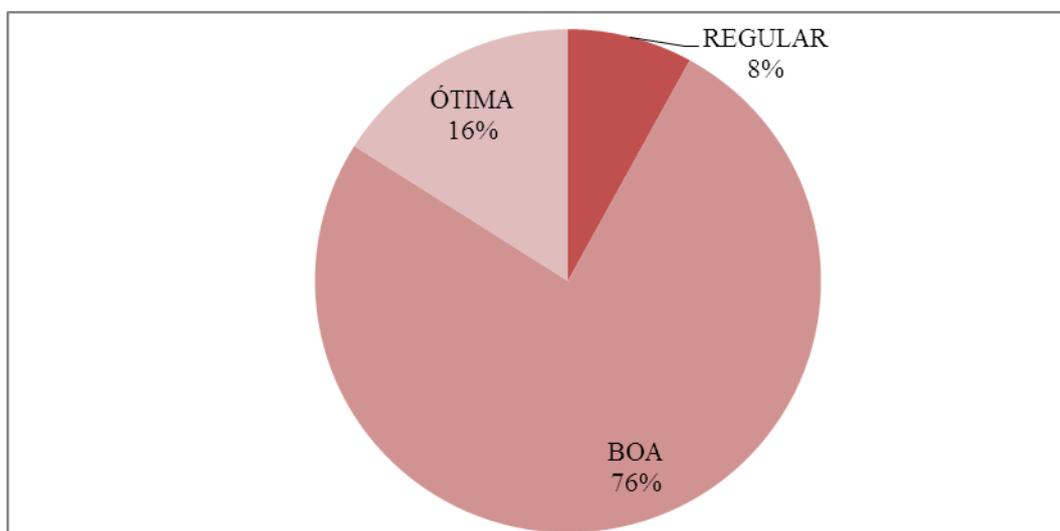


Gráfico 133. Avaliação da conservação da floresta por parte dos extratores - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto às fontes de água da comunidade, uma parcela de 52% dos agroextrativistas as considera boas, pois na demarcação dos lotes foram beneficiados com um riacho que passa em suas propriedades, enquanto os demais assentados ficaram com seus lotes afastados do rio, motivo que torna as atividades agrícolas mais difíceis – o resultado pode ser visto no gráfico 132 (cento e trinta e dois). Em relação ao nível de conservação das florestas, na percepção de 95% dos agroextrativistas, está boa ou ótima, que enfatizam sempre os benefícios das ações do programa Pró-Ambiente, por meio de capacitações sobre o manejo florestal e boas práticas em educação ambiental, onde a comunidade ficou sensibilizada e passou a conservar muito mais os recursos naturais existentes – os resultados podem ser verificados no gráfico 133 (cento e trinta e três).

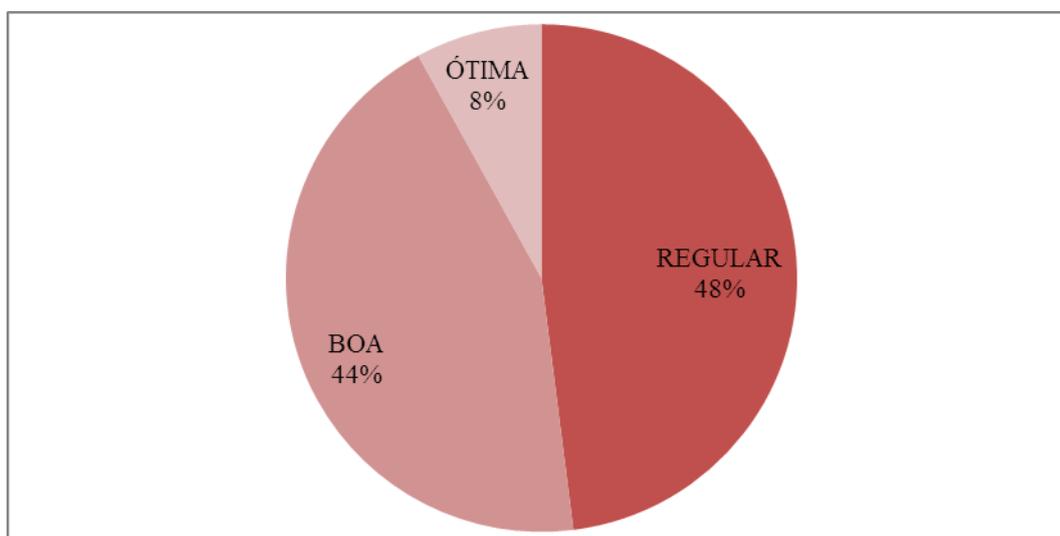


Gráfico 134. Avaliação dos extratores em relação às condições gerais de alimentação e nutrição Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Os efeitos do desenvolvimento são conferidos a partir dos indicadores sobre saúde, nutrição, evolução econômica e ambiental. Para tanto, as condições de alimentação e nutrição das famílias dos agroextrativistas foram investigadas e um percentual de 52%, informou que são boas ou ótimas - conforme os resultados do gráfico 134 (cento e trinta e quatro).

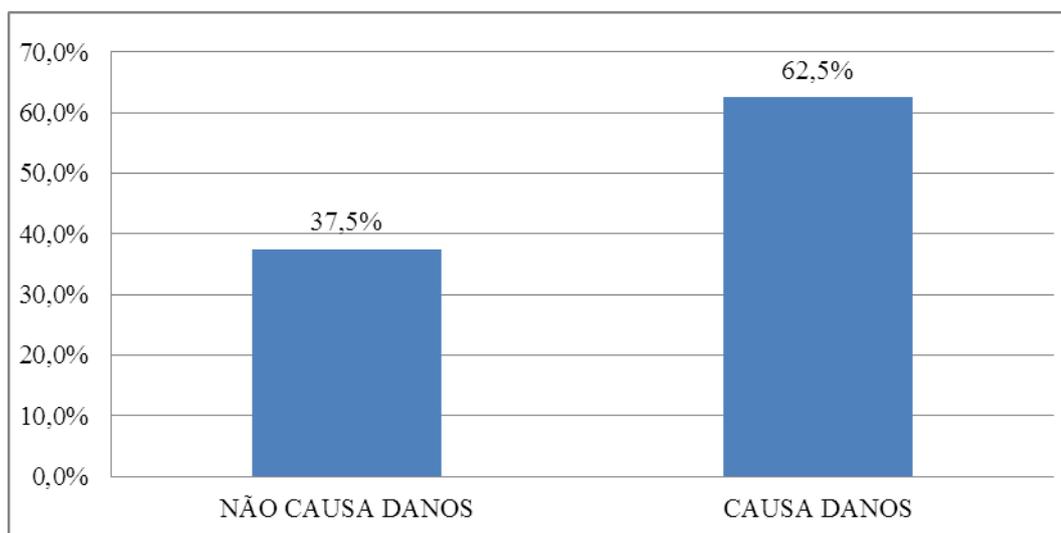


Gráfico 135. Avaliação dos extratores sobre danos da atividade com o babaçu sobre a saúde - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

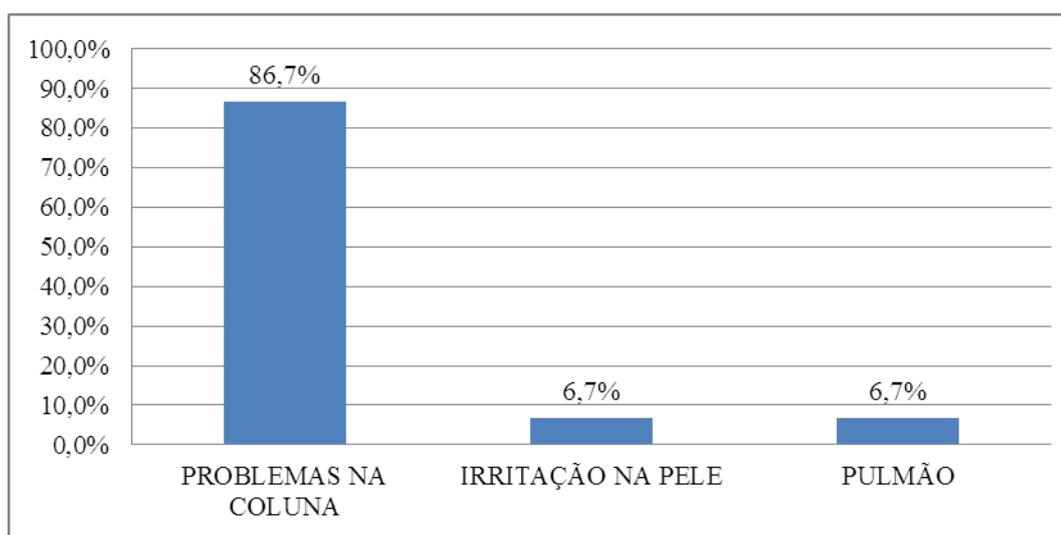


Gráfico 136. Principais problemas de saúde relacionados à atividade com o babaçu, levantados pelos extratores - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Como dito anteriormente, a atividade com o babaçu requer bastante esforço físico e os riscos de acidentes nas florestas são frequentes e ainda surgem os problemas de doenças relacionadas à atividade; desse modo, 62% dos agroextrativistas informaram que o trabalho com o babaçu já causou algum tipo de dano à saúde – segundo resultados do gráfico 135 (cento e trinta e cinco). Os principais problemas de saúde, segundo depoimentos do grupo, estão relacionados à coluna, que atinge 86% dos agroextrativistas, onde outros problemas em

decorrência da preparação do carvão de babaçu estão ligados aos pulmões e a pele numa frequência menor – como pode ser observado no gráfico 136 (cento e trinta e seis).

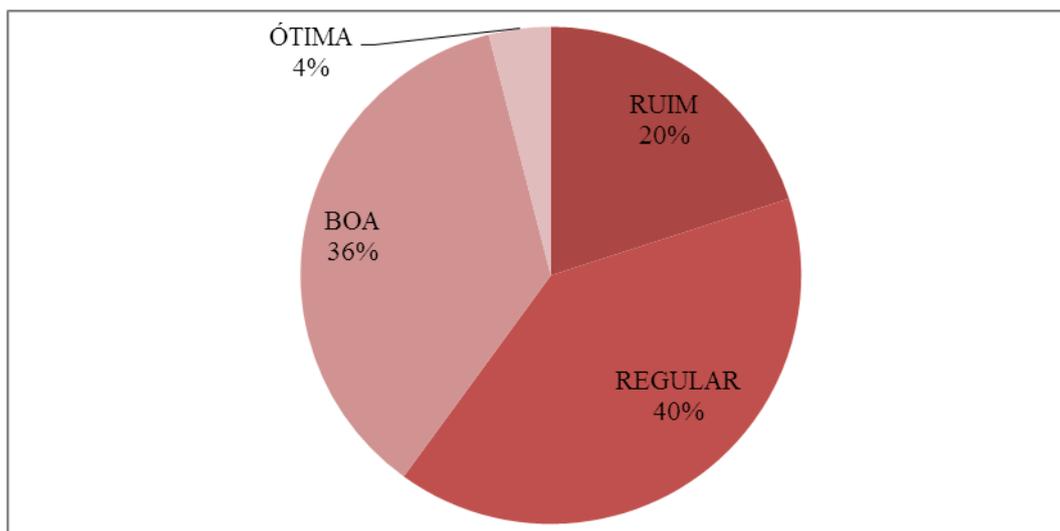


Gráfico 137. Avaliação dos extratores sobre as condições gerais de saúde - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Na análise do grupo de agroextrativistas, a percepção sobre as condições gerais de saúde divide bastante as opiniões, pois 40% consideram boas as condições de saúde e, para um percentual de 40%, a saúde das suas famílias encontra-se numa condição ruim ou regular – dados do gráfico 137 (cento e trinta e sete). Nos relatos para a pesquisa, a presença de um posto de saúde instalado na comunidade poderia atenuar bastante os problemas de saúde, pois, quando algum membro da família fica doente, é necessário percorrer 15 (quinze) quilômetros até a cidade de São Miguel para ser atendido pelo médico que tem um número limitado de pessoas para atender diariamente.

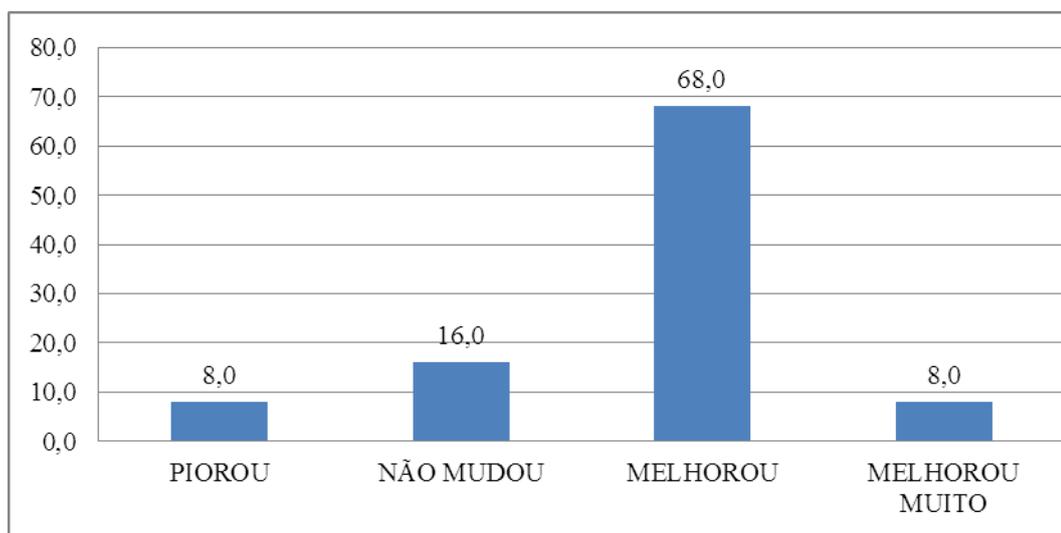


Gráfico 138. Percepção dos extratores sobre a evolução de sua situação econômica nos últimos 5 anos - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

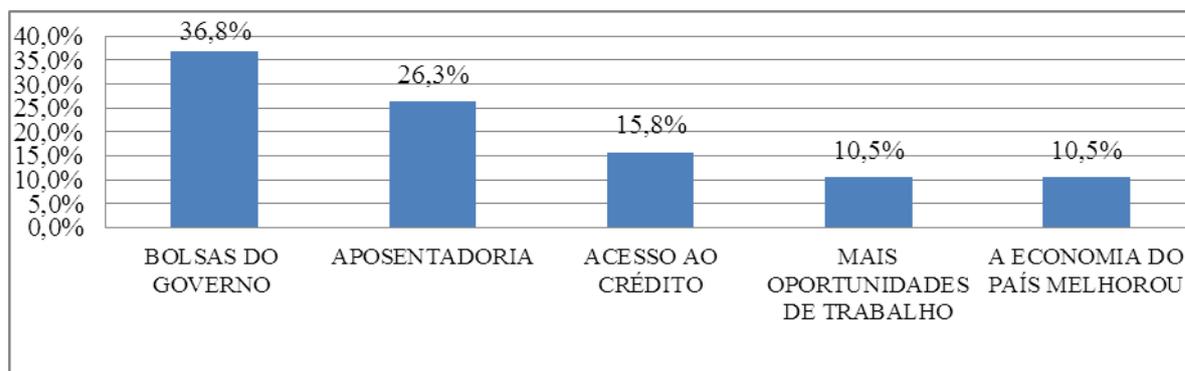


Gráfico 139. Percepção dos entrevistados dos motivos que levaram sua evolução econômica nos últimos 5 anos Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto à evolução da situação econômica, 68% dos agroextrativistas informaram que, nos últimos cinco anos, essa realidade melhorou consideravelmente, segundo resultados do gráfico 138 (cento e trinta e oito) e os motivos mais citados pelo grupo foram: bolsas do governo 36%; aposentadorias rurais 26%; acesso ao crédito – Pronaf 15%. Nos depoimentos para a pesquisa, um percentual de 10% desses agroextrativistas enfatizou que a melhoria nas condições econômicas proporcionou novas oportunidades de trabalho nos empreendimentos instalados na região. E dentre os motivos que levaram a evolução econômica na comunidade, o programa “bolsa família” se destaca com o maior percentual, 36% - como observado no gráfico 139 (cento e trinta e nove).

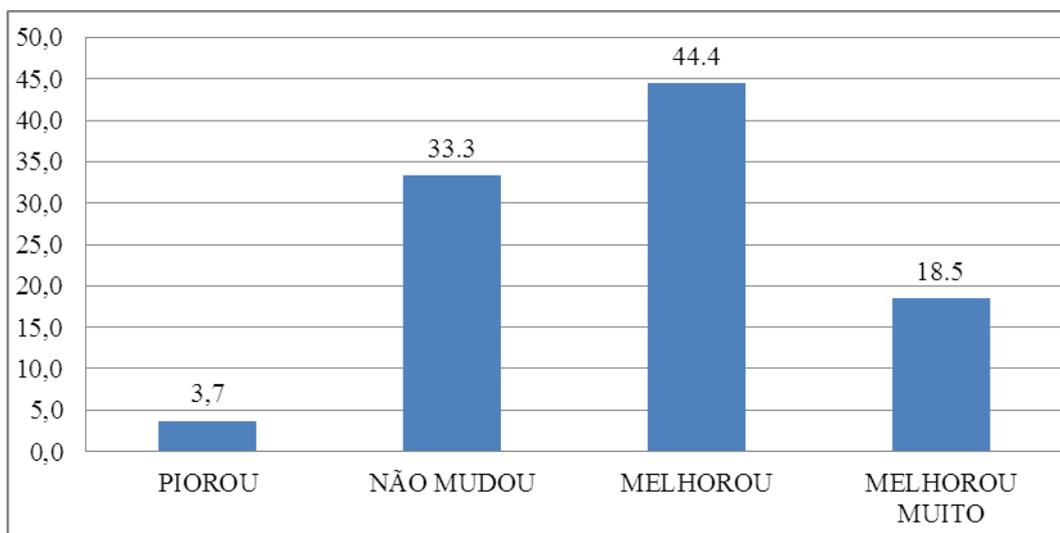


Gráfico 140. Percepção dos extratores sobre a evolução da situação ambiental vivenciada nos últimos 5 anos
Comunidade de Sete Barracas- Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A evolução na situação ambiental na região a qual trabalham os agroextrativistas, também foi questionada – gráfico 140 (cento e quarenta) e 68% do grupo informou que a situação ambiental melhorou devido à conscientização da comunidade quanto à conservação dos recursos naturais. Os representantes da CASB enfatizaram que as políticas de conservação ambiental são sempre bem recebidas pela comunidade de Sete Barracas, pois seus integrantes participam das ações e colocam em prática as orientações recebidas.

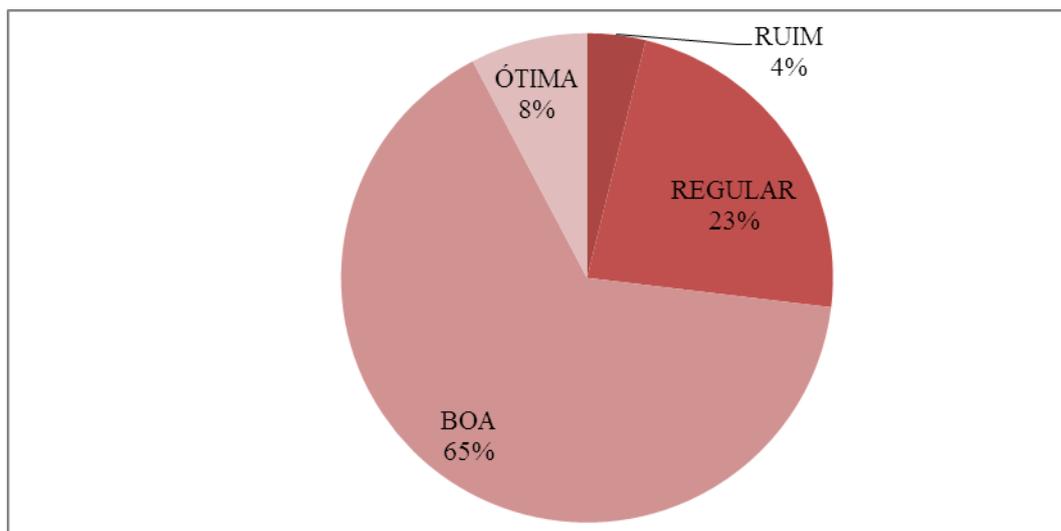


Gráfico 141. Avaliação dos extratores sobre sua participação em organizações associativas e comunitárias Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Os aspectos relacionados ao nível de capital social presente na comunidade foram investigados juntos aos agroextrativistas, e, em relação à participação em organizações associativas, na percepção de 73% do grupo é compreendida como boa ou ótima – conforme resultados do gráfico 141 (cento e quarenta e um). A comunidade de Sete Barracas é um assentamento rural assistido pelo INCRA, assim, para se tornar um assentado, é necessário filiar-se no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) do município o qual o assentamento foi constituído; outra organização que envolve todos os assentados é a CASB, associação a qual permite o acesso dos agroextrativistas às políticas governamentais.

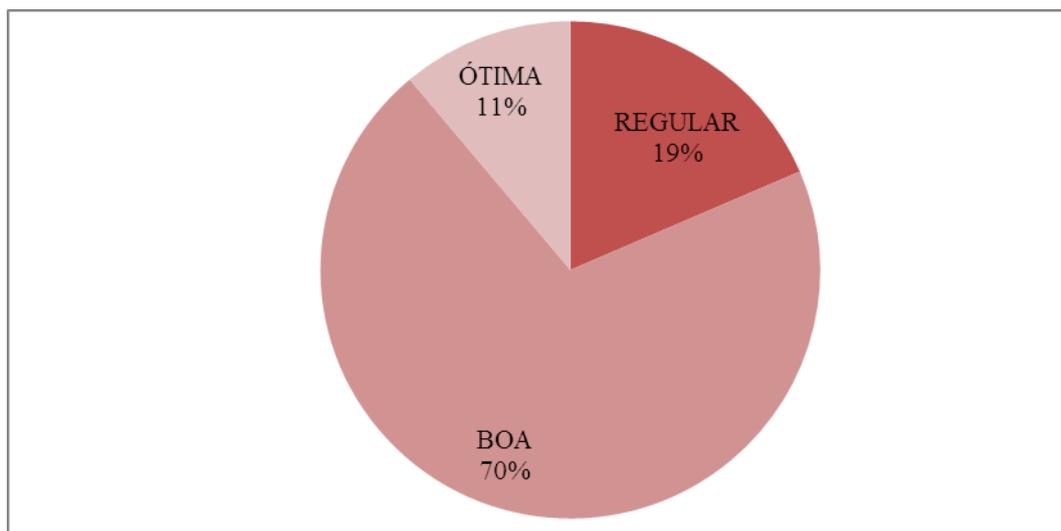


Gráfico 142. Avaliação dos extratores sobre sua participação política - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A participação política dos agroextrativistas é compreendida por 81% do grupo como boa ou ótima. Os representantes da CASB informaram que, quando convocados, encaminham um companheiro do grupo para participar das reuniões das organizações sociais da região, pois todos passam pelas mesmas dificuldades – os resultados podem ser verificados no gráfico 142 (cento e quarenta e dois).

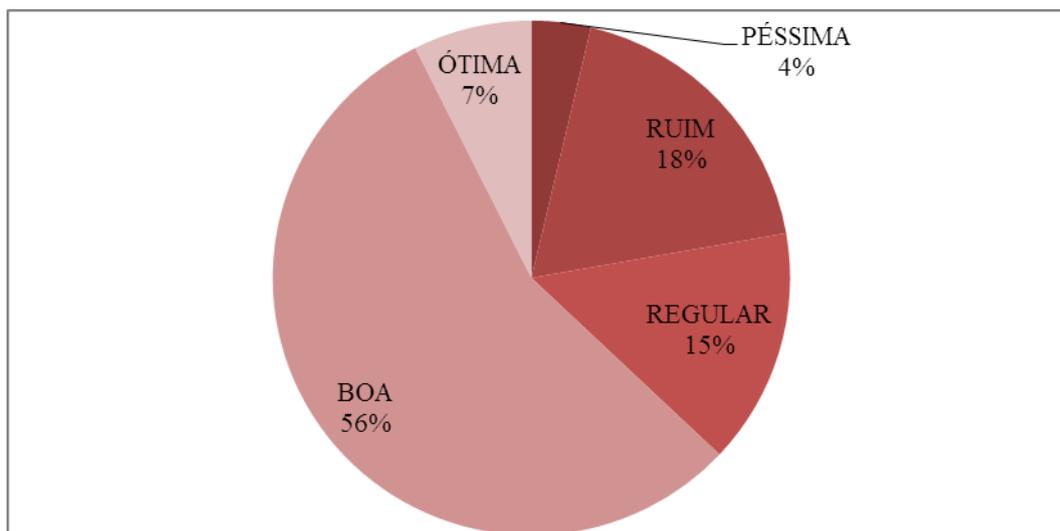


Gráfico 143. Avaliação dos extratores sobre sua participação em atividades culturais - Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio- Tocantins - 2012

Quanto à participação da comunidade em eventos culturais, 63% do grupo informou, conforme gráfico 143 (cento e quarenta), que participa de atividades relacionadas à cultura regional como a festa de aniversário do assentamento, a dança da mangaba e, ainda, dos cultos religiosos, onde a predominância religiosa é da igreja católica, seguida de igrejas evangélicas.

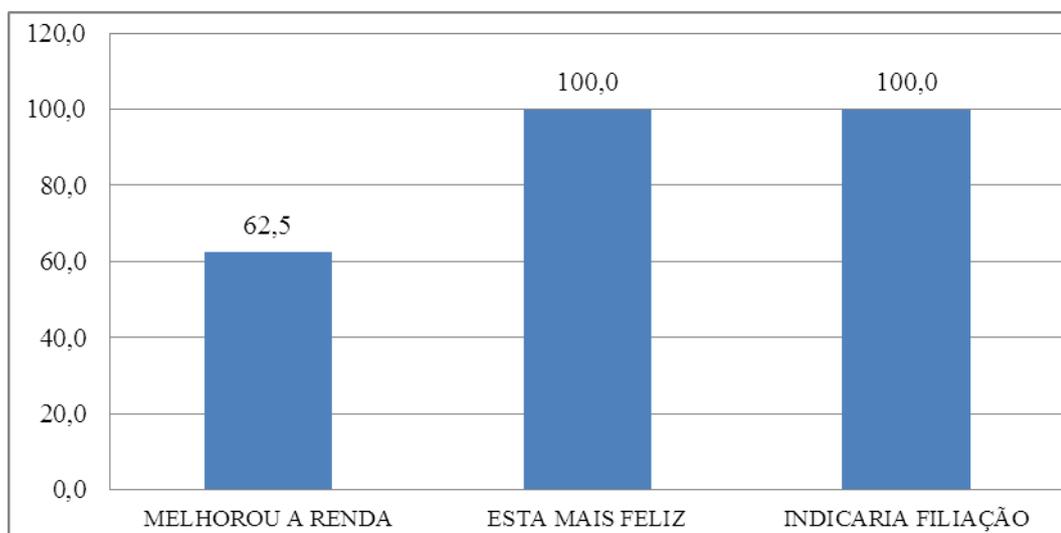


Gráfico 144 - Percepção dos extratores aspectos de sua participação comunitária - Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Os aspectos relacionados à participação comunitária foram levantados, como podem ser observados no gráfico 144 (cento e quarenta e quatro), onde para 62% dos agroextrativistas informaram que sua renda melhorou depois de se tornar filiado na CASB e STTR, e 100% (cem) dos entrevistados informaram que, após a filiação, tornaram-se mais felizes e, também, indicariam para seus conhecidos ou parentes a filiação nas referidas organizações associativas.

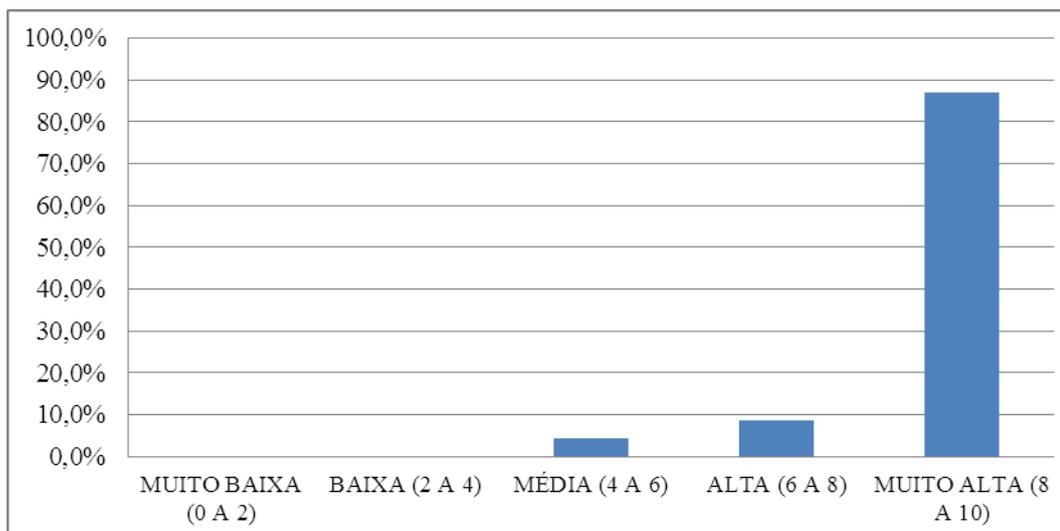


Gráfico 145. Motivação dos extratores em continuar filiada em organizações associativas e comunitárias Comunidade de Sete Barracas - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

As adversidades presentes nas atividades dos agroextrativistas de Sete Barracas foram levantadas nesta pesquisa, assim, o grupo foi questionado em relação à motivação para continuar filiado nas associações locais, onde nos resultados do gráfico 145 (cento e quarenta e dois) observa-se que 85% continuam motivados e desejam continuar na associação ou sindicato, no entanto, um percentual de 15% dos agroextrativistas manifestou desânimo e falta de motivação para continuar participando das organizações.

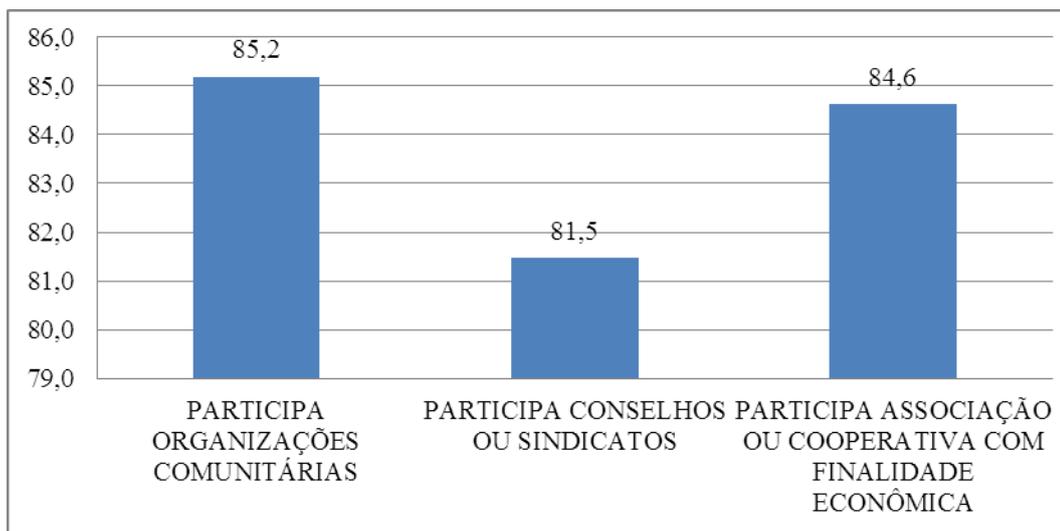


Gráfico 146. Indicadores de capital social - Comunidade de Sete Barracas Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 146 (cento e quarenta e quatro), os indicadores de capital social presente na comunidade de Sete Barracas foram levantados para esta pesquisa, a partir dos questionamentos ao grupo de agroextrativista, os quais revelaram que 85% do grupo participa de organizações associativas; 81% participa de conselhos ou sindicatos regionais; 84% deste grupo estão ligados às associações ou cooperativas com fins econômicos para garantir a comercialização dos produtos agrícolas ou extrativistas.

4.4 Artesãs do coco babaçu do Projeto Arte Norte

4.4.1. Histórico do Projeto Arte Norte (inserido no Programa Talentos do Brasil)

O Programa Talentos do Brasil⁶ foi criado em 2005, através da iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Agrário em parceria com o Sebrae Nacional, com o objetivo de gerar trabalho e renda para mulheres que desejam desenvolver a vocação para o artesanato.

Neste sentido, a Cooperativa Nacional Marca Única (COOPEUNICA) foi criada para viabilizar a emancipação financeira e a comercialização da produção artesanal com maior regularidade. Assim, na região do Bico do Papagaio Tocantinense foi criado Projeto Arte Norte (inserido no Programa Talentos do Brasil) em 2006, que é coordenado pelo Sebrae/TO, e atualmente envolve 40 famílias dos municípios de Araguaianópolis, Tocantinópolis, São Bento, Luzinópolis, Nazaré e Araguatins.

Os grupos de artesãs de cada cidade são organizados em forma de associações que compõem a COOPBABAÇU, integrada à COOPEUNICA. Dessa forma, o Sebrae/TO⁷ disponibiliza: “[...] Capacitação e qualificação dos artesãos para a gestão dos negócios, melhoria ao acesso e à inovação tecnológica, ampliação e acesso a mercados; promoção da Cultura da Cooperação e disseminação da Cultura do Comércio Justo”.

O Projeto Arte Norte conta com outros parceiros, dentre eles, a Tobasa Bioindustrial para o fornecimento de fatiados de coco de babaçu (coco é serrado de forma transversal) e de carvão granulado para a confecção de artesanatos como biojóias e peças de decoração. A Coopbabaçu já atendeu clientes como as lojas Tok Stok e, atualmente, vende suas peças para o projeto Caras do Brasil do Grupo Pão de Açúcar.

De acordo com informações adquiridas com o Sebrae/TO, o Projeto Arte Norte, no estado do Tocantins, tem o objetivo geral de “[...] Consolidar a atividade artesanal como a principal fonte de renda dos artesãos [...], através do resgate e da preservação da identidade cultural, do incremento da produção e melhoria da qualidade dos produtos artesanais, da

⁶ Fonte: <http://www.mda.gov.br/portal/saf/programas/talentosdobrasil/2297450> - último acesso 15 de set. 2012.

⁷ Sebrae/TO, a citação acima pode ser encontrada no impresso - Catálogo da Coleção Babaçu 200/2008.

agregação de valor e do aumento das vendas”. A produção das peças acontece de modo artesanal, envolvendo principalmente grupos familiares e mulheres que por anos foram quebradeiras de coco de babaçu. Desse modo, o Projeto tem como foco estratégico:

- ✓ Capacitar e qualificar os artesãos para gestão dos negócios (administrativa, financeira, da produção, comercial e de recursos humanos);
- ✓ Melhorar o acesso à inovação tecnológica, visando à melhoria da qualidade e à adequação da escala de produção às demandas de mercado;
- ✓ Ampliar o acesso a mercados;
- ✓ Aumentar e consolidar a utilização da identidade cultural da região e preservar as técnicas tradicionais na produção do artesanato;
- ✓ Promover a Cultura da Cooperação;
- ✓ Ampliar o acesso aos serviços financeiros, disseminar a cultura do comércio justo.

E, neste sentido, o Projeto também possui outros objetivos, onde para o Sebrae/TO são primordiais:

- ✓ Ampliar as oportunidades de ocupação e renda;
- ✓ Promover o acesso às tecnologias adequadas e ao aumento e melhoria da capacidade produtiva;
- ✓ Utilizar a inovação como um dos fatores de diferenciação do produto artesanal;
- ✓ Promover a educação empreendedora;
- ✓ Promover a cultura da cooperação, estimulando a criação e o fortalecimento de associações;
- ✓ Promover acesso a mercados;
- ✓ Utilizar o marketing como uma das ferramentas para impulsionar a competitividade;

- ✓ Resgatar a cultura para agregar valor ao artesanato, promovendo produtos com a identidade regional, e;
- ✓ Disponibilizar informações sobre a utilização racional dos recursos naturais, segundo a legislação ambiental.

Relações institucionais e parcerias com setores público e privado.

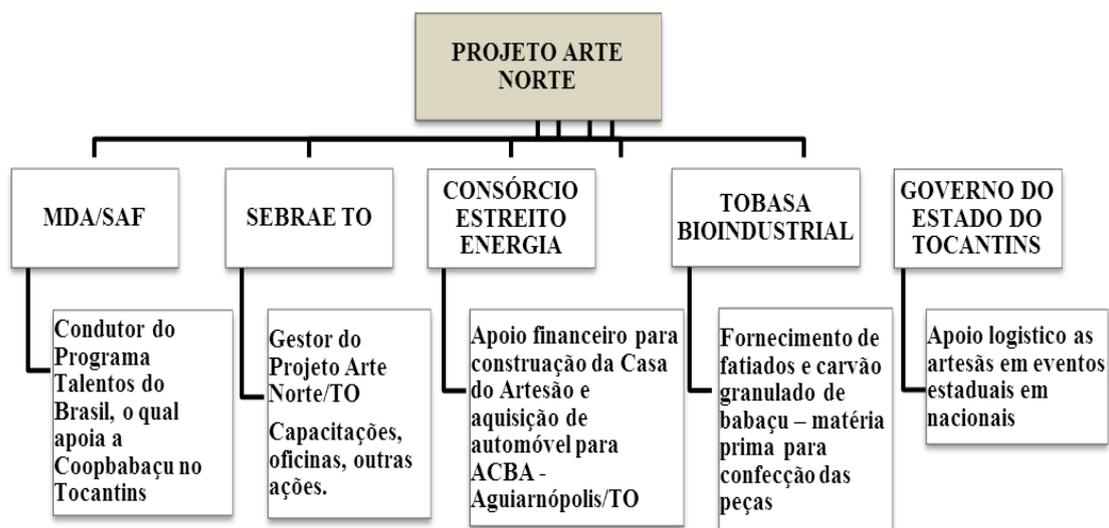
- ✓ SEBRAE TO: É o coordenador do projeto Arte Norte, tem como meta consolidar a atividade artesanal como principal fonte de renda das artesãs dos municípios de: Aguiarnópolis, Tocantinópolis, Nazaré, Luzinópolis, São Bento e Araguatins, através do resgate da identidade cultural e do incremento da produção artesanal. É também o responsável pela capacitação das artesãs no que se refere à gestão, acesso à tecnologia, acesso aos mercados e à promoção da cultura e cooperação, bem como do comércio justo.
- ✓ MDA/SAF: é o condutor do Programa Talentos do Brasil, o qual o Arte Norte faz parte, sendo o MDA responsável pela estruturação da atividade artesanal, baseada na i) produção agregada, ii) prospecção mercadológica, iii) conceito de autogestão, apoiando as iniciativas locais e na sustentabilidade do País.
- ✓ Governo do Tocantins: apoio logístico nos eventos governamentais, como feiras regionais, internacionais, exposições, entre outros.
- ✓ Tobasa Bioindustrial: a indústria fornece os fatiados de coco de babaçu, que é uma peça essencial para confecção dos artesanatos (bijuterias, peças decorativas e de utilidade doméstica).
- ✓ Consórcio Estreito/Energia: parceria com a associação dos Artesãos de Coco de Babaçu de Aguiarnópolis – ACBA, para construção da sede da associação e implantação de máquinas, equipamentos de informática e aquisição de um automóvel.
- ✓ Tok Stok: relação comercial
- ✓ Grupo Pão de Açúcar: relação comercial

Quadro 04. Análise swot do Projeto Arte Norte

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<ul style="list-style-type: none"> - Matéria prima em abundância; - Artesãs capacitadas e motivadas ao trabalho; - Cursos de capacitação oferecidos pelo Sebrae; - O fornecimento de fatiados e carvão granulado pela indústria Tobasa; - A valorização dos produtos oriundos da sociobiodiversidade da Amazônia; - Apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário, através de políticas públicas como o Programa Talentos do Brasil. 	<ul style="list-style-type: none"> - As Associações de 04 cidades estão sem sede própria; - Falta de espaço físico para montar as oficinas com os equipamentos de trabalho; - Falta de transporte para buscar o coco de babaçu; - Falta de equipamento para serrar o coco; - A indústria Tobasa interrompeu por 10 meses o fornecimento dos fatiados e do carvão, devido ao incêndio que aconteceu num silo de armazenagem de coco.
Oportunidades	Vulnerabilidades
<ul style="list-style-type: none"> - Apoio de políticas públicas; - Parcerias com o setor empresarial; - Organização da capacidade de produção; - Demanda por produtos artesanais de boa qualidade e <i>designer</i> diferenciado; - Demanda por produtos oriundos da sociobiodiversidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade produtiva; - Maturidade das Associações; - Capital de Giro

Fonte: Pesquisa de Campo

Figura 06 - Projeto Arte Norte: quadro demonstrativo das relações institucionais



Fonte: pesquisa de campo

4.4.2 Análise socioambiental das artesãs do Projeto Arte Norte

Os Gráficos abaixo apresentam os resultados das análises socioeconômicas das artesãs do Projeto Arte Norte - Tobasa Bico do Papagaio Tocantins – 2012.

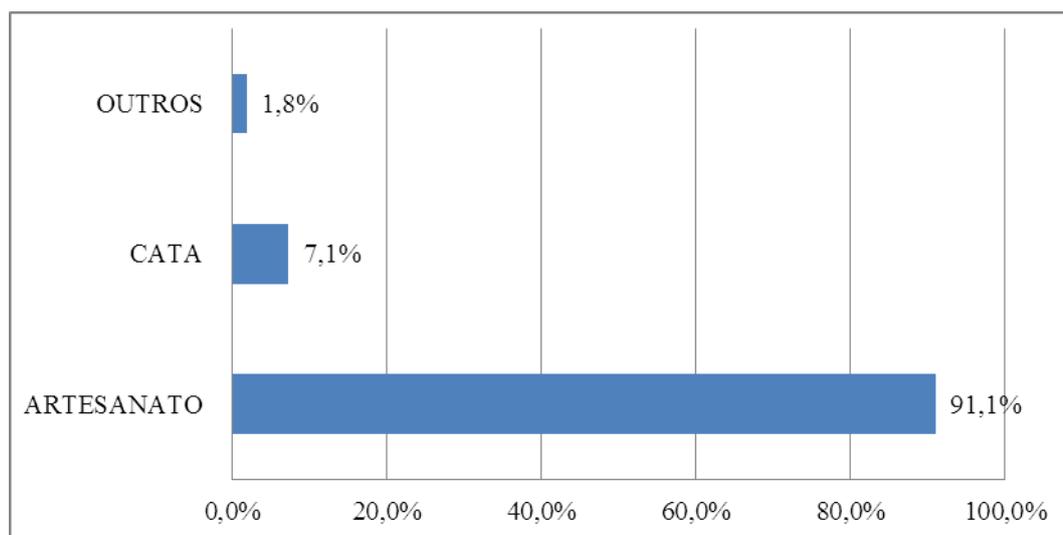


Gráfico 147. Atividades econômicas com o Babaçu - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

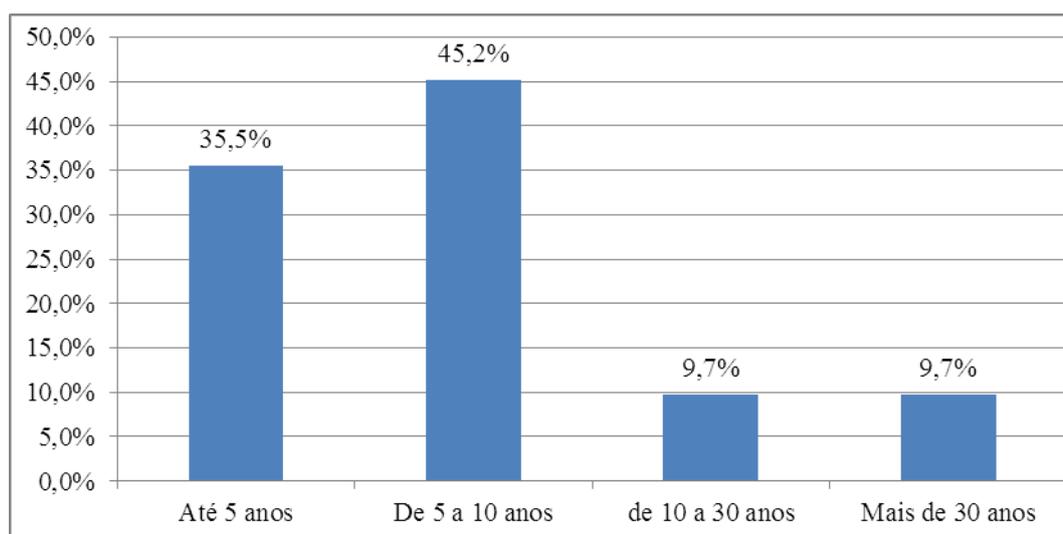


Gráfico 148. Tempo de experiência dos entrevistados em atividades com o Babaçu - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

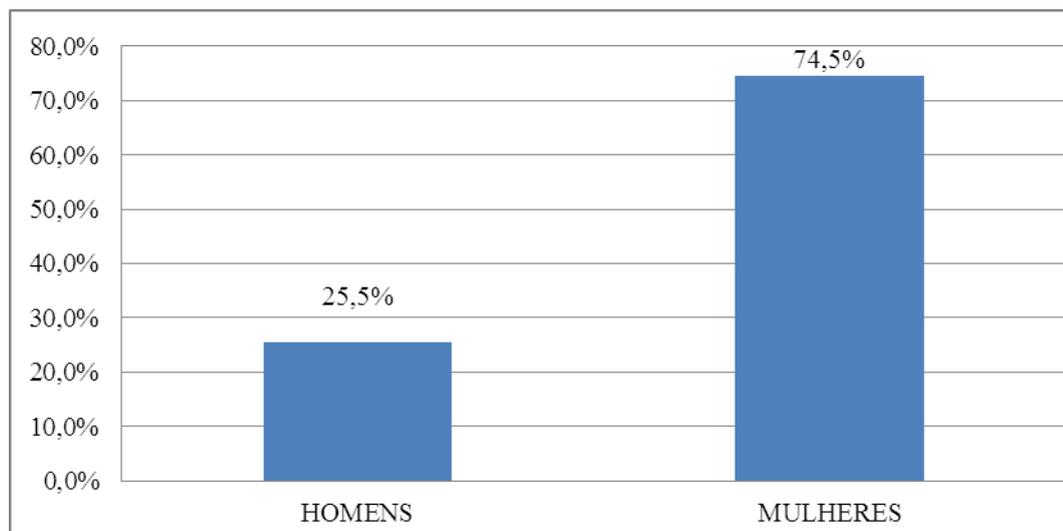


Gráfico 149. Gênero dos envolvidos em atividades com o Babaçu Projeto - Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

O projeto Arte Norte é um dos arranjos produtivos da região do Bico do Papagaio que também utiliza o coco de babaçu como matéria prima para confecção de peças decorativas e bijóias, onde, para a preparação do artesanato, o Projeto conta com um grupo de, aproximadamente, 80 artesãos distribuídos em pequenas associações nos municípios da região.

O grupo de artesãos foi questionado quanto às suas atividades econômicas através do babaçu que, de acordo com resultados do gráfico 147 (cento e quarenta e sete), 91% utilizam o coco de babaçu para fazer artesanato. As capacitações na área de *designer* de bijóias oferecidas pelo Sebrae/TO contribuíram bastante na qualidade e quantidade da produção do artesanato, mas o tempo de experiência dos artesão é relativamente pequeno, onde, segundo resultados do gráfico 148 (cento e quarenta e oito), 70% do grupo tem entre 5 a 10 anos nesta atividade. Em relação ao gênero dos envolvidos, a predominância é de mulheres trabalhando com o artesanato de babaçu – segundo resultados do gráfico 149 (cento e quarenta e nove) 74% dos membros do projeto Arte Norte são mulheres, nos relatos para a pesquisa informaram que em geral a contribuição dos homens está ligada às atividades que necessitam de maior esforço físico.

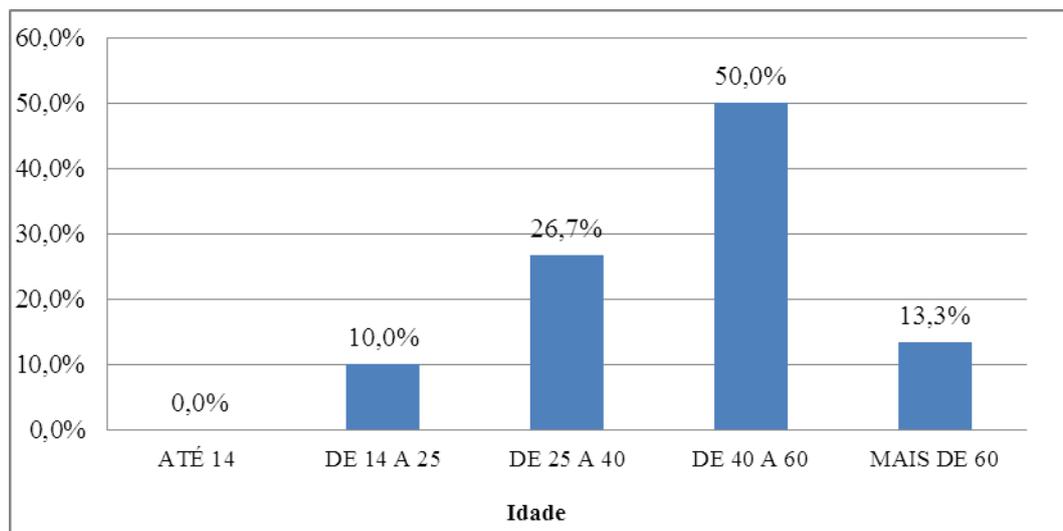


Gráfico 150. Estrutura etária dos envolvidos em atividades com o Babaçu – Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Na estrutura etária dos envolvidos neste projeto, o percentual maior é de pessoas na faixa etária entre 40 a 60 anos de idade que estão buscando, não somente ocupação e renda, mas também uma atividade de integração com outras pessoas, onde segundo os depoimentos das mulheres artesãs o trabalho com o artesanato funciona como terapia e entretenimento e por vezes serviu para saírem de quadros de doenças ligadas à depressão, como pode ser visto nos resultados do gráfico 150 (cento e cinquenta).



Gráfico 151. Participação dos agricultores familiares em atividades com o Babaçu - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

A agricultura familiar está presente na realidade de 70% do referido grupo – segundo resultados do gráfico 151 (cento e cinquenta e um), onde este percentual é representado principalmente por mulheres que trabalhavam na atividade da quebra do coco de babaçu e por motivos de doença foram recomendadas pelos médicos a deixarem esse tipo de trabalho e buscaram no artesanato uma fonte de trabalho e renda.

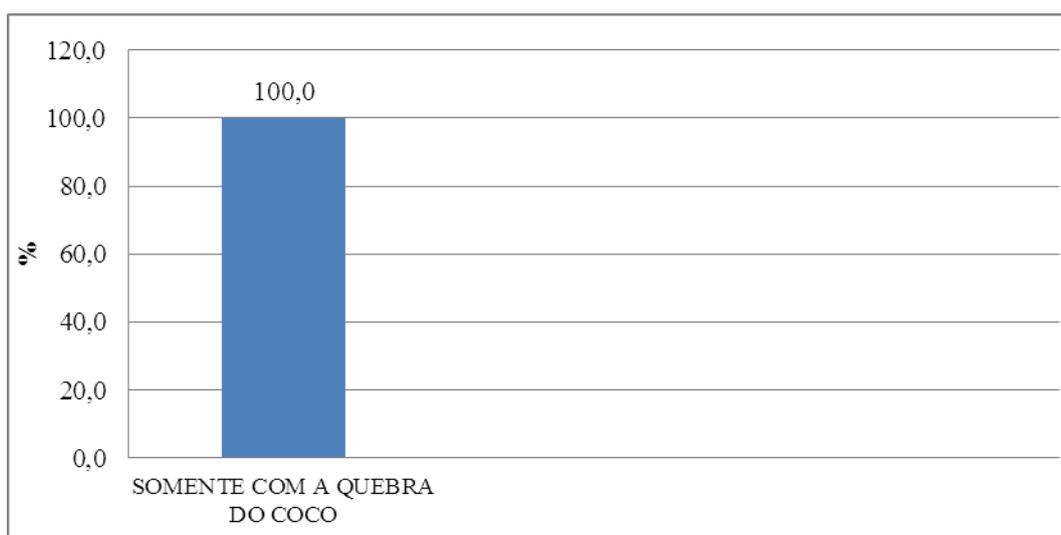


Gráfico 152. Preferência de manejo dos envolvidos em atividades com o Babaçu - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Em relação à preferência de manejo, 100% do grupo prefere a atividade da quebra do coco de babaçu devido à necessidade de aproveitar suas frações separadamente, isto é mais proveitoso para confecção dos artesanatos – conforme resultados do gráfico 152 (cento e cinquenta e dois).

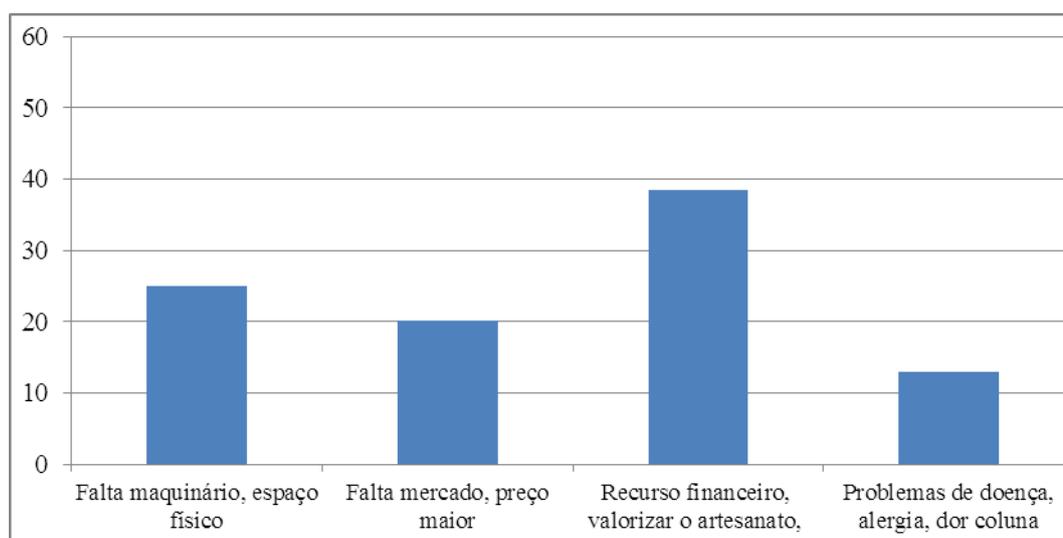


Gráfico 153. Desafios levantados pelos envolvidos em atividades com o babaçu - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio -Tocantins

Em relação aos desafios encontrados pelos artesãos para o desenvolvimento do projeto Arte Norte, 40% do grupo considera que a falta de recursos financeiros suficientes para implementar o projeto e a falta de valorização do artesanato são os maiores entraves. Contudo, 20% do grupo julga que a falta de maquinários apropriados e melhores preços dos artigos são os fatores que interferem no avanço do projeto – como é possível observar no gráfico 153 (cento e cinquenta e três).

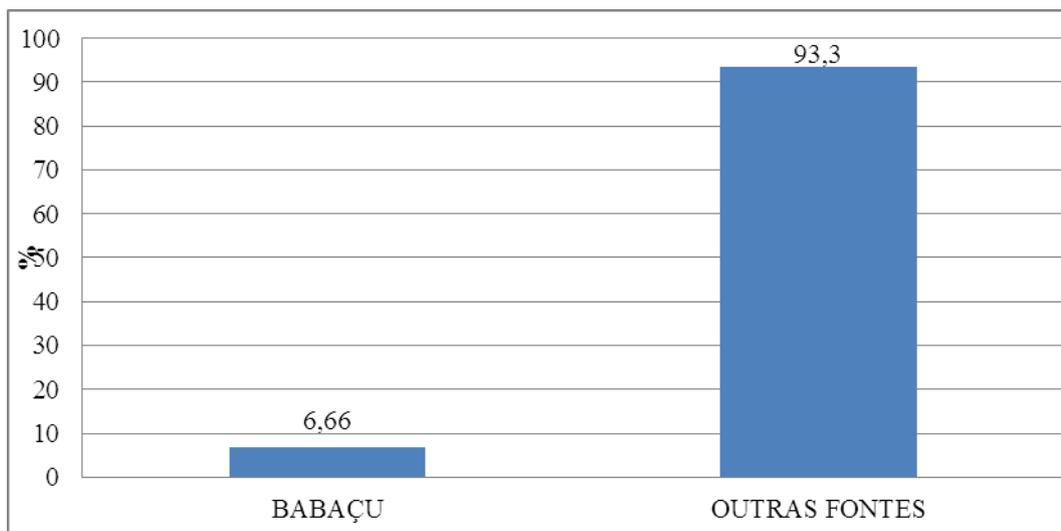


Gráfico 154. Principal fonte de renda dos envolvidos em atividades com o Babaçu - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

As fontes de renda dos artesãos foram investigadas nesta pesquisa, com o intuito de verificar qual o percentual de contribuição do artesanato do babaçu na renda mensal de suas famílias – segundo resultados do gráfico 154 (cento e cinquenta e quatro), apenas 6,6% contam com a renda por meio da atividade artesanal.

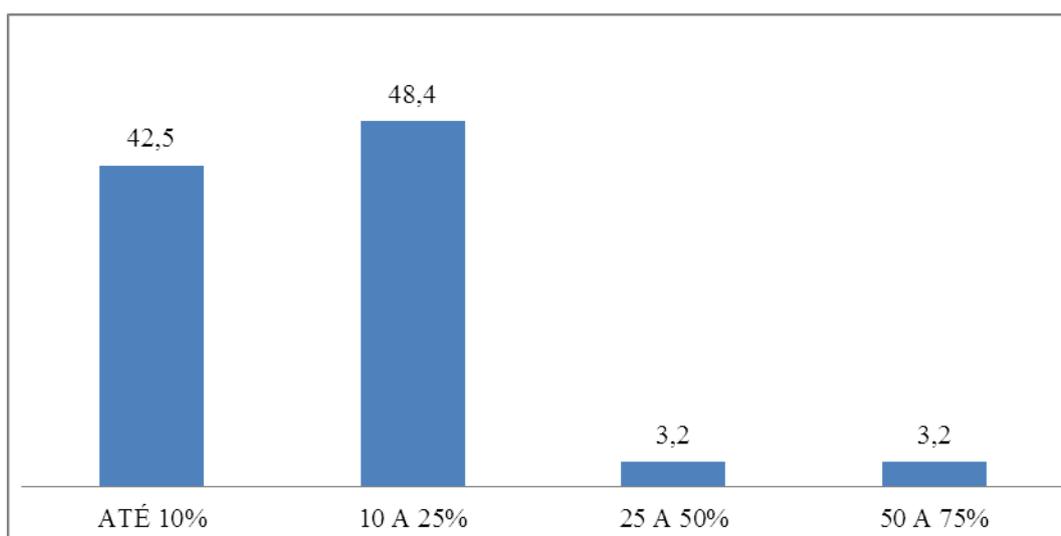


Gráfico 155. Percentual da renda familiar advindo das atividades com o Babaçu - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

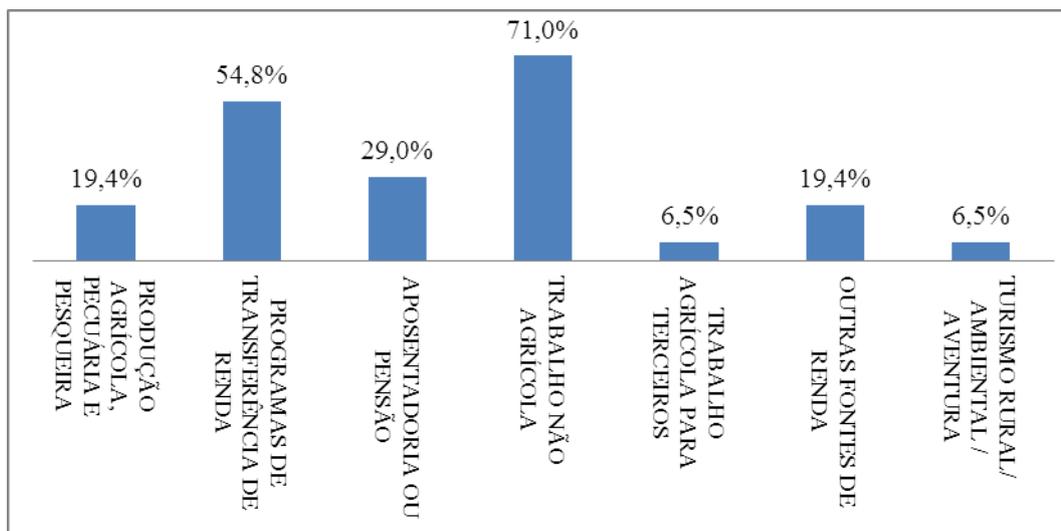


Gráfico 156. Outras fontes de renda familiar - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 155 (cento e cinquenta e cinco), 42% dos artesãos informaram que até 10% da renda se originam do artesanato e 48% têm uma contribuição de 10 a 25% na renda com esta atividade. As demais fontes de renda são procedentes de programas de transferência de renda 54%; trabalho não agrícola, diarista, segurança 71%; aposentadoria 29% e produção agrícola 19% - segundo resultados do gráfico 156 (cento e cinquenta e seis).

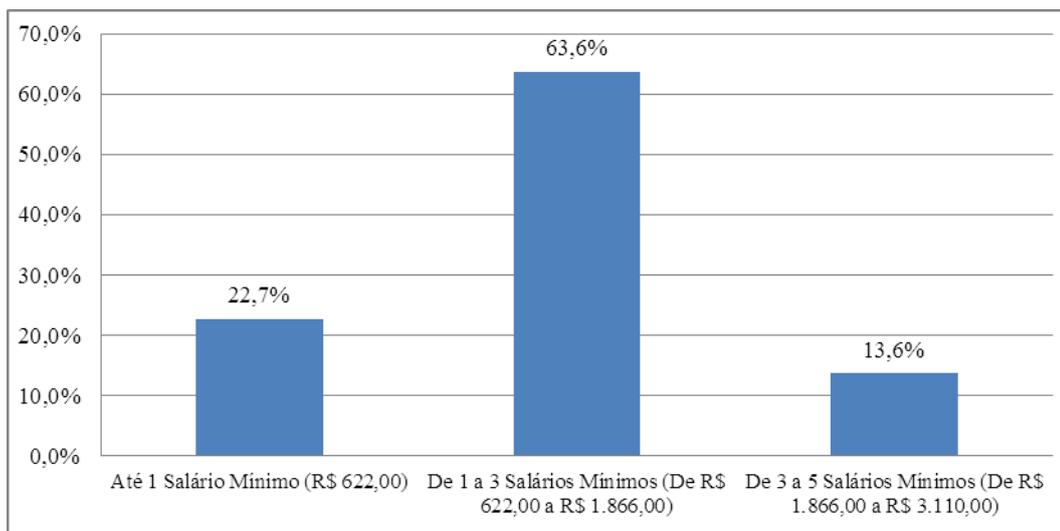


Gráfico 157. Renda familiar mensal - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

A renda mensal das famílias foi averiguada conforme resultados apresentados no gráfico 157 (cento e cinquenta e sete) um percentual de 22% dessas famílias vivem com até R\$ 622,00 (salário mínimo), entretanto, um percentual de 63% dos artesãos mantém suas famílias com valor de R\$ 622,00 a 1.860,00. A realidade econômica dos artesãos do projeto Arte Norte é relativamente melhor que a dos outros arranjos produtivos investigados nesta pesquisa, pois existe um percentual maior de famílias dispondo de mais que um salário mínimo para viverem.

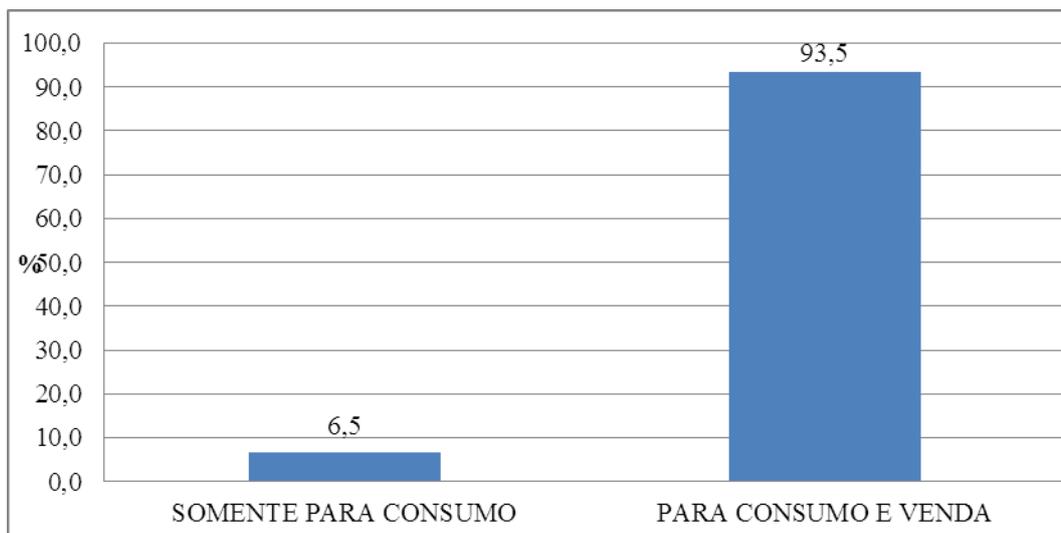


Gráfico 158. Destino do babaçu extraído - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Em relação ao destino do babaçu, 93% dos artesãos informaram na pesquisa que tanto vendem como utilizam as peças na decoração de suas residências, bem como usam as biojóias que são bijuterias confeccionadas a partir de matérias primas da biodiversidade regional como: sementes, palhas das palmeiras (entre outras) – segundo resultado do gráfico 158 (cento e cinquenta e oito).

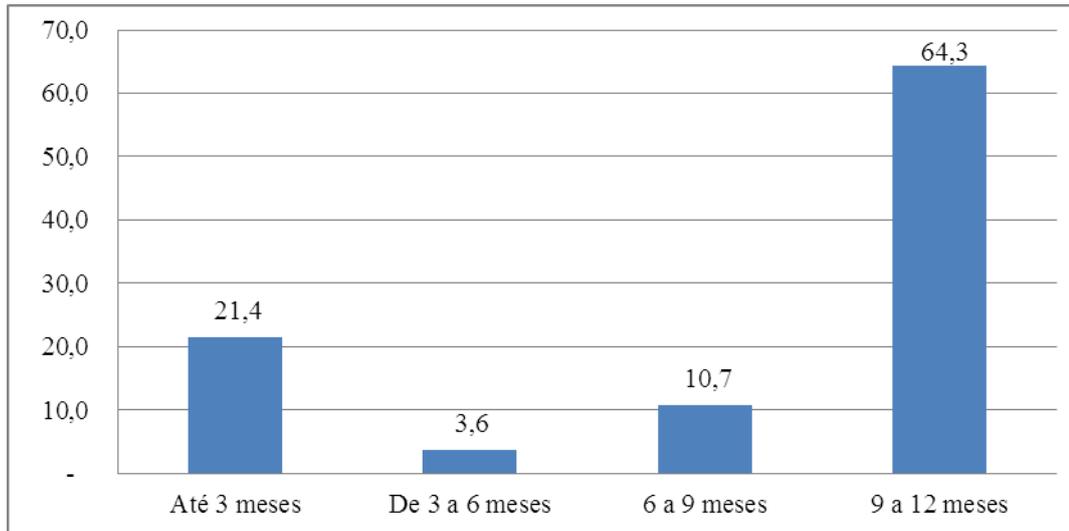


Gráfico 159. Frequência da atividade extrativa com o babaçu no ano - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

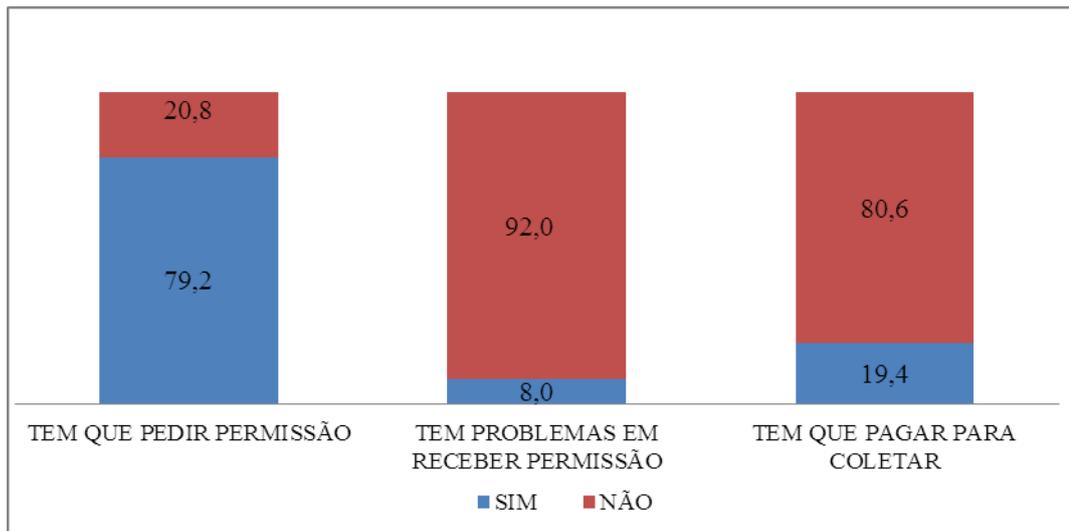


Gráfico 160. Aspectos relacionados com a extração do babaçu - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

No gráfico 159 (cento e cinquenta e nove), observa-se que a maior parte do grupo de artesãos trabalham num período de nove a doze meses por ano, o que reflete na satisfação dessas pessoas na realização da atividade com o artesanato de babaçu. Assim, alguns aspectos relacionados à extração do coco foram levantados – como pode ser visto no gráfico 160 (cento e sessenta), onde 92% dos artesãos não encontram problemas para receber permissão dos

fazendeiros da região para catar o babaçu, contudo, 20% do grupo ainda tem que pagar algum valor para entrarem nas fazendas e catar o babaçu para confeccionarem suas peças.

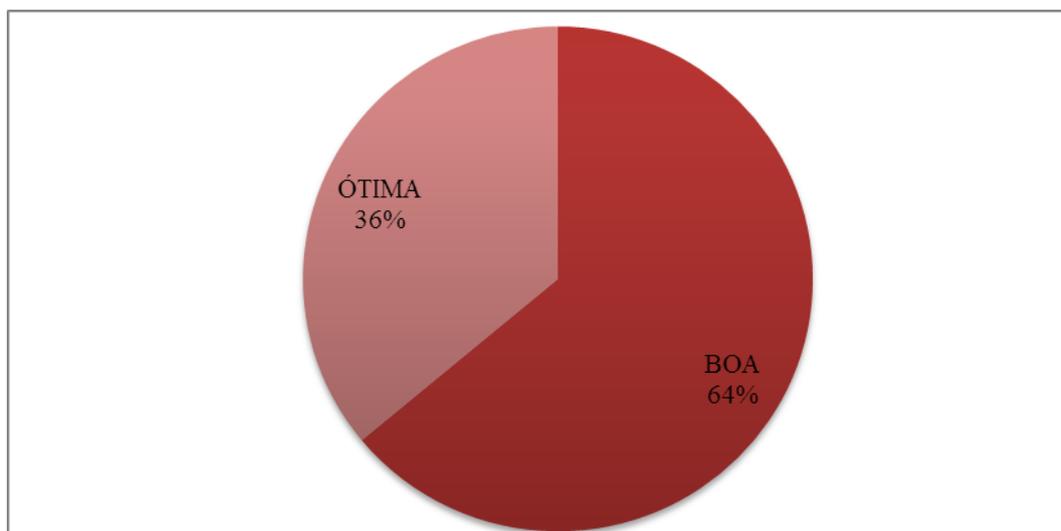


Gráfico 161. Avaliação da relação com os proprietários por parte dos extratores/artesãos Projeto Arte Norte Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Alguns aspectos que favorecem o desenvolvimento, como: a mão de obra familiar dentro ou fora da unidade de produção, a escolaridade das famílias e suas condições de moradia, foram investigados nesta pesquisa.

Na avaliação dos artesãos, o relacionamento com os proprietários das fazendas onde catam o coco para fazerem os artesanatos é considerada muito boa, como pode ser observado no gráfico 161 (cento e sessenta e um), vale ressaltar que a quantidade de coco que os artesãos catam é mínima, onde em relatos informaram que apenas um cacho de coco é suficiente para um pedido de peças, portanto, não geram conflitos como os que as quebradeiras e catadores enfrentam.

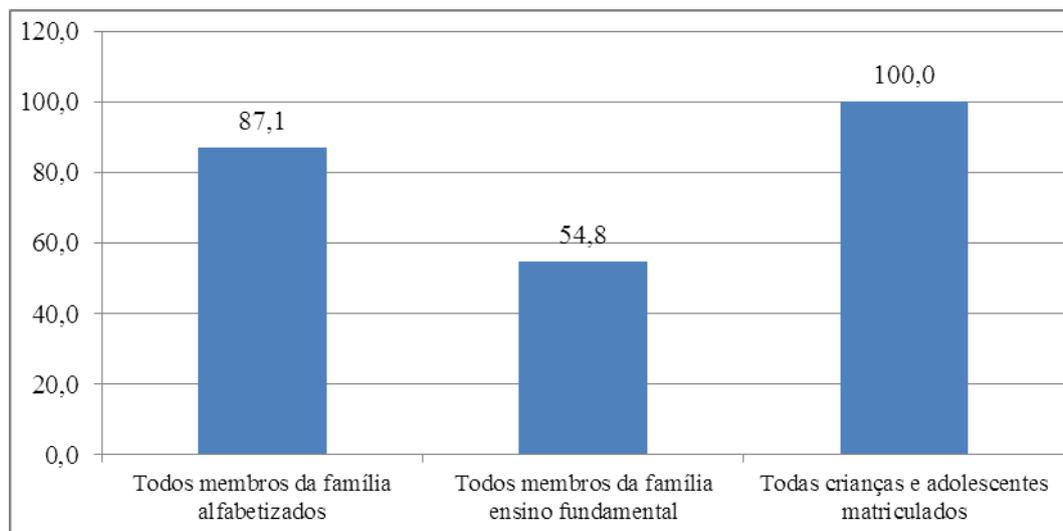


Gráfico 162. Condições educacionais das famílias dos artesãos de babaçu - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

As condições educacionais das famílias dos artesãos foram pesquisadas e como pode ser verificado no gráfico 162 (cento e sessenta e dois) 87% das pessoas são alfabetizadas e 54% têm o ensino fundamental. As condições educacionais desse grupo apresentou um nível educacional melhor que dos outros arranjos produtivos - agroextrativistas catadores e quebradeiras.

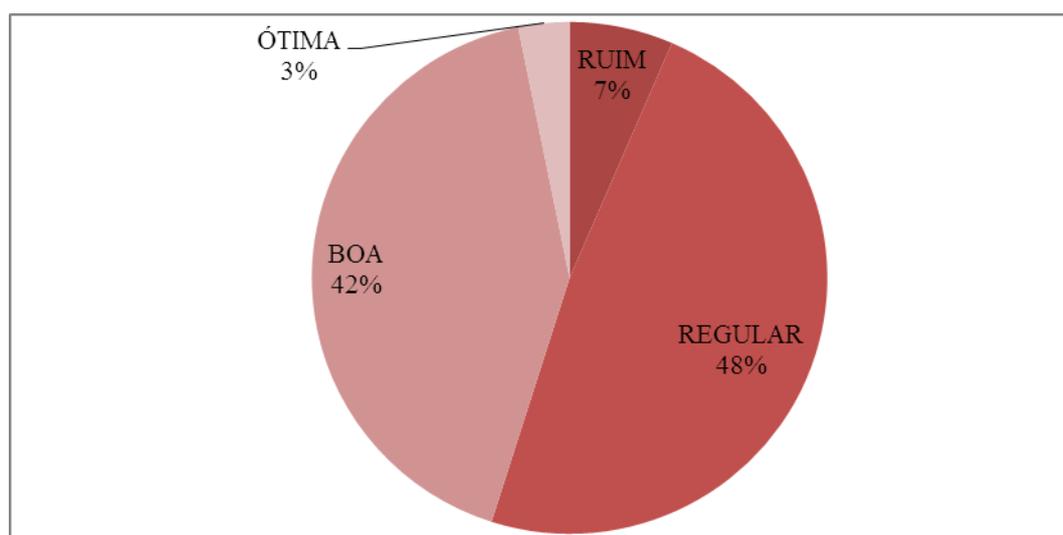


Gráfico 163. Avaliação das condições educacionais por parte dos artesãos - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

No gráfico 163 (cento e sessenta e três), é possível verificar que a percepção dos artesãos em relação às condições educacionais é regular ou ruim para 55% do grupo, o que demonstra a importância da educação para essas famílias e o compromisso dos pais em elevar as condições educacionais de seus filhos.

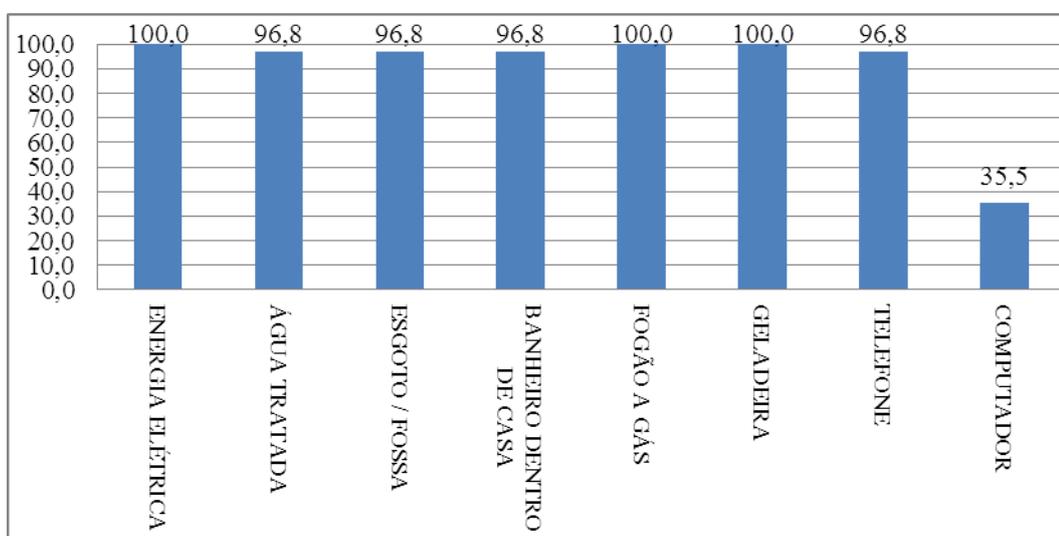


Gráfico 164. Acesso a bens por parte dos artesãos de babaçu Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio – Tocantins 2012

O acesso a bens também foi averiguado junto ao grupo de artesãos, o qual no gráfico 164 (cento e sessenta e um) pode ser observado que 100% das suas residências têm energia elétrica, geladeira e fogão a gás, 96% das residências também têm água tratada, esgoto e banheiro dentro de casa. O acesso a computador e conhecimentos de informática ainda é privilégio de 35% das famílias dos artesãos.

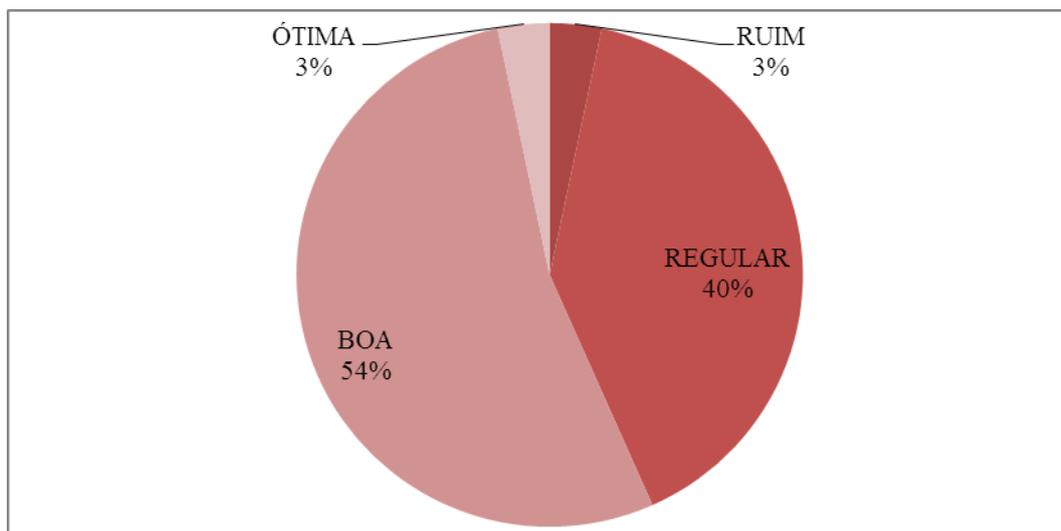


Gráfico 165. Avaliação das condições de moradia - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

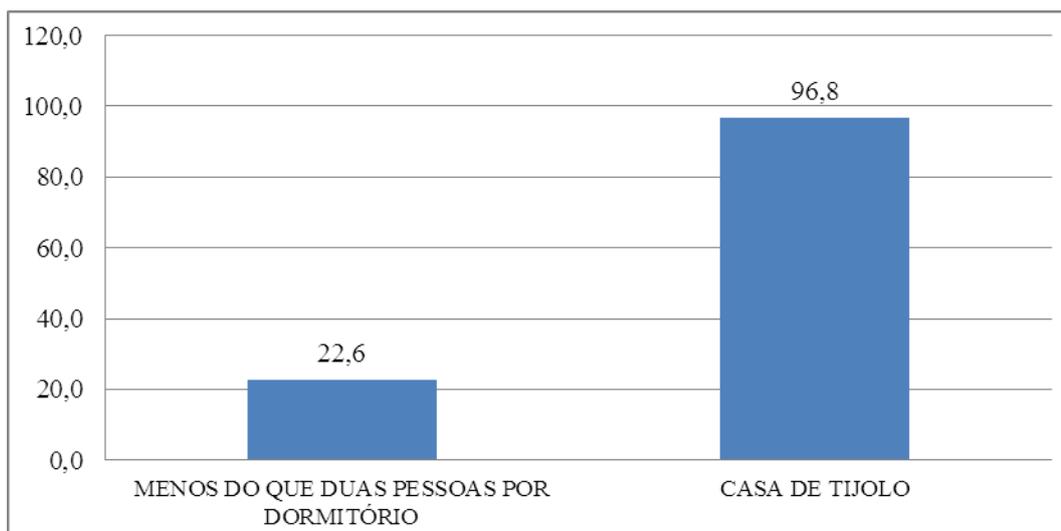


Gráfico 166. Indicadores das condições de moradia Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Na avaliação dos artesãos as condições de moradia de 57% são consideradas boas, conforme gráfico 165 (cento e sessenta e cinco), onde os indicadores de moradias das famílias foram conferidos, 96% das casas são construídas de tijolo, e em apenas 22% destas casas os dormitórios são ocupados por até duas pessoas – segundo resultados do gráfico 166 (cento e sessenta e seis).

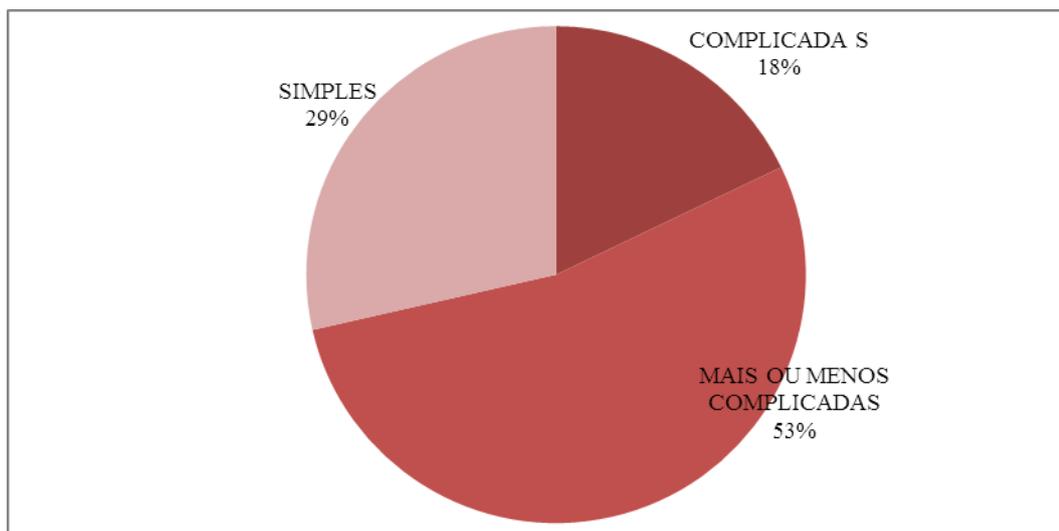


Gráfico 167. Avaliação das condições gerais de comercialização - Projeto Arte Norte- Bico do Papagaio Tocantins - 2012

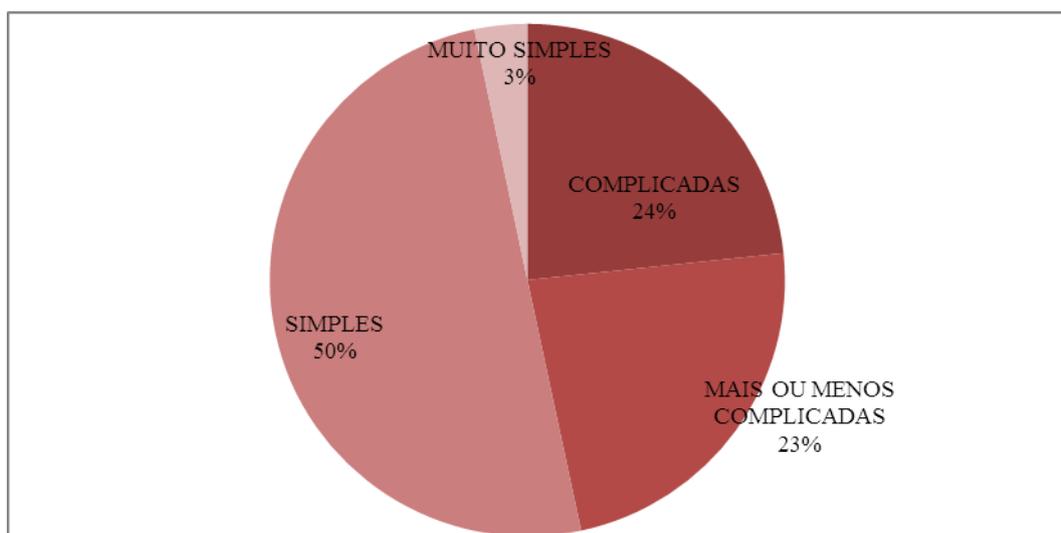


Gráfico 168. Avaliação dos artesãos em relação à Assistência Técnica - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Alguns indicadores relacionados à implantação ou implementação de políticas públicas foram conferidos nesta pesquisa, bem como os dados em relação ao próprio acesso às políticas, acesso ao crédito e à assistência técnica e como se encontra a atuação das instituições responsáveis pelo desenvolvimento rural.

Na avaliação dos artesãos, as regras para participar dos programas do governo ainda são complexas para quem precisa de investimentos em projetos com o babaçu, onde no gráfico 167 (cento e sessenta e sete) é possível verificar que 71% dos artesãos sentem

dificuldades para acessar os programas do governo. Nos relatos para a pesquisa, os artesãos ressaltaram que a falta de assistência técnica é uma das principais causas de paralização das atividades do projeto Arte Norte, onde nos resultados do gráfico 168 (cento e sessenta e oito) 50% do grupo informou que existem complicações no processo para receberem assistência técnica.

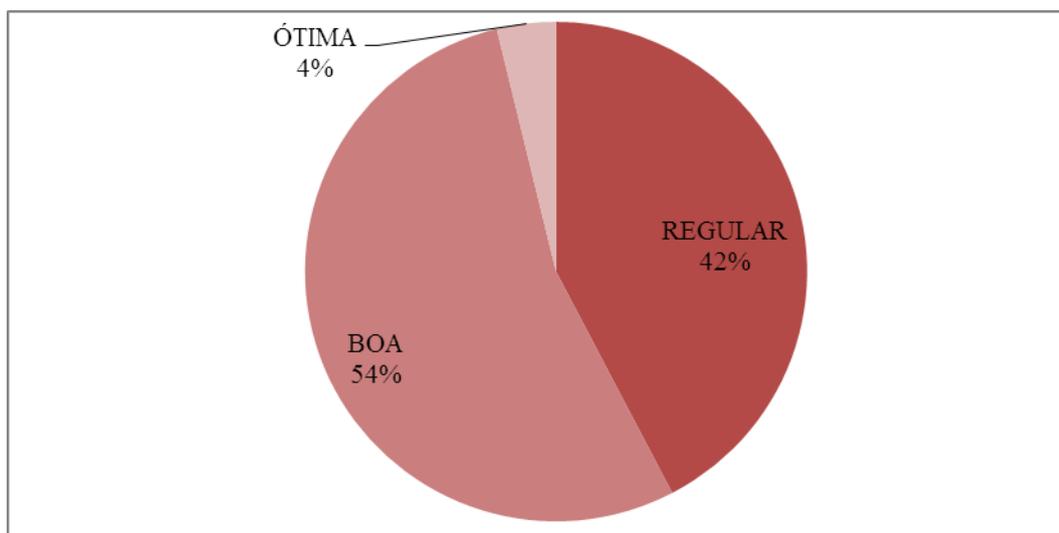


Gráfico 169. Avaliação dos artesãos em relação à atuação das instituições na região - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Na percepção de 58% dos artesãos, a atuação das instituições que favorecem o desenvolvimento rural é considerada boa ou mesmo ótima, contudo, nos depoimentos para a pesquisa, os demais artesãos informaram que estas instituições deveriam estar mais presentes nas comunidades, conhecendo as dificuldades que seus projetos enfrentam diariamente – conforme resultados do gráfico 169 (cento e sessenta e nove).

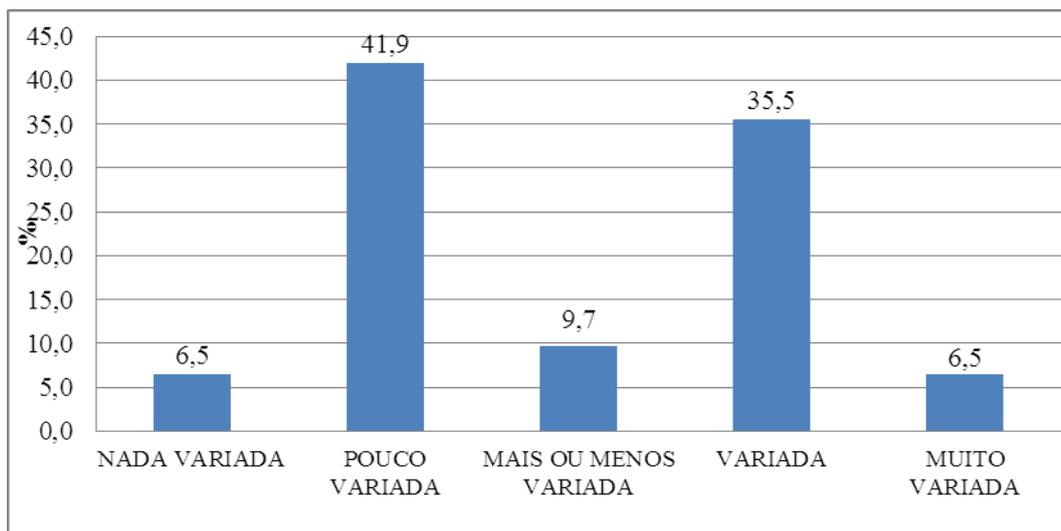
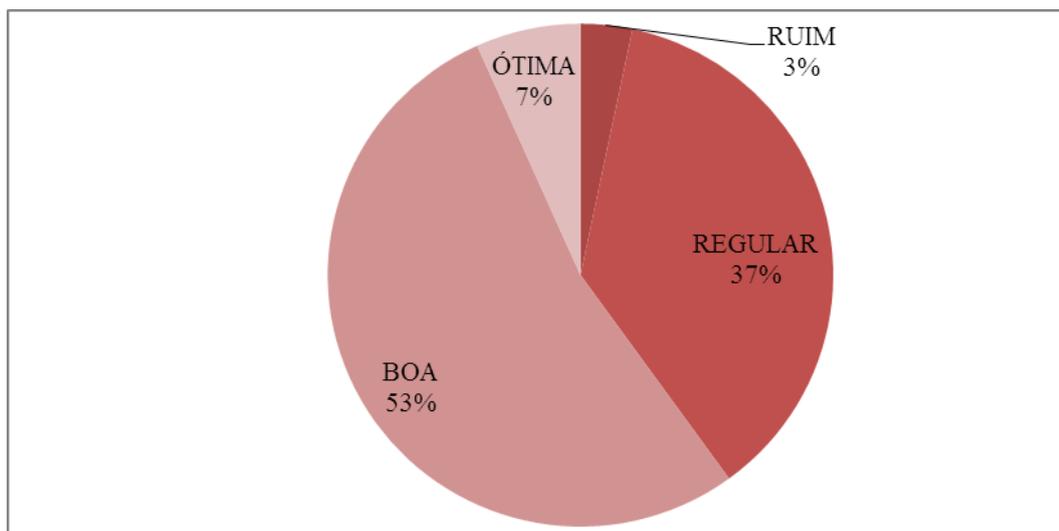


Gráfico 170. Avaliação dos pesquisados sobre as fontes da renda familiar - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

As fontes de renda dos artesãos do projeto Arte Norte foram consideradas pouco variadas por 41% do grupo, pois muitos são beneficiários de bolsas do governo ou aposentados, os demais desenvolvem atividades não agrícolas tais como trabalhos como diaristas, vigilantes ou vendem cosméticos – conforme gráfico 170 (cento e sessenta e sete).



171. Avaliação da quantidade de pessoas trabalhando com babaçu - Projeto Arte Norte Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Na percepção dos artesãos, a quantidade de pessoas da família trabalhando com o babaçu foi considerada boa ou mesmo ótima, pois 60% dos/das chefes de família estão satisfeitos com a contribuição que recebem dos filhos e parentes para confeccionar o artesanato – segundo resultados do gráfico 171 (cento e setenta e um).

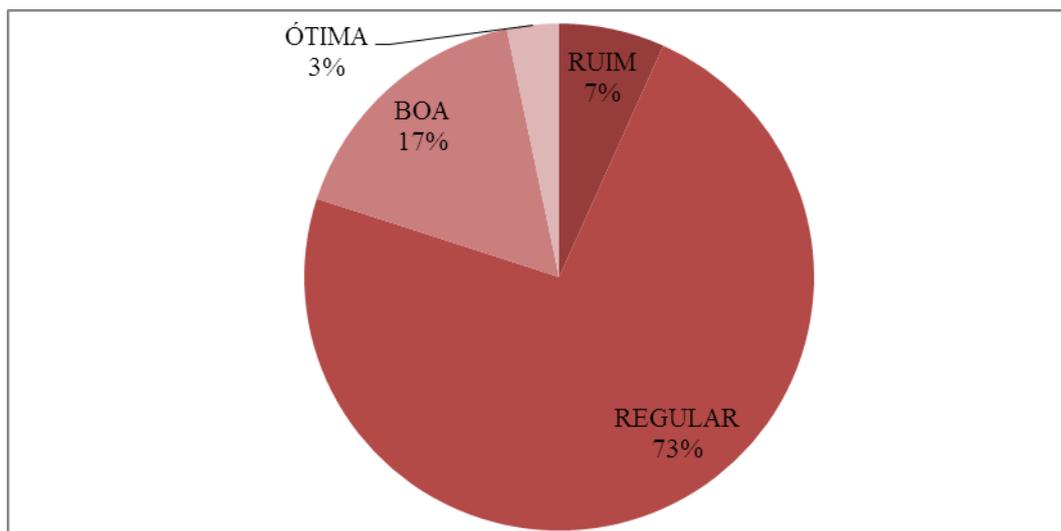


Gráfico 172. Avaliação artesãos em relação a sua renda - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto à renda familiar, o grau de satisfação de 80% do grupo não é bom, como pode ser verificada no gráfico 172 (cento e sessenta e nove), onde a percepção sobre a renda foi considerada regular e/ou ruim. Em entrevistas para pesquisa, algumas artesãs reclamaram do valor pago a elas pelas peças de artesanatos, e informaram que quando as peças chegam até o consumidor final os valores são bem mais altos.

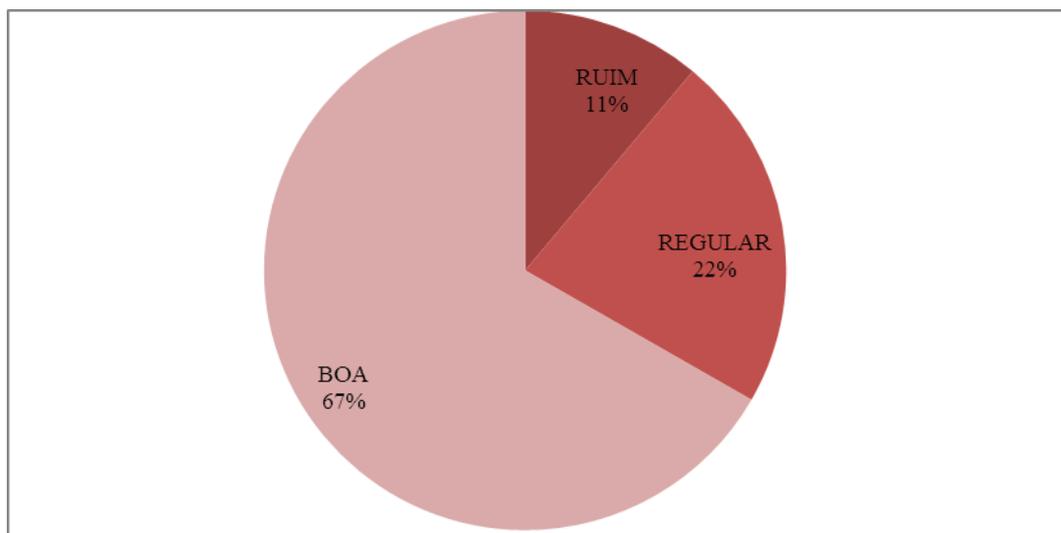


Gráfico 173. Avaliação dos entrevistados em relação às suas condições gerais de produção Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

As condições gerais de produção do grupo de artesãos foram averiguadas e para 67% foram consideradas como boa, mesmo diante de tantos obstáculos em relação à falta de recursos para investimentos em maquinários e em insumos para confecção das peças – conforme gráfico 173 (cento e setenta e três).

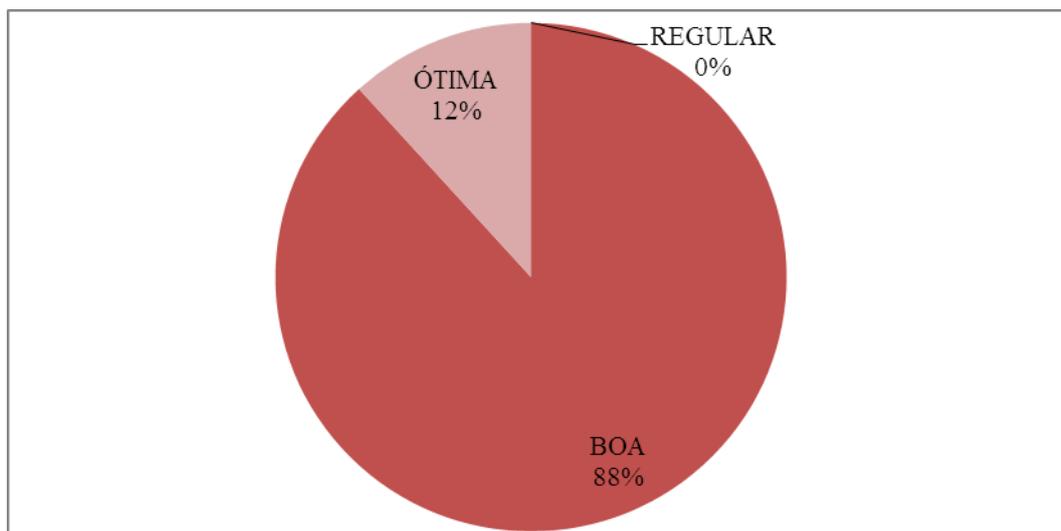


Gráfico 174. Avaliação do acesso aos babaçuais Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Os artesãos foram questionados quanto ao acesso aos babaçuais, onde na avaliação de 63% do grupo este acesso foi considerado bom, outros artesãos consideraram regulares ou ruins esse acesso, devido estarem localizados em municípios onde existe bastante degradação ambiental – como mostram os resultados no gráfico 174 (cento e setenta e quatro).

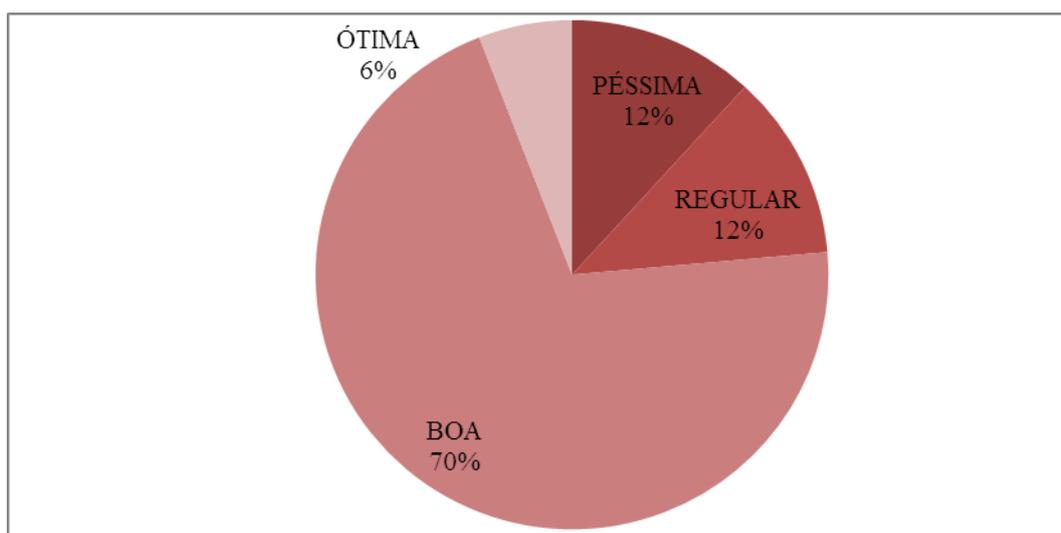


Gráfico 175. Avaliação das fontes de água por parte dos artesãos - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

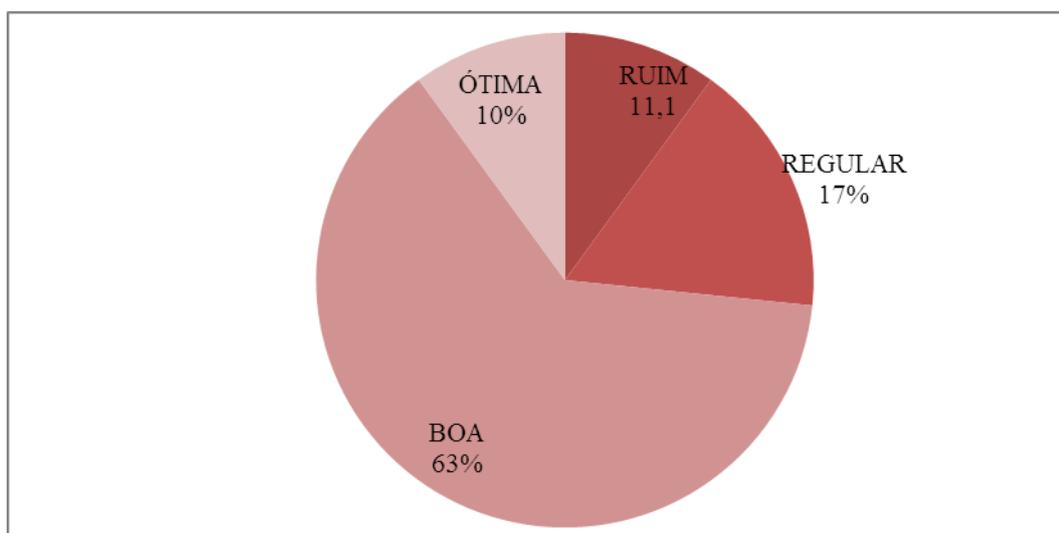


Gráfico 175. Avaliação da conservação da floresta por parte dos artesãos Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Na percepção de 76% dos artesãos, o uso e a conservação das fontes de águas da região foram considerados bons, onde ressaltaram que as queimadas que atingiam as matas ciliares diminuíram e assim protegem as nascentes dos rios e riachos – segundo resultados do gráfico 175 (cento e setenta e cinco). Em função da conservação ambiental praticada por muitos agricultores e extrativistas, entre outros, a conservação das florestas da região também foi considerada boa pelo grupo de artesãos – o que pode ser conferido no gráfico 176 (cento e setenta e seis).

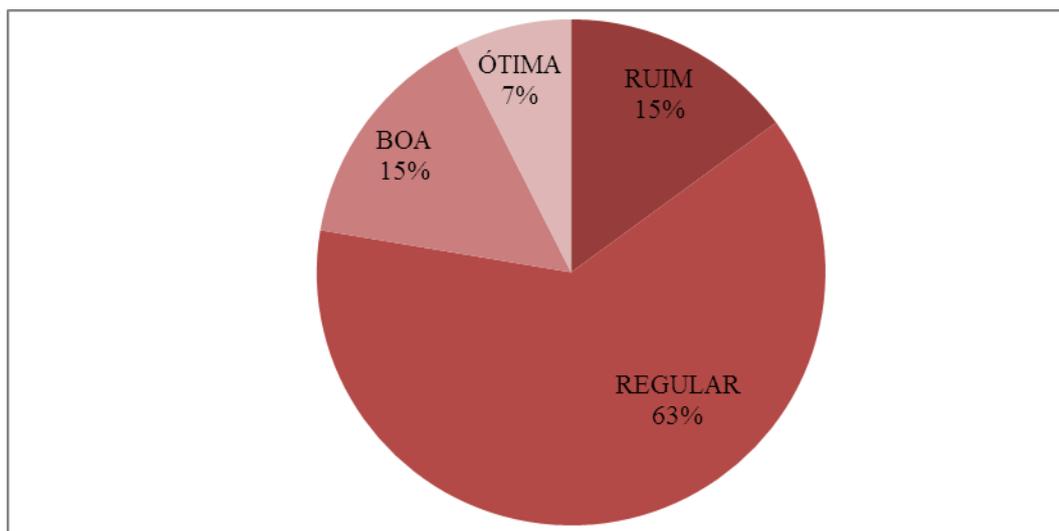


Gráfico 177. Avaliação dos extratores em relação às condições gerais de alimentação e nutrição - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Para verificar os efeitos do desenvolvimento das questões ligadas à alimentação, à nutrição e à percepção, foram aplicadas, aos artesãos do projeto Arte Norte, questões sobre as mudanças na situação econômica e ambiental.

Em relação às condições de alimentação e nutrição, 63% das famílias dos artesãos consideram regular e 15% consideram ruim, situação que é compreendida devido à renda familiar não ser suficiente para manter uma boa alimentação para a família – conforme resultados do gráfico 177 (cento e setenta e quatro).

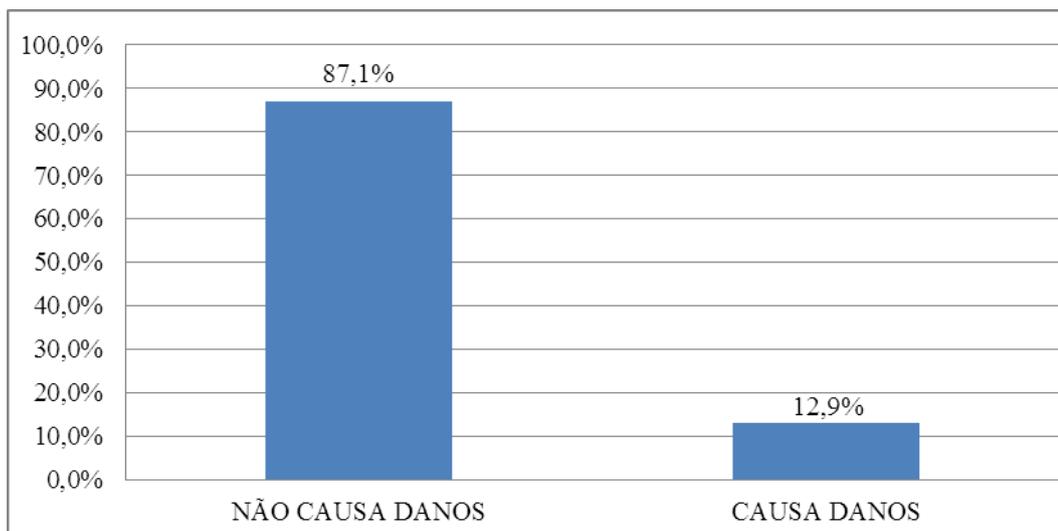


Gráfico 178. Avaliação dos artesãos sobre danos da atividade com o babaçu à saúde - Projeto Arte Norte Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

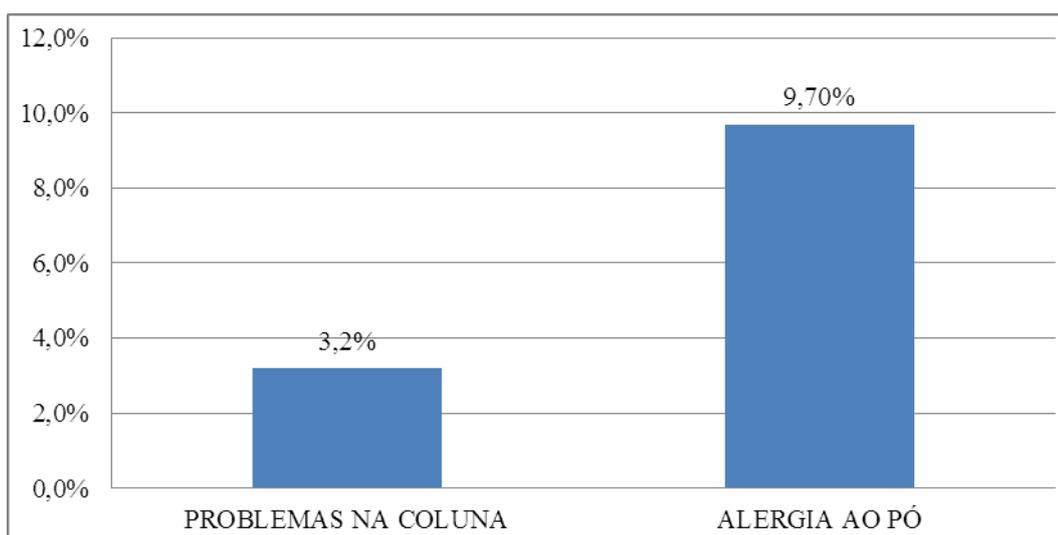


Gráfico 179. Principais problemas de saúde relacionados à atividade com o babaçu levantada pelos artesãos Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Os danos à saúde também foram questionados aos artesãos e 87% do grupo informou que a atividade com o babaçu não lhes causam nenhum dano – segundo resultados do gráfico 178 (cento e setenta e cinco), onde, na percepção de 61% dos artesãos, a saúde de suas famílias está numa boa condição (gráfico 179), entretanto, 12% do grupo informou ter problemas de saúde como dores na coluna e alergia ao pó da serragem do babaçu.

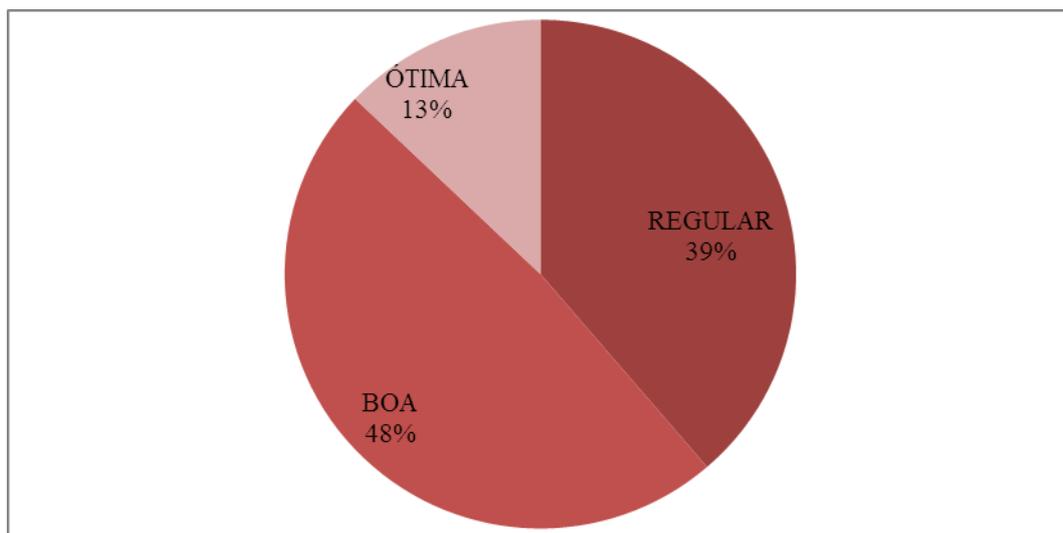


Gráfico 180. Avaliação dos artesãos sobre as condições gerais de saúde - Projeto Arte Norte Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Contudo, na avaliação dos artesãos, sobre as condições gerais de saúde, para 61% do grupo ela é considerada como boa ou mesmo ótima, mas ressaltam que o problema de doença mais frequente é a alergia, gerada pelo pó do mesocarpo quando o coco de babaçu é serrado – conforme gráfico 180 (cento e oitenta).

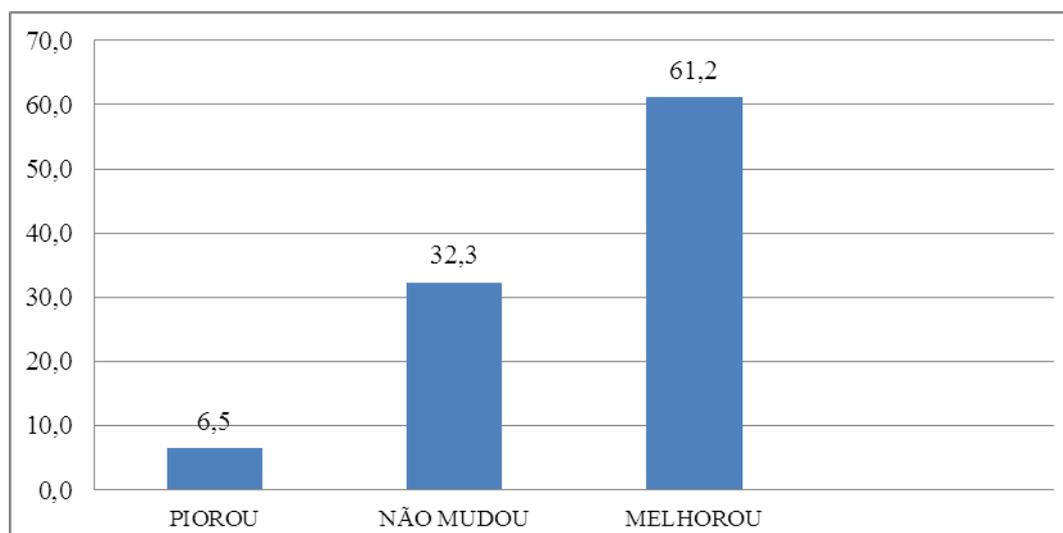


Gráfico 181. Percepção dos artesãos sobre a evolução de sua situação econômica nos últimos 5 anos - Projeto Arte - Norte Bico do Papagaio Tocantins - 2012

No gráfico 181 (cento e oitenta e um), a evolução na situação econômica dos artesãos foi investigada e, na percepção de 61% do grupo, ela melhorou, contudo, para 32% desses artesãos, nos últimos cinco anos, não houve mudanças na economia, não surgiu nenhum investimento para impulsionar as suas fontes de renda.

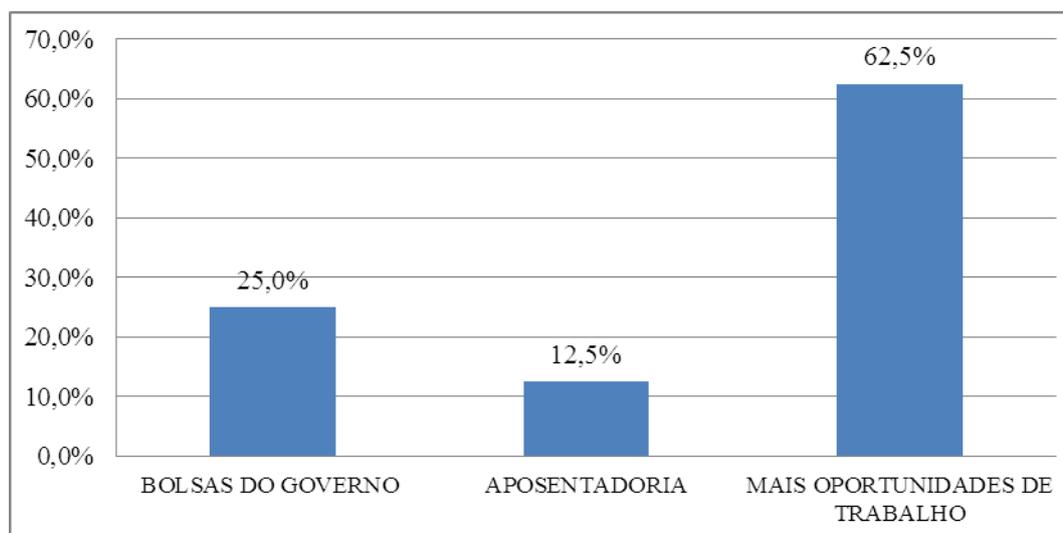


Gráfico 182. Percepção dos entrevistados dos motivos que levaram sua evolução econômica nos últimos 5 anos
Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio – Tocantins - 2012

Para os artesãos que consideraram as mudanças na economia local, 62% destes acreditam que a causa foi relativa às novas oportunidades de trabalho nos empreendimentos instalados na região (usinas hidroelétricas, indústria de celulose e papel etc.), onde as bolsas dos programas bolsa família e pioneiros mirins também são apontadas por 25% do grupo como o motivo na evolução econômica, seguido de 10% dos artesãos que atribuem às melhorias em função de suas aposentadorias – segundo resultados do gráfico 182 (cento e oitenta e dois).

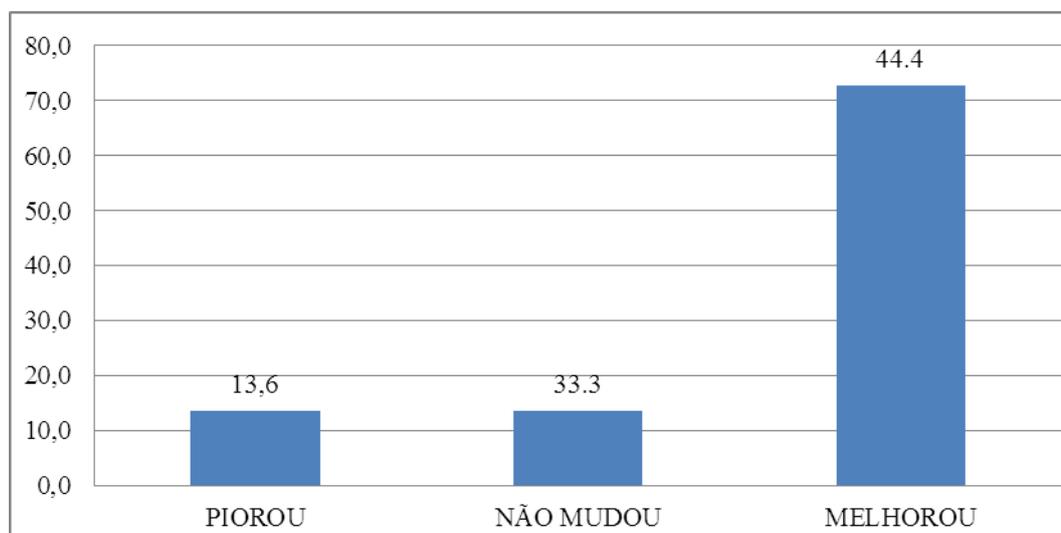


Gráfico 183. Percepção dos artesãos sobre a evolução da situação ambiental vivenciada nos últimos 5 anos - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto à situação ambiental da região, 44% dos artesãos informaram – conforme o gráfico 183 (cento e oitenta e três), que melhorou, pois o monitoramento dos órgãos ambientais contribui para diminuição de queimadas, desmatamentos, como, também, controla o uso inadequado de agrotóxicos nas plantações. Porém, 46% dos artesãos, que vivem em áreas de difícil acesso, onde as ações dos órgãos ambientais são menos frequentes, informaram que a situação ambiental não mudou e em alguns casos chegou a piorar.

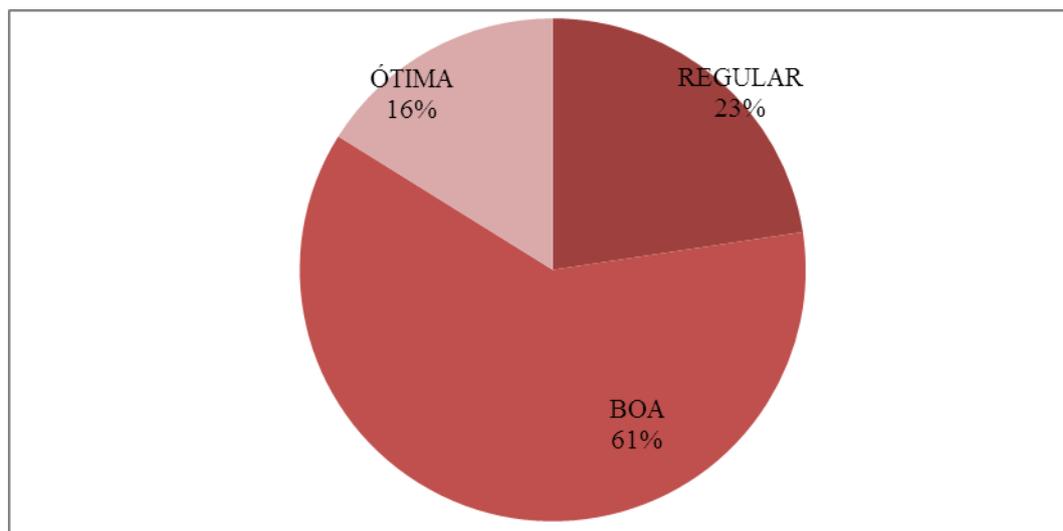


Gráfico 184. Avaliação dos artesãos sobre sua participação em organizações associativas e comunitárias
Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Para mensurar o capital social do grupo de artesãos do projeto Arte Norte, algumas questões relacionadas à participação social, política e cultural foram investigadas.

No gráfico 184 (cento e oitenta e quatro), a participação em organizações associativas na percepção de 77% dos artesãos é considerada como boa ou ótima, o grupo ressaltou que é devido à própria organização do projeto Arte Norte – que é formado por associações municipais e estas, em conjunto, formam a Coopbabaçu, que funciona como um veículo de agregação das associações e também de comercialização dos produtos, motivando o artesão a participar das atividades da associação a qual está filiado.

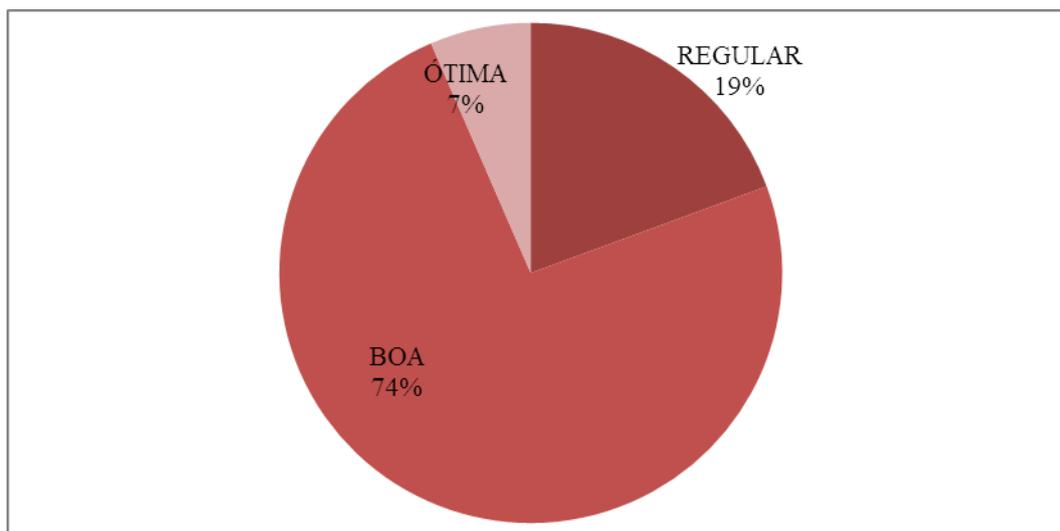


Gráfico 185. Avaliação dos artesãos sobre sua participação política - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

Nos relatos para a pesquisa, o grupo de artesãos apontou que a participação política é essencial para as modificações sociais e também para implementação de políticas públicas voltadas para o fortalecimento de iniciativas locais como o projeto Arte Norte, onde, diante dessa afirmação, na percepção de 82% do grupo a participação política está boa e/ou ótima – segundo resultados no gráfico 185 (cento e oitenta e cinco).

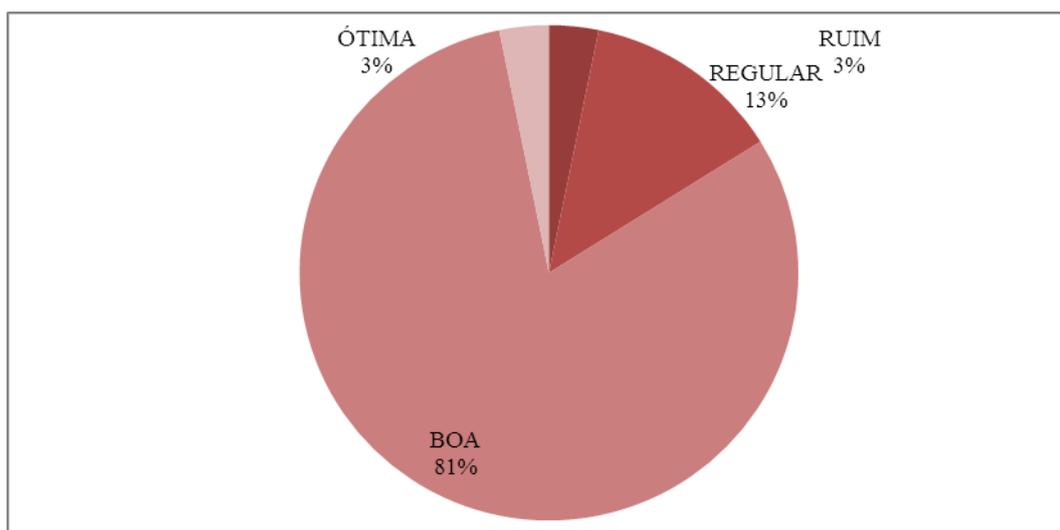


Gráfico 186. Avaliação dos artesãos sobre sua participação em atividades culturais - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio Tocantins - 2012

A participação nas atividades culturais da região é outro indicador de capital social e, na percepção de 84% dos artesãos, ela é considerada boa, pois o trabalho com o artesanato do

babaçu também é visto pelo grupo como uma prática cultural, conforme os relatos para a pesquisa – como podem ser visto no gráfico 186 (cento e oitenta e seis).

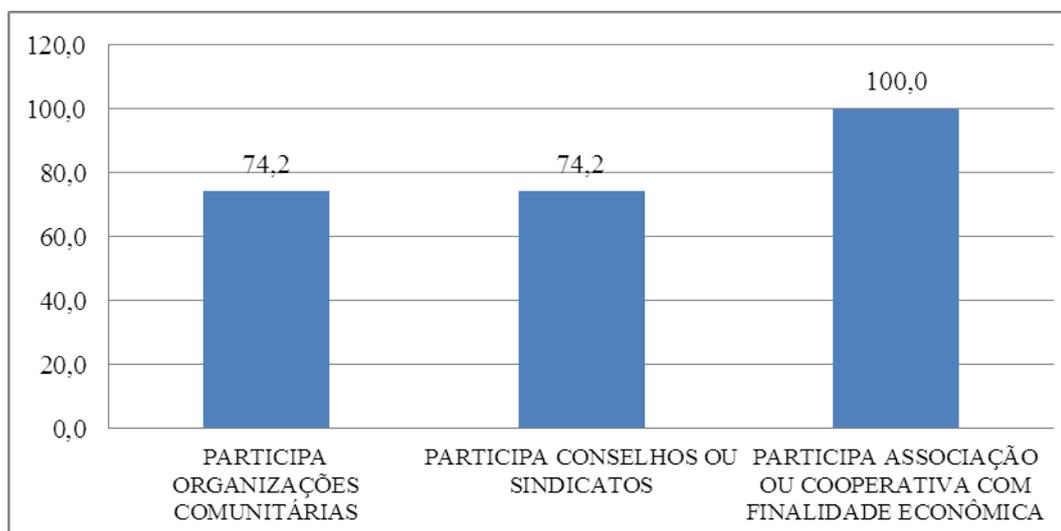


Gráfico 187. Indicadores de capital social – Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Em relação aos indicadores de capital social, o grupo de artesãos revelou na pesquisa que: 74% participam de organizações associativas, conselhos e sindicatos e 100% participam de associações e/ou cooperativas. Neste sentido, o projeto Arte Norte apresenta um nível médio alto de capital social, sendo o índice mais elevado dos arranjos produtivos trabalhados nesta pesquisa – segundo resultados do gráfico 187 (cento e oitenta e sete).

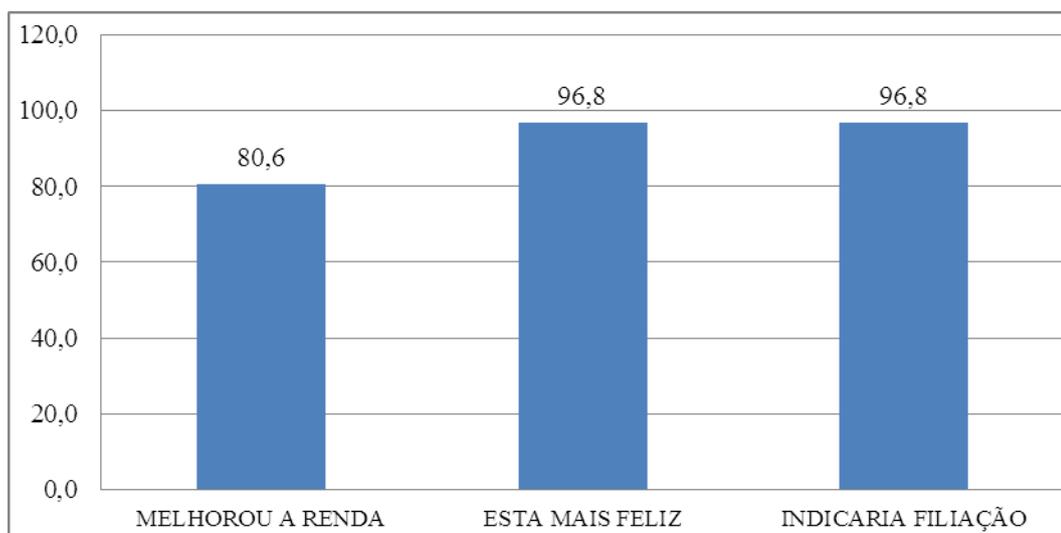


Gráfico 188. Percepção dos artesãos sobre aspectos de sua participação comunitária - Projeto Arte Norte - Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Quanto à participação comunitária, os resultados do gráfico 188 (cento e oitenta e oito) revelaram que 80% dos artesãos melhorou a renda, 96% estão mais felizes e indicariam para os amigos a filiação na Coopbabaçu.

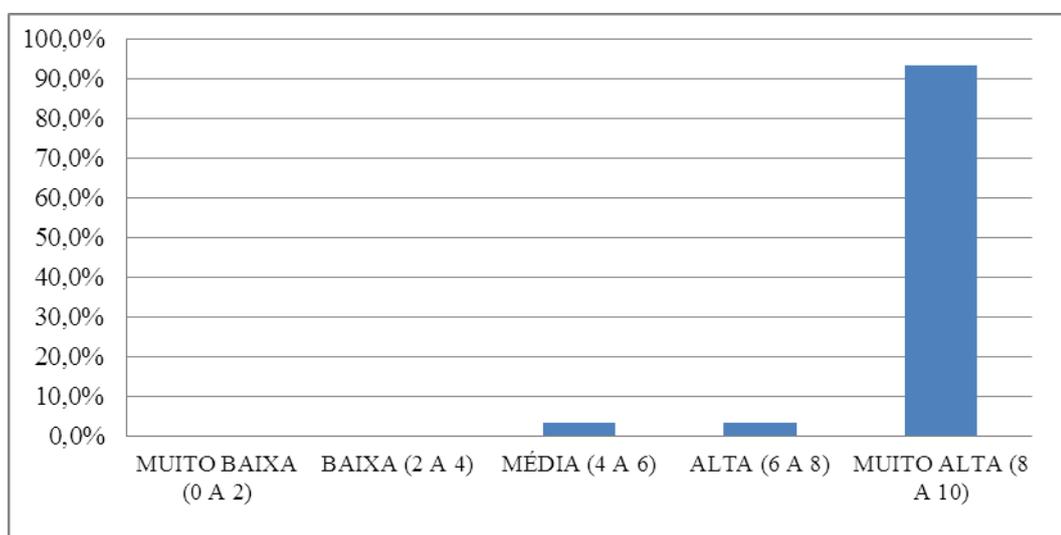


Gráfico 189. Motivação dos extratores em continuar filiado em organizações associativas e comunitárias Projeto Arte Norte Bico do Papagaio - Tocantins - 2012

Em relação ao desejo de continuar filiado nas associações e cooperativas, 97% do grupo revelou está motivado para permanecer nas suas organizações – segundo resultados do gráfico 189 (cento e oitenta e nove). Nas entrevistas para a pesquisa, o grupo de artesãos do projeto Arte Norte sempre transmitiu bastante entusiasmo e motivação com o trabalho do artesanato

de babaçu, pois trata-se de um resgate cultural que tem contribuído para autoestima, motivação e interação das pessoas.

4.5 Comparação da qualidade de vida das experiências de trabalho com o coco babaçu

Os resultados da pesquisa para mensurar o ICV dos grupos de extrativistas e das artesãs podem ser visualizados no quadro a seguir:

Tabela 05. Resultados do ICV extrativistas e artesãs do Bico do Papagaio/TO

INSTÂNCIAS	SETE BARRACAS	TOBASA CATADOR	TOBASA QUEBRADEIRA	PROJETO ARTE NORTE
Fatores que favorecem o desenvolvimento	2,20	2,62	2,50	2,63
Políticas Públicas	1,78	1,96	1,81	1,89
Características do desenvolvimento	3,51	3,47	3,34	3,59
Ambiental	3,60	3,58	3,45	3,90
Efeitos do desenvolvimento	3,61	3,57	3,45	3,74
Capital Social	3,61	2,89	2,93	3,83
ICV – Total	2,73	2,77	2,70	2,99

Fonte: Pesquisa de campo.

Na tabela acima consta o resultado geral da pesquisa sobre o índice de condições de vida das comunidades envolvidas na atividade com o babaçu, localizadas na região do Bico do Papagaio/TO.

Segundo resultados da pesquisa, as instâncias: i) características do desenvolvimento, ii) ambiental e iii) efeitos do desenvolvimento, quando mensuradas todos os indicadores, apresentam um resultado de ICV com nível “médio”. Contudo, quando averiguados em separado, nos indicadores renda familiar e condições de alimentação a percepção da maior

parcela dos envolvidos não é satisfatória, apenas o indicador que trata do uso e conservação dos recursos naturais se mantém num nível satisfatório para as referidas comunidades.

Diante do contexto, faz-se necessário mensurar os indicadores separadamente, para se aproximar da realidade dos extratores e artesãos, pois o resultado geral da instância não revela com clareza a atual situação dos envolvidos nos arranjos produtivos do babaçu e isto interfere na implementação de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento das comunidades.

Na percepção dos envolvidos na atividade com o babaçu, a instância políticas públicas apresentou o nível de ICV “baixo”, o menor nível atribuído, realidade que foi confirmada através dos resultados negativos dos indicadores sobre acesso aos programas do governo, acesso a crédito e a presença de instituições responsáveis pelo desenvolvimento rural.

O projeto Arte Norte revelou-se nesta pesquisa dispor dos maiores níveis de ICV apenas nas instâncias, cujos fatores do desenvolvimento e políticas públicas denotam que o nível foi médio baixo, onde nas demais os níveis de ICV foram “médio alto”. Diante do resultado do ICV dos artesãos, conclui-se que a forma mais adequada para alcançar bons resultados (econômicos, sociais e ambientais) com a atividade, como o babaçu, é o modelo de estruturação e organização associativa, adotado pelo projeto Arte Norte, que dispõe de melhores condições de vida para os arranjos produtivos (Tobasa catador, Tobasa quebradeira e Comunidade Sete Barracas).

A seguir as ilustrações gráficas e representativas do ICV dos extrativistas/artesãos que trabalham com o coco de babaçu no território rural do Bico do Papagaio/TO. Resultado do ICV geral dos arranjos:

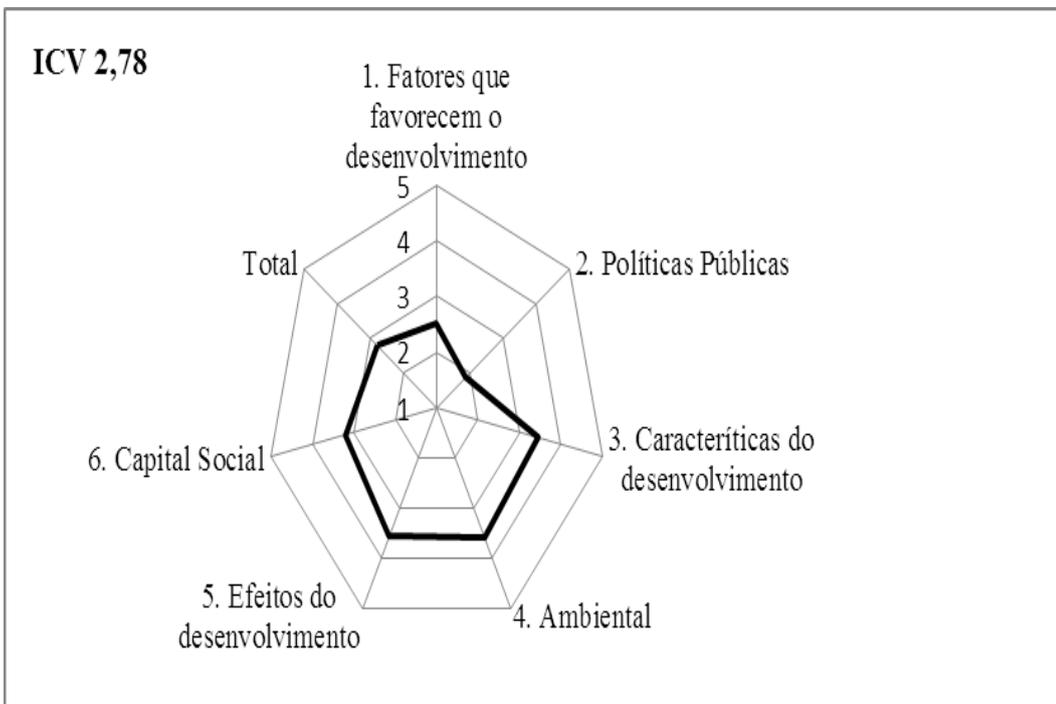


Gráfico 190 – Média das Dimensões do ICV – Tobasa quebradeira; Tobasa catador; Comunidade Sete Barracas e Projeto Arte Norte

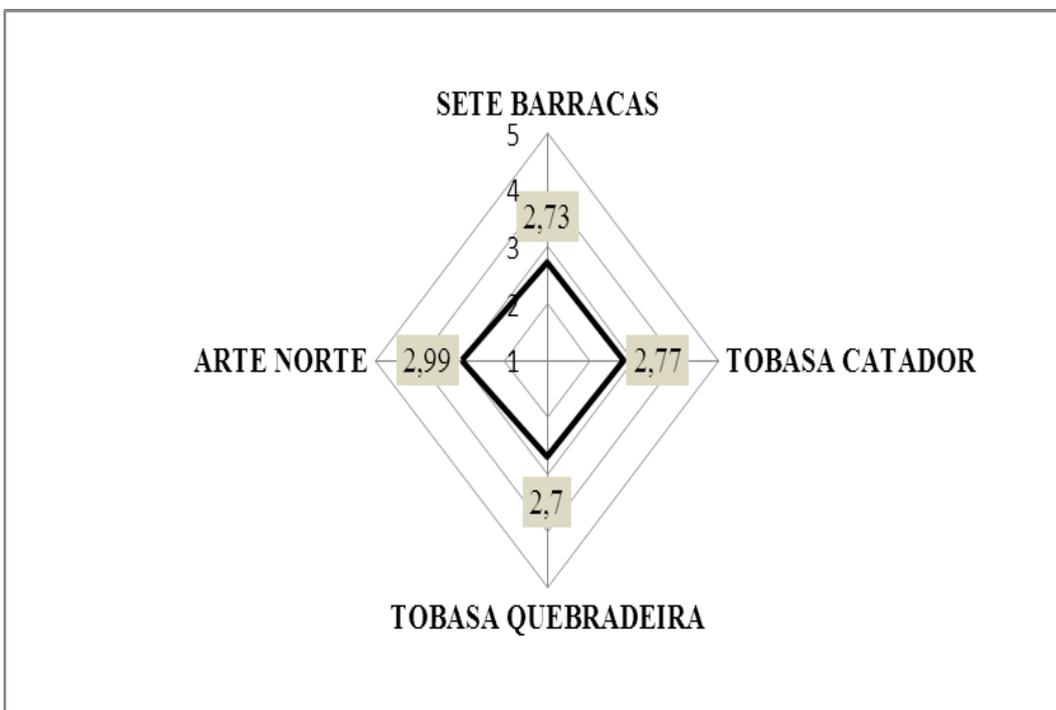


Gráfico 191 - ICV dos Arranjos Produtivos - Tobasa quebradeira; Tobasa catador; Comunidade Sete Barracas e Projeto Arte Norte

Os resultados obtidos com aplicação dos questionários de ICV mostram um índice de condições de vida, “médio baixo”, das comunidades envolvidas com o extrativismo do babaçu. Conforme dados do Relatório Analítico da Célula de Acompanhamento e Informação/CAI – Zona Sul do Estado do Rio Grande do Sul/2012⁸, o território Zona Sul/RS, tem ICV “médio”, desta forma é possível comparar os índices de condições de vida nos dois territórios e admitir que os extrativistas de babaçu da região do Bico do Papagaio apresentaram um nível de ICV aproximado ao do território rural da Zona Sul/RS, mesmo em regiões tão distintas no mesmo País.

No território Bico do Papagaio, o Projeto Arte Norte, coordenado pelo Sebrae/TO, destacou-se pelo maior ICV alcançado, pois as artesãs envolvidas revelaram na pesquisa a sua satisfação ao confeccionarem as peças de artesanato, onde consideram os encontros nas suas associações como uma terapia em grupo, um espaço no qual trabalham e se relacionam com as companheiras, aprendem por meio dos cursos de capacitação oferecidos pelo Sebrae e ainda participam de eventos e exposições propagando o artesanato de babaçu pelo Brasil.

Esse retorno está relacionado ao campo subjetivo e não propriamente financeiro o que segundo Sen (2009, p.95) “[...] reflete as várias coisas que uma pessoa pode considerar valioso fazer ou ter”. E, combinado à capacidade, “[...] liberdade substantiva de realizar combinações alternativas de funcionamentos (ou, menos formalmente expresso), a liberdade para ter estilos de vida diversos”.

⁸ Fonte: Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário/MDA. Disponível em < <http://sit.mda.gov.br/download/ra/ra104.pdf> > . Acesso em: 30 de out. 2012.

A seguir, serão apresentadas as figuras representativas do ICV de cada arranjo conforme as instâncias, iniciando pelo Assentamento Sete Barracas:

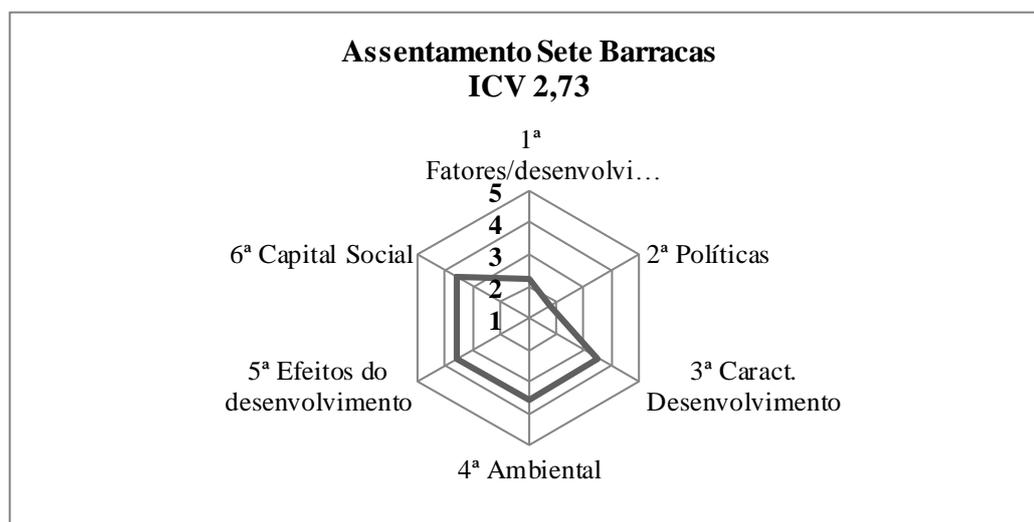


Gráfico 192. ICV da Comunidade de Sete Barracas – São Miguel/TO

A pesquisa mostrou também um nível de ICV médio baixo (2,73 média das instâncias) para a comunidade Sete Barracas, entretanto, a instância “Efeitos do desenvolvimento” destacou-se por apontar em alguns dos seus indicadores um ICV médio, onde estes relacionam questões como: condições alimentares da família; condições de saúde da família; quantidade de membros da família que foram embora; situação econômica da família; e situação ambiental de onde vivem e trabalham.

Os efeitos do desenvolvimento⁹, “[...] São os resultados dos fatores e das características. O que essas duas dimensões aglutinadas podem trazer de desenvolvimento para os atores e o território [...] se essas ações trazem maior qualidade de vida; maior acesso aos mercados [...]”. Portanto, na percepção dos homens e mulheres extrativistas e quebradeiras de coco de babaçu de Sete Barracas, é possível vislumbrar esses efeitos do desenvolvimento e demonstrar boas expectativas para alcançar os mercados para seus produtos, garantindo trabalho e renda, e assim elevar a qualidade de vida de suas famílias.

⁹ Fonte: SCHENEIDER, et al. **Relatório Analítico da Célula de Acompanhamento e Informação – CAI – Zona Sul do estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: edital MDA/SDT/CNPq – Gestão dos Territórios Rurais. 2012. Nº 05/2009.

A instância, “Capital Social” atingiu também um nível médio de ICV, o que demonstrou o desejo das pessoas desta Comunidade em manter a sua participação política, social e cultural, pois em Sete Barracas, todos os assentados participam de mais de uma organização social ou grupo de expressão cultural. Para Bourdieu (1990, p.199), “[...] o volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado”.

O resultado de ICV médio, para a instância capital social, representa bem o quanto o volume de capital social da comunidade contribui para os efeitos positivos do desenvolvimento comunitário, mesmo com o projeto micro-usina de babaçu parado e sem definição precisa quanto ao retorno das operações, onde os líderes comunitários de Sete Barracas mobilizam a comunidade, buscam apoio junto à Conab, à Associação de Apicultores e à Prefeitura municipal de São Miguel para implementar os projetos de compra direta, casas do mel e participação na feira de produtores rurais.

Abaixo, visualiza-se a representação do ICV das comunidades rurais localizadas nos municípios de Ananás, Nazaré e Luzinópolis/TO, onde atuam os catadores de coco de babaçu que comercializam com a indústria Tobasa:

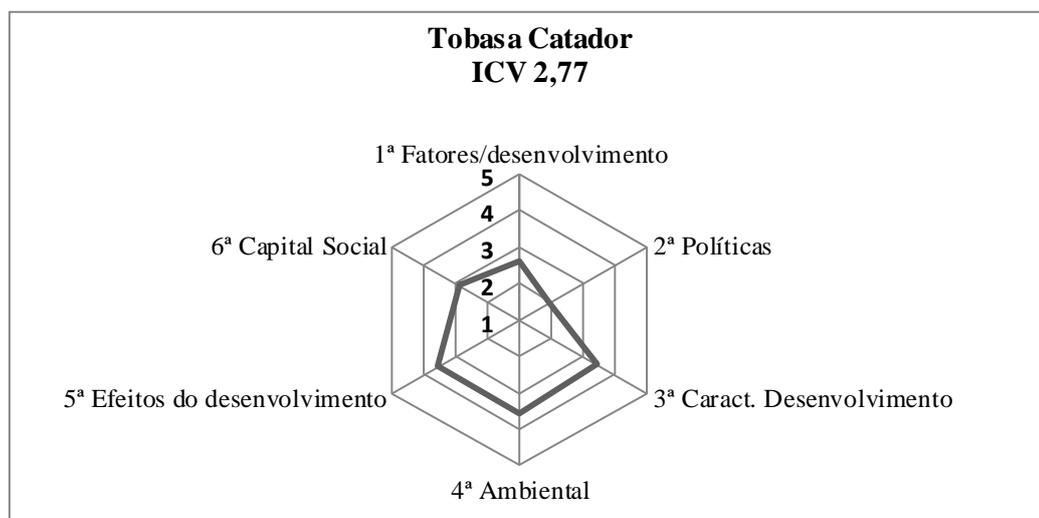


Gráfico 193. ICV - Catadores de coco de babaçu que vendem para a Tobasa - Bico do Papagaio/TO

O grupo de catadores de coco de babaçu, que comercializam com a indústria Tobasa, apresentaram o resultado de ICV médio baixo (2,77 média das instâncias), onde a instância “Ambiental” destacou-se por apontar um ICV médio (3,58 média/instância). Nesta instância são mensurados os indicadores relacionados ao uso e à preservação dos recursos naturais: água, solo e vegetação nativa, desse modo o resultado da pesquisa revela que a atividade com a cata do coco de babaçu contribui de forma significativa com a conservação dos cocais da região. Pois na percepção dos catadores, os cocos devem ser recolhidos do chão e a palmeira de babaçu protegida, para que a mesma produza por muitos anos, garantindo a atividade da cata do coco, ademais esse procedimento evita erosão, protege o solo e a vegetação que ficam sob a palmeira, além de qualquer outra cultura plantada nesse local.

Aliada à instância ambiental, a instância “Efeitos do desenvolvimento” indicou um ICV médio (3,57/instância), onde os entrevistados responderam questões ligadas aos indicadores: estar bem alimentado/nutrido, ter boa saúde, percepção sobre a situação econômica da família e percepção sobre a situação ambiental. Dentre as atividades com o babaçu, na região do Bico do Papagaio, a cata do coco é a mais rentável e promove a conservação dos babaçuais; essa foi a compreensão do grupo de catadores ao considerar que esta atividade, nos indicadores citados, proporciona um índice de condições de vida médio.

Na mesma ordem, a instância “Características do desenvolvimento” mostra um ICV também classificado como médio (3,47 média/instância), que abrange os indicadores

relacionados à renda familiar, produtividade do trabalho e da terra, diversificação da produção agrícola e pluriatividade.

A atividade com a cata do coco proporciona essa diversificação na produção e na renda familiar, devido ao período de entressafra do babaçu, onde nesses intervalos os catadores trabalham como safristas ou desenvolvem outras atividades agroextrativistas, como o cultivo de hortaliças e a coleta de frutos regionais (buriti, bacuri, bacaba e pequi) para vendê-los processados como doce artesanal ou *in natura* nas feiras de produção agrícola da região.

É com esse entendimento sobre as características do desenvolvimento que o catador de coco pontua, em nível médio, os indicadores que mensuram a sua renda familiar e produtividade.

Na sequência, a representação relativa ao ICV do grupo de quebradeiras coco de babaçu, das comunidades rurais dos municípios de Buriti e Carrasco Bonito/TO.

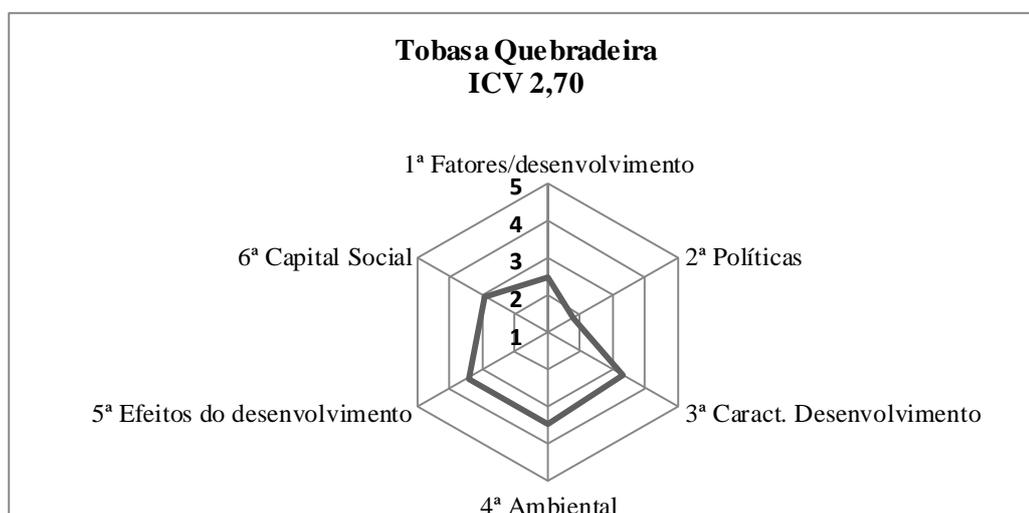


Gráfico 194. ICV - Quebradeiras de coco de babaçu que vendem para Tobasa - Bico do Papagaio/TO

O ICV do grupo de quebradeiras coco de babaçu expôs um nível médio baixo (2,70 média/instância).

Entretanto, ao analisar as instâncias individualmente, a “Ambiental” indicou ICV (3,45/instância) classificado como médio - para estas quebradeiras essa dimensão tem alta relevância nas suas atividades, pois a utilização e a conservação da água, do solo e da

vegetação nativa é percebida como condição primordial para a conservação dos babaçuais, que promovem uma atividade secular como a quebra do coco de babaçu, e, do mesmo modo, o bom desempenho ambiental das comunidades locais.

Na história de luta das quebradeiras de coco, a sustentabilidade ambiental sempre foi prioridade, onde o empenho para a criação da Lei do Babaçu Livre (Lei nº 1.959, de agosto de 2008), é uma demonstração do compromisso e da defesa da biodiversidade da região.

O nível médio de ICV (3,45/instância) na instância “Efeitos do desenvolvimento” é compreendido como um compromisso que as quebradeiras de coco têm com sua atividade e com a qualidade de vida de seus filhos, apesar de a comercialização da amêndoa do babaçu oferecer um retorno financeiro bem menor do que a comercialização do coco inteiro praticada pelos catadores.

Todavia, as quebradeiras priorizam a alimentação suficiente para sua família, os cuidados com a saúde e procuram melhorias em termos econômicos, além de se engajarem nas mudanças relacionadas ao meio ambiente.

A matéria prima utilizada pela indústria Tobasa vem das atividades extrativistas, da cata e da quebra do coco de babaçu, desse modo estes dois grupos foram incluídos na pesquisa, conforme o quadro a seguir:

Tabela 6. Comparativo - Tobasa catador e Tobasa quebradeira

Instância	Tobasa Catador	ICV	Tobasa Quebradeira	ICV
Características do desenvolvimento	3,47	Médio	3,34	Médio
Ambiental	3,58	Médio	3,45	Médio
Capital social	2,89	Médio baixo	2,93	Médio baixo

Fonte: Pesquisa de campo

Os indicadores sobre renda familiar, produtividade do trabalho, produtividade da terra, diversificação na produção agrícola e diversificação nas fontes de renda familiar compõem a instância “Características do desenvolvimento”, que alcançou ICV médio, destacando-se positivamente conforme a percepção da categoria dos catadores e das quebradeiras de coco de babaçu, que comercializam com a indústria Tobasa.

Para estes atores, a forma como os elementos de desenvolvimento são usados é razoavelmente satisfatória, a atividade com o babaçu se adapta a outras atividades, como o plantio de hortaliças, o extrativismo de frutos regionais, ou trabalho como safrista; isto favorece a diversificação na renda familiar, onde outra fonte de renda (ou complemento de renda) bastante encontrada nessas categorias são os programas de transferência de renda, como “bolsa família” do governo federal e “pioneiros mirins” do governo estadual do Tocantins.

A instância “Ambiental” atingiu ICV médio, onde da mesma maneira as duas categorias consideraram razoável a forma como os recursos naturais da região, principalmente os babaçuais, estão sendo conservados pelas comunidades. Pois a conservação ambiental também é fator que acrescenta nos elementos do desenvolvimento, podendo causar um impacto positivo ou negativo.

Por fim, a instância “Capital social” confirma o ICV médio baixo, na percepção das quebradeiras e dos catadores de coco de babaçu, onde, entre os catadores, a ausência de capital social ainda é mais acentuada.

Na zona rural de Buriti, a maior parte dos catadores entrevistada informou que até o momento nunca sentiram interesse em procurar uma associação para se filiar, não tem interesse em participar ou não sobra tempo; os demais catadores disseram que até o momento não surgiu ninguém que explicasse como funciona uma associação, por esse motivo perderam o interesse em ser filiados em grupos sociais, políticos e culturais.

Portanto, comparando os resultados de ICV das quebradeiras e dos catadores de coco de babaçu, observa-se que a percepção dos dois grupos em relação às instâncias é praticamente a mesma, onde a forma de entender as condições que se encontram e quais perspectivas têm em relação ao futuro é a mesma, onde uma hipótese seria a questão cultural, cujo trabalho com o babaçu promove a possibilidade de estar próximo à família, aos filhos pequenos, aos parentes idosos que necessitam de maiores cuidados.

A representação do ICV das artesãs do Projeto Arte Norte pode ser observada abaixo, onde o grupo de mulheres desenvolve suas atividades através de associações nos municípios, Aguiarnópolis, Tocantinópolis, Nazaré e Araguatins/TO, que juntas formam a COOPBABAÇU.

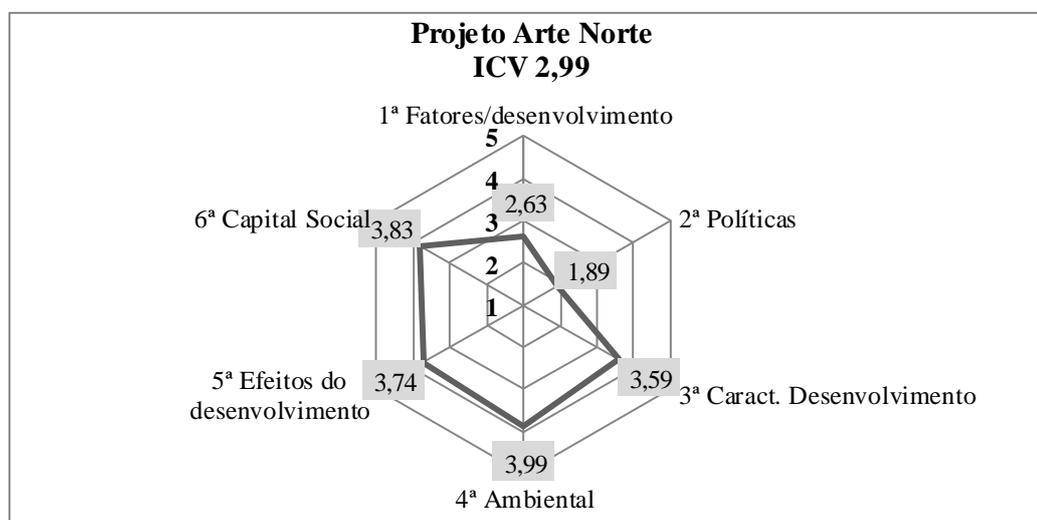


Gráfico 195. ICV – Artesãs do Projeto Arte Norte

Quanto ao grupo de artesãs do Projeto Arte Norte (coordenado pelo Sebrae/TO), o resultado da pesquisa mostrou um ICV médio baixo (2,99/instância), porém com uma classificação geral das instâncias acima da média dos outros grupos de entrevistados (Comunidade Sete Barracas, Tobasa Catador e Tobasa Quebradeira).

Os indicadores que contemplam instância “Ambiental” apresentaram um ICV médio (3,99/instância), destacando-se, por ser o mais alto índice da pesquisa; neste sentido, a referida instância compreende que, “[...] a forma como os elementos do desenvolvimento são usados e conservados [...] como se dá a conservação do solo, qual é a produtividade da terra [...]” (SCHENEIDER, 2009), onde a percepção das artesãs sobre a questão ambiental na região é satisfatória, conseguem vislumbrar um comprometimento das suas comunidades com a conservação dos rios, florestas e solo, lembrando que o Projeto também se utiliza da matéria prima babaçu para processar e confeccionar as biojóias e peças decorativas.

O Projeto Arte Norte tem como objetivo, “[...] Consolidar a atividade artesanal como a principal fonte de renda dos artesãos participantes do projeto, através do resgate e da preservação da identidade cultural [...]”, onde, tal objetivo, reflete na participação social, política e cultural das artesãs, que na instância “Capital Social” alcançou também um ICV médio (3,83/instância). Desse modo, o grupo de artesãs em princípio busca espaço nas “[...] liberdades substantivas – as capacidades – de escolher uma vida que tem razão para valorizar”. (SEN, 2009, p.94)

O ICV da instância “Efeitos do desenvolvimento” aparece nessa pesquisa com nível médio (3,74/instância), compondo com as instâncias ambiental e capital social, onde isto reforça a percepção do grupo de artesãs, pois: “[...] Somados às mãos talentosas das quebradeiras de coco e artesãos há a esperança de dias melhores, qualidade de vida e, sobretudo, dignidade. Essa combinação propicia, a cada colheita do coco babaçu, o surgimento de novos produtos dando vida ao que outrora era apenas sonho”. (SEBRAE/TO, 2008)

O referido grupo tem uma percepção satisfatória sobre os indicadores que tratam das questões como estar bem alimentado/nutrido, ter boa saúde, compreensão sobre a situação econômica da família e sobre a situação ambiental.

A instância “Ambiental” pode ser verificada na representação abaixo, como dimensão que atingiu maior grau na percepção dos envolvidos na pesquisa:

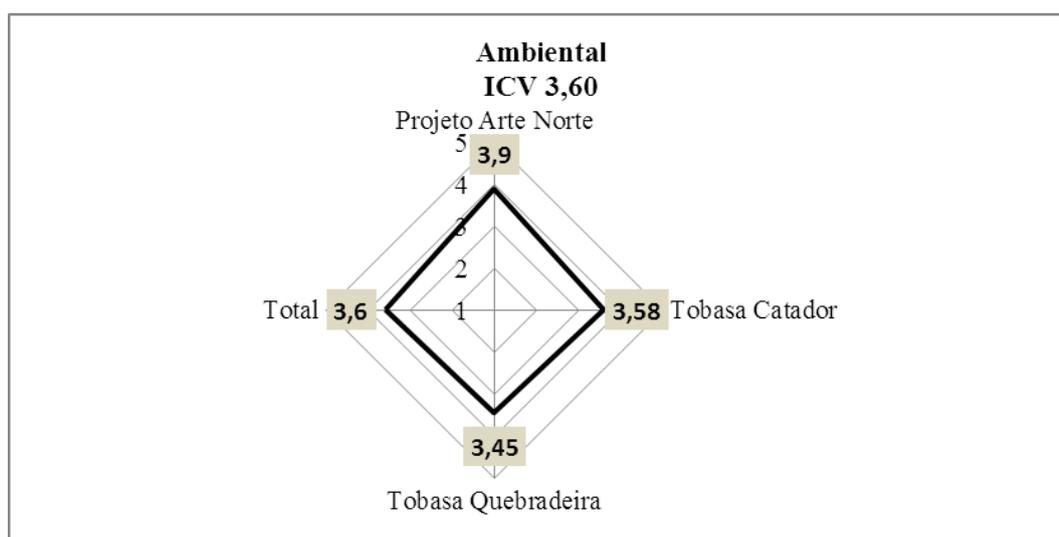


Gráfico 196. ICV instância Ambiental - Tobasa quebradeira; Tobasa catador; Comunidade Sete Barracas e Projeto Arte Norte

O destaque foi para a instância “Ambiental” que alcançou ICV médio nos grupos: Projeto Arte Norte, Tobasa catador e Tobasa quebradeira. Observou-se que os componentes de cada arranjo consideram que o uso e a preservação do solo, da água e da vegetação nativa na região do Bico do Papagaio/TO estão num bom estado de conservação, ou seja, a forma como estão sendo conservados os recursos naturais está satisfatória.

Diante do exposto, compreende-se que o índice de condições de vida dos envolvidos nos arranjos produtivos do babaçu, na região do Bico do Papagaio, tem níveis semelhantes, desse modo fez-se necessário, nesta pesquisa, comparar alguns indicadores chave (renda, escolaridade, situação ambiental e presença de capital social) conforme suas respectivas dimensões, com o objetivo de identificar em qual situação os extratores e os artesãos se destacam.

Para alcançar a atual situação, bem como a realidade a qual se encontram os arranjos produtivos com o babaçu na região do Bico do Papagaio/TO, fez-se necessário, nesta pesquisa, comparar alguns indicadores chave que possam apontar possíveis diferenças nas condições de vida dos extratores da comunidade Sete Barracas, dos catadores e das quebradeiras que comercializam com a Tobasa Bioindustrial e os artesãos do projeto Arte Norte.

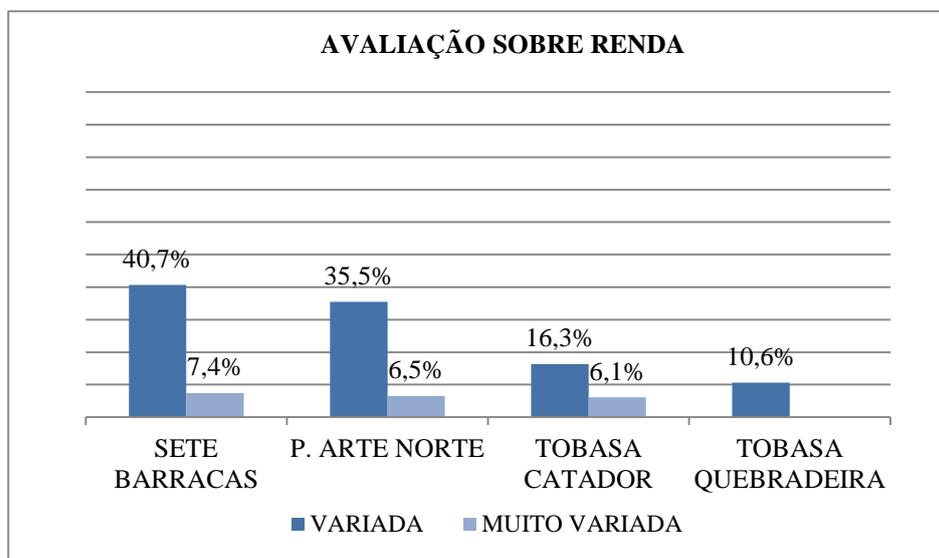


Gráfico 197. Avaliação dos extratores sobre as suas fontes de renda - Tobasa quebradeira; Tobasa catador; Comunidade Sete Barracas e Projeto Arte Norte

Os grupos de extratores e artesãos foram questionados quanto à avaliação que fazem da diversificação nas fontes de renda, uma vez que foi revelado, nesta pesquisa, que somente a renda adquirida com a atividade do babaçu não é suficiente para suprir as necessidades básicas de suas famílias. Como pode ser observado no gráfico 197 (cento e noventa e sete),

um percentual maior dos envolvidos, em todos os arranjos, considera suas fontes de renda variadas (diversificação nas fontes de renda), salientando que não atinge o percentual de 10% aqueles ou aquelas que a consideram muito variada (bastante diversificação).

Os grupos de extratores da comunidade Sete Barracas e do Projeto Arte Norte apresentaram um resultado com um percentual significativo, se comparado com o percentual informado pelo grupo de catadores e quebradeiras de coco, entre 10% a 16%, o que demonstra os níveis de qualidade de vida bem semelhantes.

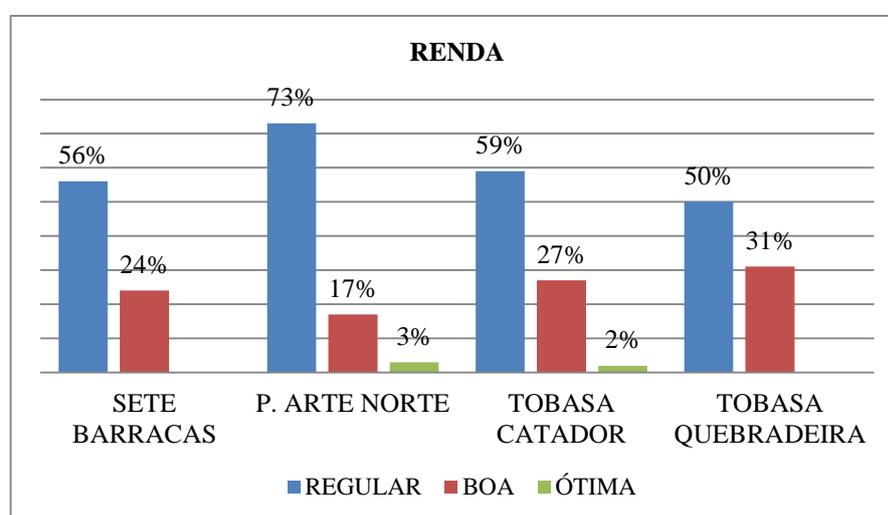


Gráfico 198. Avaliação dos atores envolvidos na atividade com o babaçu, sobre suas fontes de renda

No gráfico 198 (cento e noventa e oito), a avaliação sobre a renda familiar apresenta um resultado, como pode ser visto, com poucas variações entre os arranjos, pois todos apresentaram um resultado com o percentual acima de 50%, classificando como regular a renda da família.

A avaliação do indicador renda também confirma as informações dos relatos de todos os grupos, que, com exceção de alguns extratores e artesãos, é bem parecida, onde a renda mensal adquirida não é suficiente para cobrir todas as despesas com alimentação e saúde principalmente, cuja diversificação nas fontes de renda é o único meio para tentar suprir as necessidades da família, a falta de alimentação suficiente, cujo comprometimento na saúde dessas pessoas reflete na produtividade do trabalho e interfere no ganho com as atividades.

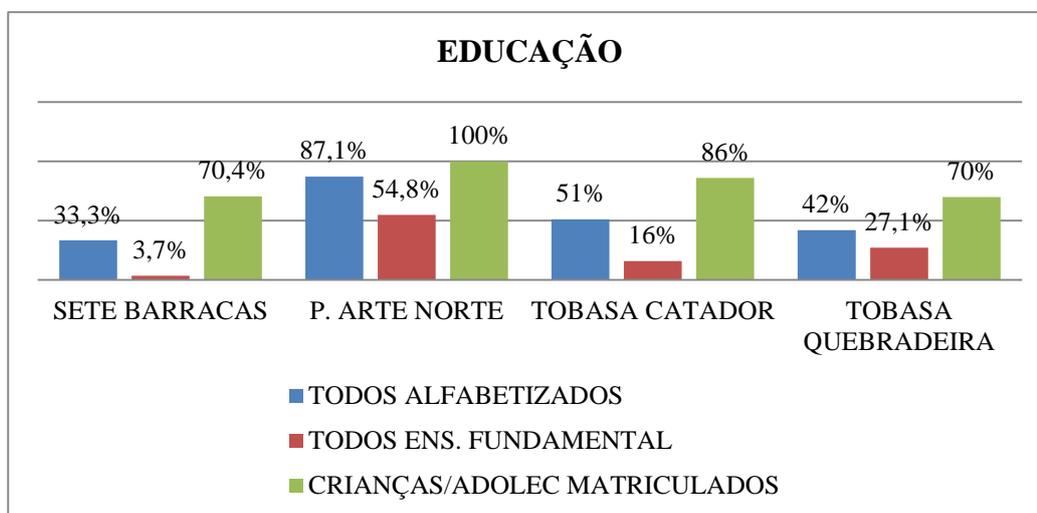


Gráfico 199. Situação educacional dos atores envolvidos nas atividades com o babaçu na região do Bico do Papagaio/TO.

O nível de escolaridade é um dos fatores que promove o desenvolvimento, desse modo os extratores e artesãos envolvidos na atividade com o babaçu também foram questionados quanto à sua situação educacional. No gráfico 199 (cento e noventa e nove) os resultados revelaram que os artesãos do projeto Arte Norte estão em melhores condições em termos de educação, pois todas as crianças em idade escolar estão matriculadas, aproximadamente 90% do grupo é alfabetizado e, aproximadamente, 55% dos artesãos completaram o ensino fundamental.

Os demais grupos de extratores relataram sobre as dificuldades para estudar e também oferecer estudo para os filhos, onde informaram que têm aproximadamente dez anos que foram construídas as escolas na zona rural, permitindo a população rural a estudar até o ensino fundamental; quanto ao ensino médio, ainda é necessário o deslocamento até a cidade, mas existe o transporte escolar, daí é preciso disposição para estudar à noite, depois de um dia de trabalho pesado com o extrativismo do coco de babaçu.

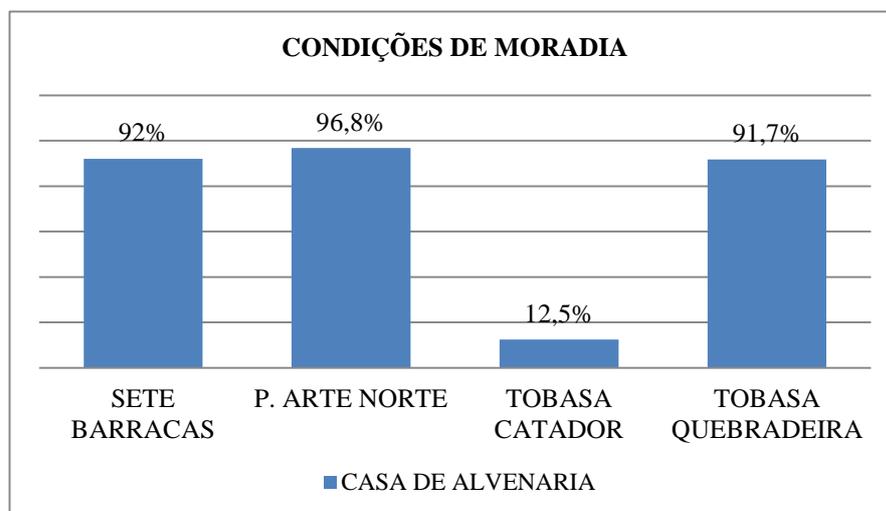


Gráfico 200. Situação das condições de moradia dos extratores e artesãos dos atores envolvidos na atividade com o babaçu na região do Bico do Papagaio/TO

A condição de moradia é considerada um indicador que reflete também a qualidade de vida de uma comunidade, desse modo o gráfico 200 (duzentos) apresentou um resultado no qual a maioria dos grupos envolvidos na atividade com o babaçu mora em casas de alvenaria, onde apenas o grupo dos catadores de coco apresentou um resultado com percentual de 12,5% de famílias morando em casa de alvenaria. Entretanto, este resultado pode ser compreendido pelo aspecto cultural e pelas condições climáticas, pois a região do Bico do Papagaio é quente e úmida, assim para os extratores as casas construídas com barro e cobertas com palha de babaçu resfriam o clima e fazem circular melhor o ar e por este motivo a preferência dos moradores da zona rural dessa região é de não morar em casas construídas com tijolo e telha.

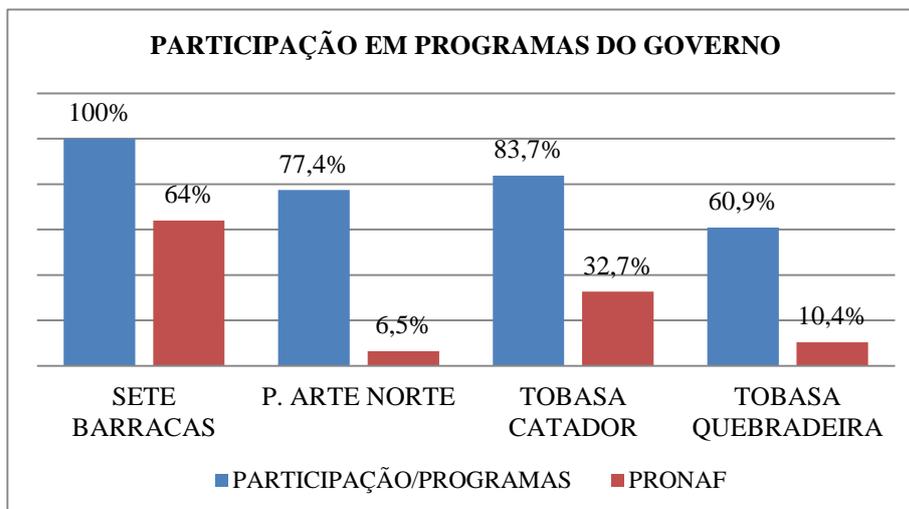


Gráfico 201. Participação dos atores envolvidos com a atividade do babaçu em programas do governo

No gráfico 201 (duzentos e um) pode-se observar que a participação dos extratores e artesãos nos programas do governo foi conferida e, como poder visto nos resultados, os grupos de todos os arranjos apresentaram um alto percentual de participação, chamando a atenção para o grupo de quebradeiras de coco que tem o menor percentual de participação 60% nos programas e políticas governamentais.

Como foi dito anteriormente, grande parte dos extratores e artesãos também é de agricultores familiares, no entanto, o acesso às políticas como o Pronaf não faz parte da realidade de todos, onde apenas os agroextrativistas da comunidade de Sete Barracas apresentaram um resultado com percentual de 64% de beneficiários deste programa.

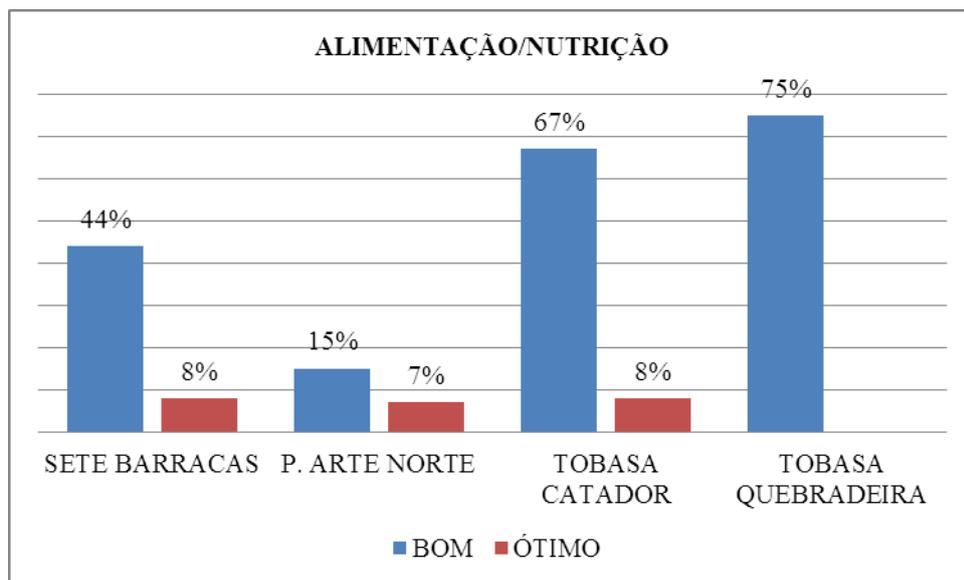


Gráfico 202. Condições de alimentação e nutrição dos atores envolvidos na atividade com o babaçu na região do Bico do Papagaio/TO

As condições de alimentação e nutrição de uma população é um indicador de desenvolvimento, desse modo no gráfico 202 (duzentos e dois) os resultados dessa questão foram apresentados, chamando a atenção para o resultado informado pelo grupo de artesãos do projeto Arte Norte, o qual um percentual de apenas 22% considerou boas às condições de alimentação e nutrição de suas famílias.

O resultado informado pelas quebradeiras de coco foi considerado positivo, principalmente pelos obstáculos que este grupo enfrenta em relação ao transporte do coco, ao esforço físico e aos riscos à saúde e à vida existentes nas florestas, bem como o baixo valor do quilo de amêndoa; assim, um percentual de 75% do grupo atribuiu como boa as condições de alimentação e nutrição de suas famílias.

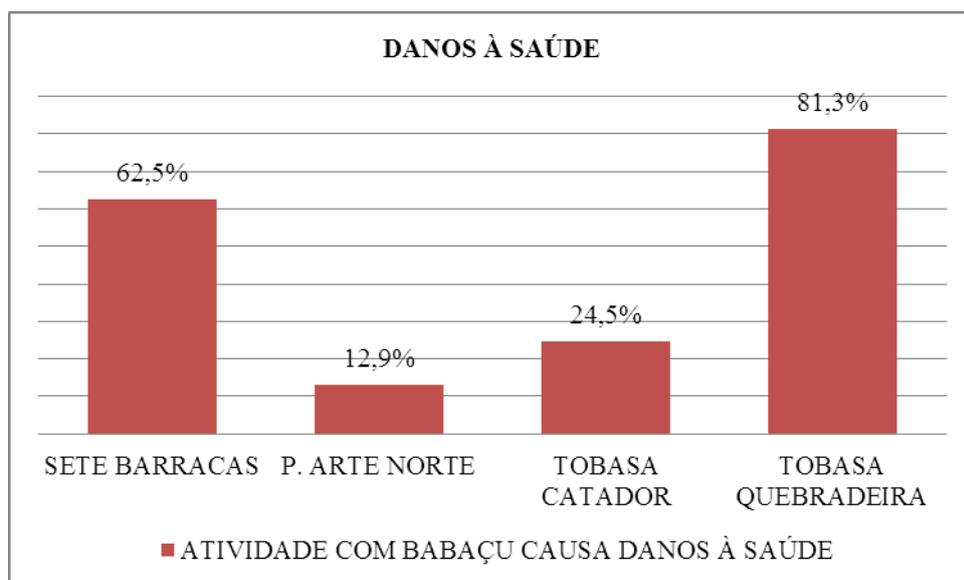


Gráfico 203. A atividade com o coco de babaçu causa danos a saúde dos extratores(as) e artesãos(as)

Os extratores e artesãos envolvidos na atividade com o babaçu também foram questionados sobre os possíveis danos causados à saúde com a prática da atividade.

Desse modo, no gráfico 203 (duzentos e três), os resultados informados pelos agroextrativistas e quebradeiras chamaram atenção, pois apresentaram um alto percentual informando que a atividade com o babaçu causa danos à saúde, se comparado com os demais arranjos.

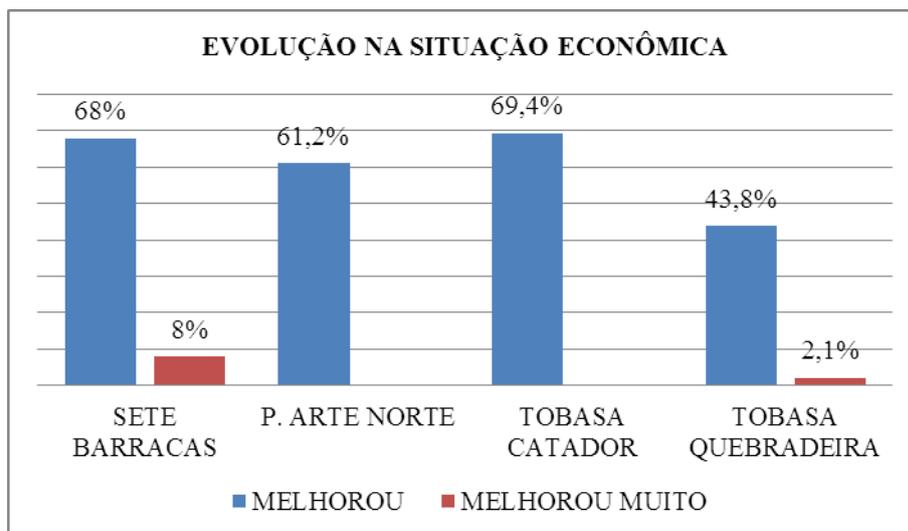


Gráfico 204. A avaliação sobre a evolução na situação econômica dos atores envolvidos na atividade do babaçu

A situação econômica de uma população também representa o nível de desenvolvimento que se encontra, assim os extratores e artesãos envolvidos na atividade com o babaçu foram solicitados a avaliar a sua evolução econômica percebida nos últimos cinco anos.

Segundo resultados no gráfico 204 (duzentos e quatro), nos últimos cinco anos a evolução econômica foi significativa para todos os grupos, com apenas o resultado das quebradeiras apresentando um percentual de 45%, onde informaram que a situação econômica de suas famílias evoluiu.

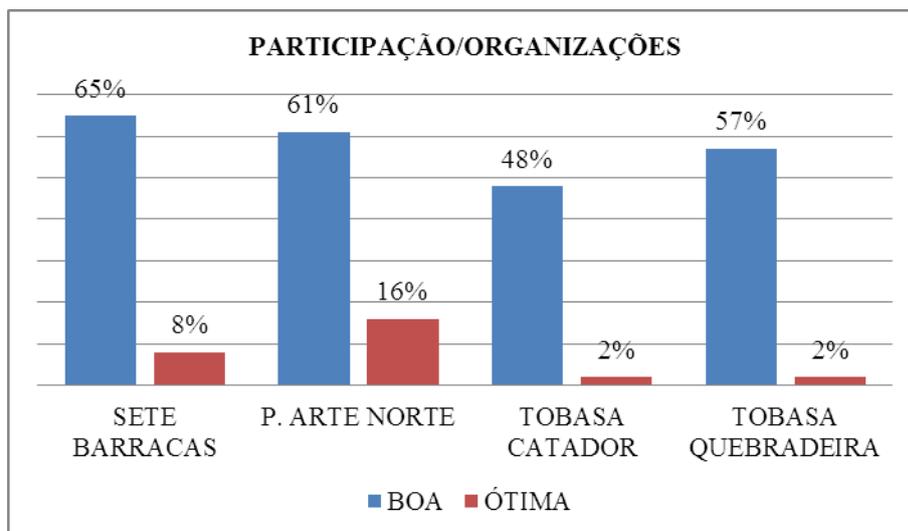


Gráfico 205. Participação dos envolvidos na atividade com o babaçu nas organizações associativas da região do Bico do Papagaio/TO

A presença de capital social também pode ser mensurada através da participação dos extratores e artesãos de cada arranjo produtivo, nas organizações associativas da região.

Nos resultados do gráfico 205 (duzentos e cinco), é possível observar que, entre os grupos, o nível de participação é considerável, no entanto, comparando o percentual de participação de cada arranjo a variação entre estes é baixa.

E apenas o grupo dos catadores se manteve com um percentual menor, com 50% do grupo participando das atividades das organizações associativas da região do Bico do Papagaio. Essa realidade reflete nas dificuldades encontradas pelo referido grupo em relação ao acesso ao crédito para investimento em projetos com o babaçu, pois as políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural são acessadas através de associações e/ou cooperativas, com a finalidade de promover benefícios coletivos.

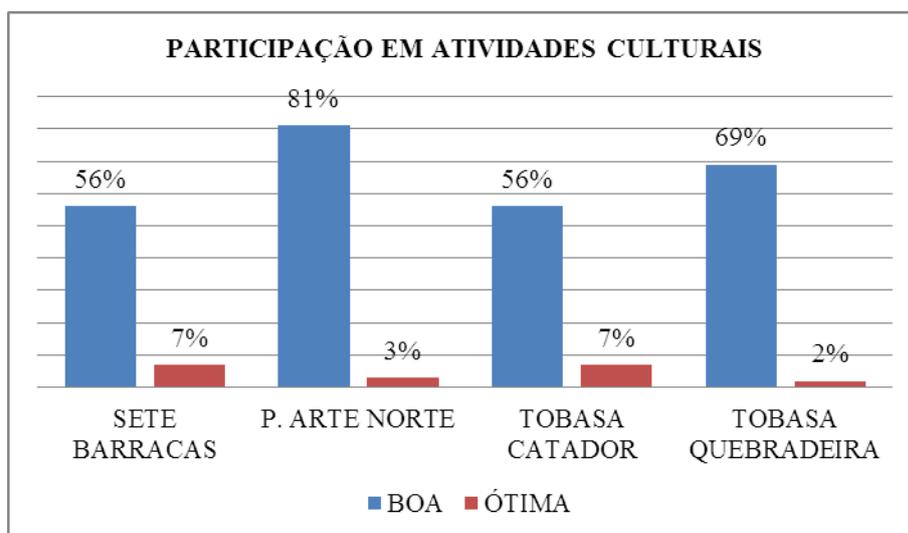


Gráfico 206. Participação nas atividades culturais da comunidade – envolvidos com a atividade do babaçu – Bico do Papagaio/TO

A participação nas atividades culturais da comunidade contribui para a valorização das tradições culturais da região. Neste sentido, os grupos dos extratores e artesãos foram questionados quanto à participação nos eventos culturais da comunidade a qual pertencem. No gráfico 206 (duzentos e seis), é possível verificar nos resultados que os grupos do projeto Arte Norte e das quebradeiras demonstram maior atenção para as questões culturais, pois um percentual significativamente alto preza pela participação cultural.

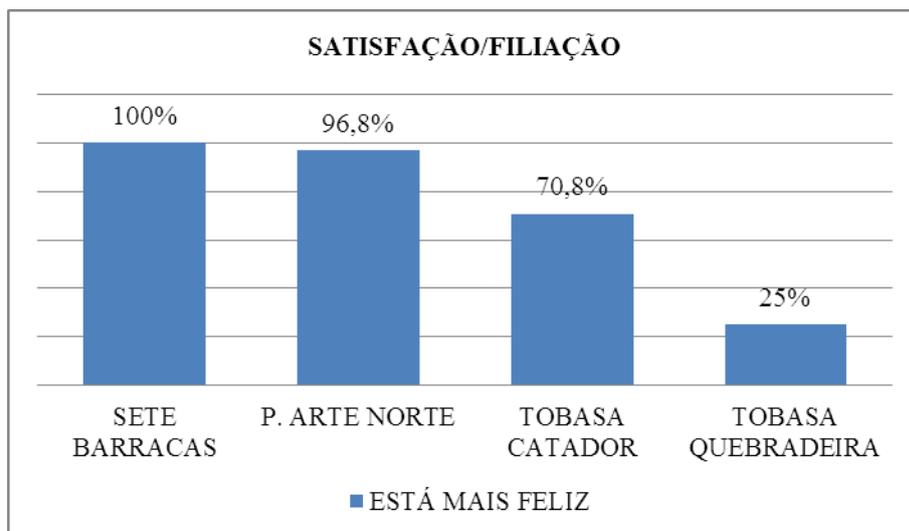


Gráfico 207. Nível de satisfação dos envolvidos com a atividade do babaçu enquanto filiados nas organizações associativas da região do Bico do Papagaio

Os grupos de extratores e artesãos envolvidos na atividade com o babaçu foram questionados quanto ao nível de satisfação em razão de ser filiado numa organização associativa da região do Bico do Papagaio.

Neste sentido, os resultados apresentados no gráfico 207 (duzentos e sete) indicam que existe um alto percentual nos arranjos produtivos de pessoas satisfeitas pelo fato de estarem filiadas.

No entanto, o grupo de quebradeiras demonstra em seu resultado que uma pequena parcela dos componentes está contente com a filiação nas organizações associativas – 25%. Essa realidade também reflete a falta de motivação para o aumento da produção de amêndoa e ainda distancia outras pessoas mais jovens a buscar a atividade da quebra do coco como complemento ou fonte de renda.

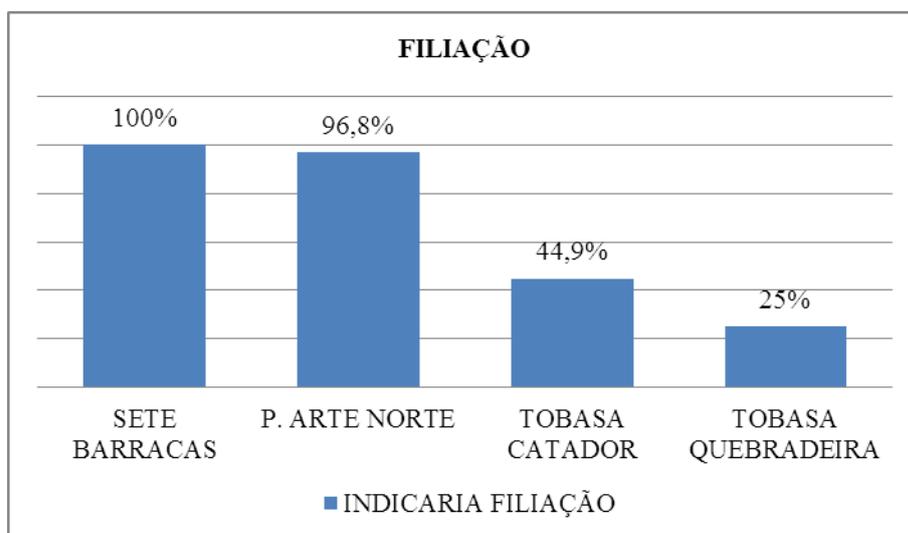


Gráfico 208. Indicação dos envolvidos na atividade com o babaçu para outras pessoas buscarem a filiação numa organização associativa da região do Bico do Papagaio

Diante da realidade dos extratores e artesãos do babaçu, o grau de satisfação com a organização associativa a qual pertencem os motiva para indicarem para outras pessoas conhecidas à filiação numa organização da região.

Para tanto, foi averiguado junto aos grupos de artesãos e extratores a decisão de indicar a filiação – segundo resultados no gráfico 208 (duzentos e oito), os grupos dos catadores e das quebradeiras apresentaram um percentual bastante inferior comparado com o resultado dos outros arranjos – para os catadores 44% indicariam a filiação em sua organização e para as quebradeiras apenas 25% indicariam esta filiação.

Em relatos para a pesquisa, os referidos grupos manifestaram sua insatisfação com a organização associativa, em termos de empenho da diretoria na busca de projetos que beneficiem todo o grupo, onde as dificuldades em relação ao pagamento da taxa de associado também foram bastante citadas pelos extratores.

5 CONCLUSÃO

Com os estudos de identificação dos modelos extrativistas existentes de aproveitamento do coco de babaçu, comparando-os, entre si, de forma a analisar e a identificar qual destes traz uma melhor qualidade de vida para as comunidades agroextrativistas, o principal intuito desta pesquisa é contribuir no desenvolvimento de outros trabalhos, através dos dados apresentados em seus resultados.

Quanto ao processo de análise para mensurar o ICV dos extrativistas e artesãs que trabalham com o coco de babaçu na região do Bico do Papagaio Tocantinense, a referida pesquisa possibilitou compreender melhor as condições de vida das comunidades as quais pertencem, quando analisado os indicadores separadamente.

Desse modo, o agroextrativismo se destaca como atividade que promove a geração de renda da maioria dos catadores, das quebradeiras e das artesãs que trabalham com o coco de babaçu, pois o período de entressafra possibilita a estas mães e a estes pais de família procurar desenvolver outras atividades para suprirem ao máximo as necessidades básicas de suas famílias.

O papel das organizações sociais reforça a história de luta, reivindicações e reconhecimento pelos seus direitos enquanto extrativistas e agricultores familiares, sendo esta a bandeira do Conselho Nacional de Seringueiros e Extrativistas – CNS e do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais da região. A Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio – ASMUBIP é uma das organizações de maior expressão da Amazônia Legal, onde representa as mulheres quebradeiras coco de babaçu do Tocantins nos cenários nacional e internacional, cujas políticas públicas voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar são acessadas devido às articulações promovidas também pela ASMUBIP.

A maior parte dos entrevistados pertence às comunidades tradicionais, no entanto, a percepção sobre o nível de capital social existente em seus grupos foi apresentado com ICV médio, somente pelos agroextrativistas da comunidade Sete Barracas e pelas artesãs do projeto Arte Norte, onde esses grupos consideraram satisfatória a participação social, política e cultural de suas comunidades. O esforço e determinação para a criação do Clube Agrícola Sete Barracas, assim como da Coopbabaçu, é exemplo do grau de envolvimento desses grupos

em manter a participação e o compromisso com a execução das ações necessárias ao desenvolvimento dessas duas organizações. No entanto, a participação em atividades religiosas é bastante citada pelos entrevistados, pois mesmo aquele ou aquela extrativista que não está filiado numa associação frequenta uma igreja, sendo uma boa parte católica e, os demais, evangélicos ou umbandistas, como as quebradeiras de coco do povoado Piranha, localizado na zona rural de Buriti/TO.

Ficou constatado que muitas políticas públicas voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar e da cadeia produtiva do babaçu são desconhecidas pelos extrativistas e artesãos (PGPMBio, PNAE, PNPSB), assim como outras estão em fase de debate e de discussões (PAA); desse modo, observou-se que é essencial ter maior atuação dos representantes governamentais e das organizações sociais da região para agilizar a elaboração de propostas, planos ou projetos que contribuam com a melhoria na qualidade de vida nestas comunidades.

Por meio desta pesquisa de campo, verificou-se que a melhoria nas condições de vida das famílias dos extrativistas e das artesãos não aconteceu pelo desenvolvimento econômico ou tecnológico nessas comunidades, mas principalmente pelos programas do governo federal (Bolsa família; Vale gás; Luz para Todos, diversificação do Pronaf, facilidade para aposentar-se como trabalhador rural, entre outros).

Nos elementos que compõem a instância “Características do desenvolvimento” ficou constatado que, para a composição da renda familiar, os extrativistas saem de casa e trabalham como safristas em outras propriedades rurais (de grandes pecuaristas), como forma de garantir o sustento de suas famílias.

A indústria Tobasa surge neste cenário como indutor da cadeia produtiva do babaçu, no que é concerne à atividade da cata do coco, pois a indústria é referência no Brasil em aproveitamento integral das frações do coco de babaçu, onde também o sistema de coleta e transporte do fruto, desenvolvido pela empresa, facilita a coleta nas comunidades, incentivando os moradores, em sua grande maioria homens, à exercer a atividade da cata do coco.

Diante do resultado do ICV dos artesãos do projeto Arte Norte, conclui-se que a forma mais adequada para alcançar bons resultados (econômicos, sociais e ambientais), por meio da atividade com o babaçu, é o modelo de estruturação e organização associativa, adotado pelo

projeto Arte Norte, que dispõe de melhor qualidade de vida para seus envolvidos e poderá ser adaptado para os arranjos produtivos (Tobasa catador, Tobasa quebradeira e Comunidade Sete Barracas), respeitando suas especificidades.

Portanto, a pesquisa, em questão, também constatou que ainda não é possível considerar as atividades de extrativismo como única opção para o desenvolvimento das comunidades dos grupos pesquisados (agroextrativistas de Sete Barracas, artesãos, quebradeiras e catadores de coco de babaçu), pois o extrativismo do coco de babaçu garante um complemento de renda.

Diante do contexto, uma possibilidade de garantia de renda para as famílias, e que, conseqüentemente, refletisse na melhoria das condições de vida das comunidades citadas, seria a implantação de programas governamentais de preservação ambiental que utilizassem um sistema de pagamento aos povos e às comunidades tradicionais, pois, dentre estes, estariam os extrativistas de babaçu, para os incentivarem a não desmatarem, estipulando e pagando um valor suficiente para que essas populações considerassem mais proveitoso manter os babaçuais e, ainda, praticassem o extrativismo quando desejassem. Do mesmo modo, poder-se-ia incluir neste Programa alguma proposta para que os fazendeiros da região do Bico do Papagaio conservassem as palmeiras de babaçu em seus pastos e/ou lavouras, pois o porte dessa palmeira não interfere no desenvolvimento de outras culturas ou pastos.

REFERÊNCIAS

ALIER, M. J. **Da economia ecológica ao ecologismo popular**; tradução de Armando de Melo Lisboa. Blumenau: Ed. Da FURB, 1998. 402p. (Sociedade e ambiente)

ALIER, M. J. **O Ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo : Contexto, 2011.

BARBOSA JÚNIOR, Odilon Arruda. **Coco Babaçu: Potencial extrativista e industrial na região do Bico do Papagaio, Estado do Tocantins**. 92 f. Monografia (graduação) - Universidade Federal do Tocantins - Campus de Tocantinópolis – Curso de Pedagogia, Tocantinópolis, TO., 2008.

BARUQUE FILHO, Edmond Aziz. **Amido de Coco de Babaçu: uma fonte alternativa para a produção de etanol**. 132 p. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – COPPE/UFRJ-Rio de Janeiro., 2000.

BOEIRA. S. L. Ecologia política: Guerreiro Ramos e Fritjof Capra. **Revista Ambiente e Sociedade**, Campinas, n.10, jan./jun. 2002.

CARVALHO, Daniele G. **Licitações sustentáveis, alimentação escolar e desenvolvimento regional**: uma discussão sobre o poder de compra governamental a favor da sustentabilidade. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/12/14> . Acesso em: 15 de set. 2011.

CARVALHO, J. H. **Programa Nacional de Pesquisa de babaçu: uma experiência a ser continuada**. <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/50443/1/Doc32.pdf>>. Acesso: 15 de set.2011.

DALY, H. ; FARLEY, J. **Economia ecológica: Princípios e aplicações**. Instituto Piaget, 2004, 532 p.

DENCKER, Ada Freitas. DA VIA, Sarah Chucid. **Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)**. São Paulo: Futura, 2001.

DOURADO, Josilene de Jesus. **Das quebradeiras de coco à Tobasa: O processo do babaçu à Tobasa e da vida na Região Amazônica**. 80 f. Monografia (graduação) - Universidade

Federal do Tocantins - Campus de Tocantinópolis – Curso de Pedagogia, Tocantinópolis, TO., 2007.

FIGUEIREDO, Argelina Maria Cheibub ; FIGUEIREDO, Marcus Faria. **Avaliação política e avaliação de políticas: um quadro de referencia teórica**. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar>>. Acesso em: 13 fev. 2011

FREIRE, P. **Ação cultural para liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 176 p.

GEHLEN, Ivaldo. **Políticas públicas e desenvolvimento social rural**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n2/a10v18n2.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2011

GEORGESCU-ROEGEN, N. **The entropy law and the economic process**. Cambridge, London, Harvard University Press, 1971.

GIOVINAZZO, Renata A. **Modelo de aplicação da metodologia Delphi pela internet: vantagens e ressalvas**. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art22/renata.htm>. Acesso em: 15 fev.2011

HOMMA, A.K.O. **Extrativismo Vegetal na Amazônia: Limites e Oportunidades**. Empresa Brasileira de Pesquisa de Agropecuária, Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental. Brasília: EMBRAPA – SPI, 202p, 1993.

MAIA, C. M.; FILIPPI, E. E; RIEDL, M. **Economia ecológica e as dimensões da sustentabilidade da agricultura**. Disponível em: http://www.fae.edu/seminario_sustentabilidade/sustentabilidade_se/CI%C3%A1udio%20Maia,%20Eduardo%20Filippi%20e%20Mario%20Riedl.pdf. Acesso em: 24 mai 2011.

MAY, Peter Herman. **Palmeiras em chamas: transformação agrária e justiça social na zona do babaçu**. São Luís, EMAPA/FINEP/Fundação Ford, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100002&lng=pt&nrm=iso . Acessos em: 09 mar. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232000000100002>.

ORMOND, José Geraldo Pacheco. **Glossário de Termos Usados em Atividades Agropecuárias, Florestais e Ciências Ambientais**. Rio de Janeiro: BNDES, 2006.

POLANYI, K. **A grande transformação: As origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000.

PROJETO Nova Cartografia Social da Amazônia, Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos. Fascículo 3. Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins; São Luís, 2005.

RODRIGUES, Waldecy, PARENTE, Temis Gomes et al . Sustentabilidade e desenvolvimento local: a comunidade de Mumbuca e o turismo na região do *Jalapão*. **OLAM: Ciência & Tecnologia**, v. 7, n. 3, 2007.

RUA. Maria das Graças. **Análises de Políticas públicas: conceitos básicos**. Disponível em: http://www.4shared.com/office/vGiXkX7k/Anlise_de_Polticas_Pblicas_Con.html. Acesso em: 15 fev. 2011

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2008. 47p.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SACHS, Ignacy. Em busca de novas estratégias de desenvolvimento. **Estud. Av.** São Paulo, v. 9, n. 25, p. 29-63, dez. 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0113-40141995000300004&nrm=iso. Acesso em: 26 fev. 2012.

SCHUMACHER E. F. **O negócio é ser pequeno (small is beautiful)**: Um Estudo de Economia que leva em conta as pessoas. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1983. 261p.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

SOUSA, Magna C. Sustentabilidade da Agricultura Familiar em Assentamentos de Reforma Agrária no Rio Grande do Norte. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 36, n. 1, jan/mar. 2005. Disponível em: http://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=378. Acesso em: 09 abr. 2012

TEIXEIRA, Marcos Alexandre. **Biomassa de babaçu no Brasil**. Disponível em: <http://www.nipeunicamp.org.br/agrener/anais/2002/0081.pdf> . Acesso em: 31 jan. 2012.

TEIXEIRA, Marcos Alexandre. **Caracterização Energética do Babaçu e Análise do Potencial de Cogeração**. 2003. 189p. Tese (Doutorado). Faculdade de Engenharia Mecânica, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003. Disponível em: <http://marcosateixeira.sites.uol.com.br/PDF/Tese_MTeixeira_Doutorado.pdf>. Acesso 15 de set. 2011.

TEIXEIRA, Marcos Alexandre. **Uma agenda para o babaçu**. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/Publicacoes/REN-Numeros_Publicados/docs/ren2003_v34_n4_a3.pdf>. Acesso em: 16 de set.2011.

VAN BELLEN, Hans Michael. Desenvolvimento Sustentável: Uma Descrição das Principais Ferramentas de Avaliação. **Ambiente & Sociedade**, v.7, n. 1, jan./jun. 2004.

WRIGHT, James Terence Coulter; GIOVINAZZO, Renata Alves. Delphi: uma ferramenta de apoio ao planejamento prospectivo. **Caderno de pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 12, p. 54-65, 2000.

ANEXOS:

ANEXO A - Questionário aplicado na pesquisa do índice de condições de vida – ICV

ANEXO B - Plano Nacional da Sociobiodiversidade

ANEXO C - Documento de referência da Secretaria de Desenvolvimento Territorial - MDA

ANEXO D - Lei do Babaçu Livre